

INÉDITOS DO ARQUIVO NACIONAL
DA TORRE DO TOMBO

Castilho e Camilo

CORRESPONDENCIA
TROCADA ENTRE OS DOIS ESCRITORES

PREFÁCIO E NOTAS
DE

JOÃO COSTA
PRIMEIRO CONSERVADOR DO ARQUIVO

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1924

INÉDITOS DO ARQUIVO NACIONAL
DA TORRE DO TOMBO

INÉDITOS DO ARQUIVO NACIONAL
DA TORRE DO TOMBO

Castilho e Camilo

CORRESPONDENCIA TROCADA ENTRE OS DOIS ESCRITORES

PREFÁCIO E NOTAS

DE

JOÃO COSTA

PRIMEIRO CONSERVADOR DO ARQUIVO



COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1924

Desta edição
tiraram-se 200 exemplares em papel de linho
numerados e rubricados

N.º 93

Antonio Baião

PREFÁCIO

Encarregado pelo meu ilustre director e amigo o sr. dr. António Baião de examinar, separar, ordenar e catalogar os papéis que constituíam o arquivo do velho poeta António Feliciano de Castilho, que seu filho Júlio legara em testamento à Tôrre do Tombo, logo foi a minha atenção presa das inúmeras cartas dirigidas ao poeta durante uns vinte anos, e de outros tantos rascunhos das cartas por êle dirigidas aos homens do seu tempo. Encontrei-me mesmo com dois volumosos maços de documentos de 1858 e 1859 já colocados cronològicamente, mas os referentes aos outros anos estavam dispersos e misturados.

A rápida leitura dalguns dêles deu-me a impressão de que se não tratava especialmente por parte de Castilho duma correspondência banal. Havia sempre nos seus rascunhos qualquer coisa de ensinamento ou de crítica imprimindo interêsse aos assuntos em que tocava. Essa impressão levou-me

logo à procura de cartas referentes à questão literária que em fins de 1865 e princípios de 1866 tanto dera que falar nos centros literários de Lisboa e Coimbra. Pensara então, à face dêsses elementos, reconstituir essa longa campanha em que haviam tido parte importante alguns escritores que foram, mais tarde, dos mais notáveis do nosso país.

Enganara-me no entanto no valor de muitos dêsses trabalhos, reconhecendo sem custo que essa questão tinha tido o seu tempo e hoje estava absolutamente fora de moda.

As fórmulas literárias têm também a sua época como os figurinos das mulheres, e por maior éxito que tenham tido, não escapam depois ao ridículo da antiguidade. Tudo evoluciona neste mundo e, é um êrro, procurar entravar êsse movimento.

Desisti do intento. De resto a maior soma de cartas a êsse respeito eram simples apelos e combinações para palestras e pouco acresciam em detalhes, a questão principal. Só as cartas para Camilo Castelo Branco, naturalmente porque êste escritor residindo no norte, mais afastado estava do palco principal em que se exibia a célebre polémica do Bom Senso *e do* Bom Gosto, *tinham verdadeiro interêsse literário pelas alusões aos polemistas e ainda pelas impressões críticas trocadas pelos dois escritores sôbre os produtos que cada um atirava*

de quando em quando para o mercado. E a febre Camiliana que nos últimos anos devora tudo quanto a livraria editorial se lembra de lhe dar da obra epistolar do grande romancista sugeriu-me a idea de coligir em um volume o que de melhor pudesse recompor a correspondência íntima de Castilho e de Camilo. Se o mercado fazia desaparecer velozmente volumes e volumes de cartas, na maioria sem interêsse e referentes muitas vezes a banalidades, acolheria por certo com curiosidade um volume que não fôsse simplesmente um monólogo epistolar, mas que fôsse mais do que isso, um vivo diálogo com um outro alto espírito sôbre os acontecimentos que, no desenrolar da sua acção lhes mereciam referências e críticas.

Daí êste livro onde procurei manter rigorosamente a troca de cartas entre os dois, classificando-as por datas, que muitas vezes lhes faltavam, especialmente às de Camilo, sempre renitente a saber a quantas andava. Os dois foram sempre amigos e por vezes entusiastas admiradores um do outro, o que não impediu Camilo de escrever em 1874 ao visconde de Ouguela, que o afastava de casa dêle *a idea de lá encontrar Castilho do qual* só o cheiro das cartas o *intediava.*

Ora esta confissão poucos anos depois das cartas, que vão ler-se, traduz apenas por parte do espiri-

tuoso contista das Novelas do Minho *mais uma dessas contradições em que o seu bom ou mau humor tanta vez o faziam cair. Verdade é que em 1874 já Castilho era visconde, e se foi realmente o título honorífico que Saldanha lhe preparara o que acordou, no espírito de Camilo, o desejo de vir a ser seu colega na mercê, compreende-se então melhor a razão porque o cheiro das cartas que êle, por tanto tempo ambicionou e provocou, lhe causavam já tédio. Ah! que os grandes homens descobrem às vezes demasiado a nudez dos seus sentimentos!*

Tem de se perdoar muito a Camilo o impulso de beliscaduras literárias, mais ou menos ousadas sôbre os homens de quem tratava. Èsses exageros não eram por mal; estavam no seu temperamento e eram sempre sans rancune.

Ao ter de as reproduzir neste volume, deixei-as tais quais foram escritas, sem procurar sequer limar-lhes as arestas. Qualquer alteração seria pelo menos, uma irreverência histórica. Ficam assim a provar como os altos espíritos são muitas vezes injustos nas suas críticas, as quais, não raramente, obedecem a fôrças acidentais provocadas pelos nervos e pelas zangas de momento. Se tivésse a pretensão de formular um estudo sôbre os dois escritores, não teria grande trabalho em explicar a incoerência dos seus juízos, que parece ser doença

endémica, sobretudo nos grandes homens, quando têm de apreciar quer os seus contemporâneos quer as suas próprias obras. E quanto mais intima é essa apreciação, maiores contradições se lhe podem notar; e o amigo, de quem se exagerou as qualidades, passa fàcilmente aos olhos do crítico envolto em largos defeitos, tenebrosamente afeiados.

Castilho não era tão impulsivo como Camilo, mas era, talvez, ainda mais mordás na crítica, e sempre de lâmina afiada lá ia ao longo das suas cartas despedindo golpes certeiros, uns ou outros exagerados, contra os infieis cuja crença literária se mostrava menos ortodoxa, para com o então mais alto sacerdote do romantismo em Portugal. Mas um e outro apareciam infantilmente desvanecidos à mais pequena referência lisongeira aos seus actos ou aos seus livros. Os homens têm destas fraquezas e quem os quiser admirar nas suas qualidades tem de fingir que não dá pelos seus defeitos!

Durante os cinco anos da maior intimidade epistolar entre os dois amigos, a produção literária de um era acompanhada pelo outro com o mais vivo interêsse. Das cartas de Castilho informando-se dos mais pequenos detalhes sôbre o labor quotidiano de Camilo, ressaltam sábios conselhos críticos de erudito. É tal a vastidão dos seus conhecimentos, que o romancista, ao receber dêle elementos vários

para uma história que pretendia escrever, lhe dizia que nem sequér ignorava o que não valia nada saber. *E era tão certeira a visão crítica do traductor de Virgílio, que êle se não cansa de enaltecer a meudo a forte riqueza que ao vocabulário português Camilo emprestava, sempre que escrevia.*

Êste vaticínio de Castilho justificam-o plenamente as gerações que lhe seguiram, e que, hoje encontram na vastíssima obra de Camilo, precizamente a criação de termos novos com uma exuberância que por vezes lembra a luxuriante vegetação de jardins tropicais. Outro vaticínio crítico lhe fez Castilho e também esse saíu certo. Previu de princípio o valôr literário que as cartas de Camilo haviam de ter para o futuro. A esses dois vaticínios me refiro adiante, em duas das notas, que julguei interessante acrescentar a êste livro. Muitas outras deveriam acompanhá-lo, mas quando cheguei à altura de compulsar os meus apontamentos e de alargar as minhas investigações a outros papeis do velho Castilho que poderiam explicar muitas referências desta sua correspondência encontrei-me impossibilitado, de continuar o trabalho. Uma turvação dos cristalinos privara-me quási repentinamente da leitura. Se a cegueira fôsse um mal contagioso dir-se-ia que eu fôra ferido por um dêsses infinitamente pequenos *esquecidos no fundo de algum sobrescrito de Camilo*

ou escondido entre as dobras de qualquer rascunho de Castilho.

Neste volume entendi dever respeitar a ortografia dos dois escritores que são, sem favor, dois mestres da língua.

Se isso foi fácil com as cartas de Camilo, não sucedeu o mesmo com as de Castilho, cujos rascunhos, ditados pelo poeta a vários secretários, nem sempre muito ilustrados, apresentavam diversidades e por vezes divertidas originalidades ortográficas, que tive de corrigir seguindo de perto o Dicionário Morais *do tempo.*

Julho, 1924.

João Costa.

TESTAMENTO DE JÚLIO DE CASTILHO

(FRAGMENTO)

. . . .

A minha vasta colecção de autógrafos ficará à Tôrre do Tombo. Contém alguns documentos bem curiosos.

Item, à mesma Tôrre do Tombo ficará pertencendo a minha riquíssima colecção Olisiponiana de vistas, plantas, livros, etc., litografias, gravuras, fotografias, desenhos, etc., ferramenta que me serviu para a malograda Lisboa Antiga. *Deve anexar-se à mesma colecção a outra enorme montanha iconográfica de registos de Santos.*

. . . .

Tôdas as indicadas doações à Tôrre do Tombo serão também confiadas à mesma senhora D. Joana (Trancoso) *que em sua vida as gosará, permitindo (com as devidas cautelas) sejam examinadas e utilisadas por estudiosos reconhecidos como tais.*

. . . .

As minhas obras inéditas, os numerosíssimos apontamentos e documentos sôbre antiguidades lisbonenses, etc., tudo isso será embrulhado, selado e entregue à Tôrre do Tombo. Não desejo que êsses papéis, muitos dêles

genealógicos, sejam examinados antes de passarem cincoenta anos depois da minha morte. De então em diante ficam livres.

Os manuscritos de D. António da Costa, que se acham num baú ficam pertencendo à Tôrre do Tombo. Os baús com papéis de meu glorioso Pai, os massos de registos da sua numerosa correspondência, etc., irão igualmente para a Tôrre do Tombo, a cuja guarda os confio.

Tenho a mais alta idea da inteligente probidade do actual Director, e meu amigo, o dr. António Baião, a quem oxalá os seus sucessores imitem sempre.

AS GRAVURAS

Os dois retratos de António Feliciano de Castilho são: o primeiro, gravura dum desenho de Manuel Maria de Bordalo Pinheiro, que foi amigo íntimo do poeta e deu nome a uma família de artistas eximios; o segundo, cópia duma interessantíssima silhouette *desenhada de cór pelo filho primogénito do poeta, o auctor da* Lisboa Antiga. *Êste último é inédito, e inédito é também o esplendido retrato a óleo, de Camilo, que damos em gravura. Não tem assinatura êsse retrato que se atribui a um pintor suisso que viveu no Pôrto, nos meados do século* XIX, *de nome Augusto Roquemond.*

Como sendo dêsse autor, o teve sempre o seu possuidor, cuja morte prematura infelizmente nos impede de obter mais alguma informação certa.

Á Ex.[ma] *Senhora D. Augusta de Castelo Branco, viuva do dr. José de Azevedo devemos, pelo intermédio de seu sobrinho o nosso amigo o dr. Albano de Castelo Branco, a gentileza de consentir na reprodução dêsse quadro que apresenta o romancista em plena mocidade. É talvez êste, o motivo porque tenha havido opiniões de que o retrato era devido a um discípulo de Vieira Portuense chamado João Baptista Ribeiro (1790-1868) que foi um notável retratista e de cujos trabalhos Sousa Viterbo dá uma lista bastante longa, embora não figure nela nenhum retrato de Camilo.*



ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Retrato feito pelo pintor Manuel Bordalo Pinheiro,
gravura de Coelho (1868)

I

A ESCOLA PRIMARIA POPULAR

António Feliciano de Castilho em carta de 1 de Setembro de 1864 dirigida a Camilo Castelo Branco alude ao livro *No Bom Jesus do Monte* e incita o romancista a defender em obra mais vasta a instrução do povo. — Camilo aceita a idea da obra e faz sôbre a sua execução condições humorísticas. — Nova carta de Castilho sôbre o mesmo tema e referências ao romance *O Bem e o Mal* que, antes de sair em livro, se publicara em folhetim no *Commercio do Porto*. — No mês de Novembro seguinte, Camilo pede a Castilho que se recebeu algum exemplar da obra que lhe dedicára e que chegára impressa do Brasil, suspenda qualquer juízo e consiga que a crítica faça outro tanto, até aparecer a segunda edição por êle revista. — Resposta de Castilho.

Mas é um feitiço, meu caro senhor, este seu livro do *Bom Jesus do Monte!* (1) Isto havia eu de o confessar, ainda que me elle não quizesse tanto bem; quanto mais tratando-me como me trata!

Por muito modesto que um homem seja, e por mais consciencia que tenha da sua pouquidade, fica por força desvanecido e até soberbo, quando um espirito eminente, um escriptor de primeira ordem como V. Ex.ª,

(1) Porto, Tip. Sebastião José Pereira, 1864. 8.º de 221 pág. (Viúva Moré).

se compraz de lhe liberalisar taes corôas diante do mundo todo.

Eu cá reuno estas ás mais que já tinha recebido de V. Ex.ª, e penduro-as todas nas arvores a cuja sombra me acoito neste meu Tibur sem Amos precipitados, nem Albuneas resonantes, como o de Horacio, mas para onde a Urbs não envia nem longes das suas vozerias desentoadas.

Aqui, debaixo d'estas sombras, que o Virgilio havia de amar *(inglorius)* neste profundo remanso, que nada perturba, e que só se quebra com algum pio de passarinho, ou algum zunido de cigarra, sem ser das dos botequins poeticos, — aqui, sim, aqui é que se deve ler o livro do *Bom Jesus do Monte*, para que o animo se possa nelle saborear como a mim me aconteceu.

Muita gente por essa Lisboa, de que eu disto cem leguas, ha-de folhear com admiração e gosto aquellas paginas (ainda que as não entenda senão por alto), mas onde a voz do insigne prosador poeta bate em cheio e até as mais passageiras notas se lhe apreciam, é aqui, nesta academia serena de troncos e folhas.

Imagine pois V. Ex.ª como ella e eu não ficariamos agradecidos, quando improvisamente nos cairam do alto estas grinaldas de flores e perolas, que ahi me ficam suspensas por cima da cabeça, e que não têem de se murchar em tempo algum.

Pouco me importa já que me desajudem os que tinham obrigação e mil obrigações de me ajudar nos meus esforços para a alforria da puericia, e redempção intellectual do povo; houve um homem, que valia por innumeraveis á conta do seu grande espirito, que me consolou do desamparo, e com isso mesmo castigou aquelles criminosos indifferentes.



A casa de Camilo em S. Miguel de Seide.

E pode ser que V. Ex.ª fizesse ainda mais e melhor que isso sem o presumir.

A sua voz, é das rarissimas que se escutam em toda a parte; e que uma vez soltadas, se vão multiplicando de eco em eco infinitamente; bem poderá ser portanto que alguem dos que podem e ainda não querem, ou dos que porventura quereriam mas ainda não sabem, escutando agora este pregão de V. Ex.ª se ponha emfim a reflectir, e sinta ainda a tempo no coração um toque efficaz de filosofia caridosa em favor de quasi 4 milhões de necessitados, a quem tão facilmente se podia liberalisar o alimento que requerem, que merecem, que lhes pertence, e que lhes roubam com prejuiso infinito para elles, e pouco menor para os proprios roubadores.

Continue, meu caro amigo, a defender a causa dos engeitados da fortuna.

Veja se dá um romance consagrado principalmente a fazer resair a infame bruteza da escola galé, e do ensino cevicia; a desherdação enorme que nisto vai para o futuro; a facilidade e promptidão com que um leve toque da vara da autoridade faria, d'estes penedos entre espinhos, outras tantas fontes abundosas e fecundativas.

Abra os olhos a esses cegos voluntarios, para que vejam; toque-lhes o cerebro com um sôpro do seu talento, para que entendam; acorde-lhes o coração, para que não continuem neste somno de catalepticos, que os arriscaria a serem enterrados sem se poderem valer nem queixar-se, nem suspirar sequer.

A obra que lhe encomendo e recomendo aqui, parece humilde, parece, mas eu não creio que a haja de maior monta, pela grandesa e immensidade dos resultados; como tal merece bem que um genio que sobre o minimo

assumpto improvisa volumes sobre volumes, qual a qual mais seductor, lhe consagre duzentas ou trezentas paginas, que apenas lhe custarão uma semana de ocio.

Faça-me isto, meu caro Camillo, senão por amor de V. Ex.ª mesmo, por amor de mim, já que me favorece com tão extremosa benevolencia; e se não por amor de mim, por amor das pobres criancinhas, porque o pseudo-ensino com o rigor inda por cima, coisa peior que a ausencia de todo o ensino, é uma especie de infanticidio, e o mais covarde e deshumano; e quando emfim não fosse por esses pobresitos, seria pela honra e proveito da Patria que, tendo já recebido tanto de V. Ex.ª, tem por isso mesmo o direito de lhe exigir mais, e tudo quanto V. Ex.ª lhe possa dar.

Não lhe peço perdão por tão diffusa escripta; os eremitas, são sempre falladores quando no seu retiro acerta de apparecer um homem; e principalmente, se este lhes toca em assumpto dos seus amores.

De V. Ex.ª cada vez mais admirador, confrade amigo e servo obrigadissimo,

Lisboa, 1 de Setembro de 1864.

A. F. de Castilho.

Ill.mo Ex.mo Sr. e meu presado amigo.

Se V. Ex.ª crê na muita affeição que lhe tenho, escuso dizer-lhe o contentamento que me deu a sua carta. Consegui que V. Ex.ª lesse a breve pagina do dialogo que tive no *Senhor do Monte* com a sua doce alma e

affectuoso talento. Eu sinceramente desejava que V. Ex.ª a lesse, sem que eu lh'a mandasse.

Suggere-me V. Ex.ª uma graciosa idea para um livrinho. Olhe que a minha invenção está aquem da bellesa philosophica do assumpto: eu não sei senão pintar muito nuas, as misérias que me aparecem enroupadas, como gallego sordido que se vestiu no aljubeta. Vou atraz do gallego, e dispo-o, se elle se não esconde nos resposteiros da secretaria do Reino, que está muito perto da rua dos Algibebes. Quando elle sahe de lá, já as conveniencias sahem com elle. A commenda é uma mordaça, quando não é a tampa d'uma latrina, da qual fogem os narizes susceptiveis.

Mande V. Ex.ª queimar alfazema neste ponto da carta; e depois medite um quarto de hora no arcaboiço do livro que se pode escrever modelado, na idea, e só na idea, pelos hymnos que V. Ex.ª tem escripto a proposito da infancia. Dê-me um raio de luz para ver como eu a desempenho até fazel-a trevas.

Eu estou morando ás abas da serra de Córdova, entre um souto e uma carvalheira. Sei todos os dias o preço do milho e do feijão fradinho. Tenho horas muito tristes, e outras muito resignadas. A felicidade é que eu não achei aqui, nem em parte alguma.

Dê-me V. Ex.ª a sua amisade e acceite-me esta dedicação d'alma agradecida.

S. Miguel de Seide p.º V.ª Nova de
F.am 6 de 7bro de 1864.

Camillo Castello Br.º

Chego de Cintra onde passei dias deliciosos; e sabe V. Ex.ª como, meu caro amigo? lendo inteiro de um folego, e relendo depois por partes, um livro de oiro, um dos livros mais feitos para o coração. Intitula-se *O Bem e o Mal* (1). Devorámol-o pela maior parte, eu, o meu filho mais novo, e o nosso hospedeiro D. Antonio da Costa Mesquitella, optimo apreciador dos livros de V. Ex.ª, num banco rustico, por baixo da mais opulenta arvore da matta do Marquez de Vianna, no mais callado e scismador recesso, e na mais amoravel fresquidão que um fugitivo da cidade podia apetecer nestes dias abrazados.

É tambem este como o *Bom Jesus do Monte*, um livro para ser gosado o mais no seio da natureza que ser possa. Tudo o que nos rodeava condisia com elle harmoniosamente: muita paz, muita suavidade no ar, muita luz de cima coada por folhagens infinitas, infinito verde, infinitas esperanças, saudades nas virações, alegrias no cantar dos passaros; enfim, era um poema Virgiliano da natureza, em que nada de humano se podia intrometer, sem destoar, senão a leitura de umas paginas assim.

Agora que desabafei d'aquelle encantamento, de que dou parabens e graças ao seu prodigioso engenho, vamos á carta que me esperava, entre estoutras arvores do meu Tibur, assignada por V. Ex.ª em 6 do corrente.

Ora ainda bem que já a mais sympatica e a mais desamparada de todas as causas justas e santas, encontrou afinal quem lhe queira e possa fazer bem. Quem o pudesse, havia decerto, mas a esses nunca lhes deu

(1) Romance: Porto, Tip. Comercio, 1863. 8.º de 216 pág.

para quererem; e os que deveras queriamos, nem pouco chegavamos a poder, por mais que nos matassemos.

Na necessidade de se desbravar o entendimento do povo, todos hoje concordam; pelo menos, ninguem se atreve a contradizel-a nem os absolutistas mais ferrenhos, nem os fanaticos mais podres. Este consenso, real ou aparente, já não é pouco para principio.

Mas as grandes difficuldades, e tão grandes que já a muitos parecem insuperaveis, estão no atinar-se com a resolução do problema pratico, problema compléxissimo de muitos problemas, todos arduos para gente de pouca ouzadia, e ainda menos amor do proximo.

Como se hão-de fundar e manter tantas escolas elementares quantas está requerendo a extensão do territorio, por modo que nem aldeias, nem povoas, nem casaes, fiquem sem ter uma ao seu alcance, assim como não ha lugarejo sem um rio, uma levada, ou sequer uma fontainha, para os seus gastos?

Onde se hão-de achar mestres bons para tantos milhares de escolas, tantos curas-de-almas infantis merecedores de collação por saber e virtudes, e depois sufficiente congrua para todos elles?

Supponhamos irectas com todos os requesitos de salubridade, de commodidade, de alegria e de attracção estas escolas, e em cada uma d'ellas collocado um homem ou uma mulher, em harmonia com o ridente e benefico do edificio, e com a indole amantissima da puericia; como deverá esse homem ou essa mulher exercer o ensino para que no menos tempo possivel se colha a maior safra possivel dos melhores frutos possiveis?

Como se hão-de obrigar pela persuasão e até pela força os pais analfabetos e brutos a que mandem os

seus filhos á escola, e os obriguem a frequental-a com regularidade?

Como se ha-de responder não com frases campanudas e vagas, mas com factos positivos, e palpaveis, á objecção que de toda a parte os descrentes do ensino primario levantam contra elle, perguntando: de que serve o saber ler num paiz, onde ainda se não curou, nem cura de fazer que apareçam e abundem livros prestadios para o povo das cidades, e para o dos campos; livros solidos, de doutrina e verdade, claros para todos os espiritos, attractivos para todas as vontades, accessiveis pela baratesa aos de meã fortuna, quasi gratuitos para os pobres, gratuitos para os indigentes; livros de moral, manuaes para cada um dos misteres, noções rudimentares dos 3 reinos da natureza, de historia, de politica, de economia domestica e publica, de higyene, de medicina caseira, de jurisprudencia usual, etc. etc. etc.?

Já se vê que eu não dissimulo nem atenuo as difficuldades com que lucta, e ha-de luctar ainda por muito tempo a filosofia humanitaria que pede e profetisa boas escolas, e que algum dia as ha-de criar; mas por isso mesmo que tão de costa acima são, ou se figuram, todas essas difficuldades, é que nós, os que temos luz para ver, e coração para amar, mais devemos pôr peito em converter e afervorar as vontades de todos os que podem, cada um dentro da esfera dos seus meios, contribuir muito ou pouco, para que todas estas resistencias dos preconceitos, e da inercia, se vão enfraquecendo e desgastando, até chegar tempo em que hajam de todo desapparecido; como com tantos outros aleijões do mundo velho se tem já dado.

É este um assumpto, meu caro Camillo, em que o

argumentar expeculativamente, e até o demonstrar, pouco ou nada aproveita, segundo a experiencia me tem mostrado.

Os que sabem ler para si, e já apanharam o seu quinhão nas commodidades d'este mundo, pouco se dóem que haja ou não haja escola, de que ella seja humana ou barbara, que ensine em poucos mezes, ou em muitos annos, que produza amigos ou inimigos da letra redonda, e que a plebe careça ou não de livros que a civilisem. Ha mais alguma coisa: pois tenho eu visto a cada passo, que, só porque passaram a sua infancia na galé moirisca de uma escola primaria estupida e feroz, sustentam, com uma logica e uma consciencia bem proprias de quem por lá começou a vida, que seus filhos não são mais do que elles, e podem muito bem passar por onde elles passaram. Quando os homens tiverem aprendido pela rasão, pela brandura, e inteiramente á luz, quão outra não ha-de ser a sua linguagem em se tratando das pobres criancinhas que são as flores, e conteem os germes da posteridade, e segundo se houverem criado, bem ou mal, bôa ou má, a hão-de fazer á sua imagem!

E não se treme perante uma consideração d'estas! perante uma responsabilidade tamanha para com o genero humano e os seculos! não fallando já nas contas que se hão-de dar ao pai commum que nos não autorisou para espoliadores e tyranos, sobretudo da nossa propria descendencia.

De lhes repetir isto em vão, ando eu já farto e cansadissimo. Que lhes poderia eu já agora accrescentar ás razões e instancias que sobre estes pontos lhes dirigi na *Felicidade pela Agricultura*, na *Felicidade pela Instrucção*, de que envio um exemplar a V. Ex.ª num

copioso officio em deffensa do *Methodo Portuguez*, contra uma alcatea de mestres primarios, officio dirigido ao ministro do Reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, publicado no *Diario do Governo*, e que se se imprimisse avulso, deitaria um forte volume?

E ainda tudo isso me não bastou: em periodicos e periodicos dei novos e multiplicados rebates aos entendimentos e consciencias dos que podiam ao menos levantar-se, para experimentar; não houve autoridade de quem se pudesse e devesse esperar alguma coisa, a quem eu não recorresse, procurador espontaneo e gratuito de defuntos e ausentes; não houve sociedade, que eu não exhortasse; não houve rei, que eu não preseguisse para que prestasse ouvido piedoso a esta, a maior de todas as minguas do nosso reino!

Depois de tantos malôgros, ficou para mim evidente, que não era ainda chegado o dia de serem devidamente comprehendidas para produzirem factos, as verdades d'esta especie. Cada coisa tem a sua estação; por ora faz inverno para esta casta de frutos da alma.

Occorreu-me então, e decerto que em bem, deixar correr as coisas da infeliz escola primaria pelo seu alveo milanario, pedregoso e lamacento, até que a providencia, cujo trabalho é vagaroso mas seguro, fizesse tambem nisto, a revolução pacifica para melhor, como ella costuma.

E digo que foi isto em bem, porque tenho hoje graves suspeitas, de que o muito zelo com que deffendi as minhas verdades, não deixou de concorrer para que se lhes augmentassem as resistencias.

Agora, é que, se me não engano, atinei com o modo de se fazer alguma coisa. E esse modo, é o que eu na minha precedente carta apontei a V. Ex.ª, e que V. Ex.ª me acceitou.

Vamos ver se um romance de V. Ex.ª não poderá mais, que todos os meus sermões no deserto, e todos os meus desapadrinhados requerimentos. Tenho grande fé em que sim.

Um romance de V. Ex.ª, entra por todas as casas; conversa com ricos e pobres; deposita-se em todos os animos; torna-se thema de todas as conversações; nas das mulheres como um successo real, porem mais saboroso que os da historia; nas dos aplicados, como um estudo, que por baixo das flores, traz os frutos; na dos politicos e magnates, como um desenfado apetitoso, onde, posto não seja isso o que elles mais procuram, se lhes deparam muitas verdades desincruadas, e condimentadas por quem possue melhor que ninguem a difficillima arte de as cosinhar para o paladar de todos.

Então, penso eu commigo e com as minhas arvores: se apparecer ahi a toda esta gente um romance de Camillo, que, sem ostentações didaticas, e disfarçando os seus intuitos de caridade, filosofia e patriotismo, mostre pacifica, indirecta, e convincentemente que não existem, ou pelo menos não são tamanhas como se cuida, as difficuldades de se crearem por toda a parte escolas como deve ser; quem nos veda esperar, a não sermos pessimistas contumazes, que alguns de tantos mil ouvintes da bemdita parabula, sintam na alma um tóque de amor, e appliquem alguma parte dos seus remanescentes e todo o seu influxo directo e indirecto á felicitação dos filhos dos seus visinhos regenerados na piscina de uma verdadeira escola primaria?

Parece incrivel que de tantos portuguezes como do Brazil nos tem regressado, e regressam todos os dias, pletoricos de oiro, e dez vezes mais amantes da patria

do que para lá foram, parece, repito, incrivel, que nenhum se lembrasse ainda de levantar para si um monumento no amado torrão que o viu nascer, creando-lhe e dotando-lhe para perpetuidade, uma escola de vez e de benção, a qual não só como escola aproveitaria, mas tambem como exemplo, e incentivo a outros ricassos, como envergonhação saudavel ás pseudo-escolas de que nos inçamos cada vez mais; instituto esse, que logo que deitasse de si a merecida fama, bem pode ser que os echos d'ella fossem por derradeiro acordar os legisladores, e os fiscaes da instrucção publica.

Edificam palacios; mercam titulos; restauram e ampliam egrejas; tornam mais lusida a procissão da sua aldeia; muito bem: mas quem teve entendimento e actividade para accumular tantos cabedaes, porque se não ha-de abalançar a maiores coisas?

Que alegrias lhe darão nunca os seus palacios, comparaveis ás que lhes daria a escola diurna e nocturna, nos dias de semana e nos domingos, para as crianças e adultos, para as filhas e para as mães, para o seu lugarejo e para os circumvisinhos?!

Que baronatos, commendas ou cartas de conselho os illustrarão tanto no conceito da gente campesina, em geral a mais sisuda e positiva de todas, como esta bonissima obra de misericordia; este acto de paternidade publica; este presente de uma alma boa a almas necessitadas e famintas; a fundação de um baptisterio para os espiritos; a abertura d'esta porta inflorada para a civilisação; a sementeira tacita de muita felicidade obscura, mas reproductiva e incalculavel?!

A avó e a mãe da criança instruida naquella casa commum para vir a ser melhor, mais prestadia e afortunada que os seus progenitores, quando, sentadas

á tarde no poial diante da sua porta, conversassem em espirito com as suas rócas e estrigas, que tantas coisas serias ensinam sem o parecer, e vissem passar ao lado do Brazileiro das veneras, o Brazileiro da escola, saudariam ao primeiro, mas ao segundo beijariam as mãos porque neste veriam a Providencia feita homem; no outro, um portador innutil de divisas sem significação, um exactor de respeitos indevidos, que ninguem paga; um comediante frivolo que apenas dá costas, é por todos assobiado.

A egreja restaurada e ampliada, a procissão com mais foguetes e mais anjos, serão vistas do ceo com tanto affecto, ou assentes com tão boa nota no livro da conta para as recompensas, como um seminario activo de espiritos, um berço da geração nova, posto e embalado alli no remanso dos campos com o condão de os prosperar, por um homem de Deus, a quem Deus mesmo ensinou o milagroso segredo do: faça-se a luz?

V. Ex.ª, meu caro Camillo, sabe, e sente lá por dentro tudo isto, tão bem como eu, e talvez melhor; mas, os seus leitores, é que ainda o não sabem, porque nunca talvez o ouviram, nem tiveram vagar para o inquirir ao proprio coração.

Venha pois o romance amoravel que lh'o ensine e lh'o persuada. Façamol-os, isto é, faça-os V. Ex.ª, comprehender que esses opulentos que parecem não atinar no como hão-de empregar os sobejos dos seus haveres, tem muito á mão o mais abundante mercado de delicias, onde adquirirão por baixo preço com que encher e amenizar os seus dias vasios e cançados, os seus serões longos e aborridos, com que acalmar remorsos se os padecem (e quem ha que os não padeça!), com que adormecer sorrindo, e acordar con-

tente, com que grangear coisa ainda melhor que a fama de cidadão prestantissimo; o respeito dos velhos, o affecto das mulheres, as caricias da infancia, as flores que um anjo invisivel desfolha e chove sobre a cabeça do homem bem fazejo; e finalmente, o expirar sem angustias, e as lagrimas, os louvores, e os suffragios cordeaes de todos os visinhos!

Conheço umas poucas de obras que me parecem constituir o que se poderia chamar uma familia de livros de bem, porque estão cheias d'amor dos homens, refeitas de bom senso e repassadas de virtude persuasiva: *O Vigario de Wakefield*, por *Goldsmith*, o *Médecin de Campagne*, por *Balzac*, o romance hespanhol *Euzebio ou o Canastreiro* não me lembra de que autor, o *Robinson Suisso*, por *Wiss*, o *Simão de Nantua*, por *Jussien*, o *Novo Amigo dos Meninos* por *Saint-Germain Leduc*, a *Educação das Mães de Familia*, por *Aimé Martin*, *A Solidão*, por *Zimmermann*, *Os Colloquios Aldeões*, por *Cormenin*, e o *Bem e o Mal*, por *Camillo Castello Branco.*

Eis aqui a illustre e amavel familia em que tem de entrar o romance que eu espero com avidez, e que bom será se não chegue a desconfiar que fui eu quem o pediu ou o desejou.

A tão exercitado mestre, temeridade seria, o dar conselhos; mas entre amigos, e sem quebra no respeito, pode-se aventurar uma lembrança. Direi pois, que a novella de tão santos e sympaticos intuitos, deve ser, quanto a mim concebida e executada com a mais arteira diplomacia, e velhaca malicia (perdôe-me o emprego d'estas expressões que estão ellas proprias espantadas de se verem aqui); é mister, ou muito me engano, que a escola exemplar e regenerativa, com o

que pertence á sua organisação intrinseca, não occupe na galeria do seu romance *a parede de honra* e o mais em cheio alumiada. Pelo contrario; o que é para nós o principal, não se deve aos leitores apresentar senão como accessorio, ou episodico; felizes nós, se ainda assim nol-o acceitarem sem os soberbos fastios com que os fartos e embriagados á meza de um banquete, ouvem o pregão que na rua vai passando á chuva e ao vento, a pedir pão pelo amor de Deus, para criancinhas que se desfolham e finam de pura mingua.

Mal por nós e pela causa que advogamos, se uns certos ourang-outangos que eu sei, e não nomeio por ora, o suspeitam a V. Ex.ª cumplice meu, nesta conjuração.

Por em quanto, nada mais; se V. Ex.ª desejar da minha experiencia na materia, alguma outra informação, diga-o, e será promptamente satisfeito.

Ao exemplar da Felicidade pela Instrucção de que acima falei, ajunto um, da minha carta ao Cazal Ribeiro, sobre as escolas, outro, do discurso preliminar á 4.ª edição do Methodo Portuguez, para o qual peço especial attenção e outro da Tosquia de um Camello. São tudo elucidações do assumpto. Muitas outras haveria para offerecer a V. Ex.ª, mas, já com estas leituras eu não abuso pouco do seu precioso tempo. Por isso é que cerro a toda a pressa esta carta, assignando-me de V. Ex.ª admirador e confrade o mais affectivo e obrigado.

Lisboa, 14 de Setembro de 1864.

A. F. C.

Meu amigo presadissimo.

Chegou do Brasil aquelle livro cuja dedicatoria V. Ex.ª teve a condescendencia de acceitar-me. É possivel que algum dos poucos exemplares que vieram para Lisboa chegue á mão de V. Ex.ª. Se isso acontecer, peço-lhe que o não leia. É uma vergonha para os prelos do Imperio e para mim.

Estou preparando uma segunda edição, que é o traslado do que eu escrevi para os macacos de Sancta Cruz. Se V. Ex.ª encontrar algum critico, peça-lhe por bondade sua e d'elle que o não leia; e se o tiver lido, que suspenda o juizo, se o tiver.

A inspirativa carta que V. Ex.ª me dirigiu acerca do Romance, não cahiu de todo em todo entre cascalho como a semente da parabola. Penso que brevemente principiarei uma qualquer coisa, que pareça util, mas que no amago não tenha mais nervo que um mollusco, e mais lustre ou lustro que uma bota de saloio.

Lembre-se V. Ex.ª algumas vezes do seu discipulo e amigo

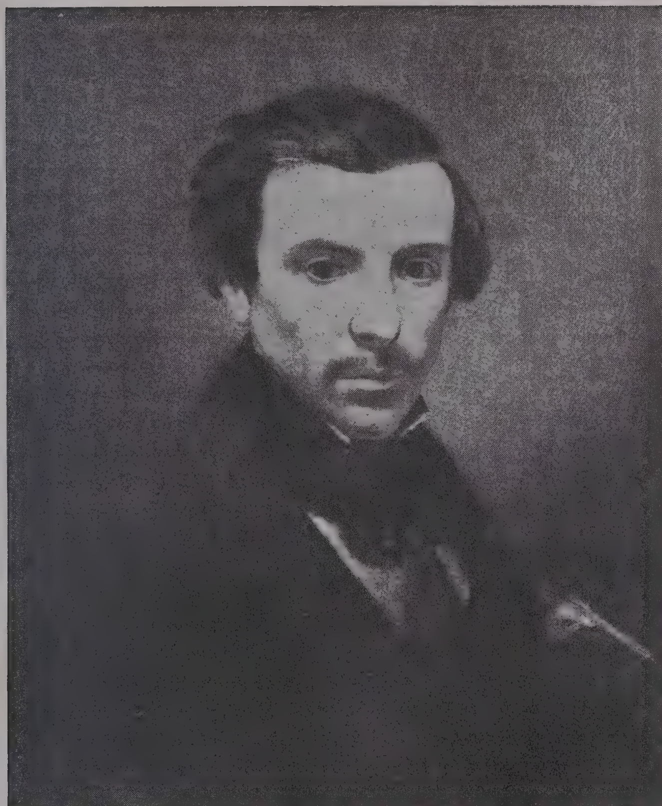
Porto, 5 de 9bro de 1864.

Camillo Castello Br.º

Meu caro amigo.

Recebi a sua muito presada cartinha de 5 do corrente.

Não sabia que tivesse já chegado do Brasil o romance com cuja dedicatoria V. Ex.ª me honrou; e muito me



CAMILO CASTELO BRANCO

Gravura de um retrato inédito a óleo existente em casa de seu sobrinho o falecido Conselheiro José de Azevedo Castelo Branco

peza saber que esse livro tão desejado saiu tão sujo da tipografia. Ainda bem que não é mal sem remedio, e que V. Ex.ª lh'o vai dar fazendo ahi segunda edição.

Se me fosse licito tornaria a insistir agora com V. Ex.ª para que tratasse de vir-mos a ter quanto antes a collecção das suas obras impressas com a devida nitidez, e em formatos iguaes. Estas exterioridades não são indifferentes para o credito de um autor, e para o gosto e o proveito do publico.

Consinta-me dizer-lhe que V. Ex.ª mesmo não avalia devidamente quanto a sua fama ha-de dever a taes escriptos num futuro não remoto, e o copioso proveito que d'elles hão-de sacar a litteratura patria, e a nossa lingua.

Por muito que a andem assolando os barbaros, tenho toda a fé em que estes livros tão populares de V. Ex.ª e tão vernaculos no sentir e no dizer, ainda lhe podem acudir com remedio, ou pelo menos com paliativo que se a não salvar, sempre lhe dará mais algum tempo de vida, e uns ares sequer de saúde.

Nenhum outro classico veio em mais opportuna occasião nem com mais requesitos para aproveitar aos necessitados que ainda não estiverem de todo em todo empedernidos como o coração de Pharahó.

Vale a pena de pensar nisto com seriedade.

Olhe que dos seus escriptos pode-se já hoje fazer um riquissimo aditamento aos diccionarios da lingua; e, *noblesse oblige*.

Fico esperando ancioso pelo prometido romance parabola, ou cathequese de V. Ex.ª em favor da instrucção do povo. É essa uma obra que V. Ex.ª deve a esta boa terra que tanto a necessita, e de que na sua qualidade de escriptor para toda a gente, não pode deixar

de lhe advir lá para o diante, um accrescimo de lucros e de gloria.

Regalou-me a leitura que o Chagas me fez da chistosa carta que V. Ex.ª lhe dirigira acerca do artigo d'elle, sobre certo livro sybilino de que não quero fallar aqui; o que só digo é, que me serviu de grande consolação o ver, que até V. Ex.ª ficara *in albis* sobre o sentido de tão estrondosas sabenças.

Onde iremos nós parar, meu caro senhor, com estes vôos dos cisnes-aguias que vão fazendo do nosso Portugal uma especie de Rilhafolles; só de pensar nelles, sinto formigueiros nos miólos.

Queime esta carta logo que a tiver lido, para que elles me não queimem a mim pela minha bruteza de os não entender.

De V. Ex.ª, o mesmo que sempre, admirador confrade e amigo muito obrigado.

Lisboa, 7 de Novembro de 1864.

A. F. C.

P. S. — Queira V. Ex.ª dizer-me como e por onde deseja receber um exemplar que lhe eu offereço do meu Camões.

II

BOM SENSO E BOM GOSTO

Em fins de 1865 intensifica-se a correspondência entre os dois escritores, a propósito da célebre polémica que ficou conhecida na história literária pela questão: *Bom senso e bom gosto.* — Troca de impressões sôbre alguns dos contendores. — Crítica aos romances *A sereia* e *O esqueleto* e ao volume de poesias *Um livro.* — Doenças e melhoras de D. Ana Plácido. — Desiste-se do alvitre para se reunir em volume, artigos de varios literatos em resposta aos de Coimbra. — Se tornasse a fazer versos, escreve Camilo, seria uma satira.

Meu querido e Ex.[mo] classico.

Cá recebi a sua *Sereia* (1). Lemol-a immediatamente, e de uma assentada. Quiz dizer-lh'o e agradecer-lhe no mesmo dia, mas tomaram-me de tal modo o tempo, que o não pude. Faço-o agora tarde e muito á pressa.

Continue (superfluo é recommendar-lh'o) a maravilhar-nos e a instruir estes barbaros sobre o melhor ou sobre o unico bom modo de escrever. Os seus romances estão sendo já de muito uma grande e proveitosissima lição. Cumpra o seu destino, que é dos mais bellos, e creia em que, tendo já tão innumeraveis admiradores, não tem entre todos elles um que seja mais deveras amigo de V. Ex.[a] do que

Lisboa, 8 de nov. de 1865.

A. F. de Castilho.

(1) *A Sereia,* Porto, Tip. C.[al] 1865, 8.º de 269 pág. (Viuva Moré).

Meu amigo muito do coração.

Desculpe-me V. Ex.ª de eu não ter respondido logo á sua animadora carta. Estava e estou doente. O inverno é a minha máxima desgraça: porem, não creia V. Ex.ª que eu tenha alguma estação em que padeça menos de alma ou de corpo. Se não fosse o incessante trabalho, o meu demonio tinha-me acabado com a mortificação da ociosidade.

Estou agora a ver se ajunto umas migalhas para comprar um cardenho entre dois carvalhos ahi para o coração do Minho, e fechar-me lá, resguardado dos lobos e dos homens e das mulheres, com duas canastras de livros; mas os de V. Ex.ª leval-os-hei no meu saco de viagem, se é que os não levo no coração, para onde quer que vou com o espirito fôrro das sujas cadeias desta vida chamada de relação animal.

V. Ex.ª faz-me inveja, cada vez que falla da sua mata, das suas arvores, das suas alegrias de sancto anachoreta, em volta de quem espiritualmente se ajunctam tantas almas que o adoram n'este nosso cantinho de tão lindo ceo e tão repulsiva gente. Os mil coraçõens bons, que se aquecem ao nosso sol, desde uma fronteira á outra, são os que avoejam em roda de V. Ex.ª no seu eremiterio. Console-os, acaricie-os escrevendo muito para elles, educando-os, consolando-os com o bem-fazer dos mil evangelhos que V. Ex.ª lhes está sempre dando na linguagem dos anjos; e a mim, alem dos seus livros e lições, dê-me V. Ex.ª a sua amisade, que eu considero tão sincera como eu a dou

a duas creanças que me estão pedindo uma carruagem de lata emquanto eu escrevo a V. Ex.ª

Até á vista, meu bom amigo.

(Porto, 16 de Nov. de 65) (1).

Camillo Cast.º Br.º

Ex.mo Snr. e meu querido confrade.

Vai aqui pelo nosso beco litterario uma bulha suja. Os fadistas da Coimbra declararam-se rasgadamente (deixe ir a expressão da moda) contra o senso commum, a civilidade e todas as boas praxes. Suppõem ou sem o supporem pretendem persuadir, que todo o Portugal é um Egypto afogado em trevas, e que o seu *colis imbrium* é que é a terra de Gessen alumiada de sol. Os *orates mores*, as duas estatuas de *Memnon* que estão cantando as alvoradas, são dois fedelhos impertinentes, o *Theophilo Braga*, e o *Anthero do Quental*; ou o *Anthero do Quental*, e o *Theophilo Braga*; que eu ao certo, inda não sei qual é o maioral; nem creio que elles mesmos se achem concordes nesse ponto;

.... Michaelenses ambo
A cantare pares. et escoicinhare parati.

Do Quental, appareceu aqui uma carta em resposta á que eu dirigi ao Pereira, sobre o poêma do Chagas. Não a vi, nem hei-de ver, porque tenho por costume e systêma não me incommodar por causa de tolices e insolencias; e consta-me que só de insolencias e tolices, é que vem compaginada a tal argumentação, que em

(1) A data entre parentesis, nas cartas de Camilo, quer dizer que não estava no original do autor mas foi ali indicada, pelo secretário do destinatário, ao arquivá-lo cronològicamente.

ultima analyse, não é, senão um manifesto de independencia e supremacia da escola litteraria coimbrã. Por isto e pelo que eu já tinha posto no *post scriptum* da minha carta ao Pereira, nem respondi ao selvaginha mal creado, nem lhe hei-de responder,

Sahiu porem a campo, como bom amigo meu, e bom inimigo de gigantes pygmeus, o nosso Chagas, que os açoitou muito bem açoitados no *Jornal do Commercio.*

Levantou-se tambem, espontanea e generosamente o Manuel Roussado, que numa cartinha de muito bom senso e infinita graça poz o menino Quental n'um feixe.

Meu filho Julio de Castilho, vai dar á luz outra carta acabando de o enterrar. Assim o quiz, assim o tenha.

Em tudo isto a questão pessoal importa pouquissimo; porem o que decerto importa muito, é o mal que os dois traquinas estão causando ás pobres lettras portuguezas dando más doutrinas e deploraveis exemplos, á mocidade que por lá os rodeia, e parte da qual talvez os escute como oraculos.

De feito existe já, como V. Ex.ª não pode ignorar, por muito retirádo e occupado que viva, uma escola de gosto depravado, de insurreição permanente, e acintosa contra toda a boa razão, todos os dictames do gosto, todos os modelos consagrados, e todas as convenções recebidas e confirmadas pelo consenso universal.

Esta peste que eu deplorei na minha carta ao Pereira exhala-se principalmente do pantano das rãs conimbricences, donde se difunde com effeitos já bem deploraveis pelas provincias do norte e brevemente poderá matar a muitos bons engenhos por todo o Reino, se se lhe não acudir. Gongorisamo-nos com uma facilidade, e com uma rapidez, que mette medo.

V. Ex.ª com os seus escriptos, anda a prégar incessantemente, prégação do exemplo, que é muitas vezes a melhor de todas em favor da litteratura natural e sincera, da verdade no pensamento, no affecto, e na frase. V. Ex.ª tem feito mais: tem apontado nos seus artigos de critica, os mais sãos principios da arte, mas tudo isso, com ser muito, vê-se que não é bastante para precaver o mal e muito menos para o curar depois de declarado.

Permita-me portanto rogar-lhe como áquelle que, por mais lido e querido de toda a gente, maiores forças tem para persuadir, faça desenganadamente causa sua d'esta periclitantissima causa das lettras patrias. Empregue toda a autoridade do seu talento, e toda a seducção do seu estilo em guerrear esta já mais que proterva escola dos disparates. Vença o seu nojo de pessoa aceiada, e faça com o escalpelo do ridiculo a dissecção d'estes pustulentos para que todo o povo reconheça, pelos seus olhos, que dentro n'aquelles roncadores, nem ha cerebro nem coração, nem entranha alguma nobre, se não só muito grandes bofes para urnear figados muito ruins, e fel que faz espanto!

O caso tornou-se realmente serio. Em quanto só faziam versos tolos e prosa ainda mais tola podia-se-lhes perdoar; não eram para mais. Mas desde que afoitados pela tolerancia dos que os podiam castigar se proclamaram escola e a unica verdadeira e inspirados, e regeneradores, e semideuses, ou Deuses, não ha remedio, senão ligarmo-nos todos e por todos os modos, e afugentarm'o-los assurriando-os de mentecaptos.

E Deus permita que não seja tudo inutil. Confesso-lhe que tenho algum medo d'isso, quando vejo que elles já enforcaram nos seus arraes a Horacio,

crucificaram a Quintiliano, apezinharam a Cicero, tiraram a pelle a Roland, e a Méry e traduzindo em sublime, a cantiga dos pretos, *quem não tem carapinha, não venha cá*, declararam que para fóra d'elles tudo era idiota.

Nul n'aura de l'ésprit, hors nous et nos amis.

Ande-me com elles, meu caro Camillo; tem já feito á sua terra grandissimos serviços; este, será o maior de todos.

De V. Ex.ª
o mesmo q̃ sempre

Lisboa, 25 de novembro de 1865.

A. F. de Castilho.

Ill.mo e Ex.mo Sr.; meu bom amigo.

Esta qualificação de *bom amigo* nunca acertou em cheio como agora: Vi a sua carta ao Luiz d'Almeida e Albuquerque. Imagine o quanto me não deixaria ufano e agradecido.

Ainda mal que são tão fortes as razões que V. Ex.ª tem para não interpor desta vez a sua grande e reconhecida autoridade nesta pendencia de quatro tunos de Coimbra contra a gente pacata da litteratura.

O que vale é que se o agradecimento lhe ata as mãos a respeito do Quental, creio que as tem livres para o peior e mais perigoso dos dois co-reus, que é sem nenhuma duvida o Theophilo. Esse é que é o verdadeiro Eresiarca; o outro é em tanta maneira tolo alem de doido que por mais que se mate não pode fazer proselitos; e realmente não conta, segundo me afirmam,

senão uma guerrilhita de quatro ou cinco ou, quando muito, seis cabides de batina, gente a quem o gorro não pode servir senão para andar na mão.

Eu não conhecia, e só hontem é que ouvi ler o *Fiat lux* do tal zaranza. Se V. Ex.ª ainda o não leu, leia-o. Parece impossivel que se chegue a tanto em parvoice.

Não senhor: Quental não pode fazer nem desfazer coisa alguma; mas o maroto do Theophilo que sabe jogar muito melhor com a ignorancia publica e arrotar em notas bibliotecas *de omni scibili* do indico, do persico, do allemão, da Grecia, de Roma, de tudo quanto ha e de tudo quanto não ha, esse, é que merece levar pelos testos vasios com a marreta de ferro que V. Ex.ª lá tem ao canto da casa para as grandes occasiões.

Dou-lhe a minha palavra d'honra que não é por mim que assim lhe falo, pois estou persuadido, de que, sem quererem, ambos elles me teem feito muitissimo bem. É sim e unicamente pelo amor que ha muitos anos consagro ás boas lettras; amor desinteressado e profundissimo, e que é uma das razões por que eu sou tão devéras

De V. Ex.ª
admirador e am.go obrigadissimo

Lisboa, 29 de novembro de 1865.

A. F. de Castilho.

Meu amigo e Ex.mo Snr. (1)

Apenas posso dizer que recebi as duas cartas de V. Ex.ª Estou assistindo á agonia d'Anna Placido.

(1) Este bilhete deve referir-se ás duas cartas anteriores de 25 e 29 de Novembro.

Morre thysica a desgraçada senhora, que foi n'este mundo o modelo do infortunio. Não sei se poderão amparar-me dois filhinhos que ella me deixa. Não tenho que dizer-lhe, meu amigo, senão isto. Perdôe-me esta fraquesa.

De V. Ex.ª
am.º grato

s/d *C. Cast.º Br.º*

Ex.mo confrade e amigo.

Na sessão d'assemblêa geral da nossa Academia, hontem á noite, propoz o Rebello da Silva, consociando-me na sua proposta, que se offerecessem a V. Ex.ª as obras pela mesma Academia publicadas. Approvou-se unanimemente.

Neste momento me entra em casa o meu Julio, todo alvoroçado e ufano com a carta com que V. Ex.ª o honrou a elle e a mim. Mais ainda por elle que por mim beijo eu as mãos de V. Ex.ª. V. Ex.ª é amigo, e amigo deveras; sabe-o ser como poucos, e póde-o ser como ninguem nestas coisas litterarias; as suas posses e o seu credito, têem chegado ao summo grau.

O nosso brilhante e prodigioso critico, Pinheiro Chagas, já a estas horas se deve achar nessa cidade; se se virem, que de certo se hão-de vêr, elle lhe dirá uma lembrança do Rato, que ámanhã á noite ha-de ser discutida aqui, e me parece merecerá o assenso de V. Ex.ª Se o merecer, conto já com um artigo de V. Ex.ª, para enriquecimento do livro, destinado, não a discutir dois

patetas, que não valia isso a penna, mas sim, a confirmar as sãs doutrinas no tocante ao escrever, assim em verso como em prosa; mas sobre esta materia, a seu tempo conversaremos mais devagar.

Sabe V. Ex.ª com que é que eu me encantei nestes ultimos serões? foi com a leitura, posso até dizer, com a lição, pois aquillo é deveras lição, e em mais de um sentido, do seu romance o *Esqueleto* (1).

Poucas obras portuguezas conheço, para fóra das de V. Ex.ª, que interessem tanto como esta.

Notei ali uma frase, de que provavelmente hei-de vir a fazer epigraphe para alguma coisa; é isto:

Certos sujeitos, quando cuidam que o ideal os eleva, burrificam-se. E na verdade que se burrificam; é o termo. E que remedio conhece V. Ex.ª para os desburrificar? o burro aureo do Apoleo, tornou a ser gente, comendo umas rosas brancas, se bem me lembra a côr; mas estes jumentos cá, tem repugnancia invencivel a tudo o que lhes cheira a producção da terra.

Como vai a sua pobre doente? interesso-me deveras em o saber.

Deus dê a V. Ex.ª forças para carregar pela ladeira acima com a sua cruz que não é pouco pesada. Eu pasmo de vêr o como a tem levado e vai levando! Resista, e viva para si e para nós, que nos é muitissimo necessario.

De V. Ex.ª
admirador e confrade
muito amigo e obrigado

8 de Dezembro de 1865.

A. F. C.

(1) *O Esqueleto: romance* Lisboa, Imp. J. G. de Sousa Neves, 1865, 8.º 301 pág. (Campos Júnior).

Meu querido mestre e Ex.mo Amigo.

Coou-se um raio de sol no meu sotão. Deus não quer que as duas creancinhas por emquanto me perguntem em que laiva do cemyterio se desfaz o coração de sua mãe. Bemdita seja a esperança dos infelizes que é thesouro desconhecido aos bem-sorteados deste mundo.

Agradeço a V. Ex.a a parte que tomou na proposta do nosso R. da Silva. Deixarei o nome de V. Ex.a e o d'elle escriptos na pagina de cada livro, e os livros dirão a meus filhos os nomes dos amigos de seu pae.

Preciso de sahir d'aqui, meu amigo. Vai-me senhoreando uma tristeza tão pestilencial da peste da alma que não irei já longe. Medito em ir para Lisboa; mas a minha sombra irá comigo. Dizem-me que o Anthero ainda está em trabalhos de suppuração. Espero, para depois lhe escrever a elle. O Theophilo é uma coisa escorregadia, e notavelmente tola. Já me escreveu uma carta nas gazetas, rebatendo uma amorosa crytica que lhe fiz aos livros, encomiando o Fray Savonarola. Ora, como o sujeito á puridade me tinha dito que eu escrevêra mui rasoavelmente sobre o frade e depois por escripto restaurou a parvoiçada, cobrei não sei se pena se tedio da creança, e mordacei-me para que o gentio me não acoimasse de invejoso das *Tempestades sonoras*, e quejandos aguaceiros de tolices.

Estou prompto para o que V. Ex.a me determinar relativamente ao livro premeditado. Nas horas muito feriadas dê-me V. Ex.a noticias suas, e aceite-me a amisade do mais agradecido dos seus amigos.

Porto, 12 de 10bro de 1865.

Camillo Cast.o Br.o

Illmo e Exmo Snr. amigo e
lealissimo confrade.

Tenho presente o favor de V. Ex.ª datado de 12 do corrente.

Magoou-me por todas as razões o vel-o tão contristado e por motivo que tão deveras o mereceu.

O que vale para poder resistir é que a sua sensibilidade, deve andar já mui colligada com o padecer.

Pode dizer por si como o Lamartine, homem igualmente martir e glorioso:

Je suis dès la mamelle, un homme de douleur.

Acho que faz muito bem em se trasladar para Lisboa. O mudar de posição não cura os enfermos, mas parece que os allivia.

Todos nós os que o seu talento fez seus amigos e devotos nos havemos de esmerar em distrahil-o, quando não caiba em nós o consola-lo.

Meu caro Camillo, não cogite por emquanto em Theophilos Bragantes e Quintaes immundos. São coisas muito ignobeis e ridiculas; para quem se anda a braços com os maiores trabalhos d'esta vida a todo o tempo é tempo.

Estou em vespera de paquete para o Brasil, para onde tenho infinita correspondencia. Queria e precisava conversar muito com V. Ex.ª, mas de todo em todo não posso.

Dir-lhe-hei unicamente que, ventilada entre alguns bons amigos e com o maior desejo de acerto a lembrança do livro de que eu fallei a V. Ex.ª afinal se concordou unanimemente em que os dois burrificados não mereciam tamanha honra; e o melhor era irem-se

lhes dando furtuitamente zargunchadas de todos os cantos, até que o ridiculo os estatelasse com o fio do lombo na lama, e as quatro ferraduras para o ceo.

Chega até ahi uma chamada revista de Coimbra de que já sahiram dois numeros? Leia-a para desenfado que vale a pena.

Nada ha mais verdadeiro que a sentença biblica: *quos Deus vult perdere, prius dementat.*

De V. Ex.ª amicissimo e obrigadissimo

Lisboa, 11 de Dezembro de 1865 (1).

A. F. C.

Ill.mo e Ex.mo Sr. e meu
querido confrade.

Recebi o obsequioso presente de V. Ex.ª: *Um livro* (2). Não quiz agradecer-lh'o antes de lido. Faço-o agora que me acabo de regalar com elle desde a primeira pagina até á ultima.

Vou dizer-lhe singelissimamente o effeito que me produzio, o qual foi mais e muito mais do que V. Ex.ª calculava no seu novissimo prologo. Prendeu-me com

(1) A data de 11 no rascunho encontrado no Arquivo do Castilho deve estar errada. Que êle responde à carta de 12 de Dezembro, de Camilo, não há dúvida, porque alude aos mesmos assuntos como por exemplo à mudança para Lisboa, em que êste lhe falava. Portanto a carta deve ter sido escrita entre 14 e 21, talvez nesta última data, tendo o secretário de Castilho errado o primeiro algarismo.

(2) *Um livro* (poesias), Pôrto, 8.º de 214 págs. Teve terceira edição, em 1866, depois desta a que Castilho se refere.

força, obrigou-me por muitas vezes a meditar, deu-me a sentir muitas saudades, levantou-me o animo ás esferas altas onde os genios como V. Ex.ª nos devassam claridades, e os tolos, *oleiros do infinito*, acham tudo ás escuras, a immensidade com barreiras, o globo *bebado e inchado de terror*, mudado em *morcego*, e cuberto com *lepra de luz*.

Anda a gente de tal modo nauseada, com estes sublimeiros que parodiam a Hugo com a penna de Rozendo, e a tal ponto se contrista a alma de ver estas criancitas mal creadas andarem despejando o ferrado por cima dos aceios da natureza e do sacrario da propria divindade, que até nos excita gratidão e enternecimento o encontrarmo-nos com um poeta que sabe alar-nos ás regiões do sublime, sem ser nas azas de espirito de vinho, e no tocante ás coisas da terra se não envergonha de nos apparecer natural, simples, amante, e verdadeiro.

O nosso Thomaz Ribeiro tem toda a razão na sua carta (1):

Celeste dom da poesia,
joia sem preço calcada
aos pés da turba, que insulta
as desventuras do genio;
pomba mystica, hoje occulta
no sanctuario do amor;
filha do ceu, que na terra,
vem ungir o soffrimento
e fazer sagrada a dor
vituperada por homens,
algozes do pensamento;
balsamo sancto, alegria
que deixa tanta agonia
desafogar-se em cantares

(1) Vid. nota 3.

ás luzes do firmamento
e ao hymno eterno dos mares;
bem de infelizes, poesia
tu me bastas, sancto alento
quando o limite do mundo
na estreiteza me angustia,
ave linda, vens poisar-te
descida lá do teu ceu,
entre a folhagem das selvas;
e no regaço me lanças
uma folhinha das relvas
dos jardins do doce Alceo.

Sim senhor; eu tambem entendo que isto e para isto é que é a poesia, qualquer que seja a forma accidental que lhe queiram dar, verso ou prosa. A poesia, é um enthusiasmo, e não uma bebedeira; um consorcio da alma com o mundo tanto visivel como invisivel, e não um jogo da cabra cega; uma despertação de ideias uteis e affectos prestadios, e não um logogrifo de sete cotovelos, como o q̃ vem no *Almanach de lembranças* para o anno proximo.

Se quer o logogrifo do Almanach, vai collocado nos dias de carnaval, e traz no fim como por descargo de consciencia, *Maranhão;* mas os nossos poetastros transcendentes querem á fina força que lhes tomemos os disparates por explosões do genio; os arrotos da ignorancia por sciencia; as camoecas por extasis; e o atropelamento até das noções mais vulgares, como vaticinios de uma era nova, d'uma reconstrucção do mundo moral, e emfim do advento dum alcorão, segundo o qual não haverá Deus senão o Quental, e Theophilo será o seu profeta.

Eu tinha grande vontade de pedir a V. Ex.ª, para quem está provado não haver impossiveis em coisas

intellectuaes, se applicasse a compôr outro livro de versos depois deste, com o intuito especial de bater com elle como lampião muito claro e espevitado, nos olhos catacegos destes malandrins; queria que lhes mostrasse com o exemplo, mas com toda a evidencia, isto que já resplandece nestes seus versos, a saber: que se pode ser philosofo e poeta, e ao mesmo tempo inteligivel, agradavel e sympathico, e para se aproveitar em cheio a lição desejára que V. Ex.ª (o peior é prohibirem-no as suas forçadas obrigações) nesse livro novo (a um homem como V. Ex.ª pode-se dizer toda a verdade) fosse mais detidamente esmerado pelo que respeita a certos pormenores da forma artistica.

Não digo q̃ em geral a versificação do livro que nos deu seja ruim, nem acho q̃ lhe descaibam grandes louvores; só digo, e creio que V. Ex.ª concordará, que a falta de lima devida á falta de tempo, deixou na obra aqui ou acolá algumas asperezas, que por isso mesmo que se encontram entre tamanhas formosuras, e tão faceis eram de desbastar, não podem ser vistas sem alguma pena pelos que se interessam na maxima gloria de V. Ex.ª, como uma das glorias maximas da litteratura da nossa terra.

V. Ex.ª neste seu livro faz-me lembrar um daquelles raros opulentos que, satisfeitos, com a sumptuosidade real, desdenham perder horas em sacudir de cima do vestido até o ultimo atomo de pó como fazem os pobres que andam tanto mais escovadinhos quanto mais rafados.

Em minha boa verdade, como não sei o q̃ lhe suplique, sei q̃ havia de sentir a maior alegria se V. Ex.ª a quem já devemos tantos exemplares em tantos generos, juntasse a este livro de prodigalidades poeticas da sua

mocidade, outro agora nem menos nem mais poetico, mas em q̃ ensinasse a estes barbaros que a forma é tambem digna de todos os cuidados de um espirito eminente. Agora pelo que respeita ás ultimas 52 pag. do livro dou a V. Ex.ª a minha palavra d'honra q̃ em nenhum outro dos seus, q̃ nós aqui lêmos e relêmos até para estudo e de mais de uma especie, em nenhum absolutamente me recordo de ter achado coisa que a esta se anteponha. É um estudo philosofico maravilhoso, expresso numa prosa que nada tem que invejar ás mais aquilatadas poesias.

Ainda que V. Ex.ª não tivesse escripto senão isto, já o seu logar na historia litteraria, excitaria muitas invejas.

Tal é pelo menos a minha opinião, e ha-de ser a de toda a gente que não fôr Quintalejo ou Bragante, isto é nescia e invejosa.

Queira V. Ex.ª responder-me logo, logo e certificar-me de que se não ofendeu com as minhas liberdades de amigo. Eu posso errar nos meus juizos, e tenho errado muita vez; mas o q̃ não posso é dissimulal-os perante um homem superior cuja gloria é já inabalavel.

Alem desta supplica eis aqui outra não menos instante. Diga-me como vai a nossa doente, os seus dois anginhos e V. Ex.ª mesmo.

Tenho a honra de me assignar

De V. Ex.ª
Como sempre admirador e confrade
muito amigo e muito obrigado

Lisboa, 23 de Dezembro de 1865.

A. F. de Castilho.

Meu estimadissimo amigo.

Assim é que eu especialmente amo as cartas e liçõens de V. Ex.ª, quando ellas dizem respeito aos meus escriptos.

Eu conheço os defeitos que V. Ex.ª aponta; podia emendar muitos n'esta 3.ª edição da coisa; mas faltou-me paciencia. A minha poesia é meramente a da prosa, ainda assim. Deus me livre de tentar hoje um livro de versos, a não ser uma longa satyra. Pode ser, meu amigo, que ainda n'este sentido a tente.

D. Anna continua doente. Creio que está perdida. Deus! Não sei d'outra palavra para estas dores.

De V. Ex.ª
am.º e discipulo

s/d (1) *Camillo C. Br.º*

---

(1) Não tem data mas evidentemente responde à carta anterior de Castilho em que se lhe pedia novo livro de versos.

III

EPISÓDIOS DA POLÉMICA LITERÁRIA

Afluem os lutadores. — Troca de impressões sôbre alguns deles. Intervenção de Camilo com um folheto. — Visita de Antero a Lisboa. — Elogios ao labor literário de Camilo e á sua prosa, fonte de riqueza da língua. — O que se passou no Pôrto entre Camilo e Antero e as peripécias que precederam o duelo dêste com Ramalho Ortigão. — Dados sôbre o autor do *Portugal Médico.* — Quem era o *Olho de vidro.*

Illmo e Exmo Sr. confrade amigo
e cem vezes mestre.

Delicioso natal me deu V. Ex.ª com o presente do romance *A queda d'um Anjo* (1).

Lemol-o sofregamente d'um jacto, do mesmo modo talvez como V. Ex.ª o escreveu; e hontem dia d'Anno Bom aqui foi outra vez relido todo e devidamente festejado, numa pequena roda de parentes e amigos que vieram passar o dia nesta sua casa.

Eu já não admiro a abundancia caudal e incessante da sua veia inventiva; é um milagre a que já andamos acostumados; mas o que não acabo de entender é como V. Ex.ª se avem para lançar de continuo e ás mãos

(1) Romance, Lisboa, Imp. J. G. de Sousa Neves, 1866, 8.º 270 pags., (Campos Júnior).

cheias em tudo quanto improvisa joias sempre a mais de estylo, de graça e de vernaculidade sobretudo.

Que lingua não é esta nossa que se não exhaure, e quanto mais se lhe pede, mais tem para dar, e que ignaros e patifes os que a motejam e só admitem a algaravia franceza! Nunca as mãos lhe doam a V. Ex.ª que neste romance procurou dar-lhes junctamente com o exemplo da boa falla, um poucochinho dos principios da arte de escrever tão desconhecida de todos elles.

Confirmo e corroboro com persuasão intima, e agora ainda accrescentada, o que puz a respeito dos grandes beneficios por V. Ex.ª prestados á litteratura nacional na minha nota ao *Camões* sobre *linguagem* e na minha carta ao Pereira.

Sim senhor! é mestre e cem vezes mestre, e de todos os nossos classicos nenhum ha que eu leia com tamanho gosto e aproveitamento.

Quando V. Ex.ª por aqui aparecer verá a sementeira que tenho feito e continuarei a fazer de vocabulos e frases dos seus escriptos no meu exemplar da 6.ª edição do *Diccionario de Moraes.*

Continue assim por muitos annos e apezar de ser infinito o numero dos Camellos, parece-me que alguma coisa se ha-de conseguir.

D. Antonio da Costa que neste momento sae d'aqui, mostrou-me com justa ufania a carta em que V. Ex.ª lhe falla do seu folheto sobre o *Casamento Civil.* Tudo que V. Ex.ª alli lhe diz é bem verdade. É um homem de grande talento e um dialetico admiravel.

Na mesma carta vi com muita satisfação que V. Ex.ª se não esquece de mim.

Sabe V. Ex.ª o que eu estou muito tentado a pedir-lhe? é que não levante mão dos seus romances para se ir

pregar aos Samoyedos de Coimbra. Deixal-os lá. Já perdeo tempo demais com o cabeçudo do Theophilo no seu livro dos *Esboços de Apreciações Litterarias*. Não faça mais sufragios pela alma de condemnados.

Qual é o romance que anda agora na fragua? Quando sahirá o do judeu?

Mas não me responda; um quarto d'hora, que dispendesse em o fazer, seria defraudar a todo o publico de uma bella pagina.

Diga-me só que passa bem, que tem boas esperanças a respeito da companheira da sua trabalhosa vida, e que os seus dois anginhos vão medrando. Isto sim, que se faz em duas linhas.

De V. Ex.ª
o mesmo que sempre e cada vez mais

Lisboa, 2 de janeiro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu muito querido amigo.

Estou relendo os apocalypses dos videntes: por emquanto o que vejo é a besta do sonhador de Pathmos. Depois, por divertir o animo de coisas tristes, vou-me offerecer como pabulo destas feras, e Deus se amerceie da minha alma!

Não escrevo ha muito tempo, meu amigo. V. Ex.ª cuida que a minha cabeça não se parece ás vezes com a do Theophilo? A desgraça faz que eu, quando mal me precato, sinta o que quer que é em mim da *poesia do*

Direito, a mais esborrachada prosa que ainda viram estes meus olhos peccadores! Em seguida, tenciono escrever uma coisa como romance ácêrca do Braz Luiz d'Abreu, auctor do *Portugal médico*. Dá margem a muito; mas eu já não escrevo senão pequeninos volumes, á proporção das pequeninas almas dos editores. Sou um mercieiro acabado. Respiro do ar do meu visinho, o snr. João José, que me vende o queijo de cabeça de preto com os olhos postos no oirofio da balança.

Agradeço a V. Ex.ª o lembrar-se desta pobre senhora e de meus filhos. Vão vivendo; ella com melhoras não sei se mentirosas, elles com a alegria da sua sancta innocencia. Este mundo seria supportavel, visto que Deus nos dá as creancinhas, se não viesse com ellas a necessidade de as ver ir ou de as deixar. Por sobre esta desventura humana recresce o ideal do Theophilo e a sobrehumana bestidade d'um tal Ruy de Portocarreiro, enxovēdo que se acamaradou com os outros e me fez hontem receber a cataplasma. Esta praga ha-de acabar. Isto principia a ser uma questão de 100 reis por folheto.

De V. Ex.ª
Am.º do coração

5-1-66.

Camillo Cast.º Br.º

Ill.mo e Ex.mo Sr. confrade e amigo.

Cresce o monte, como se diz no jogo dos rapazes da rua. Depois da folhetaria meuda vai sahir, dizem os

periodicos, um livro do Ramalho Ortigão. Eu já cá tinha minhas atoardas a esse respeito, e até me afirmaram que vinha bastante aspero e descomedido; melhor será assim; é uma leitura de menos para mim.

A noticia que V. Ex.ª me dá na sua ultima cartinha foi recebida com alvoroço pelo Chagas, pelo Rebello, pelo Zacharias Aça, pelo Innocencio, por todos, e com muita especialidade por meus filhos.

Eu tinha dezejado, e até pedido a V. Ex.ª, que não se divertisse dos seus livros, que são a coisa mais seria que hoje teem as nossas lettras, para aquilatar parvolezes e petulancias; mas uma vez que V. Ex.ª de seu motu-proprio se resolveu a dar uma batida aos lobos para espalhar melancolias, nas boas horas o faça, que o proveito poderá ser grande para a causa do sizo e do bom gosto, que já me parece andar seu tanto ou quanto periclitante.

E quando isto digo, não é por suppôr que bom-gosto e sizo possam morrer ás mãos de dois fedelhos desorientados; mas é por saber que

un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire,
un sot pour l'imprimer, et des sots pour le lire;

e que desses ruges-ruges se teem feito muitas vezes no mundo cascaveis que se tornam moda, que lançam a perder muitos inexpertos e credulos e alastram nodoas muito feias na litteratura das nações.

Eu tenho para mim que no tempo da *Fenix renascida* alguns e muitos haveria a quem aquellas tolices não repugnassem menos do que a nós hoje nos repugnam; tenho mais: que esses taes não contaminados haviam de guerrear como podessem aos bobos litterarios do seu tempo; e quero até crer que muitos desses en-

genhos degenerados não deixariam de conhecer de si para si que estavam tolejando quando escreviam á la moda; entretanto o facto deu-se, e o damno que d'ahi resultou não foi pouco para deplorar.

Attendendo a tudo isto é que eu escrevi a minha carta ao Pereira, e pela mesma consideração ainda é que folgo de saber que homem de tanta auctoridade e tão popular, e que entra na familiaridade e tracto intimo de leitores masculinos, femeninos e neutros, vai dar sentença na demanda em que são partes a bestidade presumpçosa de poucos, e o senso comum do genero humano.

Sabe V. Ex.ª o que eu desejava sobretudo, era que, embora em vez de um folheto houvesse de fazer um livro, e despender semanas em lugar de horas, se demorasse em esplanar os principios fundamentaes da arte de escrever, e alevantar bem alumiados que todos os vissem, comprehendessem, e abraçassem os dogmas, sem misterio, do bom-senso e do bom gosto. Emfim eu quizera um livro didactico, ameno como V. Ex.ª os costuma, que, sem dizer que ensinava, ensinasse de feito tanto aos que ainda não sabem como aos que já tresleram.

Se me permitte citar-lhe um excellente modelo do que eu apeteço, cito-lhe a *Queda d'um Anjo*, onde tantas doutrinas sãs e bonissimas veem artificiosamente disseminadas acerca da linguagem, da eloquencia, do como se hão-de ler e imitar os classicos etc.

Na altura a que V. Ex.ª subio, já se podem fazer cartas topographicas em que appareçam bem marcados os altos e os baixos, as gandaras, os matagaes, os caminhos de pé posto, os despenhadeiros, os barrocaes e as estradas assentes e seguras,

Se isto lhe houvesse de custar muitas fadigas de estudo e prolixas meditações, livrasse-me Deus e livrar-me-hia eu de lh'o pedir; mas para aqui é que vem o rifão latino *oportet studuisse:* com o estudo anterior tem-se a obra feita; que é o mesmo que em estylo mais chão diz este outro proverbio nosso: em casa cheia, depressa se faz a ceia.

Quental aqui apareceu em Lisboa ha dois dias; vem que ninguem o conhece, lavou a cara, tosqueou a grenha com dois mezes de antecipação, vestio-se de pintalegrete e anda tão ufano da sua bizarra pessoa como das suas obras: *beatus venter*... Deus permitta que essas galas com que se entrajou, cuido que á minha custa, lhe não tirem agora a sublimidade que lhe fazia ver e mostrar ao mundo as *ularias do infinito*, as *estolas do infinito*, e as *raias do infinito* (a respeito das raias do infinito, que não tem raias, suponho que foi erro de imprensa e que o homem queria dizer as arraias do infinito).

Como quer que seja elle por cá anda todo pulcro, e até um periodico d'hoje annunciou que o viram na galeria da camara dos deputados.

Tambem me disseram que o Theophilo se acha egualmente na Capital e estivera antes d'hontem á noite no botequim do Martinho. Este é mais positivo que o collega; vai para onde se bebe e se falla, e não para onde só se ouve e se não abre bico. A mim sempre me quiz parecer que isto era outra casta de cabeça; tanto que ainda não despio a fatiota philosophica; diz que cheira a cebo que nem bode.

O nosso Innocencio com quem hontem passei o serão em casa de meu filho Julio me contou o pouco mas bem curioso que se sabe a respeito do auctor do *Portugal Medico*, de quem eu não tinha noticia alguma;

já estou ancioso de ver como V. Ex.ª com aquelles dados nos vai engenhar um romance do maior interesse.

Deus lhe dê a serenidade domestica para trabalhar, e editores que se não pareçam com o senhor João Joze Merceeiro.

E eu a imaginar cá na minha innocencia que os livreiros, convencidos do seu proprio interesse, o requestavam a V. Ex.ª e lhe faziam cada vez maiores vantagens!

É triste isso, mas conforme-se com a vontade do diabo. Olhe que ainda ha peior; os seus editores pezam-lhe oiro e fio; a mim o Franco roubou-me seis volumes.

Nada mais. Perdoe a extensão do que ahi vai. Valha-me por desculpa o gosto que eu sinto em conversar com V. Ex.ª

De V. Ex.ª
admirador, confrade e amigo
muito obrigado

Lisboa, 10 de Janeiro de 1866.

A. F. de Castilho.

P. S. — Disse-me hontem o Rebello que perguntasse eu a V. Ex.ª quaes são as obras que dezeja receber da Academia, ou se tenciona vir breve a Lisboa e escolhel-as então.

Eu, se fosse a V. Ex.ª, pedia todas á carga cerrada; isto assim é mais simples, e a Academia mandava-lhe as que tivesse. Decida e dê-me as suas ordens.

A. F. C.

P. S. 2.º — Ahi vai por copia fidelissima o *Fiat Lux*; agora é que se ficou sabendo a cosmogonia!

Meu Exmo Amigo.

Entra hoje no prelo o meu pobre folheto. Excederá a 40 paginas, e chama-se *Vaidades irritadas e irritantes.*

Assim que o lá receber, peço a V. Ex.ª que me encommende ás oraçoens das pessoas devotas, porque me vão cahir á perna todos os diabos da Allemanha. Venci muitas e minacissississimas desgraças; agora vou cahir nas garras do Germanismo. *Ehen!*

Peço-lhe um abraço para seus filhos, e aceite-m'o tambem V. Ex.ª com quanto amor e respeito pode dar-lh'o um dos mais verdadeiros amigos de V. Ex.ª

(Porto, 11-1-1866).

Camillo Cast.º Br.º

Meu amigo.

Já tinha fechado a carta que vai inclusa. Agradeço a copia do *Fiat Lux.* Não me é novo aquillo; Deus me livrasse de desconhecer as actas destes Jehovahs meus contemporaneos! O Anthero não pôde com a gloria na obscuridade. Foi passeal-a contando já com os tolos que o haviam de annunciar nas galerias do parlamento. Fizera o mesmo em Inglaterra o abbade Raynat na camara dos communs. Emquanto aos livros da Academia, respondo hoje ao nosso R. da S.ª que fez favor de me escrever.

Visto que os depositarios do papel começam a ratinhal-o, estou resolvido a não aceitar nenhuns livros. Comprarei os principaes.

De V. Ex.ª m.^to^ am.º

(Porto, 12-1-1866).

Camillo C. Brº

Meu carissimo Sr. Camillo.

Ha oito dias que me estou aqui definhando á espera das *Vaidades irritadas e irritantes* que V. Ex.ª me annunciou na sua ultima carta. Cada vez que me chega o correio e m'as não traz, é uma nova consomissão em que me deixa. Por quem é, mande-m'as logo, logo, ainda que não seja senão em provas.

Meu irmão José Feliciano lá principiou já no *Mercantil do Rio de Janeiro* a publicação d'uma serie de cartas sôbre os roucos destemperados d'esta vara de cerdos, que por aqui anda tão solta e tão emboldriada; a primeira d'essas cartas já cá está; é apenas uma introducção. O proximo paquete é provavel que nos traga mais uma duzia d'ellas. Ir-se-hão reimprimindo aqui em folhetos. Oiço que por estes 6 ou 8 dias, vai sair nova brutalidade do menino Theophilo. Deus a mande. A mim regala-me quando vejo um maroto a quebrar a cabeça pelas paredes: o suicidio moral, está na moda segundo se vê. Contra este não ha muito que dizer.

Saiu tambem uma coisa chamada *Mau senso e mau gosto*, obra digna do seu titulo segundo me affirmam. Dizem ser de Palha. O autor teve a modestia de occultar o seu nome. Acho que fez bem. Ha nomes que em litteratura são obscenos. Nesse caso está o do poeta da *Fabia* e do *Catimbao* (1).

Tambem oiço que no periodico *O Portuguez* saira o que quer que fosse pouco menos tolo que de Tanas, e assignado Satan; isto é que eu não sei se é pseudonimo, se verdadeiro.

(1) Duas tragédias heroi-cómicas, a primeira em 3 actos e a segunda em 1 acto com o título *A morte de Catimbáo.*

No *Jornal do Commercio* d'aqui leu-se antes d'hontem um artigo do Osorio de Vasconcellos, de sã doutrina e serio e outro, de doutrina tambem sã, e burlesco, e ao que me informam de muita graça vai sair em folheto sem nome: é do Ricardo Guimarães.

Mais alguns boatos correm de nova folhetaria mas certo, certo, não sei se-não isto.

Ramalho Ortigão remetteu-me um exemplar do seu opusculo precedido d'um offerecimento muito cortez. Ainda o não pude lêr. Mas se é como me informão em termos urbanos, hei-de tomar conhecimento d'elle, e responder ao autor. Seria confundil-o com os Theophilos e Antheros, e muito mais com os Elmanos e Ruys.

Mande-me pelo amor de Deus, as suas provas que estou impaciente por ellas.

O nosso Chagas já está nosso confrade na Academia desde antes d'hontem á noite.

Mais nada.

De V. Ex.ª idem *in eternum*

Lisboa, 20 de Janeiro de 1866.

A. F. Castilho.

Meu amigo e Exmo mestre.

Ainda hoje heide ver a 3.ª e ultima folha do insignificante escripto. A publicação corre pela casa Moré, e tenho admirado as delongas não usadas com impressos de menos importancia e ganancia. Provavelmente depois de amanhan remetterei a V. Ex.ª o pa-

pelucho. Admirei pouquissimo o opusculo do R. Ortigão. A posição, que elle se deu no debate, dava-lhe margem e portas por onde se sahisse mais limpamente. Parece-me isto. As trovas do F. Palha arguem a decadencia e íncorrilhamento d'aquelle cerebêllo, por causa d'umas perversoens de gosto e de nervos que vem largamente tractadas nos diccionarios medicos. Se nas antigas cidades conflagradas por ordem divina, o anjo do Senhor recensiasse os litteratos, encontral-os-ia d'aquelle honrado tomo. Das outras bestas tenho colleccionado tudo, e irei colleccionando emquanto Deus não faltar com o tostão, que é bem empregado, e pregado o logro. Já me admirava que o Tanas não tivesse escouceado n'esta conjunctura tão de molde. Chegou o maio d'elles: ornejam todos.

Por cá vou trabalhando no *Olho de vidro*, emquanto não chega a intercadencia da tristesa.

De V. Ex.ª
am.º m.to dedicado

Porto, 22 de Janr.º de 1866.

Camillo Cast.º Br.º

Meu caro Camillo Castello Branco.

Recebi ha dois dias o folheto de Ramalho Ortigão enviado por elle com o seguinte offerecimento: «Ao seu inegualavel mestre o Ex.mo Sr. Antonio Feliciano de Castilho em testemunho de lealdade litteraria offerece respeitosamente o auctor». Mandei-o examinar por pessoa de juizo e probidade para saber se deveria ou não lel-o

e responder-lhe, a despeito da minha formal e publica promessa de não brigar. O examinador decidiu redondamente que o deixasse eu ficar incolume e intacto para cima do monte das outras brutarias que para ahi me teem vindo.

Acceitei o conselho, e dizem-me todos os que leram aquillo, que fiz bem; ha uma coisa cá para mim que incommoda muito mais que a má logica, e a má critica; é o rancor de um malcreado.

E as palavrinhas melifluas do offerecimento fizeram-me lembrar o dito de um quadrilheiro de *vaudeville* citado por Madame de Stael: Aussi je suis aimé de tous ceux que j'arrête.

Sou (posso-me gabar) sou tão cortez b'leguim,
Que em prendendo alguem fica a morrer por mim.

Imaginou, cuido eu, que o engodo daquellas palavrinhas me faria cahir em devorar a obra. Era o Ramalho a desfarçar o Ortigão. Falhou-lhe o calculo; mas fez-me lembrar a molluria com que o Arraes da Barca do Inferno, no Auto de Gil Vicente convida para que vão com elle.

Basta disto e já foi demais.

Quando virão as *Vaidades irritadas e irritantes*?

Uma só pagina de V. Ex.ª contrapeza para mim toda quanta folhetaria possam fazer todos elles junctos.

Por hoje mais nada.

De V. Ex.ª
o mesmo que sempre

Lisboa, 22 de Janeiro de 1866.

A. C.

Meu querido Castilho.

Continue V. Ex.ª a ensinar-me portuguez, e diga que eu lhe enriqueço o seu diccionario. A meu ver, V. Ex.ª não conhece o que é seu: dá-me as joias, e, quando eu de cá lh'as devolvo, enthesoura-as em meu nome.

Li, ha pouco, aquellas sanctas paginas que precedem os discursos cominatorios de seu chorado irmão. Fez-me chorar. Não lh'o agradeço. Se eu não precizasse de aprender, antes queria ler o Theophilo Braga. Eu derreto-me em gratidão a quem me faz rir.

Adeus, meu querido.

Saudades da D. Anna.

De V. Ex.ª
cr.º e am.º

(23-1-66).

Camillo Cast.º Br.º

Meu caro amigo.

Chegou hontem aqui o Anthero do Quental, com o proposito de deslombar o Ramalho. Derigiu-se a mim, revelando-me o intento bruto. Despersuadi-o, e indiquei-lhe um caminho mais fidalgo. Pediu-me que aceitasse a sua procuração para tractar diplomaticamente o prefacio do pugilato. Fiz-lhe ver que ia sahir do prelo um folheto meu, e podia ser que elle Anthero tivesse de me pedir a mim analoga satisfação. Como o homem estava com pressa, levei-o á imprensa e li-lhe as *Vaidades*. Veja V. Ex.ª o comico desta situação! No fim da leitura, perguntei-lhe se tinha que me pedir

contas fóra do campo pacifico da folhetaria. Houve por bem de me dispensar da privação das orelhas. Em vista do que, tomei a cargo fazer que o Ramalho lhe desse alguma especie de satisfação; mas a concessão que o Ramalho lhe fazia era curta para o que elle queria, nada menos que a *retirada das palavras offensivas.*

O Ramalho não quiz, e eu tambem não quiz continuar nesta coisa que vae tendo a côr local do tempo carnavalesco. Nomearam padrinhos. Estão envolvidos n'isto o conselheiro Anthero Albano, Custodio José Vieira e um meu sobrinho que veio d'umas serras de Tras-os-Montes chamado pelo Anthero. O Ramalho escolhe a arma. Creio que se picarão a florete.

Aqui tem V. Ex.ª o que ha. Desconfio que temos o espectaculo invertido do usual nos tablados: a tragedia vem no fim. Salve-se quem poder.

De V. Ex.ª
amicissimo do coração

(26-1-66).

Camillo Cast.º Br.º

Meu caro Camillo.

Hontem, dia dos meus annos, foram-me acordar á cama com o folheto das *Vaidades irritadas* (1) que eu

(1) *Vaidades irritadas e irritantes*, opúsculo acêrca d'uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciência litterária, por Camilo Castello Branco, Porto. typ. Lusitania, 1866, 8.º gr. de 47 págs.

andava almejando havia dez dias. Foi como salva real em anniversario regio. Devorei-o todo ainda antes de vestir a camisa.

Esperava muito e muitissimo do fraternal affecto de V. Ex.ª; e esperava tudo do seu talento maravilhoso; mas achei muito mais do que esperava e do que suppunha possivel.

Conseguiu V. Ex.ª o que não puderam uma duzia de villões com todos os seus esforços: fez-me chorar! mas que lagrimas deliciosas!

Quatro vezes no decurso de tão bem estreado dia foi a obra relida entre admiradores de V. Ex.ª, e por todos proclamada como uma gloria minha e a mais invejavel, e como um triunfo litterario e ao mesmo tempo moral para V. Ex.ª

Eu não lhe hei-de agradecer. Ha favores que excedem toda a expressão. Só lhe digo que o dia mais formoso da minha vida m'o deu V. Ex.ª. Isto lhe affirmo e lhe juro eu.

Meus filhos e toda a minha familia estão ainda em festa com este acontecimento. Consideram-n'o a V. Ex.ª como um intimo e um irmão dos mais leaes. Bem haja por tudo!

Chega-me agora mesmo (favores sobre favores!) a carta em que V. Ex.ª me participa a historia mais que burlesca do Quental com o Ortigão; mas de todo esse acervo de ratices nada mais divertido que o ler-lhe V. Ex.ª a elle, ao Quental, as *Vaidades Irritadas*. Eu dava um milhão por ter espreitado essa scena, e dava dois por ter estado no caso de V. Ex.ª

Tomára já saber o desfecho da tragi-comedia! Ha-de ser provavelmente o do costume; e melhor é assim: vão dar um passeio ao campo para abrir o appetite e

depois voltam muito manos para uma casa de pasto a almoçar costelletas d'um seu semelhante criado com bolota; que eu ainda estou por saber qual dos dois é mais javardo: se o Ramalho, se o Anthero. Parece-me que se lhes pode applicar o que dizia um escravo preto vendido por um senhor que o tosava a outro que o desancava. Perguntava-lhe um am.º *qual ser mais peior;* e elle respondia *ambos ser mais peiores.*

Cuidava o Pápa de Coimbra que elle e os seus tinham privilegio exclusivo para injuriar *Tuto il mondo scomunicato meno la gente di Lavradio.*

Aqui foi dito hontem á noite que os *Quentalejos* queimaram em *auto de fé*, no pateo da Universidade ou não sei onde, o folheto do Ortigão. Não sei se é verdade. Viva o entrudo que vem este anno divertidissimo.

Agora o que eu estou para ver é o que apparece nos bailes de mascaras. A folhetaria vai tomar esse novo aspecto.

Adeus, meu caro, meu prodigioso, meu amavel Camillo.

De V. Ex.ª

nem eu mesmo sei já o que

Lisboa, 27 de Janeiro de 1866.

A. F. Castilho.

P. S. — Que vem a ser o *Olho de vidro*, de que V. Ex.ª me falla na sua penultima? É romance novo?

Meu querido amigo.

V. Ex.ª dá cem por um. Castilho não carecia dos meus respeitos louvores; eu é que precisava d'esta amoravel carta de V. Ex.ª. O meu mestre sabe que um não sei quem se sahiu um dia com uma defesa dos heroismos de Hercules; e logo não sei que philosopho o atalhou, dizendo:

«Pois quem attaca o heroe que defendes, tolo?!»

Quando alguem me perguntava se eu escreveria em defesa de V. Ex.ª, envergonhava-me eu da pergunta.

Hontem á noite, por volta das 10, ficou decidido n'um *tribunal de honra* que as explicaçõens dadas por Ortigão bastavam a satisfazer o Anthero. O tribunal (de que me eu tinha despedido) organisou-se aqui no meu escriptorio, com grave escandalo do Lucena, do Bernardes e do padre João de Ceita que ouviram a algazarra. Se eu tivesse na minha estante o José Daniel, mandava-o descer e questionar. Decidiram pois, os arbitros, que se não esmoucassem os sujeitos. Terça feira, os prelos gemem de companhia com o siso commum.

Ouvi dizer que o Anthero não está contente comigo. Alguem lhe faria ver as impertinencias do meu folheto, que lhe tinham parecido perdoaveis, graças ao tom emphathico em que lh'as declamei. Eu já disse aos padrinhos d'elle que se não incommodassem, visto que eu passava regularmente as manhans na Praça Nova. Seja o que Deus quizér. Espero que o moço me respeite os quarenta annos.

O *Olho de vidro* é o Braz Luiz d'Abreu, que assim se chamava, por ter substituido com aquelle um olho que lhe tiraram em Coimbra. Posso, porem, asseverar

a V. Ex.ª que o medico patusco não era tudesco, nem ficou mutilado nas rixas do ideal.

Remetto hoje a V. Ex.ª a *Lucta de Gigantes*. É coisa aborrecida. As senhoras do Porto teem dito d'este romance peor do que eu poderia dizer dellas. É laudanum puro.

De V. Ex.ª
am.º m.to extremoso

(Porto, 28-1-66).

Camillo

Meu caro Camillo.

Recebo a sua de hontem, e a *Guerra de Gigantes* (1). Do livro fallarei para outra vez; por ora só o temos lido até pag. 56. Nestas já fica apontado a lapis bom numero de boas achegas para a reedificação do Diccionario Portuguez.

O exemplar do Moraes onde vou reunindo estas coisas e outras de diversas proveniencias, poderá talvez por minha morte dar alguns vintens. Cá verão isso depois. Tão util como obscuro sei eu decerto que é este meu trabalho.

A carta de V. Ex.ª não a podia eu dispensar depois da que V. Ex.ª me fizera o favor de me dirigir na antevespera: estava muito inquieto por saber o fim da traji-comedia, ainda que lá me parecia que os dois tolos o não seriam tanto que fossem arriscar as suas preciosas vidas podendo ficar viuva a philosophia se morresse

(1) *Lucta de Gigantes*—Narrativa histórica (entre as familias César e Mascarenhas no século XVII) Porto, tip. Com.º, 1865, 8.º de XL, 240 págs.

o Quental, ou mudo para sempre o oraculo da critica se o Ortigão estendesse o jarrete.

Bom foi assim. É farça acabada. Provavelmente a estas horas já se abraçaram tendo derramado copiosamente vinho em lugar de sangue.

Tomára já ver os termos da satisfacção que não podem deixar de ser divertidos. Os periodicos hão-de trazer isso.

E a proposito de periodicos ouço que um dos portuenses fallando da chegada do Anthero a essa terra lhe deu a patente de meu *herculeo adversario*. Admira que a cevada não esteja pela hora da morte!

Uma coisa para notar no meu *herculeo adversario* é ser elle tão melindroso, tão vidrento, tão *noli me tangere* quando se tracta de expressões duras que lhe atirem, sendo tão prodigo de injurias para com os outros; e não só isso: ter sido elle o primeiro que desta discussão litteraria fez disputa da Ribeira-nova e desesperar-se de lhe tomarem o exemplo.

Com V. Ex.ª estou eu persuadido que elle se não mete apezar de eu não desconhecer o quanto elle é asno. Com um Ramalho Ortigão que é apenas uma bexiga inchada de ar fetido pode um gaiato lembrar-se de brincar; com o escriptor mais popular d'um reino muda a coisa muito de figura. Em todo o caso, o proposito de V. Ex.ª é dignissimo: nem duelo, nem privar-se de aparecer onde costuma. O que eu só lhe recommendaria era que passeasse sempre com uma boa cana da India; ou um azurrague no bolso da sobrecasaca.

Escuso de lhe recordar que tem filhos; que uma pessoa que lhe é muito cara se acha em estado melindroso em que muito podem influir as commoções fortes;

e que finalmente, a vida de V. Ex.ª pertence hoje, e importa muitissimo, a todos os que nos empenhamos no bom cultivo da lingua e na gloria litteraria deste reino tão gravemente ameaçada.

Sem venias que para entre nós tenho já por descabidas e impertinentes, acho que o reparo que V. Ex.ª faz a pag. 5 das *Vaidades irritadas* não é talvez de todo bem fundado. A culpa deve porem ter sido de me eu não ter explicado com assaz de clareza no que ao Pereira escrevi acerca de Braga, Quental e o nosso Vieira de Castro.

A minha ideia era esta: que a severidade dos juizos criticos do Chagas eram mais uma abonação que um impedimento para mestre da litteratura moderna; e a este proposito disse os meus porquês. E para me não redarguirem dizendo que eu metia ao escuro os documentos com que esse desabrimento se demonstrava, apresentei logo os tres mais recentes, e com que mais bulha se podia fazer e se fazia; que eram Theofilo, Anthero, e Vieira de Castro; mas, porque eu reconhecia como V. Ex.ª a enorme differença que ia dos dois primeiros ao terceiro, dei-me logo pressa em os separar, deixando os dois cavalos alados sem lhes marcar preço e demorando-me complacentemente a especificar o que no orador nascente, e que dentro em pouco ha-de ser grandioso, me parecia mais credor de admirações.

Por outra; consociei os tres nomes, pelo que tinham de commum, que era o haverem sido tres pacientes da alta justiça do Chagas; mas quanto a irmanal-os em merito, declaro e afirmo a V. Ex.ª que nunca me passou pela cabeça o fazer tal; pelo contrario, entendo que nesse sentido todo o confronto do terceiro com os outros dois, seria uma imperdoavel injuria á boa razão. Se

V. Ex.ª escrever a Vieira de Castro e me quizer fazer o favor de lhe summariar isto, muito do coração lh'o agradecerei.

De V. Ex.ª

o mesmo q̃ sempre e para sempre

Lisboa, 28 de Janeiro de 1866.

A. F. de Castilho.

IV

UM EMPRÊGO PÚBLICO PARA CAMILO

Generosa iniciativa de amigos e nobre atitude de Camilo para com Inocêncio da Silva.—Primeiros anúncios da visita a S. Miguel de Seide. — Um folhetinista condecorado. — Apreciações sôbre a *Lucta de Gigantes.* — O resultado do duelo Ramalho-Quental. — *O Judeu.* — Trata-se da edição do primeiro romance de Eugénio de Castilho. — Partida para a casa de Famalicão. — O debute literário de D. Maria Amália Vaz de Carvalho. — Vai seu fim a tradução das *Georgicas* de Virgílio. — Preparativos em S. Miguel de Seide. — Os primeiros rebates sérios da cegueira.

Meu carissimo amigo.

Encontro na *Gazeta de Portugal* de hoje na 1.ª pag. uma noticia da Bibliothéca das Côrtes que me faz pensar em V. Ex.ª e em nós. Leia e medite. Aquelle emprego não lhe conviria? e, convindo-lhe, não lhe seria facil obtel-o?

Quanto á primeira pergunta parece-me que a resposta não poderá ser duvidosa. Camillo Castello Branco e uma livraria convem-se mutuamente. Accresce que os ares de Lisboa sem se poderem chamar bons hoje em dia, sempre são mais benignos para a sua querida enferma que os do Porto; e aqui sempre V. Ex.ª teria mais á mão quem o entendesse e com quem se aprouvesse de conversar.

Da minha choupana ao palacio das Côrtes vão hoje 200 leguas bem puchadas, mas residindo V. Ex.ª por alli ser-me-ia a distancia d'um passeio.

Pelo que toca a vencimentos não sei quaes serão os do bibliothecario; mas parece-me que, sejam elles quaes forem, sempre hão-de valer a pena, que a de estar numa bibliothéca não se me figura ser das maiores, se já não é o maior dos regalos para V. Ex.ª

Falta saber como se ha-de segurar aquillo, com tempo, antes que fuja empolgado por algum insignificante bem apadrinhado.

Entendo que apresentando-se o nome de V. Ex.ª já nenhum concorrente se animaria a oppor-lhe o seu; e se alguem o fizesse entendo tambem que lhe perderia o feitio; pois quem ha nas Côrtes ou no governo ou seja onde fôr, que possa ter o descoco de antepôr outrem a V. Ex.ª quando se tracta dum emprego de tal natureza.

O nosso Rebello da Silva pode muito na camara dos pares, e é amicissimo de V. Ex.ª e das lettras. Porque não ha-de V. Ex.ª escrever-lhe fazendo-o seu procurador no negocio, se o negocio lhe convem como se me figura? Rodrigues Sampaio, decerto que o havia de cuadjuvar, e esse hoje póde muito.

No mesmo caso se acha Thomaz Ribeiro e quantos outros se não acharão no mesmo caso.

Pense bem nisto, meu amigo, e não perca tempo. Nós precisamos de V. Ex.ª aqui e eu creio que Lisboa é a terra do seu nascimento; não é?

De V. Ex.ª o mesmo que sempre,
confrade amicissimo,
e brevemente visinho segundo espero

Lisboa, 30 de Janeiro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu caro Camillo.

Traz hoje a *Gazeta de Portugal* um artigo do Teixeira de Vasconcellos em que se faz justiça a V. Ex.ª Queira lêl-o, e verá como elle e a minha carta de hontem a V. Ex.ª, se encontraram em espirito.

Cito-lhe este artigo como prova de que não ha-de faltar entre os influentes quem trabalhe em grangear para V. Ex.ª um retiro litterario que tão devido lhe é: *Otium cum dignitate*. Teixeira de Vasconcellos pode muito com a gente do ministerio actual. Por quem é, não desaproveite um conjuncto de circunstancias tão favoravel.

Quem é Augusto Malheiro Dias de que esta mesma *Gazeta* falla, como autor de um folheto publicado ahi ácerca da questão coimbrã? Pelo modo é *Quintalejo* e *Braguez*. Pois benza-o Deus, e não o lamba o gato. Eu já d'aqui o absolvo; lá ouvil-o lêr, é que não.

Outra idéa que me acudiu esta noite na cama. Porque não ha-de V. Ex.ª ter uma d'aquellas machinas de copiar tão uzadas hoje em dia nos escriptorios dos negociantes, e reproduzir com ella as cartas que escreve, para no-las poder dar depois em volume impresso?

Eu ainda não vi uma unica das que V. Ex.ª escreve quotidianamente de improviso e a brincar, que não fosse dignissima de ficar archivada em livro, com o seu nome.

V. Ex.ª sabe, e melhor do que eu, que este genero de litteraturinha mecheriqueira, meio termo entre obra e conversação, lhana e corrente com todos, e geralmente havida por mais sincera que as obras meditadas, foi em todos os tempos saborosissima leitura, e muito instructiva tambem; haja vista ás cartas de Cicero e

Plinio, ás de Sevigné e Voltaire, ás de Schiller e Goethe, etc.

Para rehaver as que V. Ex.ª ha-de ter perdido até hoje, parece-me que seria um bom meio pedil-as o editor numa circularsinha ás pessoas a quem V. Ex.ª as tiver mandado. Ninguem recusaria um convite com que ficaria lembrado da posteridade sem metter para isso prego nem estopa.

Pelo que toca ás com que V. Ex.ª me tem honrado, cá as tenho todas juntas.

Estou ainda sem saber coisa alguma da borracheira entre Quental e Ramalho. Os jornaes do Porto hão-de ter trazido hoje alguma coisa mas ao meu ermo nenhum chegou ainda.

De V. Ex.ª
o m.^mo^ que sempre

31 de Janeiro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu querido Amigo.

A versatilidade do Anthero não o deixou estar quieto com as deliberações dos padrinhos. Desfizeram-se as explicaçoens escriptas, e voltaram ao desforço pelas armas. Ainda hoje se não sabe quando se baterão, porque o Anthero não encontra padrinhos. O Ramalho escolheu a espada, e provavelmente fere o adversario.

Pelo que toca á minha pelle, as observaçoens de V. Ex.ª são de muito amigo, e lh'as agradeço; mas não me dá isso que pensar nem que temer. Eu, felizmente ou infelizmente, quando era rapaz, pagava as custas de muitas querelas que os covardes davam contra mim. O Anthero hade achar quem lhe conte isto.

Beijo as mãos de V. Ex.ª pelo muito affecto com que

se lembrou de mim para bibliothecario da Camara dos Pares. Já o Vieira de Castro me fallou no mesmo emprego, e eu respondi o que respondo agora a V. Ex.ª: o Innocencio quer o logar, e será muitissimo vil quem lh'o disputar.

Eu penso ter já dito a V. Ex.ª que scismo em me ir emboscar n'uma floresta do Minho, e estar por ali até que meus filhos possam ir para Coimbra onde tenciono acompanhal-os. Creio muito no valimento de Rebello da Silva e Thomaz Ribeiro e outros, mas creio muito mais nos bons resultados da minha pobre independencia. Deus me livre da necessidade para que Deus me livre de precisar d'elles. V. Ex.ª tem uma bellissima alma. Já agora irá assim com ella a Deus, sem ter conhecido os homens... O *abstem-te* de Epicteto, a meu ver, é toda a lei e profetas. Tinha 2 contos de reis de livros, economias de vinte annos de trabalho: começo a vendel-os para comprar uma horta. Emquanto uns fazem luz, eu vou fazer couve gallega e repolhos das chronicas dos frades.

Meu presado amigo, V. Ex.ª mal imagina que tristesa vai n'isto, e quanto me pesa esta vida captiva de duas creanças que m'a pedem.

De V. Ex.ª
am.º ded.º

(2-2-66) (1).

Camillo Cast.º Br.º

(1) A data de 2 de fevereiro de 1866 nesta carta está indicada em caligrafia diferente ao lado da assinatura de Camilo que se esquecera, como tantas outras vezes, de a datar. Mas essa data deve estar errada, porque no rascunho da carta de 1 de fevereiro, de Castilho, já se responde a alguns pontos dela. Portanto, Camilo deve tê-la escrito em 30 ou 31 de janeiro, tanto mais que em 2 de fevereiro escrevera outra, e, nessa, poz a data do Porto bem clara.

Meu caro Camillo.

Quanto mais o vou conhecendo, mais o admiro, e mais lhe quero, e mais pena me faz que a sua ventura se não iguale com o seu merecimento. Eu não sabia que o Innocencio intentava no emprego de biblyothecario das Côrtes. Se o tivera sequer suspeitado, nem pela idea me passaria rogar o que roguei a V. Ex.ª

Va-se pois para a sua Thebaida que bem caro a compra se para a obter se desfaz dos seus livros, amigos optimos que tanto e tão bem o tem ajudado a edificar, a pedra e pedra, a sua gloria. Por filhos tudo se póde sacrificar.

Eu hei-de fazer toda a diligencia para ir passar trez dias e noites, com V. Ex.ª, no seu homisio silvestre logo que saiba que está de posse d'elle e de si mesmo. Quero-lhe dar com um bom abraço os parabens de ser ao cabo redimido da galé da cidade. Outro tanto podesse eu conseguir! Sempre o desejei mas já o não espero.

Ahi é que lhe vai reflorir mocidade e cantar a consciencia.

Deus vendo-o desterrado voluntario por amor de seus filhos, ha-de-lhe abençoar a solidão, recompensal-o com a medrança d'elles e conceder-lhe forças e animo para ir accrescentando de dia a dia a herança de celebridade com que os deixa, não sei se enriquecidos se onerados.

Sim, quero ir vel-o e admiral-o entre arvores suas e bem suas, debaixo de um tecto seu, e bem seu, no meio do seu ranchinho, com muita paz interior, e uma vastissima gloria em perspectiva.

Prepare lá um colchão de palha de milho e dois cobertores para agasalhar a outro ermitão, mais que nunca

desenganado hoje, das vaidades mundanas e das villezas dos homens.

Eu bem sei que V. Ex.ª nunca foi dos achacados de medo; entretanto permita-me lembrar-lhe outra vez que uma bengala de cana da India não podendo ser um pau ferrado, sempre é boa companhia para quem passeia em povoados infestados de lobos.

Quental é doido, mas a doidos bravos que se não podem aceitar desafios é licito rechaçal-os á lambada.

Recebi hontem, do Rio de Janeiro, folhas do *Diario Mercantil* em que vem 4 cartas excellentes de meu irmão José sobre a *eschola coimbrã*. São principalmente contra o Quental. Theophilo e os mais estão de remissa, mas lá lhes ha-de chegar tambem o seu S. Martinho, concluida que seja a chacina d'este primeiro porco, para o que só faltam outras cartas que já ficavam feitas.

As 4 primeiras vão-se reimprimir já num folheto; espero poder-lh'as enviar brevemente.

Fico por aqui para que esta carta não chegue tarde ao correio.

Cumprimentos do mais respeitoso affecto á minha futura hospedeira. Como vai ella da sua pobre saude?

De V. Ex.ª cada vez mais admirador
e mais amigo

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu amigo.

Ha quarenta e oito horas que não sei nada dos litteratos pugnacissimos. Estou esperando, a cada hora, a nova de se terem esmoucado na rua, á mingua de padrinhos que honorifiquem a péga no campo da honra e dos nabos. V. Ex.ª sabe que, em redor do Porto, quem quiser bater-se ha-de entrar n'um nabal.

Eu já tenho pena do Anthero: a gente condoe-se sempre de quem está expiando. O Ramalho foi agora agarrochado por um dos Coimbroens. V. Ex.ª veria a coisa, que tem duas paginas verdadeiras.

O Malheiro, que escreveu aqui umas maravalhas em linguagem de quatro pés, que se avantaja muito á *sesquipedalia*, não sei quem é. Dizem-me que é o snr. Malheiro.

Desejo muito ver as cartas do snr. José Feleciano de Castilho. Os escriptos sobre critica litteraria, como o irmão de V. Ex.ª os escreve, denotam erudição extraordinaria, vigor e admiravel juventude de espirito. Não sei como V. Ex.ª e elle se não lembraram ainda de escrever a nossa historia litteraria. Quem escreveu as biographias de Bernardes e de Fernão Mendes deu o modêlo da analyse e da narrativa; mas não ha quem se aventure a imital-os.

Quando V. Ex.ª encontrar Antonio Augusto, peço-lhe que o abrace pela honra e benevolencia que me dispensou no seu artigo; e depois, se elle m'o permittir, rogue-lhe V. Ex.ª que se lembre sempre de mim como amigo, mas como pretendente não. Imagino eu que é dar azo a que os parvos se riam de mim, estarem os meus amigos confessando que eu não achei ainda graça deante dos governos.

Agora me estou eu comendo de inveja do habito de Christo que deram ao Julio Cesar Machado. Ao mesmo tempo gosto de ver nobilitada uma coisa com que ha muito tempo os governos aforavam os regedores de parochias ruraes. Se isto assim continuar, pode ser que eu ainda vá pedir ao rei esta especie, já que m'a não offerecem.

Porque lhe não deram o habito de S. Thiago?

Ah! já sei: é que a ordem do sancto renasceu para galardão dos litteratos tão sómente. Destruiram e dirimiram assim a alcunha que o alegre folhetinista gosava meritoriamente.

V. Ex.ª fez-me sonhar bellos dias na minha suspirada casinha das carvalheiras do Minho! Se V. Ex.ª lá for, deixa-me depois um alegre trabalho de alguns dias. Farei erguer uma pedra no meu quintal e mandarei antepor a uma data o nome de V. Ex.ª. Quantos, volvidos annos, hão-de ver com lagrimas, aquella pobresa dos coraçoens ricos! Olhe que prometteu, meu amigo. Então leremos as *Georgicas* de V. Ex.ª e de Virgilio.

Adeus, meu muito querido Castilho. Não deixemos profanar as cartas que vão atando as nossas almas. Á maioria dos ledores dos meus futeis livros não divulgaria eu sentimento algum dos graves que ainda me consolam e contentam.

Alem de que, meu caro amigo, escrevo a pouca gente, e a ninguem com o destemor e ingenuidade com que o faço a V. Ex.ª

De V. Ex.ª
affectuosissimo amigo

Porto, 2 de Fevereiro de 1866.

Camillo C. B.º

Meu bonissimo Camillo.

Sim que hei-de ir! Tão depressa o seu *Oberon* lhe tenha improvisado o eremiterio emboscado nas carvalheiras, verá V. Ex.ª correr por elle dentro, a abraçal-o, o seu fiel *Cherasmin* que lhe ha-de furtar, para si, pelo menos tres dias de delicias e talvez oito.

A magua é ser-lhe preciso desfazer em terra e transformar em arvores, os seus classicos a quem tanto deve e a quem por V. Ex.ª tanto devemos todos nós.

O que doe vender esses amigos velhos da alma e do coração, sei-o eu já por experiencia, que para poder regressar de S. Miguel para a minha terra, tive de me desfazer de boa parte da minha livraria, e já cá em Lisboa depois de chegado amarguei egual sacrificio para comermos.

Parece que estou já conversando muito, mão por mão, ao luar com o auctor do *Bem e do Mal*, sentados no poial rustico á porta do seu tugurio, ouvindo estalar o lume que lá dentro nos prepára a ceia.

Se a pedra comemorativa da visita dum solitario a outro ha-de deixar unidos os nossos nomes, acceito e bemdigo a pedra: Ficará para testemunha, a quem vier depois, de que no tempo do diluvio dos disparates, houve dois amigos escapos á inundação.

Se os espiritistas atinavam co'a verdade, havemos de nos rir em espirito lá para o diante, ouvir com satisfação o que algum viandante curioso ha-de por ventura dizer nesse lugar.

Lá mandei ao Teixeira de Vasconcellos a carta de V. Ex.ª com a condição de m'a restituir. De paginas assim, sou eu sofrego; nem para mercar uma casinha com um quintal me desfaria dellas.

Ao Julio Machado mandei copia do que V. Ex.ª me diz do seu habito de Christo. Estou certo de que lhe havia de dar gosto o ver-se lembrado assim por V. Ex.ª.

É bom que nos apertemos cada vez mais em espirito de verdade e fraternidade os que ainda cremos nisto das boas lettras, e trabalhemos, cada um segundo as suas forças, para as servir e amparar contra os ursos do norte.

Com que então não ha padrinhos para os Quichotes! Coitados! morrerão moiros. Ao menos não teremos que lhes rezar pela alma.

V. Ex.ª não se ha-de descuidar de me ir contando o mais que fôr occorrendo nesta ridicula materia. Quanto á cana da India, o dito, dito! não passeie sem ella; os doidos sempre são doidos.

As *Vaidades irritadas e irritantes* andam aqui nas palmas, do que muitos parabens me dou.

Não conheço isso a que V. Ex.ª se refere quando diz: «o Ramalho foi agora agarrochado por um dos Coimbrões. V. veria a coisa que tem duas paginas verdadeiras».

É folheto? é artigo de periodico? Queira alumiar-me para eu procurar, porque ainda que pouco oiço ler destas coisas, sou um dos curiosos que desejam ter completo este Monte Pedral.

Tullio anda compondo uma historiuncula bibliografica e critica das principaes guerras litterarias que por cá tem havido; a do tempo do Verney sobre os estudos; a do tempo do José Agostinho sobre os sebastianistas; e a do nosso tempo sobre as embofias litterarias. Nada ainda me mostrou do que tem apurado, mas promete-me que o ha-de fazer brevemente. O prologosito do *Brinde*

do Diario de Noticias augura-me que não ha-de ser má obríta.

Consta-me que o Eduardo Augusto Vidal vai sahir tambem com um folheto; o Freitas e Oliveira publica noutro uma carta que me escreveu e a resposta que lhe eu tornei. Mandar-lhe-hei isso em sahindo, assim como as de meu irmão Jose.

Não sei se já lhe disse que Mendes Leal tem riscado uma comedia sobre as nebulosas curuscantes. Pode ser coisa boa; e acho feliz a ideia de os pôr em scena.

Latino é que nada faz, apezar de poder fazer muito, e de m'o ter por vezes prometido formalmente; nisto mesmo, é que está talvez o impedimento.

Mais algumas miudezas teria para lhe dizer sobre o assumpto mas falta hoje o tempo, e esta carta já vai de monte a monte para quem tem tanto que fazer como V. Ex.ª. Fique o restante para outra vez.

De V. Ex.ª

o mesmo que sempre

Lisboa, 5 Fev. de 1866 (1).

A. F. de Castilho.

Meu presado amigo.

Ficou levemente ferido o Ramalho. Foi á espada o

(1) O rascunho desta carta está datado de 5 de Janeiro evidentemente por lapso do secretário de Castilho.

duello. Estão de gala as lettras. O correio sai e não dá mais tempo.

De V. Ex.ª
am.º e cr.º
Camillo C. B.

(Porto, 4-2-66) (1).

Meu caro amigo.

Não tem razão nem por onde ella passe em me dizer que a *Lucta de Gigantes* é laudano puro (2). Acabámos de a ler agora, 4 horas e 3/4 da tarde deste belissimo dia de primavera, em 5 de fevereiro, meu filho Eugenio e eu.

Creio, sim, que as senhoras do Porto a não achassem temperada ao seu paladar como o geral das obras de V. Ex.ª, e inclino-me a que o mesmo acontecerá com o mais das leitoras femeninas e masculinas do restante do reino. A expressão não é impropria; eu conheço inumeraveis leitores femeos, como V. Ex.ª ha-de conhecer tambem muitos escriptores maninhos.

Para mim este livro é um bello estudo historico sobre coisas geralmenie ignoradas ou mal sabidas. De mim posso dizer que me ensinou muita coisa, e que admirei a habilidade com que V. Ex.ª deslindou e poz a brilhar, ao sol, tão confusos e emaranhados acontecimentos e a arte com que desenhou e colorio tantos caracteres diversissimos.

(1) A data indicada é de 6 e não de 4, mas esta é que deve ser a exacta, pois em que na carta seguinte de 5 de Fevereiro, Camilo se refere à sua *carta de hontem.*

(2) Frase de Camilo na carta de 28 de Janeiro de 1866.

Da linguagem não fallo que essa é a de V. Ex.ª, a do nosso classico principe sem nenhuma contradição:

Que magnifico Sebastião Cezar! Que deliciosa Maria, a filha do frade! que poetico Braz Garcia de Mascarenhas! Deste me tinha eu lembrado muitas vezes como estando a pedir para si um romance!...

Não quero inventariar. Só digo que os que sabem e merecem ler tem de apreciar por força este livro, como fructo de muito boas investigações, de extremado engenho, e de suco moral muito proveitoso.

O meu filho por quem a leitura foi feita começou, de pouco tempo para cá, a querer exercitar-se neste genero de litteratura, e parece-me ter para ella algum geito se não mentem as duas primeiras floritas que já desabotoou.

Tomou por exemplar e guia, dentre todos os romancistas, a V. Ex.ª. Não podia fazer melhor escolha; com isso fico ao menos certo de que me não ha-de envergonhar, relaxando-se na algaravia desses desbragadetes que por ahi e por aqui se nos encampam por escriptores, e que o *sacerdocio da imprensa* não tem consciencia ou não tem miolos para excommungar.

Quando eu fôr visitar a V. Ex.ª hei-de levar commigo este neofito para que m'o confirme nas boas doutrinas.

Essa viagem vai ser para nós ambos uma romaria de devotos.

Em que alturas vai o *Olho de vidro?* Estamos anciosos por elle.

De V. Ex.ª
o mesmo que sempre

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu querido Castilho.

Disse hontem a V. Ex.ª que o Ramalho ficára levemente ferido. Enganei-o porque me enganaram emquanto ao ferimento, que foi uma profunda cutilada no braço direito. O Anthero mostrou que era professor na espada. O outro cedeu-lhe todas as condiçoens vantajosas, pensando que o adversario era leigo. O velhaco aproveitou-as todas. Terminado o duello, Anthero despediu-se de mim e foi para Coimbra. Dê-me V. Ex.ª os parabens, porque fiquei um pouquinho mais socegado. Creio que elle se dignou perdoar-me.

Hoje remetto a V. Ex.ª o folheto (1) que não conhece. Dizem-me que é d'um Guimarães Fonseca, estudante de Direito. Por aqui ha mais dous folhetos no prelo de auctores pouco conhecidos. Um que eu já li manuscripto, chama-se *Litteratura de amanhan* (2). Não vale dois caracoes.

Ainda não disse a V. Ex.ª que o Anthero deu-se por affrontado d'uma só phrase do escripto do Ramalho: é uma em que o outro lhe desfecha o epytheto de covarde porque insultou V. Ex.ª. Já vê que o Ramalho tem e dá como origem do seu dissabor um motivo excellente. Por analoga causa batera-me eu satisfatoriamente.

Deveras lhe digo, meu caro Castilho, que tive pejo de ver ir o outro com todos os dentes e orelhas. Todo

(1) *A litteratura ramalhuda, a proposito dos srs. Castilho e Ramalho Ortigão — Por G. F.* — Coimbra, Imp. Litteraria, 1866, 8.º gr. de 13 pags.

(2) *Litteratura de amanhã. Duas palavras ácerca de um livro do sr. Anthero do Quental. Por E. A. Salgado.* — Tip. «Commercio do Porto», 1866, 8.º gr. de 14 págs.

o escriptor, no meio destes calabrezes litterarios, deve ter sua costella de José do Telhado, e fazer da penna uma faca de ponta. Desde que vi o braço do Ramalho, fiquei febril. Ó minha cabana e minha horta! quem me lá dera já o esquecimento de tudo o que por aqui vai, e a ignorancia das miserias por vir!

Adeus, meu amigo
De V. Ex.ª
de todo o coração

Porto, 5 de Fev.º de 1866.

Camillo C. Branco.

Meu Camilo.

Com que então bateram-se? Fizeram elles m.to bem. Nem foi a primeira tolice da vida delles, nem ha-de ser a ultima.

Falta um Pindaro para cantar agora o *pugilem victorem et equum certamine primum.*

Pode servir o Theofilo. Tem ahi assumpto para mais uma *visão*, a *do tempo d'agora.*

Eu dei a Antonio Augusto conhecimento da carta de V. Ex.ª Ahi vai o que elle me respondeo.

Mais nada. Vá para o seu *Olho de vidro.*

De V. Ex.ª
o mesmo que sempre

Lisboa, 7 de Janeiro de 1866.

A. F. de Castilho.

P. S.—Pelo correio d'amanhã espero poder mandar-lhe o primeiro exemplar das cartas do Freitas e Oliveira e minha (1). É uma bagatella de pouca substancia, mas emfim sempre é uma cotovellada nos marotos.

Meu carissimo Camillo.

Eu por mim não tenho a minima razão para querer bem ao Ramalho, homem a quem não conheço senão pela má vontade com que sempre tem procurado esmordaçar-me. Contudo não deixa de me doer a cutilada que apanhou, e sobretudo por ser dada por quem foi.

O tal menino Anthero que soppunham só doido, é tambem espadachim velhaco! Que lhe preste!

Agradeço-lhe a *Litteratura Ramalhuda* e agradecerei tambem ao auctor se V. Ex.ª me poder dizer ao certo como elle se chama e onde reside.

Já se vê que a folhetaria não pára, nem lá nem cá. Quem ha-de pôr ponto nisto, ha-de ser, cuido eu, o cansaço do publico. Os escriptores e os escrevedores, esses decerto não acuam emquanto cahirem os tostões.

Os versos *Mau-senso e Mau gosto*, atribuidos por uns ao Palha, por outros ao Pedro Diniz, já posso afirmar que não são do Pedro Diniz. Vieram de Gomorrha.

Como vai o *Olho de vidro?* Como vão os seus pe-

(1) *A questão litteraria, a proposito do jazigo de José Estevão. Cartas dos srs. A. F. de Castilho e J. A. de Freitas Oliveira.* Lisboa Tip. «Gazeta de Portugal», 1866, 8.º gr. de 16 págs.

quenitos? e como vai a sua doente? Queira recommendar-me a ella muito recommendado.

De V. Ex.ª
idem in eternum

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu carissimo Camillo.

Andava tão mimoso de cartas suas que principio a ter cuidados por não as receber ha tantos dias.

Lembra-me se estará doente; se estará algum de seus filhos; se a sua enferma peioraria; se a ferida do braço do Ramalho tomaria mau caminho, e isso o terá encarcerado ao pé d'elle.

Eis aqui bastantes impedimentos graves, todos muito possiveis.

Verdade é por outra parte, que um bom aproveitador de tempo como V. Ex.ª é e deve ser, e eu primeiro e mais que ninguem desejo, e reconhecendo que seja não deve despender-se em mandadeiras com que o publico nada tem que ver. V. Ex.ª pertence á Nação ainda mais que aos seus amigos em particular.

Occorre-me tambem se terá ido tomar ferias fóra do Porto e por ventura arranjar a sua ermidinha.

Seja o que fôr, se receber esta, peço-lhe que em trez ou quatro linhas me diga, o como passa e todos os seus, e bem assim se recebeu os dois folhetos que pelo correio lhe dirigi para o Porto; a saber: o do Freitas e Oliveira, e o do meu irmão José.

Por aqui, nada ha de novo que mereça menção.

Diz que saiu segundo folheto de *Ruim Porco Carreiro* e que não fica devendo nada ao primeiro; é o palhaço sensaborão d'esta companhia de cavallinhos.

Do *Panthero do Quintal* nada tenho ouvido, não sei se recolheu ao seu antro de Celas, se viria para casa do tio Filippe ou se estará já em Rilhafolles. Os periodicos nada dizem sobre este importante assumpto, elles, que da outra vez, annunciaram á Europa que o grande homem tinha estado na galeria dos deputados no dia tantos.

De V. Ex.ª
o mesmissimo que sempre

14 — fevereiro de 1866.

A. F. C.

Meu amigo.

Remetto a V. Ex.ª o folheto que lhe annunciei. Sahiu o que eu esperava. É mal creado mórmente com o Vieira de Castro.

V. Ex.ª não me poderá dizer porque é que o Tullio nunca se prestou a mandar-me os livros que V. Ex.ª e Rebello da Silva solicitaram para mim?

Não me parece esta coisa bem cabida no caracter do Silva Tullio. Valha-nos o *nihil mirari* do velho.

De V. Ex.ª
am.º affectuosissimo

s/d

Camillo C. Br.º

Meu bom amigo.

Obrigado pela *Penna e espada* (1).

Quental de certo não accode ao reclamo, nem com a espada, nem com a penna; parece-me isto; pela imprensa não, porque depois das tundas que tem apanhado, e a que não pode corresponder, ha-de estar acabrunhadissimo, intelectual e moralmente; e com as armas tambem não, porque a sua consciencia por pouquissima que seja, deve-lhe ter repetido, o que toda a gente diz, que se houve como um covarde chapado.

Já cá estão as ultimas seis cartas com que meu irmão José o acabou de enterrar no *Mercantil*.

Com estas formamos segundo folheto, que por estes dois ou trez dias ha-de estar impresso, e cujo primeiro exemplar será lançado no correio para V. Ex.ª

Ha muitos dias que não vejo o Tullio; hei-de procural-o esta noite, para lhe recordar a remessa dos livros da Academia que ha tanto tempo devia estar feita. Tullio é bom homem, porem distrahido até alli. Ás vezes até lhe esquece o jantar.

V. Ex.ª nada me diz da sua *bronchite*. Tomo o silencio por bom signal; mas sempre desejava saber mais positivamente o como vai.

O *Eremita do Chiado* diziam ser o Leal Moraes autor da *Pagina Academica;* agora porem dá-se como certo que é obra do Osorio de Vasconcellos.

O Amaro Mendes Gaveta, que alguns imputavam ao Pedro Diniz, e quazi todos e eu tambem, ao Francisco

(1) *Penna e Espada. Duas palavras acêrca da Literatura de hoje, de J. D. Ramalho Ortigão,* por Carlos Borges, Porto, Imp. Lusitana, 1866, 8.º gr. de 16 páginas.

Palha, diz-se agora que é o Cunha Bellem. Seja quem fôr (1).

A folhetaria parece querer continuar. Falla-se de mais obrinhas no prelo. Não arreiem os compradores, que os aristarchos decerto não cansam.

Ramalho fica aleijado? ouvi que sim. Oxalá que seja mentira. Sei que é traste, e meu inimigo muito gratuito, mas nem por isso lhe desejo mal.

De V. Ex.ª idem *in eternum*

Lisboa, 18 de Fevereiro de 1866.

A. F. C.

Meu caro Camillo.

Estou ancioso por novas suas. Diga-me se está já restabelecido e se tem saude em todos os seus. Duas linhas me bastam; mas essas não lh'as dispenso.

Por aqui nada ha de novo que eu saiba.

Os Coimbrões parece que perderam a falla. Será tactica? veremos.

O *Olho de vidro* progride? Quando o teremos impresso?

De V. Ex.ª
confrade amicissimo
e obrigadissimo

Lx.ª, 3 de Março de 1866.

A. F. de Castilho.

(1) O *Mau senso* e o *Mau gosto*. Carta mui respeitosa ao Ex.mo Sr. António Feliciano de Castilho, em que se fala de todos, e de muitas pessoas mais, por Amaro Mendes Gaveta, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro, Lisboa, Imp. de J. G. de Souza Neves, 1866, 8.º gr. de 16 pág. Em verso (Innocencio no *Dic. Bibliográfico* atribue-o a A. M. da Cunha Belem.

Meu presado amigo.

Levantei-me agora por alguns minutos da cama, onde ha muitos dias soffro uma nevralgia geral que me tem atormentado. Agradeço infinitamente a V. Ex.ª o seu cuidado.

O romance está concluido: falta-me desbastar-lhe as principaes tolices.

Dos teutonicos sei que o Anthero passa hoje aqui de caminho para Villa Real, onde vai passar temporada com meu sobrinho, arcade tambem.

Se eu melhorar, brevemente irei abraçar o meu querido Castilho.

A D. Anna parece-me melhor. Creia V. Ex.ª que ella o presa muito, e cada vez pela bem querença com que pergunta pela sua saude. Os meus pequenitos alguma vez irão beijar as mãos de V. Ex.ª

Am.º m.to do intimo d'alma

Porto, 5-2-66 (1).

Camillo C. B.

Meu caro Camillo.

Obrigado pela sua cartinha. Bem me dizia o coração que andava ahi alguma coisa de doença a privar-me de noticias suas. Queira pedir da minha parte á Ex.ma Senhora D. Anna que, nos impedimentos de V. Ex.ª, ou

(1) A data desta carta deve estar errada, porque tudo leva a crer que seja resposta à de Castilho de 3 de Março. A data deve ser 5-3-66.

por molestia ou mesmo por occupação litteraria eu lhe rogo tenha ella a bondade de me enviar ao menos de 8 em 8 dias um paragrafinho summariando-me o que por lá vai.

Recebeu V. Ex.ª as 10 cartas de meu irmão reimpressas aqui em 2 folhetos que eu lhe enviei pelo correio?

Saiu uma resposta ao *Eremita do Chiado;* tambem se não sabe de quem é. A teima na anonymia é uma das canalhices mais caracteristicas da nossa depravação actual.

Oiço que se publicou tambem ahi, mas ainda cá não chegou, um folheto contra o *Poema da Mocidade;* não se lhe nomeia o auctor. Tem noticias delle V. Ex.ª?

Os Coimbrões parecem estar acuados. Já se lhes não ouve a minima pouca vergonha. Entretanto nunca fiando; as rapozas açoitadas fingem-se ás vezes mortas.

O infame do Theofilo sobretudo não me parece muito susceptivel nem de contrição nem de attrição; aquillo é figadalmente mau.

Parabens pela conclusão do *Olho de vidro;* tomaramol-o nós já cá. Estou com fome e sede dessa leitura.

Que novo romance andará já na forja?

Se não pode escrever-me, ou o não pode sem incommodo, a sua companheira que tenha a bondade de o fazer, que eu muito o agradecerei a ambos. Queira apresentar-lhe a ella os meus comprimentos e dar a seus filhos um par de beijos em meu nome.

De V. Ex.ª
o mesmo q̃ sempre e para sempre

Lx.ª, 7 de março de 1866.

A. F. C.

Meu querido amigo.

Recebi as 10 cartas do Ex.mo José Feliciano. Magnificas! A 1.ª e 2.ª da 2.ª serie fiseram-me rir até á tosse de esgana. Aquella ladainha é comica a mais não poder. Este folheto do Vidal que V. Ex.ª me enviou, está brilhantemente pensado e bisarramente escripto. Está-se fazendo esse moço um dos melhores entre os primeiros escriptores. Pouca gente gasta tanta consciencia e reflexão em coisas de lettras.

Contra o *Poema da Mocidade* não sei qual seja o folheto aqui publicado. Eu já não compro, nem procuro, nem espero que d'aqui rebente cogomelo que não seja peçonhento. Dos malandrins tudescos não espere V. Ex.ª mais nada.

Os romances que estou gisando são dois, um é a historia d'um frade que metteu um pelouro de 4 onças no craneo da mulher amada. Achei o conto n'umas allegaçoens d'um Reinicola. Outro é a historia d'uma Engeitada historica, muito conhecida (a engeitada) d'um tal desembargador da Relaçam Freitas Costa que m'a contou (a historia).

Estes hão-de ser escriptos entre as arvores do Minho. Historia tambem eu dou uma bonita: é a d'aquelle pobre diabo que marinhava com o rochedo ao tôpo da montanha, e vinha á raiz emcambulhado n'elle. Qualquer hora, acaba-se-me o tormento, faço-me politico, e depois verei como heide passar de mariola a commendador e a rico.

Para desinfernar o espirito, e aquietal-o entre dois innocentes que brincam, direi a V. Ex.ª que dei os seus beijos em meus filhos.

A mãe agradece-lh'os a V. Ex.ª e lembra-se com muita saudade d'aquellas noites da Calçada do Salitre.

De V. Ex.ª
amicissimo deveras

s/d

Camillo Cast.º Br.º

P. S. — Remetti hontem a V. Ex.ª o *Judeu* (1).

Meu carissimo Camillo.

Aqui me entregam neste momento os dois volumes novos de V. Ex.ª

O que a sua mão, inspirada mais pelo seu extremoso affecto, que pelo seu entendimento clarissimo, lançou na primeira pagina, referindo-se a mim, comoveu-me, felicitou-me quanto lhe não posso expressar.

Isto é que são balsamos para as chagas do animo!

Vamos entrar já já na leitura do *Judeu*; é para hoje e amanhã um banquete de familia nesta casa. Concluido que elle seja, relatarei a V. Ex.ª o effeito que produzio em nós.

Receba quatro bons abraços meus; um, para si que tanto bem me anda fazendo ha tanto tempo, e os outros

(1) *O Judeu — Romance historico dedicado á memoria de Antonio José da Silva, escriptor portuguez, assassinado nas fogueiras do Sancto Officio em Lisboa aos 19 de outubro de 1739.* — Porto, Typ. de Antonio José da Silva Ferreira, 1866, 8.º, 2 tomos com 262 e 276 pags. — (Viuva Moré).

tres para os que V. Ex.ª ama, e deve amar mais que a si mesmo.

De V. Ex.ª
o maior admirador,
o mais respeitoso confrade
e o amigo mais certo e agradecido

Lisboa, 8 de Março de 1866.

A. F. C.

Meu carissimo Camillo.

A m.ª correspondencia volumosa e impreterivel para este paquete do Brasil veiu-me interromper aborrecidissimamente a leitura do *Judeu.* Concluimol-a agora, 3 h. ¼ da tarde, e acto continuo o abraço em espirito. É um bonissimo livro este; pois não é? De certo. A sua consciencia litteraria, e a moral tambem, devem-se achar muito satisfeitas.

A moral, digo, porque, apesar do que o seculo tem andado, e a philosophia crescido, ainda se percebe, em se applicando bem o ouvido da alma, um certo murmurio de saudades d'aquelles tempos horrendissimos do Santo Officio.

Um jesuita conheço eu (mas conheço muito pouca gente) que estremece mais a um cheiro de heresia do que talvez se arripiasse com o fortum d'uma fogueira em que ardessem meia duzia de pensadores livres. E como este ha-de haver muitos.

Nós vivemos ao sol, e fazemos grande alarido com

as nossas festas e o nosso fallar despejado; — mas quem sabe o que entretanto não estarão, ou machinando, ou pelo menos sonhando e implorando nos subterraneos por baixo de nós, os desherdados descendentes d'aquelles tigres indomesticaveis!

Em todo o caso este prégar humanidade e tolerancia para tudo, excepto os intolerantes, se já não for acudir a um perigo imminente, é, sem duvida, um efficaz auxilio á santa causa da liberdade da consciencia, que ainda se não pode dizer que esteja ganha.

Bem hajam Llorenti, Herculano, e Camillo que, não podendo vingar de outro modo tantos milhões de victimas, exhumam os seus algozes e os flagellam, ou por uma justa retaliação os queimam em estatua, a elles que em vida queimavam os corpos dilacerados de seus irmãos, e as almas tambem, e nellas a caridade, a esperança, e até quantas vezes a crença na Providencia!

Mas para que é estar eu repetindo ao mestre a lição que d'elle acabo de receber? repetindo-a e enfraquecendo-a, porque nenhum discurso se poderia comparar em efficacia com a impressão que deixa para toda a vida esta serie de tragedias tão habilmente encadeiadas no seu romance?

Agora, considerado o livro litterariamente, que prazer não devem sentir, como eu, todos os estudiosos vendo tão lustrosamente expostas as noticias, que só pela toada se tinham, de homens que honraram com o seu talento a nossa terra!

Deus o avivente, meu caro Dumas sem collaboradores, e lhe conceda vida sã e remançosa como tanto o necessitam as nossas lettras e a lingua portugueza.

Vou agora pedir-lhe um grande favor, certo de que m'o ha-de fazer da melhor vontade.

É o caso que o meu filho mais novo, Eugenio de Castilho, concitado, principalmente, cuido eu, pela assidua leitura dos romances de V. Ex.ª, sentiu suas cocegas de ser tambem romancista, e escreveu essas *Miragens da Felicidade*, que ahi lhe remetto com duas cartas a servir de prologo, a primeira, minha, ao Mendes Leal, a segunda do Mendes Leal a mim.

Deseja-se tudo isto impresso num volume do formato do *Brinde* que deu o *Diario de Noticias* aos seus assignantes, e estimaria muito o autor e eu tambem que a impressão fosse feita pela casa Moré, editora de V. Ex.ª. Figura-se-nos isso uma boa estreia.

O favor que de V. Ex.ª sollicitamos é este: que V. Ex.ª apadrinhe a pretensão, se a julgar cabida, e que apresente o manuscripto ao nosso Gomes Monteiro, rogando-lhe da sua e da minha parte que dê elle a mão a mais este principiante, sem medo de que lhe venha a sair agradecido á moda do Theophilo. Tem o meu nome, aprecia-o, e não m'o ha de deshonrar.

O autor não deseja alienar a propriedade da sua obrinha, mas contractar só para uma edição.

Quereria a snr.ª viuva Moré entrar em ajustes com elle, ou commigo, como procurador d'elle?

Querendo, quaes seriam as vantagens pecuniarias que lhe faria? De quantos exemplares seria a tiragem? Em que praso pouco mais ou menos poderia estar concluida a impressão?

Para boa resposta a todos estes quesitos é que eu muito conto com a efficacia do meu Camillo, e com a notoria bondade de Gomes Monteiro, amigo e padrinho natural de todos os mancebos applicados.

Fico esperando ancioso a sua resposta, e muito es-

perançado em que ella ha-de ser muito de satisfazer-nos.

Saudades a todo o seu ranchinho.

De V. Ex.ª
idem in eternum

Lisboa, 14 de Março de 1866.

A. F. de Castilho.

P. S. — Se acharem q.e a materia é pouca para um volume, podem faiar a composição, e se ainda assim ficar engoiado poderá ir para reforço outro romancinho pequeno, que elle já tem feito.

Meu bom amigo.

Eu bem sabia o carinho com que V. Ex.ª havia de favorecer a pretenção do nosso novato; por isso tinha agradecido de ante-mão. O segundo romance com que o senhor Gomes Monteiro dezeja completar o volume para nos não ficar engoiado, intitula-se *Um casinho obscuro.* É inferior ás *Miragens* tanto em extensão como em invenção e poesia. Tinha sido composto antes, e a mão ainda hoje tão pouco exercitada, era-o então ainda muito menos. Acho contudo que se deixará ler. V. Ex.ª o dirá, e pelo que V. Ex.ª disser é que se ha-de fazer obra. O auctor dezeja ainda retocal-o em alguns pontos; por isso lh'o não remetto já hoje.

Eu lembrava-lhe que cerrasse o volume com a traducção que fez do conto de D. Antonio de Trueba *Lo que es Poesia,* fundando-me para isto na tal qual harmonia de suavidade que se dava entre aquellas e estas

paginas; e ainda mais em que estas são repletas de doutrina muito solida e muitissimo bem temperada para todos os paladares; doutrina que vem ao pintar no meio destas disputações que por ahi tem andado acerca da arte de escrever. Acha elle porem que a sua primeira publicação deveria antes ser toda original.

Para mim ha sempre uma consideração superior a estas do amor proprio, e vem a ser a da utilidade real. Se o conto *Lo que es Poesia* ensina e persuade moral e litterariamente como assim é, se foi trasladado como deve ser em verdadeira linguagem portugueza, se não pode deixar de agradar e servir aos leitores portuguezes, tenho para mim que vale mais que muitos originaes.

A V. Ex.ª posso dizer isto affoitamente, porque V. Ex.ª com ser tão assombrosamente creador não se corre de assignar uma ou outra vez traducções de escriptos prestadios, e ninguem ainda se lembrou de lh'o estranhar: enriquece a dois carrilhos a nossa litteratura.

Outro modo haveria ainda de avolumar a edição até ao ponto requerido; era reimprimir (1) umas *Estrellas Mascates* de Dumas e um *Vesuvio Caseiro* de Mery; as *Estrellas* já impressas no *Diario de Noticias* e o *Vesuvio* proximo a aparecer na mesma folha.

Estas facecias, que foram estudos de traducção de francez em portuguez, coisa que para ser bem feita hombreia em difficuldade com o compor original, estas facecias, digo, formariam um postre não descabido ás abetumadas tristezas das *Miragens*. Gosta-se da farça depois da tragedia.

Aqui estão os diversos arbitrios que tem occorrido. V. Ex.ª e o nosso Gomes Monteiro decidirão como en-

(1) Vid. nota 4.

tenderem. O em que assentarem ha-de ser o mais acertado, e isso é o que se ha-de fazer.

Que doencinha é essa agora que o lançou outra vez na cama?

Se emquanto se conserva nella tem parados os seus trabalhos de composição e até de leitura, veja se dicta á Ex.ma Senhora D. Anna para ella ter a bondade de escrever e enviar-me um roteiro chronologico de todas as suas obras, pois dezejava mandal-as encadernar e numerar pela ordem por que foram feitas.

Isto não é uma simples curiosidade; é uma necessidadesinha litteraria.

Muito obrigado está já a V. Ex.a o meu exemplar da 6.a edição do Diccionario de Moraes!

Perdão de tantas impertinencias; antes de se queixar de mim, queixe-se da bondade tamanha com que me atura; mas sei que se não ha-de queixar nem d'uma nem d'outra coisa pois está bem certo de que tem em mim o seu maior e mais certo amigo.

Lisboa, 19 de Março de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu estimado amigo.

Dou-lhe má nova — má relativamente á muito boa que eu esperava dar ao nosso romancista. José Gomes Monteiro enviou-me hontem o manuscripto, fazendo-me saber que o não publicava. Dá rasoens fundadas na critica do romancinho: escusa-se V. Ex.a de ouvil-as. Algumas pareceram-me ajuisadas se fossem feitas a livro de auctor que se não estreasse, com 18 anos de

idade. Não teve que dizer da linguagem: é o entrecho que lhe desagrada.

Casos analogos, já com este são tres que me succedem com José Gomes Monteiro. Não succederá o quarto. Livro meu é que a casa Moré decerto não analisará mais. Ahi está o *Judeu* que em geral está sendo bem acolhido; pois o G. Monteiro considera-o o peor de todos os meus escriptos. Pode ser que todos sejam os *mais peores*, como dizia o preto da anecdota de V. Ex.ª.

Hoje remetto o manuscripto com sincera desconsolação. Não faltará, porém, editor que o melhor aprecie em Lisboa.

De V. Ex.ª
am.º dedicado
Camillo Cast.º Br.º

Porto, 19 de M.ço de 66.

Meu carissimo Camillo.

Fiquei penadissimo de o ter feito passar por essa semsaboria com o Gomes Monteiro. Nunca eu houvesse intentado em tal coisa.

Entretanto o caso não é de morte d'homem; alguma outra volta se lhe ha-de dar. Tentaremos o Pereira ou o Campos.

Aqui tem V. Ex.ª o porque eu tanto dezejava que se organisasse uma *Sociedade editora* a valer, lembrança que tanto fez rir e tão leviana e desalmadamente, o Ramalho Ortigão.

Se houvesse uma companhia assim possante em cabedaes; especuladora sim, mas ao mesmo tempo com

alguma nobreza e dignidade; desejosa de lucros, mas desejosa tambem um poucochinho de bom nome e de louvores merecidos, coisa para que os escriptores tanto poderiam contribuir; se em summa essa empreza fundada com uns estatutos serios, e com regulamentos honrados, timbrasse em merecer o nome de amiga e fautora do saber, havia de acarinhar e favorecer a todos os principiantes de boas mostras, embora fizesse para isso alguns leves sacrificios de que aliaz o futuro a havia de resarcir; e se num ou noutro caso lhe sahisse falido o calculo, assaz e de sobra se poderia consolar desses detrimentos com os avultados ganhos que lhe haviam de deixar as obras dos auctores consumados e populares.

Permitta-me V. Ex.ª aqui um *simile* de natureza inferior mas que me não parece desprezivel como argumento.

Ha em certas lojas de villas e aldeias negociantes que timbram em ter de tudo: comestiveis, fazendas, ferragem, bebidas, enfeites, brinquedos para crianças, tudo numa palavra quanto se possa desejar, para que nenhum freguez deixe de procural-os ou saia sem ser servido.

Nestas lojas *de omni scibili* ha muitas vezes artigos em que o tendeiro não ganha, e até os ha em que perde. Elle bem o sabe de antemão mas nem por isso deixa de os ter sempre, porque os muitos negocios bons lhe dão para os pequenos ruins.

Era talvez uma utupia minha; muito embora que o fosse; antes doidejar dezejando e pedindo isto, do que ser asizado escarnecendo propostas deste genero.

Mas quem lhe disse a elle que era utopia no mau sentido da palavra? ninguem; foi pelo seguro: appresentou-se-lhe uma occasião de abocanhar uma ideia

util, e de maltratar a um homem de boa vontade, e não a quiz perder. A maior parte dos garotos é assim. Deixemol-os; cada qual obra como quem é. Nestes casos é melhor ser dos apupados que dos apupantes.

O que eu senti ainda m.to mais do que a inhospitalidade da casa Moré para com um principiante que se ia soccorrer a ella, foi saber que o magnifico romance do *Judeu*, que foi alem de um optimo livro uma optima acção de patriotismo e de humanidade, não achára graça no juizo de Gomes Monteiro que eu imaginava teria sido o primeiro em lh'o applaudir; pezando-me ainda mais que V. Ex.a depois de ter dado tanto credito e tão avultados interesses decerto á casa Moré, se queira desquitar della por nossa causa. Peço-lhe que tal não faça pois com isso nada se remedeia. Vingue-se continuando a ser-lhe util.

Que folheto é um que me dizem ter-se agora publicado ahi, mas que ainda para cá não veio relativo á questão litteraria? é pelo modo uma sentença afinal proferida sobre os autos findos pela sombra de Cicero. Quem é o autor? Quem é o representante do prototypo da eloquencia?

Peça á Ex.ma Senhora D. Anna que satisfaça em podendo ao rogo que lhe eu enderecei na minha precedente carta a V. Ex.a

Um bom aperto de mão a ella, e beijos e as minhas bençãos aos seus pequenitos.

De V. Ex.a

o mesmo que sempre

Lisboa, 21 de Março de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu carissimo Camillo.

Diga-me como está. Confesso-lhe que o seu silencio já me dá cuidado.

Se me não tem escripto por absorvido nos seus romances novos não me queixo; mas se é por falta de saude ou pelo quebrantamento de animo em que o trabalho excessivo muitas vezes degenera, quero sabel-o e sentil-o.

Se por si não pode, peça a alguem que me escreva duas linhas.

Por aqui nada ha de novo que eu saiba ou que mereça a pena de ser contado a V. Ex.ª: saiu sim um folhetito em verso, 16 paginas de 8.º, intitulado *A Imprensa na Gaiola* (1). Não sei se não será de Pedro Diniz, e o titulo por ora não lh'o percebo; esperemos pela 2.ª parte, pois se promette.

Isto da *folhetaria* está acabando. Tambem já era tempo.

Queira dizer-me se recebeo alguma coisa da parte de Filippe Folque.

De V. Ex.ª
o mesmo que sempre

Lisboa, 2 de Abril de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu amigo estimadissimo.

Tenho padecido continuamente, e não sei quando acabará isto.

(1) *Poemeto — Primeira parte — O Baile* — Lisboa, Typ. J. G. de Souza Neves, 1866, 8.º gr. de 16 págs. Não chegou a publicar-se a segunda parte.

Agradeço do coração a V. Ex.ª os cuidados que lhe dá a minha pobre vida. Vou brevemente para o campo.

Do Snr. F. Folque não recebi cousa alguma. Por cá, penso que já ninguem se lembra da questão das tretas. Morreu, e matou os pobres diabos que a levantaram. Por aqui anda o Theophilo. Não me fallou; queixa-se de eu lhe ter chamado bebado. Que injusto moço! É por causa daquelle vinho novo do Fausto. Perdi aquelle amigo de Peniche!

De V. Ex.ª
am.º sincero e obrg.º
Cam.º Cast.º Br.

Porto, 6 d'Abril de 66.

Meu caro Camillo.

Diz-me hoje o *Diario de Noticias* achar-se V. Ex.ª doente, o que o obrigou a partir para *Villa Nova de Famalicão.*

Escreva-me, ou peça a alguem que me escreva, dizendo-me o que ha de verdadeiro a este respeito.

Eu continuo com saúde, e agora ainda mais por ter começado o meu tempo que é o do calor. Já as minhas arvores me dizem muita coisa agradavel; e o meu Virgilio entre ellas ainda muitas mais. O canto das abelhas corre agora; já passou muito da primeira metade, e vai saindo traduzido, versificado e rimado a meu gosto. Quem me dera já poder mostrar-lhe, pois é V. Ex.ª um dos pouquissimos em quem eu penso para me animar no trabalho, e concitar-me a esmeral-o.

Como está tudo quanto é seu?

Que traz V. Ex.ª agora entre mãos? bem sabe

quanto me interesso em o saber, e interessamo-nos todos.

Recebeu V. Ex.ª uma carta de meu irmão José?

De V. Ex.ª o mesmo que sempre

Lisboa, 12 de Maio de 1866.

A. F. C.

Meu querido Mestre.

Já cá estou na aldea com as creanças e passarinhos. Não sou o proprietário da casa e da carvalheira, que me enverdece o arredor do quintal; mas sinto a satisfação de não ser proprietário de coisa minima, aqui, donde olho para coisas deste mundo, e me parecem todas pequenissimas. Lá nas cidades é que, por vezes, me assalteavam ambiçõens de carruagens; penso, porem, que as minhas cobiças de carruagens na cidade procedem da muita lama que ha lá, lama das ruas, lama de coraçoens, lama entrajada de cokman, de cazaca, usurpação dos alfaiates feita aos albardeiros.

Sorriem-me dias e noutes de muito dormir. Tenho um cavallo magro, no intento de experimentar se a natureza, desajudada de pasto, o engorda. Não terei que me admirar se isto acontecer: porque maior milagre foi a das eguas lusitanas que concebiam dos ventos, exemplo que por ventura devia servir para salvar a reputação d'algumas donzellas suspeitas dos bons tempos de Viriato, e Plinio que refere o caso.

Aqui ninguem me pergunta se o Fontes dará cabo das Inscripçoens, nem se o João Chrysostomo voltará

ao ministerio, a provar que se pode com aquelle sobrenome ter a boca cheia de guano politico. Isto é que é estupidez sancta, meu querido amigo! Quando V. Ex.ª quizer fazer-se por oito dias um homem digno deste paiz venha a Villa Nova de Famalicão, ou diga-me que vae ao Porto para lhe ensinar o caminho d'esta mata.

A Snr.ª D. Anna Placido envia a V. Ex.ª os seus affectuosissimos respeitos, e eu um abraço a seus filhos.

De V. Ex.ª
amigo affectivo

V.ª Nova de F.ªm — S. Miguel de Seide — 15 de Maio de 1866.

Camillo Castello Br.co

Meu caro Camilo.

Já vejo que até nisto mentiram os jornaes. V. Ex.ª passa bem, e está, segundo eu pela sua carta o vejo, num paraisosinho terreal com a sua inspiração e os seus anjos.

Hei-de fazer tudo para ir passar ahi tres dias d'este verão.

Será, mal comparado, uma visita de deserto a deserto como a de Santo Antão ao S. Paulo eremita, com a differença para melhor que eu não vou para o enterrar.

Dos seus trabalhos litterarios é que V. Ex.ª me não diz nada, e eu desejava saber tudo, até porque tenho vergonha de não saber responder quando por aqui a cada passo me perguntam. — « Que está escrevendo agora o Camillo ? »

Ahi remetto mais dois folhetos de meu irmão José.

Estimarei que lhe agradem. Será uma gloria para o autor.

Dou-lhe parte de que temos uma poetisa nova: é uma filha de José Vaz de Carvalho. Chama-se D. Maria Amalia. Conta apenas 19 annos, nunca fallou com poetas nem litteratos, o que me não atrevo a affirmar que tenha sido grande desgraça, passa a vida na solidão de uma quinta a tres leguas de Lisboa sem mais incentivos que os da natureza exterior e interior, e já compoz todavia um poema em quatro cantos intitulado *Uma primavera de mulher*, no qual se não ha ainda perfeição, que de certo a não podia haver, pullulam e abundam todavia exuberantissimas e memoraveis mostras de engenho, de phantasia, de affecto, e de preciosa feminidade.

Dê-me os parabens, e receba-me em troca outros iguaes. É um regalo ver que a Providencia, se é que ella se occupa com estas coisas, nos enviou emfim uma Joanna d'Arc para confusão d'estes herejes litterarios. Queira Deus que elles m'a não queimem, que são capazes d'isso e de muito mais.

Abrace V. Ex.ª por mim todo o seu ranchinho, dê saudades minhas, que as tenho, á sua carvalheira, e receba-as da minha floresta das sete arvores.

De V. Ex.ª
o m.^mo que sempre e para sempre

Lisboa, 21 de maio de 1866.

A. F. de Cstilho.

Meu amigo.

Não fallei a V. Ex.ª dos meus achaques porque o aroma das giestas e do rosmaninho m'os tinham feito esquecer. A infermidade, porém, cá está inveterada no figado e no coração, no baço e no pancreas, na alma e no sangue.

Ouvirão ainda umas cilindras, que ali tenho á porta, os versos de V. Ex.ª, modelados na afinação do cantor das Abelhas? Tambem lá tenho, ao pé das cilindras, uns dez cortiços d'ellas. Veja V. Ex.ª o que aqui vae de poesia, quando não chove e escurece como hoje! Com que trez dias? porque não hão-de ser trinta? Peça V. Ex.ª ao nosso Thomaz Ribeiro que venha tambem. Aqui ha o aroma das boninas e carne assada á lareira; ha vinho verde e agua de rocha. Come-se quatro vezes ao dia, e acorda a gente com fome no dia seguinte. Temos uns mil volumes soffriveis, e um optimo que é o ceo, e outro excellentissimo que é a terra quando não chove; que então se chove, a poesia dos campos é coisa aguada como as prosas do Biester, Deus me perdoe se pecco.

Li hoje uma amostrinha do talento da filhinha de José Vaz de Carvalho. Vem transcripta na *Gazeta*. Permitta Deus que os poetas a deixem florir sosinha, em pratica e amores com os silencios sanctos que a conversam na sua aldea. É lá que aquelle oiro hade incendrar-se e vir ás cidades em bellos adornos d'uma musa cheia de graças originaes.

Eu, meu amigo, estou publicando no *Commercio do Porto* « o Sancto da Montanha » e escrevo uns folhetins ligeiros e magros para o *Diario de Noticias*. V. Ex.ª lá verá.

Não recebi os 2 folhetos do mano de V. Ex.ª. Escrevi-lhe ha dias por pessoa que foi ao Rio de Janeiro.

De V. Ex.ª
am.º affectuosissimo
Camillo C. Br.co

F.am 25 de Maio de 1866.

Meu caro Camillo.

Ahi vae esta carta a Deus e á ventura dirijida para Famalicão. Os Jornaes disseram-nos ha poucos dias que V. Ex.ª tinha ido a Braga. Quero crer que já ha-de ter regressado ao seu ninho; o rifão não póde mentir: o pombo onde tem os ovos, ahi tem os olhos.

Jantei hontem com o nosso bonissimo Thomaz Ribeiro. Elle acceita gostosissimo o convite de V. Ex.ª Ha-de acompanhar-me na minha romaria devota. Mas primeiro tem que ir, logo que se fechem as Côrtes, passar alguns dias na serra. Voltará de lá a Coimbra onde eu o hei-de ir buscar para nos atirarmos junctos ao caminho de ferro. A seu tempo, isto é logo que eu o saiba, mandarei a V. Ex.ª o programma exacto da coisa. O meu 4.º Livro das *Georgicas* está só por oito versos; espero concluil-o hoje. Tinha tido vontade de lh'o mandar apenas o finalisasse; mas agora faço mais gosto em lh'o levar eu mesmo. Acho que não sahiu mausito. V. Ex.ª verá e decidirá. Para mim não ha approvação, em materias destas, mais dezejavel que a sua.

Saberá que finalmente apanhei um exemplar das suas *Folhas cahidas*. Agora creio que já tenho a sua collecção completa; creio mas não afirmo.

Recebeu V. Ex.ª a *Aguia no ovo* que eu daqui lhe mandei? Se lhe não chegou lá queira dizer-m'o para eu lhe remetter logo outro exemplar.

De novidades litterarias nenhumas ha que me conste. Como achou as *Tristezas á beira mar?*

Escreva-me quando poder ainda que não seja senão duas linhas, diga-me como passam os seus filhos e a Ex.ᵐᵃ Senhora D. Anna Placido. Pela saude de V. Ex.ª não pergunto. Quem viaja não pode ser *doente* senão talvez *imaginario;* bem sei que as doenças imaginarias tambem são doenças, mas antes essas.

De V. Ex.ª
o mesmissimo que sempre

Lisboa, 12 de Junho de 1866.

A. F. de Castilho.

P. S. — Ahi vai sempre uma novidadesita litteraria. O meu filho Julio começou um poema sobre a Pintura e acho que vai muito bem. Aquelle acumulla: faz versos e pinta. Tem já alguns quadrositos a oleo que prometem bastante, segundo dizem os que tem voto na materia.

Meu presado amigo.

Vae grande alvoroço cá em casa com a esperança de o termos aqui e mais não sei qual filho de V. Ex.ª (podiam vir todos) e mais o nosso querido Thomaz. D. Anna começa já a engordar as galinhas, e eu a re-

crutar quantas violas e rebecas atroam os coelhos d'estes montes. Ha-de ser festa bruta a valer.

Passo mal dos olhos, meu amigo. Vejo tudo em duplicado, n'estes tempos em que já é desgraça ver as coisas singelas. Aqui desejava eu ter saude, por ser menos infeliz do que n'outra parte.

Recebi os folhetos do snr. Conselheiro Castilho. Seu irmão, meu querido mestre, tambem é um espirito de moço litterariamente muito travesso, com a erudição de quem andou a grangeal-a tresentos annos.

Que sova leva o ilheo! Que lhe preste, e o melhore que está novo para aproveitar.

Ainda não pude ler as *Tristezas* do P. Chagas. Estou á espera dos olhos.

Não falte e obrigue V. Ex.ª o Thomaz, sim?

Mil saudades de D. Anna, que vae dando esperanças de salvar-se.

De V. Ex.ª

S. Miguel de Seide, 18 de j.º 66.

Camillo C. Br.co

Carissimo.

Hontem mostrei a cartinha de V. Ex.ª ao nosso Thomaz, e confirmámos o ajuste. Iremos gosar de tudo isso, mas eu da companhia de V. Ex.ª sobretudo.

Vieira de Castro que se achava presente, disse que aproveitaria a mesma occasião de nós ahi estarmos, para ir fazer tambem a sua vizita a V. Ex.ª. V. Ex.ª tem infinitos admiradores, mas olhe que tambem tem amigos devéras.

Dentre todos elles nenhum o é nem póde ser mais do que eu.

Um abraço á Exma Senhora D. Anna, outro e mil aos nossos futuros Camillosinhos que Deus prospère e abençoe para consolação do pae e continuação de gloria ás lettras patrias.

Poupe os olhos meu amigo, poupe-os. O que elles valem nem V. Ex.ª bem o sabe; costume-se a ouvir ler e a dictar. Faça por vontade e por calculo de prudencia, o que eu toda a vida tenho feito por necessidade.

Adeus meu caro amigo. Até qualquer dia deste proximo julho.

De V. Ex.ª

o mesmissimo que sempre

Lisboa, 19 de Junho de 1866.

A. F. de Castilho.

V

DA VISITA A S. MIGUEL DE SEIDE

Camilo chega a duvidar dela. — No regresso do *Paraizo Perdido*. — Reminiscência e alusões. — O silêncio dos jornais e a lápide inaugurada. — Frase de Tomaz Ribeiro. — A falta de data nas cartas de Camilo enfurece Castilho. — Banhos de chuva e cantos das Geórgicas ao desafio. — Próxima chegada de José Feliciano de Castilho. — Projecto duma obra complementar do poema de Virgílio. — Um traductor hespanhol para a obra de Camilo. — Negociações com a casa Moré para a nova edição do *Tratado de metrificação*.

Meu presado amigo.

Peço a V. Ex.ª que empregue todo o seu valimento para que o nosso amigo Vieira de Castro consiga ser nomeado socio correspondente da Academia Real das Sciencias. Já sei que V. Ex.ª protege o desejo do Vieira de Castro; mas eu não perco a occasião de me constituir mais agradecido ainda ao meu querido Castilho.

Que tempos! Estou quasi a perder a esperança de o ver aqui e ao nosso Thomaz! Já agora, confio no Agosto e, mais que tudo, na promessa de V. Ex.ª. Não perca uma boa occasião de aborrecer-se para depois saborear-se nas doçuras de Lisboa.

Continúo mal dos olhos, mas esperançado na cura.

De V. Ex.ª
o amigo sincero

S. Miguel de Seide, 8 de Julho de 66.

Camillo C. Br.º

Ill.ᵐᵃ Ex.ᵐᵃ Senhora, e meu caro
Camillo Castello Branco.

Aqui chegámos emfim a esta prozaica Lisboa hontem ainda com dia, comidos de saudades que não tem de passar nunca.

Os nossos pensamentos cifram-se todos sob o titulo =o paraizo perdido=. O que me consola é a esperança de que tambem hei-de ter como o poeta inglez um paraizo reconquistado.

O dia que passámos na minha Coimbra levámol-o a recordarmo-nos de V. Ex.ᵃˢ muito mais do que a gozar das bellezas da terra. Até a Lapa dos Poetas, tão cheia para mim de memorias e de mocidade me não desluziu do espirito, nem por momento, as visões de S. Miguel de Seide.

Que digo! aqui mesmo entre os carinhos da minha familia, cá estão e hão-de estar por muito tempo e sempre a negacear-me as imagens das amenidades e dos affectos e dos ocios semi-litterarios d'esse açafatinho onde V. Ex.ᵃˢ foram emboscar os seus bellos corações e a sua immensa poesia. Deus lh'o conserve, que se jamais se lembrassem de invejar a vida a quem quer que fosse seria isso uma coisa para mim ininteligivel.

Agora é que eu avalio bem as affectivas tristezas do Melibeo despedindo-se do Tityro, e aquelle:

Fortunate senex! ergo tua rura manebunt.

Comparem-me V. Ex.as isso com isto de estar dictando esta carta ao vestir-me para me ir para o Conselho.

Basta de fallar de mim.

Como vão os nossos olhos, amigo Camillo? Quando digo os nossos, não lhe fallo senão dos seus. Principiou já os seus banhos de chuva? eu tenciono principiar os meus, amanhã. Oxalá nos aproveitem.

As horas estam-me apertando; estas poucas linhas foram só para noticiar a V. Ex.as que chegámos a esta sua casa.

O cavaquear fica para outra vez, e as saudades para todo sempre.

Mil coisas affectivas para V. Ex.as ambos da parte de toda a minha familia que toda está captivada e encantada do que nos tem ouvido acerca desses seis dias de bemaventurança.

Peço a cada um de V. Ex.as que abrace por mim ao outro o mais apertadamente que poder. Este requerimento que é tão justo por gosto se despacha.

Por aqui fico, e ficamos todos muito bem com esta encomenda; não é assim?

Lisboa, 20 de Julho de 1866.

A. F. C.

Meu estimavel Camillinho.

Não acha V. Ex.ª exquisito, pelo menos, que os papeis publicos, não ommittindo o sôco da senhora Gertrudes Maria na cara do Snr. Antonio Bernardo, nem o lenço rôto perdido na rua dos Canos, nem meia linha escrevessem sobre um monumento generosamente levantado por V. Ex.ª e que muito mais ainda honra a V. Ex.ª do que a mim? Isto é uma corja de patetas e vilões ruins como não ha outros.

A minha pena é que tantas e tão obvias considerações de decencia me estejam atando as mãos para acudir áquella falta dos alarves ou malevolos, ou invejosos, ou não sei quê.

Debalde peço á musa inventiva, com quem aliás tenho muito poucas relações, me sugira um modo natural de mostrar ao publico a minha gratidão para com os dois anjos d'esse meu paraiso. Nada me occorre que não possa logo ser taxado de vaidade.

O meu filho está quasi no mesmo caso que eu.

Resta o nosso Thomaz Ribeiro, que está neste caso mais livre que todos nós. Vou-lhe escrever para que elle diga alguma coisa no jornal da sua terra, ou então para a *Gazeta de Portugal,* ou para o *Diario de Noticias* d'aqui. O *Diario de Noticias* d'aqui com ser o mais tolo, ou por isso mesmo, é de todas as folhas a mais lida.

Creio que nos ficou lá em cima da sua meza o apontamento dos livritos que eu lhe havia de mandar; — se ficou tenha a bondade de m'o remetter.

Um dos taes livritos lembro-me eu que era a minha traducção da *Arte de Amar.* D'esta obra remetto hoje mesmo ao Antonio M.ª Pereira, para elle lh'os enviar,

os dois primeiros volumes. O 3.º, que não tenho, irá logo que me chegue do Brasil. Leia esta obra com indulgencia attendendo ás difficuldades de verter verso a verso e com rima.

Procurei hontem no Bertrand o 1.º tomo da Luiza Sigêa, edição elzeviria para completar o seu exemplar. Não tem nem essa edição nem outra alguma, e accrescentou ao mesmo tempo que essa era rara e de subido preço.

A estas horas já V. Ex.ª está com a heroina do seu novo romance na solidão saudosissima do convento e já tálvez até na brenha do Gerez enlevado em contemplar aquelle ninho de amores. Como a sua musa corre por vias ferreas, pouco tardará que chegue a Roma. Tomara-o eu já lá. Que elementos! que elementos para grandissimos effeitos! Quem me dera já ver a sua *Freira* meditando sobre o campo em que se enterravam as vestaes descuidadas.

Como vão, porém, os olhos? Permittem-lhe acaso acompanhar os impetos do engenho? Que pena e que perda seria se assim não fosse!

Diz-me agora o meu secretario que a copia que eu offereci do 4.º canto das *Georgicas* á Ex.ma Snr.ª D. Anna Placido, tem algumas emendas que não ficaram no borrão que temos em nosso poder. Peço portanto a V. Ex.ª que obtenha da mesma senhora o especial favor de m'a recambiar, obrigando-me eu a remetter-lhe, sem perda de tempo, segunda copia, e mais decente.

Os outros cantos irão indo á proporção que os eu for terminando, visto que este consciencioso trabalho logrou a dita de lhes agradar. O dr. Gaio lá me contou em Coimbra as obrigativas coisas que V. Ex.ª a tal respeito lhe dissera. Beijo-lhe as mãos, e com toda a

ancia, porque para lidas d'estas ha sempre pouquissimos que saibam, e muitos menos ainda que nos desejem animar.

Recebi ultimamente carta de meu irmão José; ainda não sabia ao certo quando poderia chegar a Lisboa; só, sim, que deve ser antes de findo o anno. Tomara-o eu já cá, porque me tomára já lá outra vez em casa de V. Ex.as. Quero e preciso vel-os abraçados. São já amigos; hão-de ficar inseparaveis.

Mais nada. Vou-me a Thomaz Ribeiro, e logo depois ás *Georgicas;* olhe em que boa roda eu vivo mettido: Camillo Castello Branco, Thomaz Ribeiro, Virgilio!

Viva este valle de lagrimas que ainda dá tão boas coisas!

Outro abraço por mim á Ex.ma Senhora D. Anna, e aos tres anginhos da corôa de loiros e flores. Queira dizer-lhes que ella cá está pendurada *in perpetuum* na minha sala.

Saudades do Eugenio.

De V. Ex.a
o mesmo, o mesmissimo que sempre,
visto não poder ser mais

Lisboa, 21 de Julho de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu caro Camillo.

Dizia-me o nosso Thomaz numa carta q̃ recebi antes d'hontem: «Ando meio tonto de saudades; o Camillo foi o diabo que nos apareceu. Aquella estada em Seide fez epocha na minha vida».

Adopto todo este dizer, trocando unicamente o *diabo* em *anjo*.

Agora como se não bastára a commoção que de lá trouxemos, e que não é das que passam facilmente, vem ainda V. Ex.ª acrescentar as minhas saudades com as suas.

Scismava eu ha muitos annos naquillo que dizia o La Rochefoucauld que, até nas maiores desgraças dos nossos melhores amigos, lá ha sempre alguma coisa que nos agrada. Vejo-os a V. Ex.ªs agora ahi sósinhos e entristecidos, sei que temos nisso parte grande ainda que nenhuma imputação, dezejaria sabel-os rodeados só de alegrias e contudo as suas tristezas são moldadas pelas nossas; tem para mim não sei que doçura. É porque o coração gosta de se mirar no seu semelhante como num espelho.

Sim senhor. Afirme V. Ex.ª a si e á nossa adoravel hospedeira e aos anginhos da coroa e ao meu sofá, que só um homem me poderia já agora prohibir a minha romaria annual a esses logares santos; este homem, este patifão, é mais que o D. Luiz, é o coveiro dos Prazeres que o diabo confundisse se aquelle emprego podesse nunca ficar vago.

O nosso Virgilio cá vai com o vento na vella; e sabe V. Ex.ª porquê? por causa principalmente do optimo agazalho que ahi logrou e pela ancia que lhe cresceu de lhe mandar brevemente o 1.º canto e logo depois o 2.º e na cola do 2.º o 3.º. É um penhor de cordeal e gratissimo affecto que eu dezejo fique entre os papeis saudosos e mais intimos da Ex.ma Senhora D. Anna Placido, da muza de V. Ex.ª que neste caso o está sendo tambem minha.

Gomes Monteiro a quem immediatamente remetti o

original para a nova edição do meu Tractado de Metrificação, ainda me não respondeu: elle o fará quando o poder. Não é preciso nem conveniente que V. Ex.ª em tal lhe toque.

Já finalmente cá está o meu primeiro banho de chuva; gramei-o esta manhã com uma heroicidade de que eu mesmo estou pasmado. Entrar na tina, puchar o cordão, e debaixo duma cataracta largar um grande berro foi tudo obra de um instante; um suicida intrepido é que poderia ver-me sem espanto. Afinal de contas este 1.º banho parece-me que já me fez beneficio; almocei melhor que de costume e sinto-me mais agil, talvez para isso concorra a fé.

Imite V. Ex.ª o meu exemplo, e se as suas malditas dores rheumaticas lh'o não prohibem, acuda com este remedio heroico aos seus olhos, a esses olhos por onde todo o Portugal vê coisas tão admiraveis. Quem é depositario duma coisa publica de tanto valor tem grandes obrigações; deve sacrificar-se até aos banhos de chuva.

Mas serio, serio, olhe que isto não custa tanto como parece, e se o arrojo da resolução custa, muito maior q̃ esse custo é a ufania com q̃ se fica depois da victoria. Saiba V. Ex.ª que ha no Brasil um bracarense da especie do Donas Boto, do Ruas e do Alfredo Ansur. É o auctor dum poema intitulado *Os Lusos*. Ahi remetto a V. Ex.ª uma folha do Brasil em que se falla delle. Se depois dezejar ver a obra na integra tambem lh'a poderei enviar.

Vamos agora ao essencial. A Sevigné diz que as mulheres deixam sempre para o fim da carta, por mais comprida que ella seja, o pensamento mais do seu peito. Eu tenho muita honra em me parecer com ellas: diga-me

pois se já começou o romance da *Freira*, da nossa *Freira*, da minha *Freira*. Se a vista lhe não permitte vogar commodamente a essa occupação, estou bem certo de que a nossa boa amiga, com mil vontades, se prestará a coadjuval-o. O tempo que havia de despender em estractar dos classicos antigos empregal-o-ha com delicias em trazer a lume o nosso classico moderno que vale mais que todos elles juntos. Nisto não ha nem sombra de comprimentos. Afirmo-o e documento-o com o meu ex. da 6.ª edição do *Dicc.* de Moraes.

Trate de si que é tratar de nós; mas não se poupe tanto que, abstendo-se de escrever, se abstenha tambem de dictar. Poderá estranhar a principio, pela falta de costume; em 2 ou 3 dias se cria, e já póde ser que dahi ávante até sinta gosto, em improvisar os seus livros, estendido num sofá e de olhos fechados.

Quem tem num tal remanso uma secretária tão completamente habilitada não deve deixar ficar nem um dia a luz debaixo do alqueire.

Animo pois meu amigo. Banhos de chuva, e chuva de romances.

Mil coisas das mais sinceramente amigaveis da parte de toda a minha familia para V. Ex.as ambos e eu sou nem já sei bem dizer o quê.

De V. Ex.ª
e de V. Ex.as

Lisboa, 25 de Julho de 1866.

A. F. de Castilho.

P. S. — Fallei-lhe ha pouco do Donas Boto e do Ansur. A proposito lhe pergunto agora se já leu a *Ondina do Lago*. Se teve essa paciencia diga-me o que é aquillo. Ouvi que até vem inçada de versos errados,

Imaginava-se que o peso das criticas justas tinham morto o diabo do ilheo e talvez matassem; nesse caso para não ficar mentiroso o adagio foi a *Ondina* o seu coice postumoso. Eu não a comprei nem compro, não é por poupar os 5 tostões, é só para que elle se não possa gabar de que vendeu um exemplar. Por minha parte *requiescant in pace* nas lojas dos livreiros.

Meu amado Castilho.

Ai! meu amigo, irei desta vida sem remorsos de ter desbaratado o tempo, que Deus me ainda conceder, na leitura mephitica das Ondinas dos charcos. Tenho o Boto. Ainda o anteponho ao José Theophilo. É asno mais genuino e escriptor mais lusitano.

Este homem de Braga que trata os lusos como elles merecem, tem futuro se tiver tino, e vier para cá. A esposa d'elle, a *lusa Dona Maria Rosa* é a parte de besta mais ditosa que ainda se espojou no thalamo de tão patife marido. Que cocheira deve ser aquella familia!

A carta do snr. José Castilho é uma galante leria que hade fazer conhecido o livro.

A semente do Theophilo, com effeito, é de fecundidade invejavel ao melhor rocim de padreação.

Já tenho cinco dos taes banhos. O que eu tenho sofrido, meu amigo! Que victorias tão amarguradas e até ridiculisadas pelos terrores previos! Mas o certo é que faz bem aquillo! Passo melhor dos olhos, e brevemente começarei a trabalhar. Não sei se começarei pela Freira! Aquellas barrigas, que por aqui se

desventoaram, poderam influir não sei quê na barriga da outra! Ficará, provavelmente, o romance para as noites de Dezembro.

Ainda por aqui está o V. de Castro, que envia a V. Ex.ª muitas saudades.

Recebeu V. Ex.ª o canto das Abelhas? A D. Anna receia que se descaminhe e agradece muito, muito, a V. Ex.ª a promessa dos outros.

São 12 horas. Hoje vamos jantar a V.ª Nova. Abrasa-se tudo com calor. Não ha nada mais sensaborão que conhecer baroens em dias destes. Até breve, meu amigo.

De V. Ex.ª

s/d

Camillo C. B.

Meu caro ermitão das Delicias.

Por quem são — crismem-me com este nome a quinta de S. Miguel de Seide; o retiro de Voltaire no seu Monte Jura não podia ser mais delicioso do que isso ahi do modo como está constituido e habitado.

Recebi a sua ultima por signal que sem data segundo o costume. Ao principio fazia-me isso admiração; agora já o não estranho: quem vive ahi e tão bem acompanhado não conta os dias; vive a olho; deixa-se boiar ao de cima da existencia.

Desempoeire os olhos, descarte-se das dores rheumaticas, semeie novas glorias depois de tantas, e tenha-se por bemaventurado que ninguem o contradirá.

Recebi o Virgilio, e amanhã mesmo o torno a pôr a caminho para lá. Vai elle ficar-se com V. Ex.ª; já que eu não posso, e falle-lhes de mim algumas vezes que

8

será fallar-lhes do maior amigo de todos tres. Não crêem isto? crêem decerto.

O 1.º Canto das *Georgicas* conto que estará findo antes de meado agosto; findo que seja para lá correrá logo como para o seu centro natural. Irá acompanhado de mais alguns versos se Deus quizer, assim como eu o quero.

Não respondi hontem mesmo por que empreguei o dia massiço em escrever a meu irmão José uma carta de 56 pag. a trasbordar, para lh'a mandar hoje pela mala da nossa Embaixada segundo o costume.

Boa metade deste calhamaço foi consagrada a fallar-lhe dos seis mais doirados dias da minha vida. Sei que essa leitura o ha-de encantar assim como a das ultimas duas cartas que V. Ex.ª me escreveo e eu lhe remetti como documentos d'algumas das minhas verdades.

Elle, segundo hoje disse o encarregado dos seus negocios aqui, deve sahir do Rio para Lisboa no dia 4 de Setembro. Prepare-se para lhe receber um abraço d'alma e outro meu.

Os dois primeiros tomos da *Arte* já eu a V. Ex.ª disse que foram mandados ao Pereira para lh'os remetter; agora vou-lhe entregar para o mesmo fim a Biblia de Ceilão e os folhetos de versos devotos na mesma lingua.

É notavel como ainda se conserva passados dois seculos de ingresia a nossa lingua, e mais notavel ainda quanto a mim ver como se alterou na conjugação dos verbos, recuando até quasi á simplicidade silvestre.

Tenha a paciencia de confrontar a versão dos Evangelhos com o texto latino da Vulgata; e no cabo de duas ou tres paginas, ou pouco mais, não só entenderá sem interprete todo o restante mas até poderá, se quizer, escrever naquelle *patois*.

Vão tambem a *biografia* do Moreira e a sua *apologia* escriptas por meu irmão; do mesmo as considerações sobre a segunda Egloga de Virgilio; do mesmo um opusculo sobre ortografia com cuja doutrina eu todavia não concordo; neste assumpto de ortografia sou seu antipoda: elle não descrava os olhos do ceu litterario, eu não os posso despregar do grande interesse terrestre; elle imola tudo a uma satisfação imaginaria dos eruditos; eu posponho tudo do maximo negocio do seculo: á difusão larga da luz pelas turbas. O seu livro em summa parece-me que volta as costas ao futuro para incensar ruinas; e eu não consinto em que se atravessem defunctos, embora dos mais illustres, diante da marcha do genero humano.

Perdão por esta sermoada fóra de tempo e de proposito.

Finalmente vão esses dois folhetos desgrenhados como duas Eumenides: a *Tosquia de um Camello* (1) e o *Ou eu ou elles* (2). Se houver de os ler seja com indulgencia: foram dois vomitos de cholera em que não pude ter mão.

Vou fechar esta para chegar ainda a horas de correio.

Um abraço cordeal á minha boa Antigone e beijos aos tres anjinhos.

De V. Ex.ª

todo e para sempre

A. F. de Castilho.

Lisboa, 27 de Julho de 1866.

(1) *Tosquia d'um camelo* — Carta a todos os mestres das aldeias e das cidades por António Feliciano de Castilho — Lisboa, Typographia Urbanense; 1853.

(2) *Ou eu, ou elles* — por António Feliciano de Castilho — S. Miguel, Typ. de Castilho, Rua das Artes 57, 1849.

P. S.—Já cá tenho dois banhos de chuva. O segundo já me soube muito bem. Experimente e verá.

P. S. 2.º—Queira V. Ex.ª mandar-me copia das lettras do monumento. A que o Eugenio tinha feito, extraviou-se.

Meu amigo.

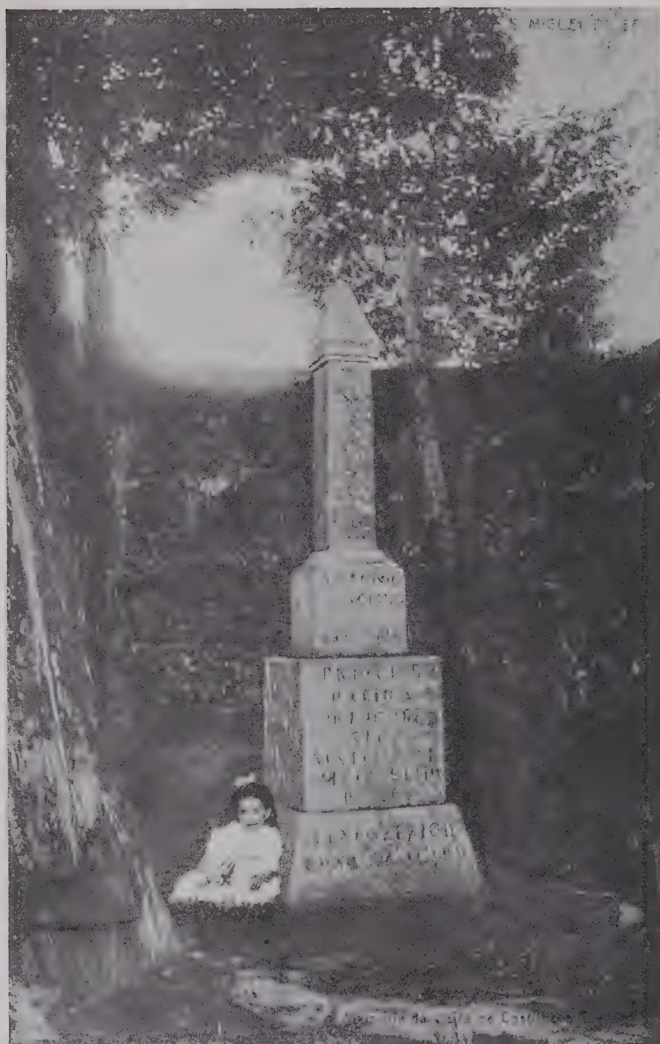
Dá-me V. Ex.ª uma alegre esperança da vinda de seu irmão. Bem vindos sejam! Se vierem em Outubro ainda terão dias de sol, que o outomno aqui é a mais temperada estação.

Beijo-lhe as mãos pela honra que nos dá e pelo bem que nos faz a certeza de sermos tão estimados e queridos de V. Ex.ª.

A minha pequena livraria está almejando pelos companheiros que V. Ex.ª lhe promette. A *Tosquia* já eu cá tenho, dada por V. Ex.ª ha tempos. Dois exemplares, todavia, não são de mais, porque um irá para as estantes da minha visinha, que não é menos avara dos livros de V. Ex.ª.

Vieira de Castro mostrou grande desejo de ser tambem nomeado entre os discipulos de V. Ex.ª na tal pedra tosca. Lá foi, a pesar da mentira chronologica. Os seculos futuros que dirão de nós, dos discipulos? Se alguma coisa deixarmos memoranda, ver-nos-hão em volta de V. Ex.ª

Hoje remetto 2 jornaes em que se diz alguma coisa da nossa festa. Consta-me que outros jornais já tem dito bastante para gloria minha. A lettra da tal



A lápide comemorativa da visita de António Feliciano de Castilho
a S. Miguel de Seide

lembrança diz assim n'uma das faces dos tres pedestaes.

Antonio Feleciano de Castilho,
Princepe da lyra portugueza,
Esteve neste logar em 15 de
Julho de 1866
Mandou erigir Anna Placido

E na outra face:

Com os seus discipulos
Thomaz Ribeiro, Eugenio
de Castilho, José Cardoso
Vieira de Castro, Camillo
Castello Branco

Hontem deixei ir o V.ª de Castro para o jantar do Barão, e deixei-me ficar a brincar com o Jorge. Não sirvo para aquillo. Provavelmente perco a consideração daquelle ricasso; e talvez não, que elle é um bom homem. Hoje tem o Vieira de Castro outro brodio n'uma bella quinta do barão. Eu fico por aqui a saborear umas dores nervosas resultantes do uso excessivo do café.

Muitos affectos da Anna Placido e sorrisos angelicos dos pequenitos, e um apertado abraço do de V. Ex.ª

Quinta das *Delicias*, 29 de Julho de 1866.

Camillo Cast.º Br.º

Meu caro Camillo.

Estou de posse das suas duas ultimas cartas a que ainda não respondi, nem tenho agora tempo de o fazer que me está o Virgilio a abuzinar aos ouvidos; ás comichões poeticas não se resiste.

Estimo e muito que o nome do Vieira de Castro se aggregasse tambem á nossa pedra; esse desejo delle foi para mim obsequiosissimo mas elle bem sabe se eu o estimo.

Naquellas inscripções ha uma coisa que se me não póde coser na consciencia, e é figurar nellas V. Ex.ª como discipulo meu quando a verdade é que eu e todos estamos aprendendo portuguez nas suas obras; a delicadeza e a cortezia podem dizer o que quizerem, mas a verdade é esta, e bem corrente que ella ha-de ser entre os vindoiros.

Restituo as *Abelhas* á sua colmeia e peço perdão á dona de as ter demorado tanto. Vai junto com ellas um autografo autentico do Filinto. Acabo de o receber de meu irmão José e tenho o maior gosto de o depositar entre as raridades bibliograficas de V. Ex.ª.

Quando eu prometti a V. Ex.ª o *Burro Aureo* estava persuadido de que o tinha. Procurei. Havia-se descaminhado. Escrevi ao Barão pedindo-lhe 2 ex.: recebo-os agora m.mo, guardo um, remetto o outro a Ant.º Maria Pereira para lh'o mandar.

Para o mesmo Pereira, e para o mesmo fim envio tambem uma copia feita por meu irmão d'um inedito porquissimo do Filinto, mas de muita graça principalmente sabendo-se que a irmandade de S. Raforinho é a Academia das Sciencias de Lisboa com quem o homem

estava despeitado pelo não haverem admittido *in nostro docto corpore.*

Fica ainda copia doutro sermão do m.^mo^ genero e do m.^mo^ auctor contra os mesmos confrades; para outra vez irá.

Para outra vez tambem lhe direi mais alguma coisa sobre outros papeluchos do Padre igualmente trasladados do autografo por meu irmão.

Uma pergunta de mera curiosidade. Como se entende uma declaração que se lê impressa na sua traducção dos *Martyres* de haver sido a obra revista pelo Soromenho. Elle era revedor da typografia? Revista! Revista como? se elle a vio e revio para aprender, entendo. Revista como o poderia ser a estatua equestre por um burro que debaixo se pozesse a olhar para ella. Explique-me isto por quem é.

Não vieram os 2 jornaes que V. Ex.ª diz remetter-me em que se fallava do nosso monumento; verdadeiramente do seu.

E agora vou-me deveras ao Virgilio.

Um bom aperto de mão á Exma Senhora D. Anna e quatro beijocas ás crianças.

De V. Ex.ª
idem *in eternum*

Lisboa, 2 de Agosto de 1866.

A. F. de Castilho.

P. S. — Tomei hoje o meu 7.º banho de chuva. V. Ex.ª em quantos vai? Valor e Avante!

Meu caro Castilho.

Eu conto a V. Ex.ª como foi escarrado o Soromenho no rosto da versão. Tinha eu traduzido o primeiro tomo e alguns capitulos do segundo, quando sahi do Porto ha sete annos com a D. Anna Placido. Não pude continuar a traducção, apesar do Cruz Coutinho, editor. Este alarve, irado contra mim, convidou o guarda-barreiras Soromenho a continuar a versão do 2.º volume, e, no proposito de vingar-se humilhando-me, deu-me como revisor e corrector da minha traducção á besta constante do frontespicio. Aqui tem V. Ex.ª. Não ha nada mais sujo nem mais extravagante!

Beijo as mãos de V. Ex.ª pelo mimo do autographo precioso do nosso Francisco Manoel. Agora principio a explorar o veio do melhor ouro da minha livraria de estudante aldeão. Assim que V. Ex.ª souber que o A. M. Pereira envia para a casa Moré os livros com que o meu Castilho me brinda, peço-lhe que me avise. Sinto, porem, que V. Ex.ª por amor de mim se esteja privando de coisas tão estimaveis.

Provavelmente perderam-se os 2 jornaes que remetti. Um d'elles, o *Braz Tizana* tinha graça referindo a nossa ida a Landim. Hei-de procural-o em Villa Nova para ainda o remetter. Outras gazetas provinciaes tem dito, e copiado o que lá está na pedra.

Tenho 8 banhos de chuva. Faltam-me quatro proezas; depois d'isto, quem fallar com assombro dos doze trabalhos de Hercules, injuria-me. Sinto-me mais vigoroso e quasi bom dos olhos, bom em relação ao pessimo estado em que os tinha.

O Vieira de Castro já está no Porto, vi-o chorar

quando se despediu das nossas arvores. Agora começo a crer que isto aqui não é feio. V. Ex.ª e os nossos amigos vieram pôr o prêço d'estas coisas, que para mim não passavam de bons mananciaes de oxigenio.

O barão da Trovisqueira faz amanhan uma pescaria no rio Ave que atravessa a quinta da Palmeira perto de Landim. Fui convidado, mas eu prefiro ir passar o dia ao Bom Jesus do Monte, d'onde se avista o Gerez da nossa freira.

Queira V. Ex.ª dizer ao Eugenio que lá da alameda dos Apostolos lhe mandarei uma saudade.

Está a D. Anna muito grata a V. Ex.ª pelo muito bem que lhe faz a sua estima e promette ir ensinando os pequeninos a amarem e a respeitarem o melhor amigo de seu pai.

Já tinha eu visto a excellente carta de V. Ex.ª aos Pernambucanos. Escrever é aquillo, meu querido mestre.

De V. Ex.ª
o mais affectivo amigo

4 d'agosto de 1866.

Camillo Cast.º Br.º

Carissimo.

Deem-me V. Ex.as os parabens: Hontem domingo á meia noite, completei o Liv. 1.º das nossas *Georgicas;* hoje tomei o meu 11.º banho de chuva; agora recolho-me do Conselho!

Não lhe parece isto uma especie de banho russo? primeiro fervura, depois agua fria, por ultimo neve?

Está-se já copiando o tal Liv. 1.º. Em dois ou tres

dias chegará ás *Delicias* onde eu estou sempre, e em espirito o relerei com V. Ex.as.

Passou aqui o serão de sabbado o D. Manoel Sanches Ramos, hespanhol, julgo que emigrado, pintor para modo de vida e homem de talento e instrucção. Consequencia de tudo isto: pobre.

Fallou-se na conveniencia de se tornar de parte á parte conhecido o melhor da litteratura de Hespanha e Portugal. Perguntou-me qual seria o escriptor de cá que merecesse preferido para se traduzir em castelhano. A pergunta não enleiava a ninguem; para começo e tentativa dei-lhe *O Bem e o Mal* offerecendo-me para lhe solver todas as duvidas que porventura o embaraçassem na conversão de um livro tão cerradamente vernaculo. A estas horas deve já estar trabalhando.

Cá vi no *Diario de Noticias* o seu curioso e engraçado artigo sobre a Saudade.

Se ainda ahi está o nosso Vieira de Castro queira dar-lhe por mim um bom aperto de mão.

Queira dizer-me se recebeu o 4.º das *Georgicas*.

Gomes Monteiro nem me respondeu ainda á minha carta nem sequer me fez constar que houvesse recebido o original do meu «Tractado de metrificação»: *beatus venter, qui te portavit et ubera quæ succis ti, et diabulus qui te levet.*

Um abraço á Ex.ma Senhora D. Anna, beijos aos pequenitos; saudades de todos os meus.

De V. Ex.a
admirador velho e am.o
para sempre

Lisboa, 6 de Agosto de 1866.

A. F. de Castilho.

P. S.—Tambem desejava saber se lhe chegou á mão o manuscripto do Filinto.

Camillinho.

Agradeço-lhe a explicação que me dá de se ter publicado o nome de Soromenho daquelle modo na traducção de Chateaubriand. Que destemperos não vão por este mundo!

Não admiro que o nosso Vieira de Castro chorasse ao arrancar-se d'ahi. A todos os que lá estivemos succedeu outro tanto.

Parabens pela melhora da vista. Ainda mal que estes m'os não poderá nunca V. Ex.ª pagar na mesma moeda.

Eu já cá tenho 12 banhos. O meu Virgilio aconselha-me que não pare nelles porque tem reparado em que o sirvo melhor quando os tomo. Animo e persevere tambem. Em tendo mil então descansará.

Os poucos livritos que eu a V. Ex.ª mando pelo Pereira nenhuma falta me fazem.

Depois de amanhã provavelmente irá a copia do 1.º canto das *Georgicas*. O 2.º está na forja. Isto já agora ha-de ir ao fim, d'um folego; ao menos assim o desejo.

Espero remetter-lhe em poucos dias copia dos taes dois sermões porcos do Filinto. Não tem só o merecimento da raridade; V. Ex.ª verá.

Fez V. Ex.ª muito bem em ir namorar do Bom Jesus do Monte a Serra do Gerez. Muita coisa lhe havia de dizer de lá a sua Freira! Tomára eu já cá essas re-

velações. Ande-me para diante, caminho da posteridade, meu immenso poeta da prósa.

As mais affectuosas e mais agradecidas lembranças do Eugenio que ficou sobre modo penhorado com o que V. Ex.ª lhe manda dizer.

Outro abraço optimo á sua Ex.ᵐᵃ Secretaria e Archivista emquanto eu pessoalmente lh'o não vou dar.

Beba-me oxigeneo, vinho do Porto, e inspirações sinceras dos seus alfarrabios, e ria-se dos noticiaristas que lhe dão apoplexias em Famalicão emquanto V. Ex.ª passeia por Braga.

De V. Ex.ª
idem in eternum

Lisboa, 7 de Agosto de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu amigo do coração.

Voltei de Braga constipado. Fazia frio lá na serra como em Novembro. *Isto é ceo de Italia*, diz V. Ex.ª no preambulo do *Amor e melancolia*. Deus lhe perdôe, meu Castilho. Uma pêta assim!... Isto é lá ceo de parte nenhuma!? Sahir um homem de sua casa em Agosto sem *soli Deo* e sapatos de borracha é uma tentativa estupida de suicidio. Por maneira que me tolhi e privei dos banhos restauradores por alguns dias. Boa asneira andar-se a gente a fingir de poeta por bosques e fragarinas n'estes annos de prosa e bronchyte, prosa asthmatica, prosa de visconde de Juromenha!

Agradeça-me V. Ex.ª. Coração e cabeça com as delicias virgilianas das suas eglogas. Conto as horas

e os correios. Pois irá d'um fôlego? Queira V. Ex.ª robusto e prodigioso talento que tanto planea e perfaz sem mais incentivo que o sorrir da gloria, a moeda immaculada dos seculos. A meu juiso, os cunhos da tal moeda mandou-os Deus fundir peculiarmente para Portugal.

O Vieira de Castro volta do Porto para aqui amanhan. Vem a tempo de assistir á leitura do 1.º canto.

Agradeço a V. Ex.ª o apresentar-me ao emigrado espanhol. O meu Castilho não quer que eu me gose da obscuridade que estou grangeando.

Aquella apoplexia de que resam as gazetas é mentira. Um homem de minha compleição e apopletico seria um phenomeno pathologico! Pois tenham paciencia as materias medicas, que eu não me honro com a distincção. A noticia da apoplexia, levantada em Villa Nova de Famalicam, fez com que me apparecesse aqui um medico armado de lancetas e causticos estando eu a comer um pedaço de barriga de freira.

O J.e G. Monteiro tem um feitio esquisito de homem probo. Ás vezes, finge perfeitamente que se esquece de o ser. Não quero nada com elle. Gosto de pessoas menos honradas e mais policiadas.

A D. Anna manda um abraço d'ella e beijos dos filhos a V. Ex.ª. E eu muitos beijos e abraços.

Do coração

Seide, 9 de Agosto 66.

Camillo.

Amigo.

V. Ex.ª sabe que eu mandei fallar pelo nosso Th. Ribeiro ao Gomes Monteiro para se fazer nova ediç.

do *Tractado de Metrificação* pela casa Moré, deixando eu a elle, Gomes Monteiro, o arbitrar as condições de tiragem, annos, preço, prazos e quantias de pagamento, etc. Eu estava de antemão por tudo, reduzindo-se da minha parte as condições a se me enviarem aqui as provas para as eu rever.

No presuposto de que se havia concordado em tudo isto, remetti a Gomes Monteiro o manuscripto acompanhado d'uma carta, em que de novo lhe pedia que fizesse elle o contrato commigo segundo a sua consciencia e os seus conhecimentos practicos; eu assignava-o de qualquer modo; agora recebo delle a inclusa carta. Queira V. Ex.ª lel-a.

Segue-se a resposta que lhe envio por este mesmo correio:

> « V. Ex.ª não quer apartar-se da sua praxe que é receber a proposta dos auctores taes quaes ou com modificações; e eu confesso a V. Ex.ª que não posso acabar commigo fazer eu taes propostas a um homem como V. Ex.ª.
>
> « Neste caso, não podendo nem desejando eu violentar melindres de V. Ex.ª, lanço mão do ultimo expediente que me fica: dou carta branca ao nosso commum amigo Camillo Castello Branco p.ª elle arranjar com V. Ex.ª o negocio definitivamente.
>
> « Eu subscrevo a tudo com a maxima confiança de bom acerto etc. ».

Não ponho mais na carta. Quando V. Ex.ª fôr ao Porto se houver de ir lá, far-me-ha summo favor em arranjar isto; mas logo a valer e sem mais me con-

sultar. Se não tem de ir lá tão cedo, então rogo-lhe que pelo correio se entenda com o homem e igualmente conclua o negocio.

A ultima edição está exhausta ha muitissimo tempo e a obra continua a ser procurada.

Sobre isto nada mais.

Já começou com a *Freira?*

Eu tomei hoje o meu 14.º banho. Exforcemo-nos de parte a parte que o remedio é desenganadamente bom. Concluio-se esta manhã a copia do 1.º das *Georgicas.* Se já estivesse revista iria por este mesmo correio.

Do Liv. II tenho já 120 v. Só hontem fiz eu 50. Graças ao calor *fervet opus.* Grande estação é esta para as cigarras e para mim.

De V. Ex.ª
o mesmissimo que sempre

Lx.ª, 10 de Agosto de 1866.

A. F. C.

Meu carissimo Camillo.

Recebo a sua de 9 do corr.te. Sinto que o Bom Jesus do Monte se portasse mal com tão bom visitante. O agazalho da Quinta das Delicias já a estas horas o deve ter restaurado. Oxalá! Até por causa da nossa *Freira.* Tomei hoje o meu 15.º banho. V. Ex.ª em quantos vai? não me pare antes de 300; então descançará 8 dias para tornar a começar. Afirmo-lhe que isto é bom e bonissimo. Não faz ideia de quanto a

escripta medra com estas chuvas. Estou já no verso 150 do 2.º L. Antes d'um mez lá o receberá todo, se alguma causa imprevista me não poser de sequeiro.

O 1.º ahi vai hoje.

Muitissimo folgo de que o leiam juntos V. Ex.ª, a sua boa musa e o nosso Vieira de Castro. Melhor auditorio não o podia o meu Virgilio desejar. Com tal gente e na quinta das Delicias está-se o napolitano como quer. Se não fosse o não querer eu distrahil-o da sua amantissima religiosa havia de lhe pedir (e m.^mo^ assim lh'o vou pedindo) que me comparassem lá bem escrupulosamente o original com a versão tomando nota de todos os passos em que acharem que andei menos fiel, menos elegante, menos vernaculo ou menos apurado em metro ou rima. Desejo isto do fundo d'alma para ficar com um livro bom e de que a nossa litteratura se não haja de envergonhar.

Emfim a Senhora D. Anna Placido com as sugestões de V. Ex.ª poz-me com aquella pedra umas obrigações que me estam pesando tanto como ella. Ajudem-me a dar boa conta de mim que o devem á consciencia.

O que V. Ex.ª agora me diz acerca de Gomes Monteiro deixa-me pesaroso do que eu pedia a V. Ex.ª na minha carta d'hontem. Dito por não dito. Alguma outra volta daremos á coisa, ainda que eu tenho uma repugnancia de todos os diabos a quanto cheira a negocio.

Ainda não tornei a ver o D. Manoel Sanches Ramos; por isso ignoro o que já terá feito. No serão d'hoje que é sabbado espero que venha por ahi. Então saberei se acertei ou não; espero que sim.

Um abraço ao nosso Vieira de Castro e outro á Ex.ᵐᵃ Senhora D. Anna Placido. Aos pequenitos já

se sabe o quê. Ant.º Maria Pereira ainda não despachou os livros para lá; pelo menos ainda mo não mandou dizer, e prometteu fazel-o.

Th. Ribeiro diz-nos que V. Ex.ª lhe tocara no empenho que tinha de fazer entrar o Souza p.ª a nossa Academia. Espero que não será dificil; salvo se o Soromenho não tramar alguma das suas, com medo de ver na corporação quem lhe faça sombra a elle. O não saber o Souza ler nem escrever parece-me que não deve fazer duvida.

De V. Ex.ª

o amicissimo e eternamente obrigado

Lx.ª, 11 de Agosto de 1866.

A. F. de C.

Meu presado Castilho.

Parece-me que eu disse a V. Ex.ª que desatára as minhas relaçoens commerciaes com José Gomes Monteiro, quando se deu o caso de elle regeitar o romance do Snr. Eugenio, depois de me haver dito que satisfatoriamente o aceitava. Com este rompimento já preparado por outros motivos, vieram explicaçoens por terceiras pessoas, ás quaes eu me mostrei offendido do Gomes Monteiro. Ora, como elle então se não considerou obrigado a dar-me satisfação, o meu pundonor aconselhou-me o córte completo das nossas relaçoens. Nunca mais nos correspondemos nem como negociantes, nem como conhecidos.

Posto isto, devo declinar, com muitissima magua, o encargo com que V. Ex.ª muito me obsequiou.

V. Ex.ª não se peje de propor. Desça, nivele-se com o telónio da casa Moré. Diga quanto quer, e oiça a proposta d'elle, que não ha-de ser indigna. O Gomes Monteiro tem vergonha de offerecer o que outrem offereceria. Alem de que, inutil será intrometter agente n'este negocio. O homem ha-de teimar em querer que V. Ex.ª peça.

Estou com o 8.º banho. V. Ex.ª é mais homem (parece que devia eu dizer mais peixe). Cincoenta versos n'um dia! E que cincoenta versos! Assim, assim, meu caro Castilho. Agora creio que teremos Virgilio com invejas de não ter poetado em portuguez.

Eu vou escrever uns romancinhos para assentar a mão: depois veremos. O Pinheiro Chagas, n'um folhetim do *Commercio do Porto*, decidiu que os meus romances historicos estavam muito longe de ser historicos. Amo a critica deste feitio.

Adeus, meu bom amigo

De V. Ex.ª
amigo sincero
C. Castello Br.co

Seide, 12 d'agosto de 66.

Meu amigo.

O Vieira de Castro tinha partido quando chegou o Virgilio. Li-o, reli-o, e voltarei a lel-o até decoral-o. Vou fazer este agradavel exercicio de memoria. Quero somente saber de cór o que não deve esquecer-se nunca.

Hontem veio aqui um homem de muito longe pedir-me uma carta para V. Ex.ª. Dei-lh'a, mas attenda que eu não me empenho para que V. Ex.ª e seus

collegas sejam injustos. V. Ex.ª sabe o que valem estas cartas, quando outras não averforam o pedido. Parte o correio.

De V. Ex.ª
muito affectivo
Camillo.

(13-8-66).

Meu carissimo Camillo.

Eu tenho uma presumpção e um gosto muito grande em cuidar e quasi saber que V. Ex.ª a ninguem escreve tão frequente como a mim. Juro-lhe que faz muito bem nisso.

Tenho aqui duas cartas suas, não respondidas: a de hoje, e a de antes d'hontem; porque a terceira que me ha de ser entregue pelo seu recommendado, e meu recommendado, por consequencia, ainda não chegou.

Torno comtudo a pedir-lhe muito sinceramente que não me escreva senão quando, alem de lhe apetecer, não estiver com vontade de trabalhar nos seus romances, porque esses são para mim, e para todos.

Sanches Ramos disse ao meu Julio ter já quasi concluido o *Bem e o Mal;* mas que achou na linguagem alguns pontos difficultosos para elle, e que os deixou para os deslindar commigo.

O homem trabalhou por vapor; tanta pressa, a dizer a verdade, não a desejava eu: depressa e bem, só um Adão que eu conheço, e V. Ex.ª não. É um que ainda mora no paraizo terreal com uma Eva amabilissima, e longe de serpentes; até lhe não faltam por lá anjos, mas sem espadas de fogo.

Ainda bem que já recomeçou com os seus banhos. Eu tomei hoje o meu 18; por isso tambem vou já no verso 303 do segundo livro.

O que V. Ex.ª tão delicadamente me diz sobre o primeiro canto dá-me maior animo para continuar que 30 duches.

Mas agora o que eu deveras desejo, e peço com toda a instancia, é que em logar de decorar, analyse, e censure, que isso é que pode ser util; isto, já se sabe, nas horas vagas.

Estou persuadido de que as imperfeições da traducção não hão de ser muitas, nem graves, porque eu nestas coisas trabalho sempre com o maior escrupulo, mas sei que infallivelmente as ha de haver, e se as houver, V. Ex.ª ha de vel-as. Ora as que vir, é que eu desejo que V. Ex.ª me mostre.

Que interesse temos nós em que saia mau o que podia sair bom, ou só bom o que podia chegar a optimo? Ha-de-me fazer isto, sim? eu, trocados os papeis, juro que lh'o fazia.

Peço-lhe *bill* de indemnidade (que formula tão asnatica!) pela minha inconsideração a respeito do homem da casa Moré. Ainda não sei bem o que lhe hei de dizer a elle, nem como.

Elle encommendou ao Chagas outro volume de *criticas litterarias;* como se concilia isto com a ballela que por ahi corre de que a Moré põe ponto na sua vida de editora?

Um abraço á minha boa Antigone, e aos seus filhos, que hão de ser meus amigos, se eu lhes não fugir do mundo antes de tempo; a esses, os beijos do costume.

Lembranças affectivas de todos os meus, que não almejam menos que eu pela sua Freira.

Faz-me pena que o Vieira de Castro já não pudesse ouvir o Virgilio; o agradar áquelle, não me era indifferente.

De V. Ex.ª o amicissimo

Lisboa, 16 d'agosto de 1866.

A. F. C.

Meu Caro.

Tenho vinte duches e 348 versos do original. Faltam-me versos para acabar o segundo livro 194, e duches tantos quantos forem os dias que Deus me der de vida, que espero sejam ainda bastantes, e sem diminuição na vontade de poetar. Para esta minha vontade de poetar dir-lhe hei que muitissimo e até principalmente concorreram V. Ex.as: *me bicipiti memini sommiasse Parnaso.*

Ora sabe V. Ex.ª o que me anda nos miolos desde hontem? é, que apenas concluir e mandar para Pariz ao meu compadre José do Canto a traducção do poema, para lá ser impressa, começar um livro relativo a este e para lhe servir de complemento, encerrando nelle as lembranças archeologicas, poeticas, scientificas, anecdoticas, emfim as lembranças de qualquer genero por qualquer modo interessante que, a proposito do poema, me occorreram em quanto ia vertendo, ou me occorreram ao relel-o.

A este livro desejava eu pôr o seguinte titulo pouco mais ou menos = *Erudições comesinhas sobre as Georgicas de Virgilio. Cartas aos meus bons amigos da Quinta das Delicias.* =

Dão V. Ex.as licença que o tente? e dando-m'a, como

espero, acha V. Ex.ª que uma coisa assim desambiciosa e em forma de conversação, facil poderá ser lida sem tedio por esta gente de hoje estragada, ou sublimada, não sei, pelas estheticas e pelas ambições de creadora, sem chorume real nos miolos para dar de si coisa que se veja, ou que depois de vista se possa rever?

Diga-me V. Ex.ª com toda a sinceridade a sua opinião no assumpto.

Cá veio o Abbade com a carta de V. Ex.ª. O negocio que elle solicita não pertence ao Conselho mas sim ao Director geral dos estudos Adriano Machado, que hoje se acha lá por essa provincia a ferias. Mandei pois o padre para o Amorim com recomendação minha para que este, que está fazendo as vezes do Machado, empregasse toda a sua efficacia em favor da pretensão.

Mais nada por hoje.

Se está já a trabalhar não me responda por ora. Temos tempo.

De V. Ex.ª
como sempre amicissimo

Lisboa, 18 de Agosto de 1866.

A. F. de Castilho.

Pois V. Ex.ª pede-nos licença para nos erguer o melhor, o mais querido e honroso monumento? Ainda que o livro não houvesse de ser um magnifico e utilissimo livro, a vaidade me incitaria a pedir-lh'o, meu amigo. Mas, meu Castilho, com quanta lisura posso, lhe rogo que não deixe esfriar o bello pensamento de acumular riquesas sobre as da versão do Virgilio. Bem

ou mal ha muito quem saiba entrever as excellencias do poeta de todo o mundo: o que toda a gente, tirante V. Ex.ª, ignora é o thesouro que V. Ex.ª vai dar-nos no livro complementar. Donosa idea e inestimavel mimo, a mim e aos seus anachoretas de Seide, principalmente.

Já por aqui faz frio. Calaram-se as rãs e os grilos. Assobia o vento nas vigas, e a D. Anna diz com tristeza « ahi vem o inverno ». Que noites ahi vem de palestras com estes amigos de V. Ex.ª — o Sousa, o Fernão, o P.ᵉ Lucena e — o melhor dos meus mestres — o Castilho!

Tenho escripto coisas ligeirissimas para um livro que ha-de chamar-se *Cavar em ruinas*. Ha dias escrevi contra as moscas uma objurgatoria. Mordiam-me como em ruinas de cadaver. V. Ex.ª já sabe de experiencia excruciante o que são estas moscas de Seide! Parece que sahiram empeçonhadas da sangueira d'algum onagro que se houvesse chamado José Theophilo nas recovas allemãns — com o devido perdão dos burros allemaens.

Estiveram aqui missionarios, que eu não ouvi por causa do V. de Castro que ia rir-se d'elles. Parece-me que ficou mais desmoralisada a freguesia.

Hontem fomos a Landim comer meloens á quinta do mosteiro dos Jesuitas. Conte V. Ex.ª isto ao Eugenio para elle se comer de inveja.

Ha dias fui jantar a casa d'aquelle morgado de Pereira, que apresentei a V. Ex.ª. Vi beber uma pipa de vinho. Os bebados e os comilões da Iliada por aqui seriam meninos de peito a comer sopinhas de leite. Aqui governa uma providencia peculiar das barrigas. Doze destes homens se fossem a Lisboa almoçavam uma

praça da Figueira e jantavam a Ribeira Velha com a rua dos Bacalhoeiros annexa. Adeus, meu Castilho. Abraços de D. Anna.

De V. Ex.ª

s/d (1).

Camillo.

Meu querido Amigo.

Diz o povo: «a saudade é para quem fica». Tem muita verdade aquillo. Esta casa voltou ao silencio claustral. Foi-se aquella nossa alegria de creanças que de tudo riam, quando V. Ex.ª ou o Thomaz nos não diziam versos tristes, que tiravam lagrimas aos olhos e consolaçoens de muito dentro da alma. O sophá, em que V. Ex.ª se sentava no meu escriptorio, já aqui não está. Mandei-o guardar para me apparecer d'aqui a um anno, quando voltar seu dono. A tigela das bolinhas lá está tambem á espera com o novêlo em meio. Entretem-se a saudade com estas esperanças, algum tanto acriançadas, é verdade; mas o coração que as não tem assim, está como fallido e para pouco dos sentimentos bons d'essa vida.

A cada hora, estamos fazendo chronica dos instantes que passaram. Já relemos as Abelhas de que a D. Anna está vaidosa e soberba. Como ella inspiradamente disse a V. Ex.ª, está alli o monumento dos meus filhos.

A gente miuda destas serras pergunta-me pelo maior

(1) Esta carta não tem data, mas deve ter sido escripta a 20 de Agosto de 1866 por isso que responde á anterior de Castilho e a ela se refere tambem a que segue do ilustre traductor de Virgilio.

sabio abaixo de Deus; os provençaes — não sei d'elles; mas testemunhas fidedignas me contam que alguns, na volta da Portela, se deixaram cahir francamente bebados nos lamaçaes. São uns Esproncedas e Mussets no seu genero d'elles. Estes, porem, não são victimas de mulheres tredas; são-no do vinho verde, que lhe ennegrece o miolo, onde Deus sabe quantos Theophilos caberiam aos couces.

A minha vista não melhorou. Affligem-me agora dores nervosas que espero vencer com os banhos, quando eu poder vencer o medo que me fazem.

Receba V. Ex.ª e sua ex.ma familia os meus affectuosos respeitos. Tudo que eu podesse dizer a V. Ex.ª das saudades e amigas lembranças da D. Anna seria pouco.

Adeus, meu caro amigo

De V. Ex.ª
o mais sincero

S. Miguel de Seide, 21-8-66.

Camillo Castello Br.co

(23 banhos, e 455 versos deste Liv. II). Muito folgo eu de que me approvasse o pensamento de conversar com V. Ex.as diante do publico acerca de Virgilio. Imagino fazer desse livro uma especie de noites alticas, mas com os adubos da cosinha litteraria do nosso tempo. Veremos o que sai; o assumpto sei eu que não é mau. Se me não abortar miseravelmente está-me parecendo que poderá aproveitar ainda a alguns destes innocentes de poesia que por aqui esfervilham, e cada um dos quaes inventou uma Arte Poetica para seu uso e pretende impol-a aos mais, com uma sobranceria de Mahomet.

Venha lá esse livro novo. O titulo *Cavar em ruinas* é bom. Estou certo de que ha de sacar de lá thesouros. Outros que eu conheço, não tirariam d'ellas senão coisa parecida com o que desencantou nos subterraneos da casa de D. Francisco no seu romance do *Judeu.*

O Pereira até hontem não tinha ainda mandado para o Porto os livritos; eu lá lhe mandei entregar mais um: é um exemplar do *Roteiro da Costa de Africa* offerecido a V. Ex.ª pelo autor, meu sobrinho Alexandre.

D. Manuel Sanches Ramos trouxe aqui neste sabbado ultimo metade da traducção do *Bem e o Mal.* Creio que não ha de ficar má: é precedida d'um prologosinho dando razão do seu trabalho; tambem me não pareceu despiciendo. Nelle já V. Ex.ª tem um admirador; por elle não tardará que os tenha inumeraveis por essa Hespanha, e mais longe, pois o hespanhol ainda se lê pelo mundo.

Chagas trabalha num romance que ha de deitar um volume, primeiro d'uma serie, com o titulo geral de *Chronicas brasileiras.*

Eugenio agradece as lembranças de V. Ex.ª.

Eu, de melhor vontade o acompanharia aos melões no Mosteiro de Landim do que á predica dos Missionarios. Os melões sabem melhor. Porque não haviam os Masmarros de fazer como as melancias que se *calam!* E o Vieira de Castro teve a pachorra de ir ouvil-os!

Verdade, verdade, essas bambochatas mysticas pouco bem fazem aos povos, e, bem deitadas as contas sempre vem a prejudicar seu tanto ou quanto os progressos da razão.

Com que então já por ahi principia a outumnar! Pobre senhora D. Anna! o que lhes vale é que se teem um ao outro e as suas fantasias e os seus livros. Com

estes ingredientes nunca póde haver inverno que se não leve de feição.

Não lhes mando saudades porque não n'as posso tirar de mim por mais que faça.

Vou-me para Parthenope que me chama o Virgilio para me elogiar a vida rustica.

Por estes 5 ou 6 dias espero mandar a V. Ex.ª o 2.º canto.

De V. Ex.ª
idem ibidem

Lisboa, 22 de Agosto de 1866.

A. F. C.

Meu caro Camillo.

11 h. e 15 m. da manhã. Acabo de receber pelo telegrafo de Famalicão o seguinte: «Peço a V. Ex.ª o favor de arranjar a resalva do meu sobrinho Manoel filho de Joaquim da Silva, da freguesia de S. Julião do Calendario, deste Concelho. Papeis foram para essa anno passado para ser livre por amparo; peço resposta. Resposta paga illimitada. — Custodia Maria — ». Nunca a mulher improvisou mais estupidamente que desta vez. Eu sou tal para negocios, que deixo ir os meus, todos por agua abaixo. Um ladrão d'um editor rouba-me 6 vol., que imprimio e vendeu, e lá está muito socegado. Gomes Monteiro exige que seja eu quem lhe proponha as condições para uma edição e lá está ainda sem resposta. E é a um tal homem que a Custodia quer encarregar de lhe resalvar um sobrinho!

Se o Virgilio fosse empenho para alguem aqui em Lisboa talvez que ainda eu aventasse algum expediente;

mas eu e elle vivemos enterrados, a meia legua das Secretarías, sem relações com um unico ministro e com pouquissimas e insignificantes com os oficiaes dos ministerios. Que posso fazer? Creio que nada de todo em todo.

Vou mandar isto já já ao meu Julio para a Secretaria da Instrucção Publica onde elle está, a ver se elle atina modo de se pôr a coisa a caminho, mas duvido. Elle nisto é talvez ainda mais poeta do que eu.

Por estas e outras é que eu já por vezes tenho estado com inguinações de mandar pôr no *Diario de Noticias* que morri.

Queira V. Ex.ª, se o poder sem muito incomodo mandar dizer á nossa pobre Sapho a substancia disto, e que, do que se obtiver, se se obtiver alguma coisa lhe darei parte.

Mais nada.

amicissimo

Lisboa, 24-8-66.

A. F. Castilho.

Meu muito do coração.

Tem V. Ex.ª honrosas e admirandas illusoens no tocante a jornaes e jornalistas! Se o barão da Trovisqueira erigisse um monumento ao barão de Ranhados, as gazetas retirariam os artigos de fundo para se derramarem em actas do caso, de modo que a Europa se maravilhasse do feitio como os baroens se amam na nossa terra.

Aconteceu ao justo o que eu esperava. V. Ex.ª tem muitos inimigos, e eu glorio-me de ter os de V. Ex.ª e

mais alguns. Tomaram elles poder quebrar-nos nas cabeças as pedras do monumento. Esperemos cem annos, meu amigo. Lá virá quem se assente nos degraos d'equella coisa a ler os livros de V. Ex.ª e os do seu filho e os do Thomaz. Ora, as gazetas contemporaneas já começam a ser lidas nas latrinas.

Chegou hontem aqui o Vieira de Castro; demora-se tres dias.

Não encontro os apontamentos dos livros; lembro-me, porem, que eram a biblia indiatica, a arte d'amar, a defesa do barão de Morena, e não sei que mais.

Remetto hoje o manuscripto das *Georgicas*.

Não comecei ainda a escrever; mas já trabalho no entrecho da *Freira* ou da *Engeitada*.

A D. Anna pede a V. Ex.ª que, sendo possivel, lhe devolva o manuscripto que vai ainda com emendas. Faça-lhe V. Ex.ª a vontade.

Muitos affectos d'ella e abraços do seu amantissimo e saudoso

S. Miguel de Seide, 25-8-66.

Camillo.

Meu caro Camillo.

Queira V. Ex.ª mandar dizer á nossa Corinna sem capitolio que na secretaria do Reino e na da Guerra, por mais que se procurasse, se não poude averiguar quem fosse o tal Manuel.

Verdade é, segundo me disse o meu Julio, o qual poz nesta busca toda a devida diligencia, que as papeladas relativas a tal materia se acham alli confusas, deficientes, emfim pouco menos de cahos.

Veja a interessada se pelo correio (do telegrafo livre-a Deus) me póde manter esclarecimentos miudos e completos a ver se por elles se póde fazer obra.

Tomei hoje o 27.mo chuveiro e vou acabar o Canto 2.º de que só me faltam 20 versos.

Não tardará que o receba.

Olhe lá que eu lhe pedi muito seriamente o favor de empregar algumas das suas horas vagas em rever com toda a sua consciencia a minha traducção, como traducção, como estylo, como linguagem, como tudo. Tenho empenho grande em que isto nos saia bom e solido, que se possa dar com elle na cara a muito filho da mãe que nós conhecemos, e a muitos que nem conhecemos.

Que faz V. Ex.ª? Peça á senhora D. Anna que m'o diga, no caso de V. Ex.ª estar como presumo e desejo embebido no seu *Cavar em Ruinas* ou phantasiando com a sua Freirinha pelo Jerez ou em Roma o que eu lhe dezejo, ou nos dezejo ainda mais.

Por aqui nada ha de novo; mas de tudo o mais velho e o mais certo é ser eu.

Todo de V. Ex.ª

Lisboa, 26 de Agosto de 1866.

A. F. C.

Meu caro Castilho.

20 banhos e 100 tiras do *Cavar em ruinas*. Não lhe ganho, meu amigo. V. Ex.ª faz os versos eternos, e eu esta coisa que principia a morrer desde a primeira pagina na mão de cada leitor.

A sua paciencia, meu Castilho! Pois V. Ex.ª faz

caso dos telegramas da Maria Custodia?! A audacia da mulher é a audacia do genio, ou uma intermittente de vinho verde, se é que ha intermittencias nas febres chronicas. Não seja V. Ex.ª tão admirador da Corinna de Famalicam que se torne a lembrar da resalva do sobrinho, embora elle seja o herdeiro do genio da tia.

Agradeço a V. Ex.ª a remessa do livro do seu sobrinho. O Antonio Pereira livreiro já me fez esperar de mais.

Outra coisa: um hespanhol que vive ha 20 annos em Portugal, cazado com uma irman do conde d'Azenha, escreveu um livro sobre a agua. Scientificamente, á minha ignorancia parece bom; em linguagem é dos menos sujos que a gente lê em portuguez. Dedicou-o á Academia Real das Sciencias, e quer saber de mim como hade elle enviar á Academia exemplares e quantos. Se isto é coisa a que V. Ex.ª possa responder sem incommodar-se, faz-me favor de me esclarecer?

Adeus, meu querido amigo. Quando eu me esquecer de lhe dar lembranças da D. Anna não me accuse V. Ex.ª que ella lembra-se sempre do seu querido amigo e ousa tambem chamar-lhe mestre.

De V. Ex.ª
o mais leal
Camillo C. B.º

(Famalicão, 27-8-66).

Meu caro Camillo.

28 banhos, 35 versos do Liv. III. Recebi a sua de 27. A academia está em ferias. Escrevi ao D. Diogo de

Vasconcellos pedindo-lhe me habilitasse para responder a V. Ex.ª acerca do livro que o nosso hespanhol escreveo sobre a agua, e que poderá ter sido inspirado pelo espirito santo: *espiritus domini ferebatur super aquas*.

Muito e muitissimo obrigado pelo que me diz sobre o negocio do telegrama da Sapho brava. Assim a resalva é para mim. Outra vez obrigadissimo.

Parabens pela sua heroicidade na apanha das chuvas; pelo modo já está nisso valentão como eu.

Thomaz de Carvalho ainda hontem me repetio que faziamos muito bem em tomarmos este tonico; mas accrescentou logo que para elle ser mais eficaz não era mau descançar dois ou tres dias de 6 em 6 ou de 8 em 8. Agradavel conselho; pois não é? Eu já hoje o puz em practica.

Com que então já ficaram 100 tiras escriptas do livro novo! por conseguinte hei-de-me regalar a lel-o dentro em pouco. Bem vindo seja elle quanto antes.

Eu suppunha Antonio Maria Pereira mais fervoroso em se desempenhar de encargos. Eu é que não tenho culpa de Deus o ter feito assim. Provavelmente depois de amanhã estará concluida a copia do 2.º Liv. das *Georgicas* e ser-lhe-ha remettida immediatamente.

Quando a ler, seja com o lapis na mão, não se esqueça do meu pedido. Olhe que é de empenho muito verdadeiro, e de interesse muito certo.

Vou-me continuar com a tarefa; o que vale é que já estou com o porto á vista.

De V. Ex.ª
o mesmissimo

Lisboa, 29 de Agosto de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu caro Camillo.

29 cataractas e dos versos originaes apenas 43. O dia hontem foi esteril.

Ahi vai a resposta do D. Diogo chegada neste momento.

Eu estou prompto para ser o apresentante dos livros se o auctor quizer.

Hoje parte para o Porto uma carta do Eugenio ao Gomes Monteiro tractando por mim da proposta para a impressão do *Tractado de Metrificação*. As clausulas della, tendo-se tomado previamente conselho com o Pereira, são as seguintes.

Por uma edição de 2.000 exemplares dará a Casa Moré 230$000 réis ficando ao auctor a propriedade da obra. Se a edição fôr de 1:000 exemplares 140$000 réis.

Veremos o que elle responde. É esta a segunda, e será talvez a ultima experiencia que se faça do homem.

Um abraço á nossa boa amiga e beijos aos pequenitos.

A copia do 2.º livro partirá amanhã para ahi.

De V. Ex.ª
o mesmo, o mesmissimo

Lisboa, 30 de Agosto de 1866.

A. F. de Castilho.

VI

VIAGEM A PARIS

Labor literário e tratamento balnear dos dois escriptores. — O prefácio do *Cavar em ruinas.* — Virgilio apreciado em Seide. Camilo e o seu desconhecimento de Ovídio. — O contrato para a terceira edição do *Tratado de Metrificação.* — A anunciada chegada do Rio, de José Feliciano de Castilho e a viagem directa a Paris, em companhia do irmão. — A alegria do poeta cego contrastando com a tristeza do engraçado humorista. — As *Geórgicas* compostas e impressas em Paris.

Meu caro Camillinho.

Já 31 banhos e só um cento de versos porque estes dias tem-me corrido atrapalhadissimos.

Ahi vai o L. II. Verá o trabalho que me havia de dar e deu. Agora o ponto está em que o resultado correspondesse; isto é: que se leia sem enfado. Para me certificar disto é que eu muito gostava de estar ahi invisivel entre V. Ex.as quando o lessem.

O nosso bom Sanches Ramos que não é nenhum gallego, e V. Ex.a o verá, passou aqui o serão de hontem. Tem *O Bem e o Mal* quasi findo. Trouxe-me essas poucas palavras que intenta pôr de introducção ao livro. Remetto-lh'as para que nos diga se as acha bem.

Antonio Maria Pereira mandou ha 3 ou 4 dias os livritos ao Bertrand para este os remetter para o Porto. Calculo que já lá estarão.

Gomes Monteiro ainda não respondeo.

Thomaz Ribeiro tem andado doente d'uma mão; assim o diz em carta recebida hontem; mas parece que não é coisa de cuidado. Antes assim.

Como vai o *Cavar em ruinas?* Conjecturo que a estas horas estará quasi concluido, se o não estiver de todo.

Ahi vai esse numero do *Diario Popular* para ver essa esfrega, ainda que pequena, que o Chagas deu á *rã do Charco da Ondina.*

De V. Ex.ª

o mesmo que sempre

A. F. de C.

Lisboa, 2-9-66.

Meu Castilho.

Esperava hoje o meu Virgilio. Amanhan decerto me não falta. É verdade que a D. Anna apenas m'o deixa ler: diz que é d'ella e fecha-o.

Esteve hoje a copiar um magro prefacio que eu escrevi ao *Cavar em ruinas,* ou não sei ainda bem se será assim o nome do mistifolio. Diz ella que o manda a V. Ex.ª. Olhe que prenda! Estou em duvida se mandarei este volume ao Luiz d'Almeida e Albuquerque preferindo-o aos livreiros. Vou escrever-lhe.

Que disse o José Gomes? Achou caro; aposto já as orelhas. Eu tenho feito muito damno aos escriptores e mormente aos do quilate de V. Ex.ª, porque os bel-

farinheiros não distinguem e tem uma só vaza para todos. Fiz tambem grande mal a mim mesmo; e não ha remedio.

Se se lhe pede coisa que os ameace de não ganharem 300 por 100, gritam que Portugal é paiz de bestas. É verdade; porque elles tem quadrupedismo (crie-se o substantivo por elles) quadrupedismo pegadiço. O José Gomes, ainda assim, estrema-se e sabe muito; mas fez-se negociante e brilhou. Foi isso que lhe fechou as portas da minha confiança; sem embargo é homem de bem, amigo do seu visinho, e digno de ser vereador. Suspendi o supplicio dos banhos porque adoeci de inchentes de melão. Voltei hoje, espinotei salutarmente no patibulo e sinto menos pezadas as orelhas.

O Pereira avisou-me da remessa dos livros. Vou mandal-os procurar amanhan. Torno a beijar as mãos de V. Ex.ª.

Dê-me um beijo no Eugenio. Que faz elle? Estou morto por ver como estalla das garrafas a poesia que elle engarrafou por aqui. Diga-lhe V. Ex.ª que já começam a gemer os pinhaes e que estes penaculos de serras desdobram ondas de nevoa pelas encostas abaixo, quadro lindo que eu admiro com tres espirros. Isto é natureza para se admirar sem bronchios nem nariz.

Vi no *Jornal de Noticias* uma poesia d'aquelle Ansur de Mafra! Como é que um burro pode espertar saudades de uma boa hora. V. Ex.ª a versejar, eu a carimbar com estupidez sobrenatural. E depois o Thomaz com aquella cara angelica, cuidando que haveria ali filtros d'alguma cara Gertrudes! Que pouco basta para alegrar pessoas tristes!

Adeus, meu querido amigo. Honre-me V. Ex.ª lembrando-me ás Ex.mas Snr.as D. Carlota e D. Ida

como se recorda um creado muito respeitador e affectuoso.

E de V. Ex.ª

de todo o coração

3 de 7.bro de 66.

Camillo Cast.º Br.º

Meu caro Camillo.

Trinta e tres banhos e unicamente 104 versos de Virgilio. Neste canto vou muito ronceiro.

Recebo a sua de 3 do corrente e com ella a da nossa obsequiosissima Snr.ª D. Anna e o presente que S.ª E.ª teve feliz lembrança de me enviar.

Que lhe direi de tal prologo? nada, porque elogial-o eu, seria festejar-me a mim proprio.

Digo-lhe só que não são tantos os louvores com que V. Ex.ª ali me favorece os que me deleitam e ufanam, como o affecto que V. Ex.ª em tudo aquillo me testimunha perante um mundo e a posteridade.

Este meu novo monomentinho ha de sobreviver ao de pedra.

La respondo hoje ao Snr. Mendoza que me obsequiou com uma carta e um exemplar da sua obra e me remetteu mais tres para a Academia.

Do livro ainda não li mais do que o indice; por elle, pareceu-me interessante. Vou devoral-o na primeira vaga que tiver.

Em tendo lido o segundo canto diga-me como o achou; mas não se esqueça do que já por duas vezes lhe pedi:

aponte franco e severo tudo que lhe desagradar ou lhe agradar menos; seja para mim o

Vir bonus et prudens......

de Horacio.

Já se sabe e já tambem lh'o tenho dito que lhe não requeiro momentos das suas horas uteis. Peço-lhe só que nas folgas do trabalho cavaqueie comigo a respeito de algum desprimor que por ventura encontrasse na minha traducção. Faz-me isto? Olá se faz. E que pode haver de prestimo ou simples agrado para mim a que V. Ex.ª se recuse?

De V. Ex.ª
idem *in eternum*

Lisboa, 5 de Setembro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu amigo.

Cá está o Virgilio. Amanhan lê-se depois de almoço, e relê-se á noite. Cá farei as emendas, e até substituirei com versos meus os de V. Ex.ª que me não parecerem bons. Faço-lhe este favor, que não costumo fazer a muita gente. Com as minhas correcçoens, a obra ha-de sahir limpa. A D. Anna tambem emenda e o Barão da Trovisqueira, se apparecer, tambem emendará. Está V. Ex.ª mettido com gente que o ha-de levar immortal pelo Valle de Josaphat dentro.

Pareceu-me singelo e bom o prefacio do Snr. D. Manoel Sanches Ramos. Vai dar em Espanha que fallar do seu máo gosto.

O Pinheiro Chagas é injusto por força. A *Ondina*, que eu não li nem lerei, ha-de ser peor do que elle diz.

Aquelle *Theóphobo* acabou-se. Está passando pela crysalida de burro; tudo o que elle faz são as febres da transformação. Que feito será do Anthero?

Adeus. Vou concluir os livros. Até depois de amanhan.

De V. Ex.ª
o seu
Camillinho.

(5 Setembro de 1866).

Meu amigo.

Que eu não saiba censurar verso ou palavra deste seu livro 2.º, é ignorancia de que me honro e louvo; mas que eu não possa gabal-o com termos que bem lhe quadrem isso apouca-me e desconsola-me. No louvor d'esta riqueza torrencial de versos, de locuções tão altas e ao mesmo tempo tão pautadas para e por intendimentos descultos, queria eu dar homem por mim. Aqui, sabe-o V. Ex.ª, não tenho quem o applauda dignamente senão estas eternas vidas sepultadas e amortalhadas em pergaminho e bezerro. Vou pedir ao Diogo Bernardes que me ouça o Virgilio portuguez, e elle depois, se o não tem já feito lá donde lhe está o espirito, repetirá em louvor do neto o que já disse do avoengo:

Castilho, alto Castilho, levantado
....

Isto é melhor que optimo, meu amigo: é mais que uma lição e uma delicia d'alma: é tambem conselho e conforto para quem se não sente ainda bem convencido dos gosos do campo. Desde o verso 557 principia a consolação e o conformar-se dos desterrados. Tenho

lido milhares de coisas laudatorias da vida campestre, afinadas mais ou menos pelas do Virgilio, e mal me intravam n'um, sahiam pelo outro ouvido. A alma somente recebe o que lhe vai dito em musica, da sua musica, meu Castilho. Não sei dizer-lhe mais nada, senão muito, muito agradecido.

Já cá chegaram os livros: tantos e tão bons! Vou ler a *Arte de amar* sequiosamente e a *Grinalda* do seu mano que é um continuado cantar e trovejar de meigo e estrondoso estylo. Que valente espirito aquelle!

Vi na *Gazeta de Portugal* que elle estava a chegar. Hei-de ir vel-o já que elle vem na estação em que o Minho é intractavel. Quem sabe! Póde ser que ainda nos alegre um outomno quente, em desconto do frio que já por aqui nos obriga a tres cobertores e despede da mêsa o vinho verde, a limonada innocente que não deixava ver a luz ao Thomaz Ribeiro.

O D. Santiago escreveu-me dizendo que enviara a V. Ex.ª 4 volumes da *Agua*. Ature mais essa canceira que lhe vai d'aqui. Parece-me que o sonho d'ouro do hespanhol é ver se a Academia o recebe no seu corpo. Pode ir, que andam lá lombrigas peores. Ha, porem, lá uns Academicos a quem um tractado acerca d'agua não deve lisongear o paladar e o esophago. Esses reprovam-no. Convem que o bebado do Soromenho esteja n'esse dia afogado em coisa mais solida e menos inodora que o protoxido de hydrogenio do hespanhol. O auctor do sermão de S. Baforinho é que sabe o que é e convem ao sandeu.

Novamente peço a V. Ex.ª que me lembre muito reconhecido pelo mimo do livro a seu sobrinho Alexandre. Em dois dias hei-de lêl-o. É quasi leitura de genero

novo para mim, e careço muito de saber o que de todo em todo, nem um pouquinho sei.

De V. Ex.ª
o amigo mais grato
C. Cast.º Br.º

6 de 7.bro de 66.

Meu amigo.

Duas palavras somente. Aceito como penitencia a vergonha de confessar-lhe que ainda não tinha lido a *Arte de amar* que V. Ex.ª diz ser de Ovidio.

Oh! isto é o que ninguem saberá avaliar, esceptuado o irmão de V. Ex.ª na reflexão anteposta á faxada do livro. Qual Ovidio! O homem podia lá fazer isto! Fez bem V. Ex.ª em sob-pôr o texto. Texto de quê?... Vou ler o 2.º vol. Parece-me que o prefacio que V. Ex.ª lá recebeu do *Cavar em ruinas,* por ser trasladado do que eu escrevi com pessima lettra, foi muito errado. A D. Anna zanga da minha lettra, quando eu escrevo em exaltaçoens de myopia — o que me tem succedido ha dois mezes —. Mas a sua arte de amar! Livros assim fazem mal por que desanimam.

De V. Ex.ª
Camillo Cast.º Br.º

(9-9-66).

Meu Camillinho.

Devo dar e dou um desconto muito grande ao que me diz do meu Virgilio e tambem do meu Ovidio; á uma porque V. Ex.ª é muito delicado; á outra porque

é muito amigo e sabe quanto podem as animações de certos homens. Mas ainda assim fica tanto, que não só estou animado e animadissimo para continuar, mas sinto-me até desvanecido.

O pior é não me ter V. Ex.ª feito ainda, o que eu muito sinceramente lhe pedira, e lhe torno a pedir agora.

Dou que em geral os meus versos lhe agradassem; mas não é possivel que em todos elles lhe não destoasse um ou outro, ou por menos fiel traducção do que devera ser, ou por impropriedade de phrase, ou por mal arredondado, ou por mal rimado, ou por qualquer outra coisa assim.

Repito: o meu empenho consiste mais em merecer, do que em obter a approvação e se possivel fôr os applausos dos leitores.

Ora aqui está o que é.

Não furte horas á sua laboriosa cultura litteraria; mas quando tiver algum momento de mais folga olhe-me por isto, e sei que ha-de olhar, pois tenho mil provas de que os meus creditos lhe não são indiferentes.

Gomes Monteiro respondeo offerecendo 20 libras por uma edição e provando com meudas contas que não era possivel dar-se mais.

Respondo-lhe hoje acceitando. 20 libras sempre é mais do que libra nenhuma.

Gostou realmente daquella engraçada porcaria do Filinto? Eu gostei; mas detesto o genero.

Estimarei que o *Roteiro* d'Africa lhe agrade assim como por aqui tem agradado aos peritos daquella especialidade. Estou certo de que uma palavra de approvação de V. Ex.ª ha-de encantar mais ao auctor do que a maior parte dos encomios que tem recebido.

A estas horas está concluido o *Cavar em Ruinas.* Quando o teremos impresso?

Em quantos banhos vae? Eu tomei hoje o meu 38.º, e de versos de Virgilio tenho 200 menos 5.

Que bella nova que V. Ex.ª me dá de poder ser que o vejamos cedo nesta terra.

Mais nada que estou já de chapeu na cabeça para me ir para o Conselho.

Um abraço á Ex.ma eremitoa, beijocas aos pequenitos.

O Thomaz já está bom, e tem muitos mais versos do Leproso.

De V. Ex.ª

o mesmo que sempre e para sempre

Lisboa, 10 de Setembro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu caro Castilho.

Já cá está o *Cavar em ruinas* (1). É editor o Campos da rua Augusta. É mais um pedaço de papel atirado aos colmilhos do minotauro do esquecimento. Eu cá de mim tenho-lhe enchido um bom kilometro da ingentissima barriga.

Principio hoje a escrever a *Engeitada* que, se esta pouca saude me não faltar, hei-de concluir até fim d'este mez. Irá para a roda do *Commercio do Porto.*

Tenho 24 heroismos como quem diz *duches.* Tomei muito á lettra o conselho do Thomaz de Carv.º e muito

(1) *Cavar em ruinas* — Imp. de J. G. de Souza Neves, (1866), 8.º de 254 — Campos).

mais que á lettra. Ponto é poder eu, como auctoridade medica de tal tomo, mascarar a minha covardia, que entre banho e banho repouso oito dias. Assim deve ser mais tonica e penetrativa a bordoada liquida, como diria Fr. Jeronimo Bahia.

O peor é que não tenho um dia de boa saude. Parece que me estão 80 annos a dobrar para a terra e 160 a pezar de velhice no espirito. Será isto de ler muito nestes macrobios? Diz-me a D. Anna que sim. Vou-me ler qualquer dia o Teophilo: faço delle escova electrica e esfrego-me com a ondina do charco, se não fôr melhor esperar pelas *Vibraçoens nocturnas* que vão apparecer. O homem tem manha para titulos! *Vibrações nocturnas!*... Tem dente de coelho, se não é antes orelha de asno, a graça do livro.

Fiquei pasmado do sermão do P.e Fr.co M.el! É justiça admirar a technologia que o homem colleciona para variar os epithetos! Aquelle sermão devia correr impresso como desinfectante das *Tempestades sonoras.* E a proposito: este titulo quadra melhormente ao sermão.

Por aqui já faz frio. Começam a despir-se as arvores e as gestas a florir. Não me assusta a carranca do inverno. Em dezembro, fecho as janellas, e monto a artilharia de botijas de genebra. Quando V. Ex.a estiver em S. Carlos estragando os ouvidos, estarei eu roncando arias num palco decorado de cinco cobertores.

Adeus, meu Castilho.

De V. Ex.a
o m.to affeiçoado
C. Cast.o Br.o

(14-9-66).

Meu Camillo.

Duzentos e setenta versos de Virgilio e 41 duches. Recebo mais uma sua sem data; eu cá lh'a ponho. Parabens pela conclusão do *Cavar em ruinas* e por estar já começada e dever-se achar tão brevemente concluida a sua *Engeitada* que do publico decerto o não ha de ser.

E queixa-se V. Ex.ª de espirito avelhentado! juro-lhe, e jurar-lhe-hião todos que se engana; mostre-me outro mais activo e fecundo em todo este nosso Portugal. A nossa amiga não tem razão em suspeitar que os alfarrabios lhe tenham feito prejuizo; pois se é verdade aquillo do Ferreira

Não fazem damno as muzas aos doctores

tambem o não é menos que os doctores tambem não offendem, antes ajudam a um talento verdadeiro e criador.

Mas demais eu acho que similhante questão nem por sombras tem cabimento para aqui, porque nem o minimo symptoma descubro de cansaço ou descaimento no seu engenho poetico.

Vá-me V. Ex.ª tomando os banhos e com mais frequencia para approveitar a estação propria que vai fugindo, e deixe o mais entregue á Providencia que assim mesmo se tem mostrado bem sua amiga. Isto lhe diria tambem o Virgilio pois disse em caso muito parecido, aquella admiravel sentença

O fortunati nimium, sua si bona norint, agricolæ!

Já recebi as 20 libras da Moré. Não me parece

ainda assim que fosse má a veniaga. É uma terceira edição, e de 1000 exemplares.

Da *Ondina* ninguem por aqui falla. Não se lê nem se vende: olhe como Deus castiga os asnos patifes sem pau nem pedra!

Torno ainda a pedir-lhe que me cate quando menos incommodo lhe fizer a traducção do Virgilio.

Mais nada que me vou a elle.

De V. Ex.ª

Lisboa, 15 de Setembro de 1866.

A. F. C.

Meu Castilho.

Vamos a saber: V. Ex.ª vem a Seide com seu mano e com o nosso Eugenio e com quem mais quizer encher esta casa de amigos?

Eu hoje escrevi ao Thomaz perguntando-lhe se vem com o abbade. Responda-se promptamente a isto para cuidar dos leitoens e das galinhas.

De V. Ex.ª
o amantissimo

Seide, 16 7.bro 66.

C. Cast.º Br.º

Meu bom Camillo.

45 duches, 321 versos de Virgilio; os versos sempre correm menos do que a agua; entretanto espero que este mez deixe a obra concluida; quem me dera coisa parecida com a sua maravilhosa presteza meu querido nonagenario.

Respondo á sua de 16 do corrente; e não o fiz hontem mesmo, porque chegou depois de eu ter sahido, e quando recolhi já não eram horas de correio.

A ultima carta de meu irmão José, datada de 10 d'agosto diz entre dois milhões de coisas o seguinte:

«Eu já era um dos mais enthusiasticos admiradores do Camillo, mas depois das *Vaidades* fiquei um dos seus mais cordeaes amigos. Certamente que havemos de ir juntos fazer-lhe uma visita aos seus penates».

Mas quando será isso? Eis o que na mesma carta me diz acerca da sua tornada a Portugal. «Nada definitivo. Só sei que se tiver de partir, já estive mais longe».

Noutra carta ao meu Julio accrescenta que depois de tantos adiamentos forçados já se não atreve a aprazar o mez da sua sahida do Rio e que é provavel que de lá vá directamente a Pariz, donde depois d'um mez que lhe hão-de consumir os negocios que lá o levam, virá a Lisboa. Remata porem dizendo outra vez que por emquanto nada póde asseverar senão que ha-de vir e o mais cedo que possa.

Com isto fica respondido a pergunta de V. Ex.ª.

Havemos de abraçal-o provavelmente antes de findo o anno, e provavelmente tambem ha-de ser na Quinta das Delicias.

Quando calcula V. Ex.ª que estará impresso o *Cavar em Ruinas?* e a minha *Freira*, tel-a-hemos ainda neste anno de 66? Estou-a esperando com a maior ancia; tenho immensa fé naquelle assumpto em taes mãos.

Por aqui nada ha de novo.

Amigo velho

Lisboa, 19 de Setembro de 1866.

A. F. C.

Meu caro Camillo.

54 banhos e 495 versos deste canto 3.º. Está isto por um fio, mas fio aspero e cheio de nós que anda com excessivo vagar e pouco á minha vontade.

A estas horas já V. Ex.ª tem de certo concluida a sua *Engeitada* e quem sabe em que alturas não levará já a *Freira*. Disso é que eu desejava muito receber novas; e a Snr.ª D. Anna pode muito bem satisfazer-me a curiosidade. A V. Ex.ª não peço eu que me escreva, e parece-me que nem o desejo, porque ninguem comprehende ou respeita mais o seu trabalho do que eu.

Hoje não pude deixar de o interromper porque tenho duas novidades para lhe dar.

A primeira é que me escreve meu irmão annunciando-me como quasi infalivel a sua chegada pelo proximo paquete. O que elle ainda não sabia bem ao certo era, se por esse mesmo vapor, seguiria logo para França demorando-se por consequencia só poucas horas aqui, e devendo tornar a Lisboa apenas houvesse terminado negocios que o levam a Pariz; ou se a ida a Pariz ficaria para depois.

O mais provavel porem, segundo elle me escreve, era realisar-se a primeira destas duas hypotheses. A sua deliberação ultima dependia e depende de umas informações que espera achar aqui.

A outra novidade é acompanhal-o eu a Pariz, e ficar lá com elle os dias que houver de se demorar que não poderão ser muitos.

Veja quantos motivos me não compelem a esta determinação: aproveitar para a ida, estada e volta, uma companhia tão boa e tão agradavel; imprimir, ou pelo menos começar, e deixar em andamento a impressão

das nossas *Georgicas;* abraçar o meu compadre e amigo José do Canto que é o editor como V. Ex.ª sabe; frequentar os melhores theatros do mundo na estação em que elles florescem; apertar a mão ao Camillo francez Alexandre Dumas; e finalmente poder dizer que tambem estive na Capital do mundo.

A nossa tornada a Portugal calculo eu que não tardará um mez, depois da nossa sahida; portanto é ida por volta.

E logo que regressarmos, iremos abraçar ao nosso Dumas das *Delicias.*

Por aqui nada ha de novo que eu saiba.

Como vão os seus olhos? espero que os duches lh'os tenham já curados inteiramente. A sua Secretaria que tenha a bondade de m'o dizer.

De V. Ex.ª
o mesmo

Lisboa, 30 de Setembro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu caro Camillo.

Só duas linhas ou tres. Conclui o Virgilio. Breve receberá o 3.º Canto. Fica-se a copiar.

Parto para Pariz sabado ou domingo desta semana conforme o dia e hora a que chegar o vapor do Rio, meu irmão vem nelle e segue logo nelle tambem para França. Vamos juntos.

Á volta o iremos abraçar, quer dizer d'aqui a um mez ou cinco semanas.

Não o desafio para vir por causa da Senhora D. Anna a quem não quero transformar as Delicias em Ermo.

Veja se me escreve uma cartinha que eu receba antes do embarque. Basta que ponha nella o como passa de saude e o que é que tem escripto.

Se lhe posso prestar para alguma coisa na capital da Europa, escuso de lhe afirmar quanto prazer me daria empregando-me no seu serviço.

De V. Ex.ª

o mesmissimo que sempre

Lisboa, 6 de Outubro de 1866.

A. F. C.

Meu querido amigo.

Quatro optimas novas me dá V. Ex.ª. A vinda do seu irmão, a sua ida a Pariz, a impressão das *Georgicas* e a sua volta a Seide. Depois de Pariz, Seide, visto que a cidade do sol de Columela é utopia.

Tem-me corrido mal a saude e a penna. A *Engeitada* figura-se-me que o será de toda a gente.

Comecei, pouco ha, a ciganar com burros da melhor especie que os editores. Comprei na feira de S. Miguel um cavallo com alifafes: agora são quatro as cabeças. Ainda não dão um ministerio sem duplicar as pastas; mas hei-de arranjal-o. Entretenho-me a vel-os devorar palha. E assim vivo ha bastantes dias, pensando que, embotada a sensibilidade para esta impressão nova, acabou-se tudo. Depois hei-de ser Byron, Porfirio, Theophilo e o mesmo que Deus quizer.

Desculpe-me V. Ex.ª o silencio de tantos dias. Ha

dores e convivencias que bestealisam. A tristeza e a cavallariça tolhem-me.

De V. Ex.ª
am.º certo
C. *Castello Br.º*

7 de 8.bro de 1866.

Meu caro Camillo.

Não gosto de o ver assim. Está triste deveras; e a tristeza pode destruir tudo e não cria coisa alguma. Tente todos os exorcismos contra esse demonio; defenda a sua alma por amor de nós já que de si mesmo tão pouco se lhe dá.

Eu não creio que essas suas actuaes veleidades de eguariço lhe possam fazer damno; imagino que o meu Virgilio tambem muitas vezes se havia de enterter a deitar o penso, e a ver como levantavam o grão os cavallos do imperador. Quem sabe quantos hemistichios dos mais formosos lhe não sairiam dos molhos da herva!

Tenho para mim que tudo que é da natureza ha-de ser por força bom para a poesia, ainda que nem sempre percebamos o como essas influições se operam.

Da convivencia com os cavallos não é que lhe ha-de vir mal.

Animaes, arvores, creanças, quatro livros velhos muito sinceros e crentes, casa conchegadinha, uma companheira boa, de bom entendimento e muito amor, Deus não oiça as orações de quem lhe pedir mais.

Recobre animo. Se realmente precisa feriar-se da escrita para reassumir saude e forças, emborque o tinteiro muito embora, uma vez que lhe fique no canto da

livraria um garrafão de tinta de reserva. Deixe-se ir á lei da natureza, até que a sua Galattêa que se diverte a fazer-lhe fosquinhas, lhe atire a maçã dentre os salgueiros que lh'a estão escondendo neste momento.

Deve-nos ainda cem volumes. Refaça-se para os colher quando chegar a estação.

Teime com os banhos de chuva; afirmo-lhe como experimentado que são boa coisa. Eu cá tomei hoje o 59.º

Queremos achal-o *mens sana in corpore sano* quando de Pariz saltarmos ás *Delicias*.

Mas olhe cá: porque não havia V. Ex.ª de dar agora um salto das Delicias a Pariz? Que bella sociedade que não fariamos!

Aquelle tonico intelectual parece-me que lhe havia de valer mais que tres mil duches. Pense nisto que me parece valer bem a pena.

A minha saida d'aqui ha-de ser provavelmente no domingo, de hoje a oito dias; e pode tambem ser no sabado. Depende da chegada do paquete. Isto não lhe faz cocegas?

Ha muito tempo que me não apparece o Sanches Ramos. Acho que deve ter já concluido a traducção do *Bem e o Mal*.

Editor disse elle havia 15 dias que já o tinha.

Eu hei-de ver se descubro em Pariz alguem que se tente a traduzir em francez alguns dos romances de V. Ex.ª. É bom mostrarmos áquelles francezes e por elles ao mundo que tambem somos gente.

Amanhã hei-de remetter-lhe o 3.º canto das *Georgicas*; é nelle que se trata dos seus cavallos. Talvez por isso o leia sem tedio apezar de que este canto 3.º é, quanto a mim, o somenos de todos os quatro.

Um abraço á Snr.ª D. Anna e muitas saudades do Eugenio para V. Ex.ªs ambos e para os pequenitos. Queira Deus, queira, que ella não fique bem arrenegada desta vez commigo por causa do que eu digo a V. Ex.ª ácerca de Pariz.

seu do coração
o mesmo que sempre

Lisboa, 7 de Outubro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu amigo.

O terceiro abraço que V. Ex.ª der em seu irmão seja meu. Depois lh'o pagarei com bom juro. Queira Deus que a saude lhe não falte por esses mundos de Christo alem. Veja V. Ex.ª em Pariz se averigua e me confirma a noticia de terem tromba e não terem orelhas os inquilinos da lua. Tem-me inquietado esta coisa, a ponto de me sahir trombudo e desorelhado o romance da *Engeitada* que estou concluindo.

O *Cavar em ruinas* ainda não entrou no prelo.

Adeus, meu querido Castilho. Oxalá que na sua volta haja sol por aqui. Receio muito que seu mano se enfastie logo destas arvores sem folhas.

De V. Ex.ª
am.º m.to da alma

8 de 8.bro 66.

Camillo C. Br.º

Meu caro Camillo.

Ahi tem a ultima porção das nossas *Georgicas*, entregue-a á sua amavel archivista; que se não perca, para ficar a obra existindo se a copia que eu levo commigo fôr para a barriga dos tubarões.

Parece-me que hão de gostar muito menos deste canto 3.º; é o mais fraco de todos quanto a mim, e finalisa como as rodinhas de fogo dos fogueteiros podões; que em lugar de resplendores para despedida só metem um pouco de carvão mortiço.

Para desculpar d'isto o poeta, lembra-me que talvez elle fizesse aquillo muito de industria para dar maior realce ao que logo apos sobrevem que são as flores e o mel.

Depois da paixão a aleluia. Suppor faltas de gosto num homem como Virgilio era temeridade e tolice.

Seja o que fôr; o que eu sei é que este canto 3.º me aborreceo e trabalhou mais que nenhum outro.

Queira accusar-me logo a recepção.

E então, vamos lá, de que me encarrega para Pariz no caso de nos não poder acompanhar? Responda franco; bem sabe se eu terei ou não gosto em o servir.

Mais nada que estou desorientado com bicos de obra.

o mesmo que sempre

Lisboa, 8 de Outubro de 1866.

A. F. de Castilho.

P. S. — Gramei hoje o meu 60 duche e páro. Veja se toma outros tantos. Como vai o seu cavallo doente? veja se o transforma em Pegaso.

Meu Castilho.

Cá está o complemento do thesouro.

Nem a V. Ex.ª lhe fica outro egual. Cahiu em mãos dignas: deixe-me gabar, que me vai n'isto a maxima honra, e não desluso a de ninguem.

A D. Anna fechou-o na sua gaveta para se ler amanhan. Eu fechei-o no coração para o ler sempre. Fundo tudo n'uma palavra: Castilho.

Adeus, meu mestre.

Que me ha-de V. Ex.ª trazer de Pariz? A sua palavra de que se lembrou lá de mim. No theatro, não; no cemyterio. Se encontrar uma folhinha de relva na sepultura de Musset, de Moureau, de Gilbert, d'um desgraçado qualquer, corte-a e dê-m'a sim?

Adeus. Junto-me á sua fam.ª nas saudades.

De V. Ex.ª

11 de 8.bro de 66.

Camillo.

Meu carissimo Camillo.

Ha tres dias que oscillo como um pendulo entre a idea de partir e a de ficar.

Espalhou-se que andava em Pariz a colera fulminando a torto e a direito. Se assim fosse não só eu não ia, mas nem consentia que meu irmão fosse. Liquidada porem a verdade, o que não foi sem custo, estou já convencido de que foi boato falso levantado ahi, não sei por que periodiqueiro.

O Conselho de saude, a Secretaria dos estrangeiros,

o Consulado de França, o escriptorio das *Messageries Imperiales,* e os livreiros d'aqui que todos recebem cartas de Pariz, nenhuma noticia desagradavel receberam a tal respeito. A todas estas partes fui hoje tirar devassa.

Não fui pois temerario em arranjar o passaporte que já aqui tenho na mão.

O vapor que ha-de trazer meu irmão, e leval-o commigo para Bordeus ainda não foi denunciado á vista pelos alviçareiros. São tres horas da tarde, mas deve entrar hoje, ou, o mais tardar amanhã, e abalar-se deste porto, 4 ou 5 horas depois da chegada. É portanto evidente que a não haver algum impedimento imprevisto, já não poderei receber mais carta sua em Lisboa.

Escreva-me alguma vez para Pariz se poder, e menos triste que d'esta vez.

Se essas melancolias teimarem, resolva-se a uma viajita, e vá lá ver-nos. Olhe que me pode ser muito util ajudando-me a emendar as *Georgicas.* Eu desejo trazel-as impressas o mais apuradinhas que for possivel.

Se não puder dar-nos esse gosto, faça por ter bom animo e optima saude nas suas *Delicias*, e se lhe não custar muito, escreva-nos para lá meia duzia de linhas em lhe parecendo; e repito que me dará gosto grande lembrando-me alguma coisa que eu por lá lhe possa arranjar.

Bons abraços d'alma á V. Ex.as ambos e até logo.

Lisboa, 13 de Outubro de 1866.

A. F. C.

Meu muito querido amigo.

Estou ha oito dias curando uma bronchyte. É a primeira deste anno; espero mais tres, senão forem seis. Felizmente que sou eu o mais infermo actualmente desta familia. Agradeço a V. Ex.ª os seus cuidados, e os dois opusculos que recebi. Queira V. Ex.ª pedir ao nosso amigo Freitas e Oliveira que me absolva da incivilidade involuntaria de lhe não haver agradecido. Os litteratos d'aqui notaram magoados que elle os encangasse com os de Coimbra. Em verdade, a gente lida d'aqui vae quasi nada para os estudos pavorosos do norte. Salva-os d'isso o pendor do estomago, pendor e pezo. São sonhadores que ceam regularmente pescada cosida com cebolas e batatas. O sonhar d'elles não é a loira chimera de Henri Heine: é o pesadelo que lhes trabalha os musculos e o tecido adiposo. O Freitas foi injusto. Os homens, no Moré, conversam sobre o agio e fallencias presumptivas; e no *Aguia d'Ouro* carregam a mão no copo da cerveja. Gente inoffensiva.

Dizem-me que o Ramalho já passeia.

Vai apparecer um folheto intitulado *Penna e espada* d'um Carlos Borges. Dá no Ramalho e no Anthero bordoada rija. Como coisa litteraria deve ser de pouco pezo. Dizem-me que um pimpão se esconde atraz do C. Borges a ver se o Anthero cá volta pelo vêzo. O pimpão é capaz de comer os figados do outro. Logo que o folheto esteja á venda, remetell-o-hei a V. Ex.ª.

Vai inclusa a carta do nosso A. Augusto (1). Os

(1) Antonio Augusto Teixeira de Vasconcelos.

meus trabalhos estão parados. Isto é bom para desenfadar o publico.

am.º m.to agradecido

17 de Out.º 66.

Camillo C. Branco.

VII

UM MÊS DEPOIS

O palácio do príncipe Jerónimo Napoleão. — Trabalhos de composição e impressão de livros. — Um jantar em casa de Dumas pai e reminiscências doutros literatos e artistas franceses. — O que Castilho viu nos teatros. — A pobreza e a desgraça do autor dos dicionários portugueses. — Juízo crítico sôbre a *Engeitada*.

Meu caro Camillo.

Pelo ultimo comboio da noite de hontem tornei emfim a entrar nesta Lisboa e na quietação do meu Suburbano depois de percorridas de um jacto as 500 leguas de ferro que vem desde a capital do mundo até á nossa capitalsinha de coisa nenhuma.

Estive um mez em Pariz; empreguei-o muito mais em trabalhar que em divertir-me.

Fui oito vezes a theatros, uma ao *jardim das plantas*, algumas vezes ás noites aos Boulevards. Visitei o palacio de Pompea que assim se chama uma imitação perfeitissima que o principe Jeronymo Napoleão fez de uma vivenda romana. Não ha coisa no mundo que possa interessar mais. Infelizmente o principe vendeu a casa a um especulador que a mostra por dinheiro, mas hoje desornada de todos os seus accessorios de

mobilia, estatuas e outros objectos d'arte que alli se viam fidelissimamente copiados da industria antiga.

Senta-se a gente em cadeiras de palhinha n'um triclínio onde aliás se está esperando a cada minuto ver entrar Opitio ou Luculo. Á porta compra-se o folheto discriptivo d'aquella maravilha, d'aquelle monumento do bom gosto d'um homem poderoso e instruido. O folheto é accompanhado do desenho do edificio. Trago-o, mas ainda não o tenho em casa. Hei-de-lhe mandar meu amigo para lhe servir de despertador para a Roma da sua freira.

Omitto por falta de tempo agora, e deixo para quando estivermos juntos, as mil e uma coisas que de Pariz se podem e se devem conversar e cuja maior parte nos ficou intacta. Fallar-lhe-hei só dos meus trabalhos, e verá se aproveitámos bem o tempo meu incansavel irmão José e eu: Imprimiu-se a *Georgica* portugueza com o texto latino em correspondencia; imprimiu-se a minha versão do Anacreonte com o texto ao lado para regalo dos hellenistas se os ha; e imprimiu-se finalmente o ultimo tomo do Boccage da nossa livraria classica. Agora accrescente que no fim da primeira d'estas obras, vem uma epistola minha em verso, a José do Canto, e no remate do segundo um poemasinho anacreontico de duzentos e tantos versos, especie de dedicatoria ao nosso patricio Constantino, o Rei dos floristas. Uma e outra bagatella escriptas lá. Do Anacreonte faltavam-me ainda umas 10 odes que tambem lá conclui assim como fiz 4 pequenas dedicatorias em verso dos 4 cantos das *Georgicas* aos 4 poetas a quem os havia prometido na minha carta ao Pereira: a Mendes Leal, a Thomaz Ribeiro, a Pereira da Cunha, e a Pinheiro Chagas. Já vê que não se mandriou muito.

Accrescente agora que visitei o Camillo Castello Branco francez, Alexandre Dumas, o, para mim delicioso, Jules Janin, o Ferdinand Denis, o Auguste Barbier, o Rossini e o Constantino. Não me chegou o tempo para mais e ficaram-me em aberto no rol o Lamartine, o Pelletan, etc., e este etc., para Pariz é infinito.

Dumas não se parece com o meu Camillo unicamente no talento e na fecundidade; é tambem um conversador do maior agrado, e um obsequiador delicadissimo. Foi bem aprazivel o jantar que nos deu em sua casa, e em que só eramos 4 á meza. Elle, a filha a qual está, entre parenthesis, imprimindo um romance, sua primeira producção litteraria, porque a sua profissão tinha sido até agora só a pintura, meu irmão e eu.

Muito me lembrou n'aquelle jantar a *Quinta das Delicias!* Elle pediu-me para pôr em verso francez, alguma poesia minha. Dei-lhe a minha primeira epistola á Imperatriz do Brazil accompanhada de uma traducção de pai velho em francez, por elle assim o desejar. Veremos que tal se sai da obra.

Janin com quem tambem estive duas vezes deu-me um exemplar da sua admiravel traducção de Horacio, com um *envoi* assignado por elle, curto, mas delicadissimo. Barbier tambem me levou as suas obras com um offerecimento semelhante. Rossini, o *grande Papa* da muzica, prometteu-me pôr uma das odes de Anacreonte da minha traducção, a da *Andorinha*, em canto, apezar de que ha já muitos annos que fez voto de não escrever mais para o publico, segundo me disse. Demorei-me ao contar-lhe aqui tudo isto porque sei que os meus solitarios das *Delicias* dão a isto tanto valor como a minha propria familia.

Meu irmão tem agora um sem numero de coisas que

fazer em Lisboa; é esta a unica razão porque não realisamos já já a nossa peregrinação a Coimbra, Bairrada e Bussaco, Castanheira do Vouga, Porto e Famalicão.

Provavelmente deixaremos já agora isso, para a entrada da primavera, e d'ahi talvez que não esperemos tanto. A vontade que ambos nós temos de o abraçar é urgente. Agora diga-me o que tem feito, como vai a sua saude e muito em particular os seus olhos? Se elles teimam em se não comportar bem, lembro-lhe que em Pariz ha um medico Mr. Sichel que tem fama de ser, hoje em dia, o primeiro occulista do mundo, e valeria bem a pena de o visitar. Faça esse sacrificio ás lettras e á Gloria de Portugal. A senhora D. Anna que o instigue se V. Ex.ª tiver preguiça.

Esquecia-me dizer-lhe que as nossas *Georgicas* hão de ter seis gravuras em aço, executadas nada menos que por Mr. Lemaitre, o primeiro artista nesse genero de trabalhos. É o retrato de Virgilio, o do seu criado portuguez, e um quadro para cada um dos quatro cantos. Estas 6 estampas em que já se está trabalhando, não poderão estar concluidas antes de 10 ou 12 mezes por modo que só se hão-de publicar muito depois de publicada a obra a que pertencem.

A obra mesma ainda tambem cá não está. Quando eu sahi de Pariz ião entrar no prelo as ultimas folhas. Depois tem de secar todo o impresso para ser assetinado, brochado, e encadernado e remetido para aqui. Só para os primeiros dias do anno que vem, poderei portanto remetter um exemplar aos meus queridos solitarios.

Estou como a pomba de Anacreonte; tenho palrado que nem uma gralha, e apezar disso queria palrar ainda muito mais. Mas tenho tantas cartas que fazer ainda

para o correio de hoje, que não posso deixar de concluir esta já aqui, e faço-o com uma pergunta cuja resposta bem sabe se eu a desejarei ou não. Quando teremos o *Cavar em ruinas?* Quando a *Engeitada?* e quando a *Freira?*

E outra pergunta ainda: Que lhe pareceram as *Memorias dos vinte annos*, se porventura já as pôde ler. Se as não leu, a Senhora D. Anna que tenha a bondade de me dizer como as acha.

Adeus meu caro, um bom abraço do seu

Lisboa, 24 de Novembro de 1866.

Castilho.

Meu querido Camillo.

Então que diabrura foi essa que o deteve na cama emquanto eu andava por Paris? Não me seja tão laconico no tocante á sua saude; todos nós, os que lemos e amâmos as lettras, podemos dizer, referindo-nos a V. Ex.ª, aquillo de S. Paulo: «na pessoa do enfermo, enférmo eu tambem». E os olhos; como vão os olhos? Tomara cá boas novas delles.

...... *miseris succurrere disco.*

Sim senhor. Havemos de ir visitar as *Delicias* com a primavera para ser um gosto complexo de muitos e de todos. Para esses dias já ha-de estar provavelmente frondejada a gruta das nossas pedras. Queremos reler aquellas inscripções de tanto affecto ao som das cantigas dos rouxinoes.

...... *ho! ubi campi!*

Estou encantado com o que me diz sobre o effeito das *Memorias dos vinte annos* em V. Ex.[as] ambos. Imagine como o auctor (1) não ficaria, lendo a sua carta. Agradeço-lhe o ter-lhe lançado de lá um tão poderoso incentivo para o trabalho. Um rapaz como elle, timido e desconfiado de si, necessita amimado, e merece-o, quando tem as qualidades moraes que elle possue. Bem hajam, bem hajam portanto os meus amaveis ermitães das *Delicias*.

O volume de poesias que elle tem concluido e que se vai imprimir em Paris, é de mais quilates quanto a mim que o romance. Oxalá que V. Ex.[a] quando o ler seja da minha opinião.

Tinha-me V. Ex.[a] pedido algumas folhinhas verdes de certos sepulchros do cemiterio do Padre La-Chaise, e eu desejava satisfazer-lhe essa cubiçasinha melancolica, mas até para isso me faltou o tempo. Não cheguei a visitar aquella cidade dos mortos por mais que de lá me estivessem chamando a Heloisa e o Abeilard.

Nós estivemos em Pariz quasi como se estiveramos nas galés de Toulon ou Brest. Reviram-se provas: foi o nosso grilhão e a nossa bala.

Uma coisa, uma só, me poderia ter resolvido a falsear o meu trabalho de forçado: era o theatro; mas feliz ou infelizmente o theatro parisiense não estava muito para seduzir. É verdade que as perto de 40 salas de espectaculo daquella Babylonia (comprehendo na conta os cafés-cantantes) estam sempre cheias a deitar fóra; mas sabe V. Ex.[a] o que attrahe lá o povo? é a magnificencia com que as peças se executam, o es-

(1) Julio de Castilho

plendor dos scenarios, a formosura das mulheres, as vizualidades apparatosas, e tambem a desenvoltura do dialogo que não raro orça pelo cynismo. Agora quanto a merecimento litterario, o theatro de Paris, hoje em dia, não excede ao de Lisboa. É uma pena ver tanto actor e tanta actriz de grandissimo merecimento, empregados em representar optimamente borracheiras. Peças boas modernas só vimos duas: *La conjuration d'Amboise* drama de Bouillet em versos magnificos, e *Nos bons villageois* comedia de Victorien Sardou.

No proprio Theatro francez, na primeira vez que lá fomos, deram-nos duas batatas podres: uma intitulada *Voyage à Dieppe* outra não sei como. Da segunda vez sim. Regalaram-nos com Molière e Racine: *Le Medecin malgré lui, Le Tartufe* e *Les Plaideurs*. Isso encheo-me as medidas, por modo que para ajustar a sua conta dramatica, a Paris hodierna, não tem remedio senão recorrer á casa das desenas, ao seculo de Luiz XIV.

Amen dico vobis. A tal capital do mundo, assombrosa de fausto, quanto á poesia, acha-se, nestas horas imperiaes, falida e miseravel.

Não vi ainda um livro que o Pelletan publicou ultimamente com o titulo de *Babylonia,* mas segundo me consta a opinião que elle ahi manifesta, é esta mesma que eu deixo apontada.

Ouvi cantar a opera da *Africana*. Nenhuma impressão me fez, sem embargo de ser magistralissima a execução por parte dos cantores e do instrumental.

Está chovendo e eu gelado. Não continuo a cançar-lhe os olhos. Abrace a Senhora D. Anna, beije-me

os anjinhos e escreva-me quando puder, mas dando-me noticias mais particulares da sua saude.

De V. Ex.ª
o mesmissimo

Lisboa, 29 de Novembro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu caro Camillo.

Como as ultimas noticias que me deu da sua saude não eram das que eu dezejava, tenho estado anciosissimo de cartas suas. Acuda-me com duas linhas sequer. Chego até a ignorar qual é hoje a sua residencia. Um periodico, não sei qual, disse que estavam em Coimbra; mas como noticias de periodicos raras vezes são verdadeiras, envio-lhe esta, por mais seguro, para o nosso S. Miguel de Seide.

Não é impossivel que ainda antes da primavera, passemos ahi de fugida, meu irmão e eu. Talvez para Janeiro. Elle tem necessidade de ir ao Porto, e eu acompanho-o, só para ter o gosto de ir visitar os meus solitarios.

Ainda não recebi um unico exemplar, nem do Virgilio nem do Anacreonte; — é por isso que ainda os não tem na sua livraria.

O José da Fonseca dos diccionarios e do *Parnaso Lusitano* está para morrer em Paris, em consequencia de uma queda que deu na praça do Odéon, atropellado por uma carroagem. Nunca se vio pobreza mais absoluta que a do infeliz; — tem tido o que se chama

fome. Deparou-lhe agora a Providencia um anjo na pessoa de José do Canto.

Nós passamos bem. Se V. Ex.ª não pode, sem incommodo escrever-me queira pedir á nossa boa Senhora D. Anna que o faça ella.

Por aqui nada ha de novo que eu saiba.

Como vai a *Freira*, se já começou? e como vão as mais impressões? — Já li o *Olho de Vidro* (1); — é superfluo dizer-lhe se gostei. — Já tambem vi o — *Santo da Montanha* (2) — parece-me que ainda me agradou mais.

Ha um seculo que não sei do seu traductor Sanches Ramos; mas conserva-se ainda em Lisboa. Com estes passaros de arribação pouco se pode contar.

Um brazileiro, residente em Pariz, e que sabe muito bem o francez deseja traduzir para aquella lingua algum dos romances de V. Ex.ª — fiquei de escolher um e mandar-lh'o. — Qual preferiria V. Ex.ª para esse fim? É bom mostrarmos áquelles presumpçosos que tambem somos pintores. Não continuemos a ser tão prodigos da nossa gloria como até agora; — lembremo-nos que a fama dos parisienses em litteratura, vem em grande parte do *savoir faire*. Se V. Ex.ª não souber ou não quizer optar o romance que ha-de ser transladado para a lingua universal, encarregue d'isso a sua Secretaria.

(1) *O Olho de Vidro*, romance histórico, Lisboa, Imprensa Sousa Neves, 1866, 8.º de 200 págs. (Campos Júnior); saiu primeiro em folhetins no *Jornal do Comércio*, de Lisboa.

(2) *O Sancto da Montanha*, romance, Pôrto, Tipografia do Comércio, 1866, 8.º de 310 págs.; saiu primeiro em folhetins no *Comércio do Pôrto*.

Como vão os seus pequenitos?
Mais nada por hoje.

Lisboa, 20 de Dezembro de 1866.

A. F. de Castilho.

Meu muito querido amigo.

V. Ex.ª decerto me perdoa, dizendo-lhe eu que a urgencia de enviar um volume para o Porto em praso fixo a muito custo, me não deu tempo se quer a dormir as 4 horas do meu costume. Hoje acabei a tarefa e descanço amanhã para começar outra depois.

Já dei ordem para ser entregue a V. Ex.ª a *Engeitada* (1). Seria esse o livro que eu indicaria ao traductor francez, porque me parece ser o meu mais afrancezado romance. V. Ex.ª dirá.

O novo que escrevi chama-se o *Senhor do Paço de Ninães* (2). É coisa desses sitios, velharia de ha 250 annos, com ares historicos e carapetão bravio. Historia á Dumas, muito mais exacta e esclarecida que a Historia á Ruy de Pina. A Historia de Portugal é preciso invental-a, senão a eschola do A. Herculano tira-nos o appetite de a saber.

Se V. Ex.ªs vierem ao Porto, avisem-me para eu os ir buscar, mas olhem que isto por aqui é feio. As

(1) *A Engeitada*, romance, Pôrto, Tipografia do Comércio, 1866, 8.º de 291 págs.; saiu primeiro em folhetins no *Comércio do Pôrto*.

(2) *O Senhor do Paço de Ninães*, Pôrto, Tipografia do Comércio, 1866, 8.º de 261 pág.; saiu primeiro em folhetins no *Comércio do Pôrto*.

arvores estão nuas e os prados vidrados de gelo. E frio? Vejam lá no que se mettem que eu a responsabilidade não a tomo.

Morreu hontem aqui uma cunhada de D. Anna, com oitenta annos, e da primeira doença que teve. O nosso Eugenio ha-de lembrar-se da Snr.ª Thereza. Era rica, e deixou-me a consolação de ouvir badalar a defunctos aquella sineta que V. Ex.ª conhece, ha quatro horas. Deixou duas moedas de ouro a cada sobrinho, pelo que vem o filho da D. Anna a prefazer uma *fortuna*, que o distingue do visinho que não herdou nada.

Agora outra tristeza. Aquelle D. Garcia de Mendonça de aquatica memoria deseja ser socio correspondente da A. R. das S. (1). Nesse intuito penso eu que elle offereceu a V. Ex.ªˢ, senhores academicos, o livro. O meu bom Castilho concorre para que se dê ao homem esta alegria? Poderá elle entrar os aditos da eternidade ás cavalleiras do Seromenho? Queira V. Ex.ª dizer-me se eu poderei dar a este homem que não disse nada novo, a esperança de possuir um titulo que não valerá mais nem menos que o livro da Agua, não direi potavel, mas tambem não é tufana.

Lembre-me V. Ex.ª á benevola amisade do Ex.ᵐᵒ Conselheiro e de todos os seus. Os pequeninos e a mãe passam melhor do que o

De V. Ex.ª
am.º m.ᵗᵒ

23 de Dez.º

C. Cast.º Br.º

---

(1) Academia Real das Sciências de Lisboa.

Meu grande e queridissimo Camillo.

Chegou-me emfim antes de hontem a sua *Engeitada.* Foi lida em onze horas e meia a fio. Estamos encantados; muito deve realmente padecer quem escreve assim. Que thezoiros inexauriveis de tristeza não ha na sua alma, e que de affecto ahi dentro.

Não lhe quero apontar o que foi que me agradou mais. O que me agradou mais foi tudo.

Que portuguez conhece V. Ex.ª que fosse capaz de escrever o reconhecimento da *Engeitada* com a sua ama como alli está? Mas ahi me ia eu lançar na immensidade. Deus o avivente meu amigo, lhe conserve a mente sã, e lhe sane o corpo, os olhos sobretudo.

Diga-me quando hei-de receber outro livro seu, e qual ha-de ser, e quaes são os que andam na forja.

Coisa incrivel! ainda cá não tenho um unico exemplar do Virgilio (1) nem do Anacreonte (2).

Não sei se o nosso discuidadissimo Latino Coelho appresentou já a candidatura do Santiago da agua na Academia; tem-me esquecido perguntar-lh'o. Aquillo pertence á classe de Sciencias naturaes que não é a minha.

Na minha aprovaram-se para correspondentes na sessão ultima os meus dois propostos hespanhoes D. Antonio de Trueba, e D. Ramon de Campoamor. Vou escrever a ambos hoje mesmo.

Todos nós passamos bem, espero que outro tanto aconteça por lá.

(1) As *Georgicas* de Virgílio, Paris, Tipografia de Ad. Lainé e J. Havard, 1867, 8.º max. de IV, 301 pág.

(2) A *Lyrica de Anacreonte,* Paris, Ad. Lainé et J. Havard, 1865, 8.º max. de 144 págs.

Estamos almejando pela primavera, meu irmão e eu, para o irmos abraçar.

Não tornei a ver o seu tradutor hespanhol desde a ultima vez que d'elle lhe fallei.

Que infinita colheita que tenho feito para o Diccionario portuguez nestes seus ultimos livros. Se se perdessem todos os nossos classicos ficando só as obras de V. Ex.ª a vernaculidade nada tinha perdido.

De V. Ex.ª
o mesmissimo que sempre
e p.ª sempre

Lisboa, 11 de Janeiro de 1867.

A. F. C.

Meu amigo.

Ai! a primavera! se não fôr a prima-mentirosa como ella costuma ser cá. Tragam-m'a V. Ex.as com as avesinhas, namoradas das suas flores, flores digo dos jardins que lhes andam a perfumar as fantasias. Venham, venham, que eu tenho muitas saudades d'aquelles dias e receio que se não repitam.

Lá estão sahindo em Lisboa no *Commercio* as *Memorias do bispo do Grão Pará.* Leia V. Ex.ª esses folhetins que o merecem.

Estou copiando, prefaciando, annotando as prosas e poesias de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, primeiro colleccionador e publicador das *Rimas* de Luiz de Camoens, publicadas em 1595. Que prosador! que mordacissimo e ás vezes porco, mas sempre gracioso critico! E que poesias tão boas para o visconde da

Juromenha suppor que eram de Camoens, e dar uma como tal na miseravel edição que está fazendo! N'outro paiz, este achado valia seis vintens e cinco reis. Aqui, o apparecimento e exhumação do Soropita, o mais que pode ser é a ruina d'um editor.

No entanto entretenho-me com isto. Já escrevi para o *Commercio do Porto* um romance que entrará em seguimento d'outro do M. Leal (1). Findo isto, vou escrever *Chronicas do Minho* e depois a *Historia do Pulpito em Portugal* — origem, progresso, decadencia e renascimento. Na ultima parte hei-de mentir, porque se conserva ainda no terceiro periodo. Para isto já li cem volumes de Sermoens, duas linhas em cada pagina, e espero ler outros cem, duas palavras em cada volume. Ha-de sair obra perfeita para... arruinar outro editor.

Queira lembrar-me á amisade de seus ex.^mo^ mano e filhos. D. Anna alegrou-se com a renovada promessa de V. Ex.^as^.

Seu m.^to^ am.^o^ do coração

(15 de Janeiro de 1867).

*Camillo C. Br.^co^*

---

(1) José da Silva Mendes Leal.

VIII

HISTÓRIA DO PÚLPITO EM PORTUGAL

Planos para esta obra. — Elementos coligidos e elementos pedidos. Autores e pregadores nacionais. — O valor das suas obras e dos seus sermões. — As traduções latinas de Castilho. — Alusões a um duelo célebre e a um casamento que terminou em célebre tragédia. — Divagações de espírito doentio. — Um pretendente à imortalidade. — Camilo aceita a direcção dum semanário literário, no Pôrto.

Meu amigo.

Dá-me V. Ex.ª muitas noticias dum pulpito. Vejo que nem sequer ignora o que não vale nada saber. Não tenho o fr. Gerundio do p.ᵉ Ysla. Hei-de procural-o no Porto.

Tenho as *Memorias do pulpito* do Cenaculo. Desejava muito ter os Estudos dos escriptores da ordem 3.ª, ou coisa assim que é della. O Innocencio ainda não conseguiu achal-os á venda para m'os enviar. Parece-me que tenho o Rocha. O Sacra Familia não. O Azevedo dos gallicismos imprimiu alguma cousa sobre que cahiu o Tullio. De fr. José do Coração de Jesus não ha sermoens impressos, nem tenho o prologo do Elpino Duriense. Vou mandar comprar no Porto. Possuo sermoens do Lima. Teve grande voga, mas não presta.

Fr. João Jacintho não publicou sermoens, fr. José Leonardo publicou um sómente em 1823. Draque publicou cinco sermoens de que não tenho algum. O p.e João Mourão tem um sermão impresso. De pastoraes não tenho senão as muito celebradas de fr. Miguel da Annunciação, o Jacobeu que o Pombal poz á sombra d'um subterraneo da Junqueira, 8 annos.

Não espero reunir tudo o que me seria preciso. Tenho que ver e suar. Isto é obra para muito descanço e paciencia.

Veiu o nosso Castilho de Paris? Tomára eu cá o Anacreonte. O outro já eu o reli mais de tres vezes.

Que se passaria com a proposta do D. Santiago? Hoje me escreveu elle de Ponte de Lima.

De V. Ex.a
am.o m.to do c.
Camillo C. Br.

(25-1-67).

Meu presado amigo.

Hontem vim do Porto. Novidade litteraria digna de boa nota achei o *Tractado da Metrificação*, que vou reler, não para melhorar-me em arte de versejador, que seria tarde, mas para relembrar a prosa poetica com que V. Ex.a desvia os seus leitores da poesia, encantando-os com a prosa.

Encontrei a carta de V. Ex.a de 27 do p. Por ella imaginei a felicidade das pessoas que lhe festejaram os annos, e o contentamento de V. Ex.a em meio de tantos coraçoens affectuosos. Algum dia serei eu um dos

sinceros amigos que lhe ajuntem uma parcella ao praser de se ver amado.

Antes que me esqueça, direi a V. Ex.ª que o editor dos sermoens do Montalverne, no Porto, me pediu que solicitasse eu de V. Ex.ª consentimento á publicação da biographia publicada na *Revista Contemporanea* em frente do 1.º vol. Acedi ao pedido.

Mandei comprar em Leipzig o Fr. Gerundio do Ysla, pelo ver n'um cathalogo de livros de lá. Tenho alguma cousa do padre, e collijo que o Fr. Gerundio ha-de ser livro de muita serventia ao meu intento.

Tenho a Instrucção pastoral do Cenaculo, comprada agora no Porto. A linguagem do famoso arcebispo não tem só empóllas; parece-me cheia de lobinhos.

Tenho os sermoens do bispo A. Pinheiro. O do Serrão a D. Pedro V não tenho.

Das farfalharias do Soares Franco, Deus me livre. É gran besta o conego, se não é maior o mordomo que lhe encommenda o sermão. Hei-de fingir que nunca lhe li o nome, se vier a lume com o cathalogo dos oradores alarves. Raras vezes se germanam tanta desmoralisação com tamanha ignorancia. É um cafre tonsurado.

Perdôe-me esta ponta de lingua, meu amigo. O frio não me deixa continuar.

Lembre-se V. Ex.ª de nós que lhe queremos muito. Amanhã começo a plantar arvores á volta d'aquella pedra, em que ha-de escrever-se o nome do snr. conselheiro Castilho, se elle cá vier e consentir.

De V. Ex.ª
m.to m.to am.º

4 de Fev.º 67.

C. Cast.º Branco.

Ex.mo e meu caro Castilho.

Se eu soubesse d'estes discursos de seu mano (1), já os tinha pedido a V. Ex.a. Quem me déra mais trez oradores assim para dar como restaurada a oratoria sagrada.

A meu parecer, o José Agostinho deixava sempre o bom gosto e o bom portuguez na sacristia, quando ia para o pulpito. O Malhão era pouco menos de bom. Faltava-lhe elevação, o lyrismo dos franceses modernos e unção dos portuguezes antigos. Os sermoens do Dr. José d'Almada eram trechos do Chateaubriand com embrexados theologicos do Bergier. Não vi ainda tambem o sermão do arcebispo de Evora, que ha-de ser garrafal como tudo do tempo d'elle. Não tenho os sermoens do Mont'alverne; mas não m'os mande V. Ex.a porque já encommendei que me mandassem do Porto uma edição barata que se está ali fazendo. Conheço os fragmentos que V. Ex.a mandou trasladar na biographia do frade.

De prégadores tambem hei-de fallar muito de corrida. O Collares é magnifico. Ninguem descreveu tão descabelladamente os vicios de Lisboa do seu tempo. É um bom livro para historia. No superfino da tolice tenho o que ha melhor. Fr. Antonio da Espectação tambem cá está, por signal que fede vomitoriamente em razão de um gato o haver feito seu ourinol. Parece

(1) Augusto Frederico de Castilho, cónego da Sé Patriarcal, falecido na Ilha da Madeira a 31 de Dezembro de 1840 com 38 anos. Pronunciou em 1834 na igreja da Lapa, do Pôrto, o elogio de D. Pedro IV.

que o frade tinha virtudes diureticas para bexigas felinas.

Fr. João de S. Joseph Queiróz foi o bispo do Pará que o Conde de Oeyras lá mandou em 1759. Chamou-o a Lisbôa em 1763 e desterrou-o para o mosteiro de S. João d'Alpendurada onde morreu o pobre bispo 8 mezes depois. É natural que sejam editadas em volume as *Memorias* e V. Ex.as as verá. Tem que ver. A linguagem é espalmada como a do José de Seabra. Aquelles diabos escreviam todos do mesmo feitio. São umas frases grandes, insipidas, como grandes calondros, que chamam porqueiros cá no Minho. *Calondro* é que V. Ex.a ainda não viu no seu Moraes. *Calhandro* é conhecido, e pode tambem comparar-se aos livros do seculo passado.

Já conclui o prefacio, copia e notas do Soropita. Dará um vol. de 260 pags. 8.º.

V. Ex.a não me dirá de quem são uns versos castelhanos que Luiz de Camoens intermette em uma das suas cartas, os quaes principiam:

La mar en medio y tierras he dexado?

E tambem um:

Afuera, afuera,

que vem n'outra carta?

Estou cançado de esquadrinhar e esmoreci. Se lhe não der trabalho sabel-o, queira dizer-m'o.

Tenho os dedos encandilados de frio. As montanhas á volta d'esta casa estão cobertas de neve. Imagino que os *Titans* se estão deliciando a tomar sorvetes, para, depois de refrescados, irem lá assim dar cabo

d'um Menisterio que manda tal tempo. Esperemos os dias de Abril e os manos Castilhos.

De V. Ex.ª
am.º do c.

s/d (1).

Camillo.

Meu amigo.

O inverno não quer despedir-se de mim sem me dar quatro dos seus costumados pontapés. Estou de cama a curar uma bronchyte. Hoje está aqui um lindo dia: vejo sol nos montes, e não posso sahir.

Recebi o folheto do Telles. Li já o prefacio. Se eu poder escrever, mandarei um conto, chamado *O Thesouro do bispo Potamio.* Creio que este bispo o foi de Lisboa ahi por meado do 4.º seculo da era christan. Se não é um dos avós do Antonio Augusto, não sei de quem haja sido parente o ariano Potamio.

Tenho já escripto um estudo acerca do M.el Faria e Sousa, mas não sei se a Encyclopedia popular admitte coisas tão ponderosas e substanciosas.

Se os sermoens do Pinto de Campos são todos ineditos, não me servem. As pastoraes do arcebispo da

(1) Falta a data desta carta e com a falta dos rascunhos de Castilho, nesse ano, não foi possível apura-la ao certo. Tudo leva a crer, no entanto, que tenha sido escrita pelas alturas do fim do inverno de 1866-67. Quer o fôsse ou não, a data aqui é secundária, visto a carta ser quási especialmente uma página de ampla crítica a alguns autores célebres da oratória sagrado no nosso país.

Bahia talvez possam contribuir, querendo o snr. conselheiro ter a bondade de m'as deixar ver. Queria conversar muito com V. Ex.ª; mas estou n'uma posição muito incommoda para escrever. Vou dizer duas palavras ao nosso Eugenio.

De V. Ex.ª
sempre o am.º

s/d (1).

C. C. Br.º

Meu caro Castilho.

Fui a Braga em cata de saude, e voltei hoi tem pouco melhor do que fui. Encontrei a carta de V. Ex.ª com a boa nova de que seu ex.mo irmão talvez por aqui passe na ida a Tras-os-Montes. Como por aqui não é caminho, duplicadamente lhe agradecerei a honra de se albergar debaixo deste colmado, que V. Ex.ª já nobilitou para que possam acolher-se a elle principes, e, se o forem do espirito e coração, melhor ainda, e maiores realços ao brasão da casinha.

O livro de eloquencia de que V. Ex.ª me acusa a valia, se é o do p.e Maury, tenho e já li duas vezes. Os preparatorios que fiz, para o meu trabalho de crer é que se baldem, porque não ha editores que se arrisquem.

As prosas e poesias do Soropita não tiveram no Porto quem as quizesse. Romances, maravalhas e maravilhas bem tolas é o que sahe no mercado como phosphoros e cabeça de pôrco.

(1) Também esta carta não tem data, mas às mesmas razões apontadas para a anterior obedecemos, dando-lhe êste lugar.

Respeito aos artigos que o Sousa Telles deseja publicar na *Bibliotheca*, lembrarei a V. Ex.ª uma coisa conveniente ao empresario e a mim. Posso escrever-lhe um volume superior a 260 pag., intitulado *Chronicas do Minho*. Comprehenderá o livro varios romancinhos e narrativas ageitadas ao formato do livreto, de modo que em cada um ou em dois se publique um romance. A propriedade fica, sem reserva, ao editor, podendo elle, se lhe convier, publicar o complexo dos romances em volume. Descendo quanto posso no preço da coisa, dou-lhe a propriedade das *Chronicas do Minho* por 225$000 reis. Quando V. Ex.ª tenha occasião de lh'o fazer saber, queira dar-me a resposta.

Adeus, meu bom e querido mestre e amigo.

De V. Ex.ª
tudo que posso ser

16 de Fev.º 67.

C. C. Branco.

Meu amigo.

Hontem recebi as *Miragens da felicidade*. Que desanove annos! Não sei de estreia que lhe ponha competencia, no que tenho lido de escriptores do nosso tempo. Deus nos dará vida para ainda lermos o livro perfeito e primoroso com que Eugenio de Castilho ha-de abalisar mais um longo stadio no progredimento do romance em Portugal. Hemos de vel-os ir, hombro a hombro, elle e o Julio. E afóra elles, por emquanto não vejo nada mais que nos prometta coisa que supere a trivialidade. Entretanto, roguemos aos Deuses que

os façam chefes de repartição antes de lhes darem a sanctificação e a realesa primacial de escriptores. Começo a pedir á Providencia que me faça bem brutos os meus filhos. No intento de os fazer odiar as lettras, logo que elles saiam da eschola, tenciono dar-lhes para se instruirem, os livros do João Felix Pereira, as odes modernas, e o enxacoco da Paquita. Para inraival-os contra a historia, dou-lhes os 4 vols. de A. Herculano.

Este systema de burrificar rapazes não é ainda perfeito. Falta uma especie litteraria que lhes faça parecer a lingua portuguesa uma coisa deslavada, com bertoeja e sarna, cheirando a hospital de gafos, fedorentissima como o diabo. Ha-de ser o Biester, o innocente facinora, corrupção de besta, — que me perdôe o meu cavallo.

Eu não sei bem o que passou na Academia com o Diccionario. V. Ex.ª m'o contará quando vier. Deus me livre de ir bater á porta d'esses illustrados lorpas com coisa minha. Quando eu tivesse grande affecto a livro meu, pedia de emprestimo o bastante para imprimil-o.

O Soropita foi a Lisboa. Está em poder do Innocencio que se prestou a *negocear* a venda. Se lá o não quizerem, já tenho editor em Braga.

A Historia do Pulpito é coisa mais costa arriba. Dá-me que fazer 4 mezes, segundo calculo, e sem a certeza de venda por tal preço que me anime, não começo.

Eu escrevo a V. Ex.ª umas cartas... Rasgue-as que é uma caridade.

De V. Ex.ª

m.to do coração

17 de Fevereiro de 1867.

C. C. Br.º

Meu querido amigo.

Já chegou aqui um exemplar do *Cavar em ruinas.* Hoje peço ao editor Campos que envie um exemplar a V. Ex.ª. Está no livro uma linha que diz com ares de verso:

Ficas repleto de basofia

Esta reflexão d'asneira é do typographo. Faça-me V. Ex.ª a caridade de lhe dar baixa das outras que são minhas, exceptuado um *Hermes mineral* que o compositor teimou em não fazer *Hermes.*

O livreiro Bartholomeu Henrique de Moraes, publicador dos Sermoens do Mont'Alverne, insta para que eu peça a V. Ex.ª a mercê de lhe enviar as provas da 2.ª folha, quando lhe seja possivel. Recebe a esmola com impertinencia. Mandei-lhe a lista das erratas.

Não pude ainda receber os sermonarios que o snr. Conselheiro me mandou. Mandei o conhecimento para o Porto e perdeu-se com a carta em que ia. Se continuarem duvidas nos do armazem, terei de pedir ao snr. Eugenio de Castilho a graça de me obter um novo conhecimento, se isto é exequivel.

Recebeu V. Ex.ª um manuscripto? O Thomaz diz que vem ao Porto em Abril ou Maio. Olhe V. Ex.ª se ageitam o ensejo de virem todos.

De V. Ex.ª

amicissimo

21 de Fevereiro 67.

Camillo C. Br.co

Meu querido amigo.

Tenho desde hontem o *Anacreonte*. Ainda o não pude ler, por estar de cama com cataplasmas de linhaça. V. Ex.ª e elle injuriavam-se, se eu os lesse nesse feitio. Amanhan convalescerei com tão perfumada leitura.

De V. Ex.ª
amicissimo

24 de Fevereiro de 1867.

Camillo C. Br.co

Meu muito presado amigo.

Ha muitos dias que não escrevo nem sequer leio. O mal deu-me pela cabeça. Espero algum beneficio dos banhos de chuva. Já tenho dois. Andei de terra em terra, como quem procura a cabeça perdida, e afinal recolhi desesperado e com receio de algum amolecimento cerebral. Os medicos animam-me a confiar nos tonicos. Custa-me este estado muitas tristezas; porque a cabeça era a coisa melhor e peor que eu tinha.

E ha coisas que m'a indoudam ainda mais. Por exemplo uma carta do João de Deus á R. de Setembro. Á vista d'aquillo, os reclusos de Rilhafoles estão ali contra rasão e direito. Excede a marca o pedaço de asno. Aquelle juiso está iscado da manqueira dos versos d'elle.

O D. Garcia quer por força que eu lhe diga se a Academia o reprovou. V. Ex.ª sabe alguma coisa? Podia o corpo sujo da mesma receber mais aquella lombriga, tendo lá tenias de quarenta braças.

Eu não lhe disse ainda que me deliciou o seu *Anacreonte*. Quem não escreve como V. Ex.ª devia ter sempre a cabeça no estado da minha.

As novidades litterarias do norte são um romance do Arnaldo Gama, que nunca lerei. A D. Anna é a Hêma que devora estas escumalhas de ferro. Lê tudo.

Muito se recommenda ella a V. Ex.ª, e pede a Deus que se inflorem estas charnecas para receberem os seus queridos e meus amigos.

O Thomaz Ribeiro vem ao Porto em Abril. Tenciono lá encontral-o.

O Vieira de Castro anda a viajar com a mulher e 200 contos.

De V. Ex.ª
amantissimo

26 de Março de 1867.

Camillo C. Br.º

Meu muito querido amigo.

Vim hontem de Braga mais esperançado em melhorar. Faltou-me valor para tomar a terceira borrifadela. A cabeça está ôca, segundo intendo.

A morte do José Julio, pungiu-me deveras. Foi muito meu amigo aquelle honrado e brioso homem. Quando eu fui preso ou me recolhi á cadeia, José Julio enviou-me uma portaria para que eu podesse sahir a passeio. Imagine V. Ex.ª como cá me bateu no coração a bala que matou o homem a quem eu devi a liberdade em 380 dias de prisão. Tenho chorado e fujo para chorar á vontade. Que feio mundo este e que boa e consolativa é a certeza de o deixar d'aqui a pouco!

Tem-me esquecido dizer a V. Ex.ª que nunca recebi os sermonarios que o snr. Conselheiro Castilho fez favor de me offerecer. Procurei em todos os armazens da via ferrea. Não chegaram a nenhum. Por lá ficou o pacote na agencia de Lisboa. Lamento o descaminho por ser a dadiva de seu irmão.

O verão tarda. Por aqui faz frio de novembro e ainda neva.

De V. Ex.ª

am.º m.to devedor e do coração

2 de Abril de 1867.

Camillo C. Br.co

Meu amigo.

Não pode dispender-se muito com amigos quem escreve tamanhas e tão formosas cartas aos setubalenses. Assim mesmo queixo-me da partilha dos affectos de V. Ex.ª. Reparta por todos, meu amigo. Dê-me uma vez por outra a certeza da sua saude e amisade.

Da minha saude não lhe digo senão o peor. Raro dia me amanhece sem dores. Aqui viram-se dois soes de primavera, e mais nada. Agora ha nevoas frias e lameiraes que me cercam a casa d'uma suja barbacan.

A vinda de V. Ex.ª foi uma esperança das d'esta vida? Não sei se já seu mano voltou ao Brazil. Pedi ao nosso Eugenio o retrato d'elle. Não receberia a minha carta?

Já tenho os sermoens do Campos e as cartas do arcebispo da Bahia. Deu-me grande canceira o achar o

pacote. Novos agradecimentos á liberalidade do snr. Conselheiro.

De V. Ex.ª
amigo m.to do coração

S. Miguel de Seide, 26 de Abril 67.

Camillo C. Br.co

Meu amigo.

Ainda bem que, n'algumas duzias de cartas de V. Ex.ª, ainda não topei a pavorosa palavra infermidade. Não sei se V. Ex.ª tem alguma carta minha que diga saude. Agora fico amollecendo uma bronchyte que me quer afogar. Estes ares do Minho são saluberrimos quando a gente tem saude perfeita e saluberrima. Fóra d'isto, o que este sitio tem bom e raro é a falta de boticas e medicos. Deem-me isto e eu cuidarei que estou em Congo-Andongo.

O retrato do snr. Conselheiro queira V. Ex.ª entregal-o ao nosso Thomaz Ribeiro se elle vier ao Porto como tencionava ha mezes.

Se V. Ex.ª alguma hora encontrou aquelle sr. Telles a quem mandei uma coisa por intermedio de V. Ex.ª, peço-lhe o favor de lhe lembrar que me mande o folheto em que sahiu o artigo. É a paga que me basta, mas d'essa não o descoimo lembrando-me que elle folgará de ser delicado.

A tosse não me deixa continuar.

Lembre-se V. Ex.ª de toda esta gente que lhe quer muito e eu muito do coração

3 de Mayo de 67.

Camillo C.º Br.º

Meu querido amigo.

Já recebi os 4 numeros da Bibliotheca.

O Telles escreveu-me dando-se como impossibilitado de pagar os artigos. Em virtude de que lhe mandei outro enorme com a condição de m'o não pagar. Auxiliemol-o, porque é infeliz. E se os infelizes se não socorrem, fica a gente sem saber a que veio Jesus ao mundo.

Continuo doente. No fim do verão vamos para Lx.ª. V. Ex.ª diz bem: esta monotonia mata-me.

De V. Ex.ª
seu do coração
Camillo Cast.º Br.º

10 de Maio de 67.

Meu presado amigo.

Hontem vim do Porto e achei a carta de V. Ex.ª. Bem haja por se não ter esquecido deste selvagem.

Venham as inspiradas *Georgicas*. Sahiram emfim da lama da Alfandega! Nas que se viu o bom e limpo Virgilio! Armazenado com barricas de sumagre e pipos de petroleo! Postas em bestial juiso de alguns javardos aquellas perolas de V. Ex.ª e do seu irmão de Mantua, e elles a afocinhal-as e a discutirem se ellas e os caixoens de caju e pitanga deviam pagar a mesma portagem! Muito couce leva a gente, meu Deus. Quando se fará ao menos inodora esta cluaca de Portugal?!

Escrevi para o editor Campos um romance chamado *A douda do Candal* e para o mesmo editor outro cha-

mado a *Bruxa de Santa Marinha* e para o Commercio do Porto outro chamado o *Ultimo Senhor de Ninães*. O que aqui vae de papel para palitos, meu amigo.

Vi que o Soromenho levou a melhor (dizem as gazetas) ao Chagas. Que o Soromenho devia saber mais que o competidor era coisa sabida e provavel; todavia eu confiava muito na verboride de Chagas. Este laborioso rapaz não teve tempo de estudar aquellas sabenças que vem diuturnamente e não se apanham em tres ou seis mezes de estudo; ao passo que o Soromenho lê ha bons vinte annos, sem distrahir-se com o minotauro da imprensa quotidiana.

Os pequeninos e a mãe estão excellentemente sadios. Eu vou-me *cachexiando* cada vez mais e convertendo em romances os ossos. Já não tenho coisa donde possa tirar mais espirito.

Da sua vinda ao Minho que me diz V. Ex.ª? E o nosso Eugenio tambem não diz nada?

Em Setembro ou Outubro está deliberada a nossa ida para Lisboa. Por cá ficam as arvores e talvez para nunca mais nos vermos.

De V. Ex.ª
am.º cordealissimo

11 de Junho de 1867.

Camillo C. Br.º

Meu amigo presadissimo.

Estou ha 15 dias na cama a ver se apago uma cratera que me sahiu no interior da barriga. Não sei quando sahirei d'aqui.

Da casa Moré ainda ha dias me foi enviado o livro de V. Ex.ª. Pedi-o ha muito tempo, mas disseram-me que não tinham ordem de V. Ex.ª. Depois, veio. Li, como quem já sabia de cór muitos versos. Tinha relido muito o precioso manuscripto que V. Ex.ª deixou n'esta casa como padrão da sua passagem por esta Arribana. Hoje faz um anno que V. Ex.ª aqui estava. Depois de amanhã faz um anno que chorámos todos á beira d'aquella pedra onde está o seu nome querido e venerado até destes alarves que não sabem o que está significado alli.

Volvidos annos, virei eu ver a pedra vestida de hera? O herdeiro deste quintal fará plantar um castanheiro no lugar onde está a columna?

Seja como fôr, a pedra ainda tombada, levará o nome de V. Ex.ª comsigo até que a desfaça algum camartello para cascalho de macadam.

Não posso mais, meu amigo. Diga-me como está e seja meu amigo quanto sou de V. Ex.ª

(1867, Julho 16) (1).

C. C. Br.º

Meu Exmo e querido amigo.

Cuidei que era V. Ex.ª quem se tinha esquecido dos seus amigos da serra. Pouco tenho demorado por aqui; mas, onde quer que vá, estou peor. Afinal resolvi

(1) Deve ser 16 de Julho, porque a 18 é que se inaugurou a lapide em Seide e a 20 já Castilho escrevia de Lisboa, dando noticias do seu regresso.

ficar até Outubro. Depois, Lisbôa. Hei-de ir antes procurar uma casinha; se a não encontrar, esperarei até Dezembro. Não posso já prescindir de commodos pouco usuaes em Lisboa. Queria um quintal espaçoso, por causa dos rapazes que vão d'aqui affeitos a muito ar e sol. Ora, casinha com estas condiçoens, não na ha. Preciso talvez d'um casarão e muito ao longe do Chiado. Quando lá estiver e V. Ex.ª me não queira aturar, hei-de ter saudades disto.

Não sei nada do Thomaz Ribeiro, ha muitos mezes. Disseram-me da saude d'elle receios tristissimos. V. Ex.ª estará melhor informado.

D. Anna diz que V. Ex.ª não se lembrou d'ella na sua carta. Vê-se que é avara dos poucos amigos que tem. Lembre-me ao nósso Eugenio. Porque não consentiu que elle aqui viesse?! Era incommodo de quatorze horas de jornada.

Oxalá que o Bulhão Pato não quebre a cabeça do Moraes. Este homem é preciso ao Cosmos como o sapo. Adeus, meu excellente amigo.

De V. Ex.ª
o mais devedor

29 de Ag.to 67.

Camillo C. Br.º

Meu amigo.

S. Paulo devia de estar achacado como eu, quando disse aos corinthios *Quotidie morior.* Eu, algumas noites, cuido que não verei o dia seguinte. Olhe V. Ex.ª que mimo me veio agora das maõs liberalissimas da

minha providencia: se levanto a vista um pouco acima de linha horizontal do nariz, anda-me a cabeça á roda, e vou a terra se me não amparo. Isto sobre afflictivo, é ridiculo. A sciencia, como lhe não vae bem rir-se n'um caso assim, diz que o mal está nas visceras baixas, ou nas altas, ou nas medias. É pena que eu não tenha visceras noutra parte afim de que a sciencia se compraza de imaginar a topographia da minha doença. De qualquer das maneiras parece-me que dou a ossada brevemente.

A D. Anna ficou vaidosa da carta de V. Ex.ª. Está a escrever-lhe e eu *por aqui me fecho*, como diz o Dr. Ayres, por não poder com a cabeça. Adeus, meu querido Castilho. Deus sabe se voltarei a Lisboa.

muito do coração

6 de 7.bro 67.

C. Castello Branco.

Meu querido Castilho e Ex.mo Snr.

Hontem me procurou o D. Garcia (1) a estoirar de jubilo porque V. Ex.ª n'uma carta que lhe escreveu lhe

(1) D. Garcia Santiago de Mendoza cuja candidatura a sócio correspondente da Academia Real das Sciências foi patrocinada por Camilo junto de Castilho, como se verá no capítulo seguinte, só foi eleito na sessão de 12 de Março de 1868, apesar de Castilho se ter antecedido a dar-lhe o título n'um sobrescrito seis meses antes.

Camilo falava a miudo que o trabalho apresentado para essa candidatura era sôbre águas. Na Biblioteca da Academia a única obra dêsse académico que ali se encontra é, segundo informação amávelmente fornecida pela secretaria, uma *Memoria offerecida*

chamava no sobrescripto socio da Acad. R. das S. Quer elle saber se de facto a fortuna lhe realisou os sonhos. Não tinha, diz elle, recebido algum aviso, e duvida attentas as proporçoens da felicidade.

Queira V. Ex.ª dar-me a certeza de que este homem já não pode morrer todo. Beijo-lhe as mãos pelo que disse de mim ao J.e G. Monteiro. V. Ex.ª não crê o que é fatalmente exactissimo. Acabei. Começo agora a tornar-me digno da Ordem de S. Thiago.

Vou amanhã a Coimbra acompanhar o filho de D. Anna Placido, garoto de 10 annos que já dez vezes fugiu do collegio. Vae para o seminario. Tenho pena d'elle que vae amargar a liberdade em que a mãe o creou.

De V. Ex.ª
m.to am.o e m.to do c.
Camillo C. Br.o

12 de 7.bro 67.

Meu querido amigo.

Contra o parecer de V. Ex.ª, a meu ver sisudissimo aceitei a direcção da *Gazetta Litteraria do Porto* (1). Isto ha de viver pouco. O fedor do bacalhau d'aqui

á Ill.ma Camara Municipal e habitantes do concelho de Ponte de Lima, Braga, Typ. Lusitana, 1867, 8.º, 86 pag. Adiante nos referiremos ao opúsculo da candidatura.

(1) Não se enganou Camilo sôbre a direcção desta *Gazeta Literária do Pôrto*. Teve vida curta o periódico semanal. Impressa na tipografia A. de Moraes e Pinto, começou em Janeiro de 1868, saindo apenas 16 números. Adiante se fazem referências a vária colaboração da *Gazeta*.

faz tuberculos nos bofes destes periodicos em que se não dá o preço do feijão e do sumagre. Se pouco viver menos terei que perder.

Não peço a V. Ex.ª a sua collaboração, mas aceito-a com muito reconhecimento. Não lh'a peço porque os proprietarios dão 1600 rs. por pagina. Deus me livre do opprobrio de offerecer isto a Antonio Feleciano de Castilho. Se elle quizesse descer até este raso, a virtude seria toda espontanea da sua abnegação e eu lavaria as mãos do escandalo. V. Ex.ª creio que não tem tido senão destes heroismos de desprendimento.

Meu amigo, adeus. Vou hoje a Coimbra conduzir o pequeno da D. Anna ao seminario.

De V. Ex.ª
m.to affeiçoado e obrig.º

28 de 7.bro 67.

Camillo Castello Branco.

IX

AS TRADUÇÕES DE MOLIÈRE

Emquanto Camilo procura uma casa hesitando entre Lisboa e o Pôrto, Castilho prepara a representação das obras de Molière nos teatros de Lisboa. — Scenas do Tartufo e das Sabichonas na Gazeta. — As edições das duas peças. — Quem é Pedro Denis. — Volta de Camilo para Seide.

Meu querido amigo.

Vim hoje do Porto por onde andei a procurar casa. Para lá vamos na proxima semana e lá ficaremos até que novo impulso locomotivo nos atire para Lisboa. Vamos aos poucos. Precisamos de nos polirmos desta oxidação que nos pegou na aldeia. Depois de desbastados da casca mais espêssa iremos ao fóco da luz, donde mais tarde teremos de voltar talvez persuadidos de que os matagaes de Seide ainda tem ursos cultos que não satyrisam os Tartufos que V. Ex.ª fez portuguezes.

Lisbôa! Porque me está V. Ex.ª gabando Lisbôa! A agua é má; os laranjaes do Tejo não sobrepujam em perfumarias, os escoadouros marginaes, a imprensa são pantanos, os escaravelhos litterarios querem á força que lhes cheiremos a maçan. Como hei-de eu almejar

ver-me ahi entre cafres que desembestam (ficando elles sempre bestas) as suas azagalas até ao sanctuario em que V. Ex.ª trabalha para nos ensinar e honrar! Fóra burros! Deixe-me V. Ex.ª cuidar que no Porto ha mais ladroens e menos bestas. Nos primeiros ha de bom sequer o silencio das ignorancias conscienciosas.

Folgo que V. Ex.ª me desculpasse a muita estafa que lhe deram os meus dois ultimos livros. Sinto-me acabado de imaginação e de trabalho. Isto de escrever em mim é o terrivel «é preciso» do Chatterton.

Adeus, meu queridissimo mestre. Muitas lembranças desta familia para o meu amigo e o coração do seu

(27 de Outubro de 1867).

Camillo.

Meu amigo.

Recebi o fragmento das *Sabichonas* que sahirá no 1.º numero da *Gazeta*. Não o posso ler porque estou mal dos olhos ha quatro dias, e na extremidade de não trabalhar. Logo pedirei a quem m'o leia. Juro desde já pelo primor que V. Ex.ª me envia.

Ha tempos me disse o José Gomes Monteiro que V. Ex.ª lhe propusera a edição do *Tartufo*. Perguntou-me o meu parecer. A resposta póde V. Ex.ª presumir qual fora.

Depois não me falou mais no objecto. Não o vejo ha 15 dias. Sei que elle não sai de casa, ou por doente, ou porque a chegada de uma filha que tinha em Pariz lhe não deixa ser senão pae piegas. Procurarei encontral-o,

e falar-lhe no *Tartufo* sem que inculque recommendação de V. Ex.ª.

Não posso mais.

Do am.º dedicado

s/d

C. C. Branco.

Meu querido Castilho.

Estou desde o dia 29 no Porto. Assim que cheguei, comecei a berrar com dôres n'uma perna e ainda berro. É uma dôr sciatica prefacio de gota. Moro em frente do Palacio de Crystal. Vejo da minha cama uma bandeira que diz *progredior.* Não ha na direcção deste bazar pessoa que saiba empregar o verbo. Ainda não vi loja de especieiro com taboleta mais parvoa! Ha tempos fui lá dentro e comprei estearina, uma esponja, calda de tomate e chocolate francez! E para isto... progredior! Cebolorio! Até o latim posto ao serviço d'estes chatins!

O author das *Pupilas do Abbade* é cirurgião e lente na eschola do Porto. Deve ter 37 annos. É um sujeito doente e triste. Parece-me que tem muitissima aptidão para a novella. Li e disse cá entre mim, *Jam nova progenies*, etc. Aquillo é rebate de entroixar eu a minha papellada e desempeçar a estrada á nova geração.

Vou friccionar a perna com terebentina: é a nevralgia mais cruel que a Providencia me deu para variar de padecimentos. Isto é bom como contraste. Vejo nos jardins do Palacio centenares de mulheres que visitam a exposição archeologica que abriu hontem. Está lá o cabide de S. Fructuoso e o breviario de D. Lourenço

da Cunha. Mostra-se isto para *progredir*. Um bibliomano de Braga expoem edições gothicas. Estes tendeiros do Porto cuidarão que é amostras de papel para embrulhar pimenta. Este mundo é uma borracheira. O peor é doer-me a perna e eu não poder continuar um folhetim de Revista.

Adeus, meu caro Mestre e muito do meu coração. Até breve.

De V. Ex.ª

2 de 9.bro 67.

Camillo C. Br.º

Meu presado Castilho.

Quando V. Ex.ª mandar creado á rua Augusta lembre-lhe que entre em casa do editor Campos e receba 8$800 rs. que lá estão ás ordens de V. Ex.ª. E não me diga que as lettras estão na espinha em Portugal.

Esgotou-se a poesia do assumpto.

De V. Ex.ª
m.to am.º

s/d

C. Castello Br.co

Meu querido Mestre e Amigo.

O Custodio José Vieira mostrou-me a carta que V. Ex.ª lhe enviou relativa ao folheto juridico e a copia de outra que V. Ex.ª mandou ao Monsenhor Campos. Entendi que a vontade do Vieira é que estas cartas se

imprimam, todavia nem elle nem eu o faremos sem o consentimento de V. Ex.ª. A mim pode o meu Castilho dizer francamente a sua vontade, que eu, se a resposta fôr negativa, lhe darei uma boa sahida sem desaire do Vieira.

Ha dias escrevi no sentido de outra mercê para a *Gazeta litteraria do Porto*. V. Ex.ª responderá quando estiver em grande voga.

Com effeito, temos o Tartufo castigado no patibulo do palco? Não era decerto assim que V. Ex.ª e Moliere o queriam verberado. Afinal cahiu em terra onde ha-de dar ao diabo a cardada. Morre em boa hora que lá vai com a immortalidade portugueza que V. Ex.ª lhe deu. Vestiu de oiro e brilhantes a victima para a hecatombe. Deixar cahir o que menos importa para a gloria de V. Ex.ª. Fica o livro que é tudo. Ficam as perolas que as plateas não podem afocinhar. Estou morto por ver o livro. V. Ex.ª não se esquece de me enviar alguns dos primeiros exemplares.

Lembre-me a seus filhos e peça-lhes que mandem algum escripto para a *Gazeta*.

De V. Ex.ª
affectuosissimo amigo

Porto, 6 de 10.bro 67.

C. Castello Branco.

Meu amigo.

Hoje hei-de fallar ao juiz Velloso de quem sou amigo e direi a V. Ex.ª o que passar com elle. Verei se posso descobrir pessoa de valia com o Relator.

Espanta-me o procedimento do G. Monteiro com

V. Ex.ª. É negociante do Porto. O balcão foi-lhe a hecatombe da delicadesa.

Queira V. Ex.ª dizer-me as condiçoens com que vende o *Tartufo;* pode ser que outro editor aceite, posto que a occasião seja má.

O periodico sahiu hontem. Recommendei que o enviassem a V. Ex.ª. Sei que gostaram muito da 1.ª scena das *Sabichonas.*

Do Almanak de Braga não sei nada; ouvi porem dizer que estava no prélo.

Estou escrevendo um romance chamado *O Sangue;* mas não é bem um chouriço. É uma patacuada.

Parece-me que vou queimar os livros para aquecer os quatro pés. Os dois não vulgares deu-m'os o frio, e não obstante, continuo a tiritar o que não succede a todos os burros que teem fogão.

Se V. Ex.ª entende que é melhor remetter-lhe a *gratificação (!)* da scena das Sabichonas, quando tiver vindo mais algum artigo, irá então; se não, vae já. Tem V. Ex.ª a receber 3$200 rs. com os quaes pode acudir ao apuro em que se acha o paiz, se quer hombrear com os codros e curcios.

De V. Ex.ª

am.º m.to devoto e m.to obrg.º

Porto, 18 de Jan.º de 68.

Camillo Castello Branco.

Meu amigo.

Os editores Moraes & S.ª proprietarios da *Gazeta Litteraria* dão 30 lbs. pelas comedias *Tartufo* e *Sa-*

bichonas. Querem publical-as na *Gazeta* e depois em vol., tirando 1500 exemplares, ficando a V. Ex.ª a propriedade. Se a V. Ex.ª convier, vai o comprador a Lisbôa realisar o negocio.

Parece-me que n'outra carta expliquei assim a coisa. O negocio (cá não se conhece outra palavra) é bom para elles. V. Ex.ª tem a compensação da posteridade. A posteridade é uma bonita tolice, que nos vai bem aos tolos que vestimos o colete de forças dos Gomes Monteiros e quejandos.

Dei os agradecimentos de V. Ex.ª ao Gastão Vidal de Negr.os. A D. Anna Placido sorriu-se lisongeada.

De V. Ex.ª
am.º obr.º

s/d

C. C. Branco.

Meu Castilho.

Esconda o cartãosinho na pasta das preciosidades dos seus melhores amigos. Aquillo era coisa para o secreto da familia; que os grandes espiritos olham com os olhos da cara e veem as justas e reaes dimensões do que na verdade é pequenissimo. Deixei dois para herança dos meus pequenos. Quando elles forem homens hão-de aprecial-os. Os nossos nomes tão desfeitos como os ossos hão-de talvez então espertar-lhes uma saudade mais gloriosa para nós que a immortalidade que pode dar um livro. Eu por mim antes quero a saudade de um filho do que a certeza de que os netos da viuva Moré publicaram a duodecima edição

de um livro que a sua avó me comprou por seis vintens e meio.

Já mandei para Lisboa o *Sangue*. Deve estar impresso no fim de Março. Estou escrevendo para o *Jornal do Commercio* o *Retrato de Ricardina*. Vou na tira 6.ª. Resente-se o exordio d'umas dores de cabeça e peito que indispensavelmente se hão-de communicar aos personagens. O heroe será distincto pela enxaquêca, e a heroina ha-de funcionar com pulmão e meio hepathisados.

A poesia do Bulhão Pato vae no n.º 5 da *Gazetta*. Aquelle homem, quando deixará de amar! Em Portugal, por via de regra, quem escrever um soneto á visinha, aos quinze annos, entende que lhe corre a obrigação de ser Anacreonte. São compensações. Os velhos ricos teem gôta. Os poetas ainda que não tenham cheiro de amor de servir, são dourados até á caduquez como as perpetuas sêccas. Tencionava eu não publicar versos, senão bons na *Gazetta;* estes, porem, remettidos por indicação de V. Ex.ª, serão impressos.

O José Gomes é pessoa que não vejo ha muito. Dizem-me que não sae de casa, á conta dos joanetes. Parece que a massa encephalica lhe desceu para os artelhos.

Agradeço a V. Ex.ª o incommodo que teve de escrever ao Conselheiro Bastos. O meu afilhado já sabe o parecer d'elle. Parece-me que não consegue nada.

Muitos affectos da D. Anna.

De V. Ex.ª
m.to do c.

29 de J.º de 68.

C. C. Br.º

Meu caro Camillo.

Ahi vai o primeiro naco da *Arte de desamar,* e ahi vai tambem o original do segundo. N'esta prova são tantas as emendas, e é tão zangada coisa o encontrar versos errados, que eu muito desejaria me remettessem segunda; se porém isso fizer transtôrno, queira V. Ex.ª tomar a si mesmo a última revisão.

Já assisti á *leitura de partes do Tartufo* no Principe Real; creio que poderá ir soffrivelmente. Julgo que já lhe disse que as duas comedias são impressas pela Academia; as *Sabichonas* levam, a servir de prologo, uma carta, em que eu converso com V. Ex.ª acêrca da obra.

Como vai a sua saude? Veja se refloresce n'esta primavera, que está principiando magnifica.

Os versos do meu Julio vinham bons, e elle ha-de remetter mais.

¿Não tem cócegas de vir ao theatro francez? ¿Que me diz ao pugilato do Palha e Guimarães? ¡que espectaculo tão repugnante!

E a final Gomes Monteiro nem uma letra me escreve.

De V. Ex.ª

o mesmo que sempre

13 de Março de 1868.

A. C.

Meu Camillo.

Hontem, passada já a hora de se lançarem cartas na Correio, recebi uma de Thomaz de Carvalho, partici-

pando-me que na sessão da véspera, quinta feira 12 do corrente, a 1.ª Classe da Academia approvára unanimemente o nosso D. Santiago para seu Socio correspondente. Participava-m'o, por saber o empenho que eu n'isso tinha. Por egual motivo me apresso em lh'o participar, a V. Ex.ª, a fim de que o transmitta ao agraciado, se por ventura elle ahi está agora.

Por ignorar a sua residencia, é que lhe não escrevo directamente.

Amicissimo

14 de Março de 1868.

C.

Meu presado Castilho.

Agradeço a V. Ex.ª a graça feita ao D. Santiago. Com tal sujeito dentro da Academia, estamos livres de Mouros.

Bom será que o nosso Julio cumpra a promessa de escrever mais. Com V. Ex.ª conto eu sempre.

Tenho soffrido muito. Faço amanhan (16) 42 annos. São oitenta e quatro na alma. A minha folia natalicia é ir mostrar o mar aos meus pequerruchos. Não ha funcção mais modesta.

O Palha teve graça. É original aquelle modo de inforcar a honra d'um amigo.

De V. Ex.ª
o mais devoto de todos

15 (1).

Camillo C. B.º

(1) Deve ter sido escrita a 15 de Março de 1868 porque foi a 16 dêsse mês que Camilo completou 42 anos, visto ter nascido no ano de 1826.

Meu querido Castilho.

Estará V. Ex.ª doente? Se o estivesse, as gazetas já me teriam dado a triste nova. Reparei eu que V. Ex.ª não devolvesse as provas aos da *Gazeta litteraria.*

Eu tenho soffrido muito do figado, e do baço, e do pancreas, e de tudo quanto mora no andar ignobil deste edificio caduco. Amanhã vou procurar saude em Coimbra. Em casa do Campos estão 4$400 ás ordens de V. Ex.ª; é a importancia de 2 poesias.

De V. Ex.ª
o sincero am.º

s/d

C. C. Branco.

Meu carissimo Camillo.

Não é por falta de saude, nem por trabalho sobejo, que tenho deixado de lhe escrever; é só (digo-lh'o com todas as veras) por não querer tomar-lhe o tempo obrigando-o a respostas. A quem o empréga tão bem, é barbaridade distrahil-o.

Não sei como foi isso da prova; eu não tenho nenhuma em meu poder. Fiz com a última o que sempre tenho feito com as precedentes: recebo n'um dia, reenvio no mesmo, ou, o mais tardar, no seguinte. Se pois houve extravio, o remedio é fazerem-me favor de me remetter outra.

Mandarei ao Campos; e sempre agradecido.

Invejo-lhe esse seu passeio agora a Coimbra; é tempo

de menos estudantes, e rouxinoes infinitos. Podesse-o eu, que o ia abraçar lá.

Estou lendo o seu romance do *Sangue* (1). Já tenho o Innocencio casado, e ás upas com a Mulher. Deu-nos já dois serões bem divertidos. Começámos tarde esta leitura, e levamol-a de vagar, por ser compromisso de familia que se não tratará d'isto senão estando todos reunidos, o que nem sempre se pode dar. Eu já não sei como é possivel tanta invenção, e tanto variar themas. Deus lhe conserve a perseverança, que bem necessario é esse talha-mar contra o marulho, cada vez mais grosso, do portuguez abominavel.

Um abraço á nossa carissima senhora D. Anna, e lembranças minhas com um abraço aos pequenitos.

Meu irmão José encarrega-me sempre de affectuosas lembranças para V. Ex.ª; e eu desejo-lhe mais saude, e menos aprehensões. Guarde a imaginação, exclusivamente, para os livros com que nos regala; não espreite para as entranhas, que é má coisa; se não cria doenças, pelo menos agrava-as.

Sempre o mesmo amicissimo
e obrigadissimo

1 de Maio de 1868.

A. F. C.

Meu presado am.º e Ex.ᵐᵒ Snr.

Logo que me eu possa desapressar de negocios que me trouxeram a Lisbôa, irei abraçar V. Ex.ª. Rogo-lhe

(1) *O Sangue:* romance, Lisboa, Imp. Sousa Neves, 1868, 8.º de 256 págs. (Campos Júnior)

que não se exponha a tão máo tempo, sendo de mais a mais possivel não estar eu aqui á hora em que V. Ex.ª me fizesse a honra de me procurar.

De V. Ex.ª
dedicado e gratissimo
s/d
Camillo Cast.º Br.º

Meu caro Camillo.

Dê-me novas, que muito as desejo. Todos os dias tenciono ir vel-o; mas continúa a prender-me em casa, desde a última visita que lhe fiz, uma doencita. .....

Diga-me, sequer pelo correio, como passa; bem sabe que lh'o não pergunto por formalidade, se não só pelo muito interesse que tenho.

O Eugenio ahi tem ido mais de uma vez, por si e por mim, mas sem ter tido a fortuna de lhe poder falar.

Conversando com o meu amigo Marques, que é tambem diligente colleccionador de livros raros, mencionei-lhe o Dr. Garcia Peres. Mostrou-me empenho em o conhecer, para se poderem mostrar mutuamente os seus thesoiros de alfarrábios. Queira V. Ex.ª dizer isto ao D.or, pedindo-lhe ao mesmo tempo da nossa parte que, sendo-lhe agradavel travar este novo conhecimento de um camarada, se sirva, ou de nos indicar para esse fim a sua morada, e a hora em que mais commodamente pode ser procurado, ou então, se dê elle proprio o incommodo de procurar o dito Marques, *Travessa de André Valente*, ao Correio, em casa da viuva Pires.

Talvez que tambem V. Ex.ª o queira conhecer, e

examinar os seus livros; sendo assim, dar-lhe-hia a elle o maior gôsto em o visitar. Elle não costuma sahir senão depois de jantar, isto é, ali depois das 5 horas da tarde, cuido eu.

Este Marques, de quem faço menção n'uma nota ao Preludio da *Lyra portugueza,* é o que anda reunindo, ha já muito, noticias para a História da Musica em Portugal, e tem já crescido número d'ellas.

De V. Ex.ª
o mesmo que sempre

17 de Junho de 1868.

A. C.

P. S. — Revendo esta carta, acho-lhe faltas de linguagem e de grammatica.

Meu amigo.

Mande V. Ex.ª o que quizer que me favorece muito. Tem graça estar V. Ex.ª a perguntar-me se quero! Ha que tempo eu já pedi a seus filhos que escrevessem.

Pois as *Sabichonas* será comedia que faça vacillar empresarios e actores? Vou jurar que o effeito será excellente e seguro. V. Ex.ª tem ha muito, mais graça que Moliere. O que me faz rir deve ser bom porque estou de carranca permanente e jubilada ha muitos annos.

Venha a minha joia. Todos os livros de V. Ex.ª são o melhor e mais conversado da minha livraria. Este, porem, das *Sabichonas* será brasão de familia.

Estou hoje melhor e vou fechar um romance que es-

crevi para o *Jornal do Commercio* d'ahi. Chama-se o *Retrato de Ricardina.* Vou cuidar na selecta; se desanimar a mocidade fica ás escuras. Li hontem o prefacio da do Figueiredo... *Decima edição!* Isto é que é terra.

Peço a V. Ex.ª a mercê de fazer os meus cumprimentos a sua Ex.ma senhora.

Do seu

s/d

Camillo.

Meu caro Camillo.

Acuda-me com uma cartinha sua; tenha dó do amigo que vive n'esta solidão, quasi sem já se atrever a aventurar um passo para fora d'ella. Diga-me como, e por quê, desappareceu d'aqui tão de repente, sem me dar tempo, sequer, de ir abraçal-o.

O incómmodo, de que não é decente falar-se, mas que me impediu de o visitar, como eu desejava, já finalmente passou, depois de me ter não pouco debilitado. Agora, não sei se em consequencia d'elle se por quê, ando n'uma inacção para tudo, de que nem sequer o meu Molière me desperta. Remedeie-me este triste e vergonhoso mal, escrevendo-me, e dando-me boas novas de si, dos seus trabalhos, e da sua gente. ¿Como vai a nossa *Gazeta?*

Cá vi hoje no *Diario de Noticias* a de se ter publicado o seu *Soropita* (1), assim como *O retrato de Ri-*

(1) Fernão Rodrigues Lobo Soropita, Poesias e prosas inéditas —Prefácio e notas de Camilo Castelo Branco, Pôrto, Tip. Lusitana, 1868.

cardina, que me dizem, e eu facilmente creio, ser coisa muito boa.

Sôa por aqui vagamente que V. Ex.ª tenciona fazer uma excursão pelos Açores. ¿Posso-lhe perguntar para quê?

Já me chegaram de Paris duas das estampas gravadas em aço por Lemaître, e destinadas a adornarem as minhas *Georgicas;* mandar-lh'as-hei com as restantes logo que cheguem.

De novidades literarias por aqui nada ha, que valha a pena mencionar; e se o ha, nada me consta.

De Politica tambem nada sei, e nada curo, se bem que toda esta gente por ahi se não entretem com outra coisa. Diz que estamos sem Ministros; deixal-o estar; não sei se é falta para se sentir; eu não a sinto.

Mas escreva-me, e escreva-me logo, que bem sabe que sou e devo ser

Seu
muito amigo
Castilho.

18 de Julho de 1868.

Meu presado amigo.

A subita resolução da sahida de Lisbôa não me deu tempo de ir abraçar V. Ex.ª e seu filho Eugenio. D. Anna teve pesar de não ver o nosso pacientissimo amigo de Seide. Não lhe chamamos hospede, porque V. Ex.ª era da familia, e só assim nos absolvemos da rustica festança com que quizemos aligeirar-lhe as horas. Para lá foi ella hoje com os filhos e eu, depois de amanhan, vou vel-os brincar á volta da pedra, onde o

nosso Thomaz lhes deu a immortalidade que ainda não tiveram creancinhas tão obscuramente nascidas.

O Porto está abominavel. Aqui a estupidez chegou a ser uma profissão, um magisterio; o mais estupido julga-se e julgam-no invejavel, como se elles aqui não fossem todos mais burros. Fujo desta estrebaria recouceado e triste como sempre. Mando a V. Ex.ª o *Retrato de Ricardina* (1). É mais uma escorregadela no plano inclinado da decadencia. São as creanças que me forçam. Quando esta luz de peugueira se apagar, veremos que serventia possa ter.

Deus dê saude a V. Ex.ª e a mim o coração que me dá hoje e dará sempre para o respeitar e amar. Recados ao Eugenio e adeus.

De V. Ex.ª
o mais dedicado

Porto, 21 de Julho de 68.

Camillo C. Br.º

Meu Camillo.

Esta sua carta vem ainda mais triste que as outras. ¿Pois cabem desanimações assim n'um espirito, com quem a Munificencia Divina foi tão parcial e tão pródiga?! ¿Não está cercado de um cardume de provas, qual a qual mais irrefragavel, a clamarem contra as suas desanimações? Conheça-se, como todos o conhecemos. Não se meça pelos desejos, que são sempre infinitos; meça-os por quantos escritores vê na nossa terra, e

(1) *O Retrato de Ricardina:* romance, Lisboa, Imp. Sousa Neves, 1868, 8.º de 240 págs. (Campos Júnior). Saiu também em folhetins no *Jornal do Comércio.*

convencer-se-ha da sua grandeza intellectual. Se tem um sceptro que ninguem lhe disputa, ¿para que abre mão d'elle? Deixe-se de melancolias de Carlos V, não se encerre vivo n'um tumulo, para cantar um *Requiem* que ninguem se lhe lembra ainda de entoar.

A sua saude physica podia todavia ser melhor; não nego. A ventura terrestre havia de tratal-o com menos sequidão; mas em desconto repare para o que realmente possue. Tem uma senhora de altos espiritos, que o adora; vê crescer entretanto, com vigor e boas esperanças, descendencia, que provavelmente lhe ha-de continuar a fama. Se tem (e cada vez ha-de ter mais) invejosos, tem, não menos, amigos que se honram com a sua glória. ¿Sabe o que lhe falta para afortunado? é, como Virgilio dizia dos lavradores, conhecer os seus proprios bens.

Seja-me menos injusto para com Deus, para comsigo, e para comnosco. Levante a cabeça bem alta; continue a maravilhar-nos e instruir-nos, que o ha-de poder ainda por annos largos.

Deixe muito embora o Porto, que lhe não é proprio, e que bem vejo que lhe aborrece; vá-se refocillar entre as suas carvalheiras do Minho, com os seus banhos de *douche*, com os seus meditativos passeios a cavallo, com os brinquedos das suas crianças, com a intimidade da sua Musa, com desemperrar os seus alfarrábios; e quando tudo isso lhe tiver asserenado o espirito, e confortado o ânimo, volte para ao-pé de nós, que n'esta grande aldeia ha tambem solidões para quem as quer. Nem tudo por ahi é S. Bento, e Martinho, e Chiado, e Passeio público. Venha, que eu me obrigo a fazer-lhe a melhor companhia que podér.

Hontem recebi do Campos o exemplar, por V. Ex.ª

obsequiosamente offerecido, das obras do Soropita. Foi uma boa ressurreição aquella; regala-me ver apresentado e commentado, por um classico vivo, outro, que frequentemente nos dá a lembrar aquelle opulentissimo Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Com o Soropita veio tambem *O retrato de Ricardina*, que sem demora vamos ler. D'esta última obra me entregam agora mesmo outro exemplar, que V. Ex.ª teve a generosidade de me offerecer. A estas duas leituras ha-de seguir-se immediatamente a do Bispo do Grão-Pará; este livro deve ser de summo interesse.

¡ E queixa-se V. Ex.ª de decadencia! Digo-lhe que é ingrato.

Adeus, meu caro Camillo; levante o coração, e viva, e ame sempre ao

Seu
admirador e mais
obrigado amigo

Lisboa, 22 de Julho de 1868.

C.

Meu presado Castilho.

Não lhe envio o *Jornal do Porto* porque estou em Seide ha já seis dias. Respiro melhor, e sinto que se me vae destacando as trevas da cabeça. Não trouxe livro algum, a ver se ha que ler nas folhas das arvores. A pedra de V. Ex.ª encontra-se coberta de olaias, que lhe rebentaram espontaneas em de redor. Veja V. Ex.ª que as arvores de fóra mandaram tão longe as suas raises a folhearem e coparem-se sobre um nome de quem tanto amor tem ás suas irmans de Tibur.

Tenho planeado ir para Lisboa em novembro quando

o açoite do furacão da serra me despir as arvores. Se poder, escreverei cousa que se venda, quer leia, quer não. Cuido em ver se salvo estylo sobejo para concertar dignamente o noticiario da gazeta a 10 rs. Se até para isto me fallir a cabeça, verei se consigo ser ministro.

Muitos affectos da D. Anna e amantissimos do

De V. Ex.ª

Seide, 23 de Julho de 1868.

C. Cast.º Br.º

Meu caro Camillo.

Parece-me que a deu em cheio: tenho immensa fé, em que o S. Miguel lhe ha-de esmagar debaixo dos pés o demonio das melancolias. Paraiso com Eva e anjos contém a felicidade; quem lh'a não tomar, é porque não quer.

Agradeça por mim ás olaias, que tão cortezmente foram nascer á volta da nossa pedra. Converse ahi com ellas, e comigo, assim como eu de cá me acho insensivelmente a fazel-o, e muitas vezes, com V. V. E. Ex.ᵃˢ.

Tenho já lidos, e relidos em parte, os seus tres ultimos livros.

O *Soropita*, como poeta, é de pouca substancia. Versos como elle os fazia, e os faziam todos os poetas do seu tempo, são como os tremoços: comem-se, por não estar sem fazer alguma coisa, mas pouco sabem, e (segundo o povo diz) não alimentam. Na prosa, sim, ainda que ás vezes entortilhada e abstrusa, ha engenho e graça, e muita preciosidade de Lingua. Lembra

Jorge Ferreira de Vasconcellos, autor de quem nunca me fartei. Esta edição foi um dos bellos presentes que V. Ex.ª nos tem liberalisado.

Do escrever do *Bispo do Grão Pará*, não se pode dizer outro tanto; mas, em desconto, diverte-nos, e instrue-nos sôbre as coisas do seu tempo, que para nós teem ainda, ou já principiam a ter, o mais vivo interesse historico.

Agora, *O Retrato de Ricardina* é que é (permitta-me dizer-lh'o) a mais solemne refutação da ideia, que ha tanto tempo traz, da sua decadencia como escritor. A última parte do romance, nomeadamente, traz paginas taes, que nem V. Ex.ª mesmo as escreveu nunca melhores.

Só uma coisa, uma bagatella, me agradou menos n'este livro, e por isso lh'a apontarei aqui, para que, achando-lhe pêzo, a retoque para as seguintes edições:

Não gósto d'aquelles dez reis da Viscondessa lançados á pobre e aos filhinhos, e trocados pelo pobre Alexandre n'uma peça d'oiro. Não queria a interessante rapariga apresentada assim ao leitor tão antipáthica, ou antes tão despresivelmente, e alvo dos epigrammas, que o amante lhe não perdôa, quando a respeito d'ella conversa com a mãe. Parece-me aquella mesquinhez contraditória com o bello papel que ella depois vem a representar, e que até ao fim se não desmente.

Talvez que eu não tenha razão n'este reparo; em todo o caso, entendi que lh'o devia fazer com toda a sinceridade. V. Ex.ª lá o despresará, ou não, segundo entender.

¿E agora que mais obras andam na forja? ¿Que lê? ¿Como se diverte? ¿E que tal vai a saude?

Um bom abraço de amigo á senhora D. Anna, e eu sou

De V. Ex.ª
inalteravelmente

Agosto de 1868.

A. F. C.

Meu querido amigo.

Não tinha acusado a carta de V. Ex.ª por não ter tido paragem. A doença fez-me andar de terra em terra, como quem anda a fugir da morte. Amanhan vou para o Bom Jesus de Braga e depois não sei onde irei. Em 8.bro tenciono estar de assento em Lisbôa, se por cá não me tiver aposentado provisoriamente n'algum cemiterio até ao dia de juizo. Depois veremos onde me Deus manda descontar as delicias que me deu neste mundo. Muita gente póde crer que eu fui para o inferno, ainda por cima. V. Ex.ª ouvirá dizer isso.

Lá tem o meu Castilho muito perto da sua cadeira academica o R. Ortigão. A nomeação d'elle para 1.º official (1) da A. R. das Sciências, argue pobresa de homens habeis em Lisbôa. Bom é que o Porto forneça a sua irman d'uma fazenda que lhe sobra. Ficaram no Porto ainda 2 duzias que servem para lá. Dizem-me que foi o Thomaz de Carvalho que annixou o Ramalho. Sympathias dos apellidos. É ramalhagem tudo.

(1) José Duarte Ramalho Ortigão, nomeado oficial da Secretaria da Academia Real das Sciências em 1 de Agôsto de 1868.

Adeus, meu amigo. Acabou-se-me o espirito, menos o coração que é dos mais affectos a V. Ex.ª.

Respeitos de D. Anna.

O amigo certo

Seide, Ag.to 68.

Camillo C. Br.º

Meu caro Camillo.

¿Que esmorecimentos são esses, filho de Deus?! ¿Como se perde assim o animo? Opponha todas as grandes forças do seu querer a esse demonio das melancolias que o pretendem acabrunhar, e já em parte o teem conseguido.

Diga energicamente a si proprio:

«Quero e preciso viver para uma mulher a quem adoro, para estas crianças que estremêço, para os amigos (que os tenho de certo em grande número), para as Letras, a quem ainda não dei tudo quanto podia, e para mim proprio, que em tão poucos annos não posso ainda ter preenchido a minha conta».

Martelle isto a todas as horas, com fé, e verá como se lhe dissipa a tormenta da alma, e pode ser que a do corpo tambem.

Para os males da phantasia (que vejo e sei que os padece) o morar em Lisboa, esta Lisboa misérrima e enjoativa como hoje a temos, desconfio que lhe não aproveitaria; antes pode contribuir para se lhe assanharem as chagas. Mas por outra parte, não sei se se não deve ter ainda maior mêdo a esse vegetar solitario, na provincia, e a esse contínuo trocar êrmos por êrmos: S. Miguel, Braga, e mesmo o Porto.

¿Sabe o que eu entendo, meu caro Camillo? é que nem esses retiros pasmados e estupidos, nem esta agitação semsabor e vanissima de Lisboa, lhe convém exclusivamente. O seu espirito irrequieto carece de um viver de passarinho: poisar em toda a parte, sem acabar de fazer ninho em nenhuma.

Se me não engano, e se tal é a sua natureza, satisfaça-a, ou forceje quanto podér pela satisfazer. O Povo de Deus fez quarenta detenças no deserto, sempre em caminho da terra de Canaan, onde a final chegou; faça outro tanto n'estes nossos desertos; alterne essas terras a estas, e as dos Açores e as do Brazil, e todas a que possa chegar, certo de que em nenhum sitio, onde se entenda e leia portuguez, lhe ha-de faltar côrte, quanta possa desejar... ou soffrer.

Em summa: a receita cifra-se n'isto: que fuja de si, que é o seu maior inimigo; e para auxiliar essa fuga, procure sitios, que, por desconhecidos, o divirtam de estar cavando nas tristezas do costume.

Ora eu bem sei que um tal receituario é mais facil de escrever, que de aviar; mas quando se trata de viver, e para viver se teem tantas obrigações, nada ha que se não dêva tentar, até á custa dos maiores sacrificios. Se a sua existencia fosse exclusivamente propriedade sua, não teria eu o atrevimento de o importunar com estes conselhos; mas o espirito que Deus lhe deu, pertence a todo Portugal, e todos devemos forcejar para que tão cêdo se nos não perca. Bem vê que isto não é poesia, é realidade, e muito substancial.

Sabe V. Ex.ª o que eu agora mais desejava? era ir acompanhal-o ahi oito dias ao menos; conversarmos muito mão por mão todos tres ao-pé do nosso monumentinho; eu tomar os seus banhos quentes na sua

tina, e passear pela quinta á hora do sol posto; parece-me que me havia de fazer bem. O peor é ter eu para isso agora impedimentos dirimentes.

Adeus, meu caro Camillo; abrace por mim a senhora D. Anna; escreva-me quando podér e lhe agradar; e saiba e sinta lá por dentro, que de todos os seus admiradores e amigos, ninguem o é nem pode ser maior que eu.

Lisboa, 14 de Agosto de 1868.

Castilho.

Meu caro Camillo.

¡Vive Deus! Esta sua cartinha última já me traz melhores novas da sua saude. O Bom Jesus do Monte fez mais esse milagre. ¿Por que o trocou pela gente do Porto? Para o seu genio, se bem lh'o conheço, não é o conviver com ella que lhe ha-de pôr o ânimo contente, e por conseguinte em caminho de cura.

Saberá que este anno, quando já ia em 24 banhos de chuva, parei de repente, por me dizerem que em Londres se prohibiram, pouco ha, os *douches*, por ser opinião dos medicos inglezes, que a este violento remedio se devem imputar os muitos amollecimentos cerebraes e lesões da espinha, que hoje grassam por toda a parte. Pareceu-me dever dar-lhe esta noticia, para que não arrisque a fazerem-se em agua os miolos que Deus Nosso Senhor lhe deu, e que são dos melhores que por cá temos. Se tomar o meu conselho, fica livre do supplicio que tanto o mortificava no inverno passado.

Ouvi hontem ler, pela primeira vez, escritos do Leite Bastos, de quem nenhuma noticia tinha. É um dos mais aproveitados discipulos de V. Ex.ª; imitador, não digo, porque ha coisas que se não imitam. Mas a verdade é que ninguem (que eu saiba) lhe tomou com tanta propriedade a maneira rápida e incisiva de narrar e gracejar, e a côr vernácula, em que nos deliciamos, os enjoados da peralvilhice literaria. Do merecimento d'este Leite Bastos, é pois a V. Ex.ª que dou os parabens e agradecimentos.

Fico esperando anciosamente pelo Setembro ou Outubro; ¡tomara-o já cá!

Sou
De V. Ex.ª
sempre o mesmo

Lisboa, 25 de Agosto de 1868.

A. C.

X

O VISCONDADO DE CASTILHO

O poeta explica a Camilo em duas cartas íntimas as razões que o levam a aceitar o título de Visconde. — Uma carta de Camilo, sem data, pedindo a Castilho para lhe emendar uns versos.

Meu carissimo amigo Camillo
Castello Branco.

Se V. Ex.ª tivesse sido despachado Visconde, Conde ou Marquez, estou certo de que não consentiria na troca do seu bello nome por um titulo, e d'esse não consentimento seu melhormente lhe dera eu os parabens, que da suposta distincção.

Não ha cousa mais vã n'este Portugal de hoje do que são os titulos; nem mais nogento para quem tem razões de se presar. Todavia não sei ainda se aceitarei ou não a mercê. Um dos motivos em que o decreto se funda para m'a fazer, confesso que é para mim de summo preço e força grandissima, pois assenta nos serviços que ali se confessa ter eu prestado á instrucção publica e que veem qualificados de *relevantissimos*. Esta declaração feita pelo ministro em nome de El Rei, deve, e quando menos póde, vir a facilitar a preferencia

de ensino primario rapido, efficaz e humano, que eu tenho quasi em vão forcejado ha tantos annos introduzir e radicar. Considerado a esta luz, encanta-me o decreto.

Ha outro motivo que tambem m'o torna apreciavel, e é ter elle sido o primeiro e unico acto d'este genero, praticado no Ministerio do Reino pelo Marechal, homem de quem sou particular amigo ha largos annos e a quem devi sempre as maiores provas de affecto e consideração. Acresce para eu não poder furtar-me a isto sem incorrer n'uma especie de ingratidão, que eu já recusei o *Lagarto* que El-Rei me quiz dar no Ministerio do Braamcamp, e recusei-o n'uma carta ao Ministro secca e parece até sem lhe alegar desculpa nem razão; e agora El-Rei, esquecido d'essa minha indelicadeza, assigna de boa mente o que elle reputa para mim uma grande honra. O *bis in idem* fôra n'este caso uma especie de selvageria que nem os amigos deixariam de me extranhar. Pois não é assim, meu caro Camillo?

Aqui tem lealmente as ponderações que me induzem a consentir na alcunha que me destinam.

Ha porem outras, ponderosissimas tambem que militam em contrario; e a principal d'ellas, e a irrespondivel, é esta: que a mercê, se mercê se pode realmente chamar, ao que me repugna e envergonha, tem ainda por cima, ser paga por muito mais de um conto de reis, por quem não possue nem um tostão disponivel e muitas vezes se vê nos mais crueis apuros financeiros.

Dizem-me agora, mas custa-me a crer, que ha na lei uma clausula que me deve livrar desta espoliação que me poria por postas, pois determina que onde a mercê foi concedida por serviços relevantes, nada se exija por ella ao agraciado. Sendo assim, como o decreto de-

clara *relevantissimos* os meus serviços á Instrucção Publica, ficaria salvo da total ruina que me estava apavorando e não terei remedio senão aceitar e agradecer.

Por emquanto laboro na maior incerteza.

Juro-lhe, meu amigo, que todas quantas honrarias o Rei e os Ministros me possam, ou me podessem conferir, não eram capazes de se comparar na minha consciencia com as delicias de ter na quinta de S. Miguel de Seide, um monumento levantado pelo mais admiravel escriptor portuguez, o meu carissimo Camillo Castello Branco. Isso sim, que me traz honra, verdadeira e sem mistura alguma de ridiculo.

A semana que então ahi passei entre continuados favores e delicadesas, é, dentre todas as minhas reminiscencias, a mais viva e a mais simpatica. Leia-me tudo isto, á nossa amavel e excellentissima senhora D. Anna Augusta e a seus filhos, tambem, se elles estão já em edade de o comprehender.

De V. Ex.ª

o mesmissimo que sempre

Lisboa, 1-6-70.

A. F. C.

P. S. — Inclusa remetto a V. Ex.ª copia da carta que que sobre o mesmo dito assumpto dirigi hontem ao Thomaz de Carvalho. Ella, assim como esta, é já se vê confidencialissima.

Meu carissimo Camillo (1).

Recebi e devorei com alvoroço esta sua cartinha (2) que deve ter sido escripta antes de hontem.

Mil, e mil, e mil agradecimentos pelo pezo que me tirou de cima do coração. Não tenho amigo cuja estima eu tanto aprecie e estava, confesso-lhe, mais que receoso de que V. Ex.ª que melhor que ninguem, vê por dentro e até ao fundo o ridiculo de todas as cousas me levasse a mal, ainda que por ser muito delicado m'o não dissesse, o ter eu acceitado isto com que me quizeram distinguir. Reconheço agora que me enganei e ainda bem.

A mercê é em duas vidas; a primeira das duas não pode deixar de estar por pouco, e embora a graça fosse para se deliciar com ella o animo era uma cousa a escapar em que mal acertariam os parabens. Agora, a segunda vida, sim; é do meu, e nosso Julio, moço de verdadeiro talento poetico, realçado por dotes moraes sem exemplo, nem imitação, entre os rapazes d'hoje. Por esse lado, estou contente, sobretudo porque é possivel que estas tres sylabas postiças lhe facilitem, lá para adiante, algum arranjo melhor.

Vejo com o maior gosto, que esta ponderação é devidamente apreciada por V. Ex.ª e que o seu Jorge lhe faria acceitar, sem a minima repugnancia, o premio

(1) Desta carta de Castilho, há dois rascunhos, com pequenas variantes de redacção. Depois de confrontados um com o outro reproduzimos a carta como melhor nos pareceu traduzir a idea do auctor.

(2) Não se encontra, entre os papeis de Castilho, esta carta de Camilo que deve ter a data de 4 de Junho de 1870.

ainda que tardio que Portugal está devendo ao mais fecundo, ao mais original dos nossos classicos.

Esta nomeação foi o primeiro acto e no seu genero, o unico feito pelo Marechal logo que assumiu a pasta do reino. Ora demais a mais, o Marechal, meu amigo velho, e sempre extremoso deve trazer a alma em carne nova, se assim se pode dizer pelas inumeraveis recusas que homens de todos os vultos teem, n'estes ultímos tempos, feito aos seus obsequiosos convites e apertadissimas instancias. Deveria eu pagar-lhe com um *não*, por mais disfarçado e condimentado que elle fosse, uma offerta revestida de todas as circunstancias obrigatorias? E depois, o sobrinho do Marechal, D. Antonio da Costa que é um dos meus intimos e a quem eu attribuo não pequena parte na auctoria da mercê, não tomaria a minha recusa, por uma bofetada, dada n'elle e outra, em seu tio, em troca de uma fineza tamanha, tão espontanea, e tão inesperada? Ceda-se pois á fatalidade; se tenho de pagar, submetto-me como qualquer se acomoda com um incendio que, sem culpa sua, lhe devorou os campos e a morada. E por cima de tudo isto, meu amigo, não lhe devo escurecer que esta alcunha de Visconde, por mais que eu tenha ensaiado comedia, mesmo debaixo dos meus lençoes, ainda não percebi que tivesse para o meu paladar o minimo sabor. Ser tratado com aquella trisylaba, sabe-me tão bem como me pudera saber o estro roendo um chapeu velho. Ha quem se regale com isso; mas tudo quanto eu tenho escripto depõe, contestamente que eu não estou n'esse rol.

Beije por mim as mãos, meu caro Camillo, á nossa amabilissima senhora D. Anna Augusta, e abrace seus filhos a quem agora ainda quero mais por lhe terem

feito sentir bem a razão principal que me induziu a concordar na desautoração official do nome com que me creei.

De V. Ex.ª
am.º velho, inalteravel e cada vez
mais obrigado

Lisboa, 6-6-70.

A. F. C.

Meu ex.mo amigo.

Sinceramente e humildemente peço a V. Ex.ª que leia essas linhas de má prosa. Se tem vagar e paciencia, desbaste o mais grave das parvoiçadas. Faça isso ao pobre homem que só obrigado por V. Ex.ª, tentaria escrever versos. V. Ex.ª vae dar razão á minha repugnancia.

De V. Ex.ª
sincero amigo

Camillo C. Br.º



ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

Retrato inédito, feito à pena
e de memória, em 1889, pelo Visconde de Castilho (Júlio)

NOTAS

NOTA I

Meia dúzia de anos antes da primeira carta que abre êste livro, já se encontra no arquivo de António Feliciano de Castilho, provas claras do aprêço e admiração que êle tinha pela prosa de Camilo Castelo Branco. Ufanava-se de ser português quando lia as suas páginas — escrevia — e o grande romancista mostrava-se sensível a todos êsses elogios. Que êstes não eram *pró-fórma*, vê-se das alusões repetidas em cartas a terceiros. Na longa correspondência com seu irmão José Feliciano, para o Brasil, há também algumas referências amáveis. Pode acrescentar-se, com verdade, que nunca perdia ensejo de pôr em relêvo o alto valor literário de Camilo, no qual confiava em absoluto a ponto de indicar logo o seu nome para colaborador duma grande obra de que José Feliciano lhe traçara o plano: espécie de biblioteca latina, com traduções dos melhores escritores.

A carta em que o tradutor de Ovídio acolhe com aplauso a idea, merece bem ser conhecida, porque nunca ninguém deixou em páginas epistolares, escritas ao correr da pena, mais forte e abundante crítica às traduções portuguesas da grande literatura latina. Conhecia-a bem, no original e na tradução, e êsse conhecimento traduzia-lhe tôda a vasta erudição. Rejubilava com o plano da emprêsa, mas não deixava de a con-

siderar uma utopia que, a realizar-se, imortalizaria o irmão:

Jussum cui que: o general em chefe da magnanima facção és tu, deves ser tu, e has-de ser tu. Que te falta para isso? Nada. Tens nome, tens actividade, que para isto se requer em gráo summo, tens a inteligencia prestes e o trabalho rapidissimo, tens sobretudo o poderes lêr pelos teus olhos e escrever pela tua mão. Romanisa-me, fanatisa-me o fradinho e começa já, já, segundo o teu plano que se me figura excellente.

A minha opinião é que haja n'isso toda a diligencia, toda a ancia em amostrar volumes compactos sobre volumes compactos, mas não menor empenho em que o conteudo nelles seja o melhor e mais perfeito possivel; antes nada que improviso e panaceia. Emquanto uma pagina de indole classica se vir que póde ser melhor, não está boa nem se deve admitir; o *à peu près* não presta. Não quero dizer que sejamos mais exigentes com os nossos traductores do que Horacio o foi com os poetas; em obras longas, disse elle, já se póde escabecear, não me ofenderei, disse tambem, de enxergar entre muitos resplendores algumas poucas nodoas lançadas pela incuria ou mal precavidas por quem, por mais que faça se não póde isentar de ser homem. As traducções que o Nisard nos colligiu tambem tem seus senões; mas como em geral são boas, e algumas optimas, fieis quanto podiam ser e elegantes, recebem-se com veneração e agradecimento.

Ora digo eu, se esta doutrina é sã, e se este e não outro deve ser o programma tacito do compilador d'estas versões, creio que o brilho do português, o amor proprio da nacionalidade te fez imbofar o teu poucochinho com o Santo Frade bombeiro quando lhe inculcaste que tinhamos já muitas traducções por onde se poderia começar. Se as ha dignas, não as conheço eu. Quanto a mim um unico auctor latino é que se pode dizer que está bem naturalisado entre nós: é Horacio: as odes pelo Elpino Duriense e algumas por Filinto, as satiras, as epistolas e a poetica pelo Seabra. O Tibulo traduzido, não ha muito, pelo Antonio

Ayres de Gouveia em verso solto, concisamente e em bom portuguez um tanto afilintado, parece-me que tambem está no caso de servir se não aparecer melhor.

O Poema da Guerra Punica de Silvio Italico está barbarisado pelo Francisco Manoel do Nascimento. Não sei se existe o metodo que se não tinha perdido da *Tebaida* de Estevão, pelo José Agostinho, mas ainda que exista não votava eu pela sua adopção; a tumidez de Estevão já de si intoleravel, é dez vezes mais tumidez nos versos do padre. O Virgilio de Lima Leitão e o do Eurico Mendes, são dessalgadissimos, são duas mentiras perenes e flagrantes áquella peregrina suavidade do mantuano. O pedaço do Virgilio pelo Barreto Feio está no mesmo caso. O do Leonel da Costa é uma sensaboria miseravel. Do Ovidio, de Candido Lusitano, pouco melhor se póde dizer. Em Almeno e Miguel do Couto Guerreiro, nem se falla. De Phedro ha para ahi não sei que porcarias. De Terencio uma cataplasma de Leonardo da Costa. A *Eneida* de João Franco Barreto é uma paraphrase. As *Odes* de Horacio, do José Agostinho, coisa nenhuma. O Lucrecio, de Lima Leitão retocado, póde ser que servisse; e podia-se retocar, pois duvido que outrem emprehendesse traduzir tal poema. *O rapto de Proserpina*, de Claudiano, pela Marqueza de Alorna, é o diabo. Aquella Sibilla entendia doutras coisas, mas de versos!... Do Tacito, convinha fazer traducção nova, mesmo para desagravo das que fizeram o Canuto de Forjó, o José Liberato, e o padre D. José Lacerda.

Tito Livio para ahi anda aleijado em parte pelo José Victorino e pelo Monteiro Bastos. Salustio, pelo mesmo José Victorino, Juvenal e Persio foram ambos pelo mesmo Basto, mestre latino da S. S. A. A. comidos e ... etc. etc.

Emfim, isto é um hospital de invalidos. Pode-se dizer em boa verdade que está tudo por fazer. Haverá gente com quem se possa contar para taes cometimentos? Tenho que sim, mas é pouco. Eu por cá tenho sondado alguns em que tenho posto a mira. O Leoni disse-me que ia eleger algum auctor e tentar-se n'elle; deve dar boa conta do recado; sabe português e é muito consciencioso Magalhães Coutinho helenista e latinista muito dado ás

letras classicas e meu collega no Conselho Superior da Instrucção Publica, traduzirá e commentará o Celso. Antonio Ayres de Gouveia alem do Tibulo que já tem, fará talvez o Propercio. O Foscôa é muito natural que se atire a mais algum auctor de prosa. Marquez de Rezende, o deão da Madeira, e o conego Felix Manuel Placido da Silva Negrão, espero façam coisa que se veja. Latino Coelho, se não prometter, é muito capaz de executar. Mendes Leal tambem não ha-de querer faltar na procissão. Seabra talvez se tentasse. Viale não resistiria. Tu contribues como Lucano e Seneca. Eu com Ovidio todo ou quasi todo; já não é mau nem pouco para se emprehender e começar.

Está claro que não havemos de ser eu, nem tu, nem o D. Abade que ponhamos, nem que vejamos pôr a ultima pedra em tal monumento, mas isso que importa: Comecemol-o nós, que sem principio não ha fim.

A tua ideia dos commentarios a cada auctor acho-a optima; assim como sobre cada auctor quisera eu se desse uma noticia biografica litteraria bem esmerada como tu fizeste acerca de Ovidio e o Julio Janin a respeito do Marcial. Esse trabalho, talvez devesse correr todo por tua conta que a prova do como te havias de desempenhar d'elle lá está nas vidas que escreveste de Fernão Mendes Pinto e de Bocage, obras essas que nenhum de nós outros em Portugal conseguiria executar tão cabalmente sobretudo, a meu juiso, a de Fernão Mendes que é uma verdadeira creação.

Até aqui as indicações para se pôr de pé a obra. O estudo sôbre Fernão Mendes, citado, é o que abre o volume respectivo da *Livraria classica,* pelos dois irmãos editada e na qual saíram também trabalhos de Garcia de Rezende, Bocage, Padres João de Lucena e Manuel Bernardes e António Ferreira.

Vem logo a seguir, após o pedido de esclarecimentos sôbre a parte financeira da obra, porque não *arma ao louvor, arma ao dinheiro,* e antes dumas considerações sôbre suas propostas à Academia Real das Sciências

a qual desde que se *apanhou com o sangue novo está sendo para menos ainda do que o velho,* a referência a Camilo.

> Camilo Castelo Branco que é um enorme talento, fecundissimo, rapido e elegante vae tentar a traducção de Terencio em quadras redondilhas á móda das comedias hespanholas; depois mostrar-me-ha o seu trabalho e se eu achar que serve dal-o-ha para a collecção. Já te digo que ha-de servir optimamente. Assim houvesse quem traduzisse o Plauto; cometel-o-hia eu se tivesse tempo. Plauto em boas quadrinhas era papa fina.

Não tinha receio sôbre o êxito, não lhe assaltava a menor dúvida sôbre a forma como êle desempenharia a missão; confiava-a como se fôsse a si próprio. Tinha um aspecto de previsão natural, o cego Castilho. Na correspondência atrás coligida, essa previsão crítica manifesta-se bem, em dois pontos: a admiração pela riqueza cada vez maior do vocabulário de Camilo, e o conselho para reunir em volume a sua correspondência. Se êle podesse assistir ao sucesso de livraria que tem hoje tôda a obra epistolar de Camilo, até mesmo a mais trivial que êle nunca pensaria decerto em que fôsse lida além da pessoa indiferente a quem fôra dirigida, exultaria por certo, vendo que, meio século antes, vaticinára esse sucesso.

A longa carta de 5 de Março de 1860, para o irmão, termina, na parte ainda referente à colecção latina, com a reprodução do trecho da carta em que êle agradecia, anos antes, a El-Rei D. Pedro V, o seu convite para dirigir a cadeira de literatura moderna no Curso Superior de Letras, pelo monarca fundado, desculpando-se e eximindo-se de o aceitar.

NOTA 2

(De pág. 1 a pág. 18)

Registada a alegria com que António Feliciano de Castilho acolheu o plano do irmão para a obra dos clássicos latinos, registe-se também o seu amor à escola primária para educação do povo. Nas duas primeiras cartas ficam bem expressas, a par do desejo arreigado de que alguma coisa de útil se fizesse a êste respeito, as preocupações constantes que lhe dava o ensino infantil, a ponto de solicitar de Camilo, tão ocupado escritor, o auxílio poderoso da sua prosa para lhe criar adeptos e propagandistas. É que o tradutor de Virgílio e de Ovídio era, em tudo, um entusiasta. Tarefa a que se abalançasse, nunca era problema adiado. Tinha o que a tantos, que têm olhos, falta em absoluto na nossa terra, o que os franceses chamam *l'esprit de suite*. Obra por êle encetada, era obra terminada. Não o intimidavam dificuldades, não o esmoreciam longuras; a paciência tudo supria.

A luta por êle travada durante anos em defesa do seu *Método de Português*, discutido por muitos, tão combatido por alguns, tão perseguido por outros, foi verdadeiramente titânica, desdobrando-se com vertiginosa actividade desde os relatórios oficiais que formariam grossos volumes até os folhetos de polémica que são verdadeiras sátiras literárias. Aceitava a discussão onde lha colocassem, acudia pela sua obra com o denôdo com que os antigos cavaleiros acudiam pela sua dama. A insistência da solicitação a Camilo, aí está a prová-lo; e, quando o grande escritor lhe pede

que o encaminhe, que lhe sugira alvitres, êle responde-lhe com essas páginas de alto interêsse pedagógico e literário. A carta de 14 de Novembro de 1864 é um modêlo no género.

*

O romance a que Camilo alude impresso no Brasil, (pág. 116) é o *Agulha em Palheiro* que foi dedicado a Castilho. A dedicatória dizia:

> Ao poeta das creanças, das flores, do amor, da melancolia e dos desgraçados, ao Ill.mo e Ex.mo Snr. Antonio Feleciano de Castilho, honra da patria, honra dos que o presam e amam a patria, offerece o amigo, o respeitador, o discipulo mais devedor. — *Camillo Castello Branco.*

Não demorou o autor as emendas dos erros cometidos na composição brasileira e em Janeiro de 1865 abria a edição feita em Portugal com *Duas palavras:*

> A primeira edição deste romance saiu de uma typografia do Rio de Janeiro. Parece que houve proposito em desdenhar os prelos brasileiros! Poderá parecer tambem que se intentou desdourar o auctor, mas semelhante suspeita não vingaria, attendendo a que não é coisa verosimil alguem escrever assim. O que mais poderia crer-se seria que o escriptor mais fleugmatico morresse de fulminante desgosto vendo a sua obra tão damnificada e suja de todas as nodoas, para lavagem das quaes se crearam as quatro partes constitutivas da grammatica. Imprime-se o livro, como o auctor escreveu o manuscripto, e chama-se 2.ª edição porque o titulo e substancia da obra está no livro publicado no Brasil.

De então para cá, o *Agulha em Palheiro* teve outras edições.

NOTA 3

(De pág. 19 a pág. 35)

Logo ao romper da célebre questão literária levantada à roda da carta dirigida ao editor António Maria Pereira e que acompanha o *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas, acudiu Camilo em defesa do seu amigo Castilho, com quem manteve sempre as mais íntimas e amistosas relações, como, ainda poucos meses antes de morrer, me confirmou em conversa seu sobrinho o meu querido e saüdoso amigo José de Azevedo Castelo Branco.

Ainda não estava bem acesa a fogueira em que se haviam de queimar tantos produtos cerebrais do tempo, quando Camilo escreveu a 23 de Novembro de 1865 ao director do *Jornal do Comércio*, esta carta:

Ill.mo e Ex.mo Sr. Luiz d'Almeida
e Albuquerque.

Faço conta de escrever um romance historico do seculo passado para desenfastiar os paladares aborrecidos de paixões de casaca e luva. Verei se posso concluil-o para o começo do anno.

Bem haja V. Ex.ª por não deixar imprimir a indiscreta objurgatoria do Theophilo. Reconheço o não vulgar merecimento daquelle rapaz; mas ainda que elle fosse maior nem assim a boa razão poderia absolvel-o da philaucia e ouzadia. Enquanto ao Anthero do Quental não posso perdoar-lhe a injustiça com que offendeo o Castilho, sem ter recebido minima offensa. Esta desveneração a um homem gloriosamente encanecido a ensinar á sua geração e ás vindoiras o melhor modo de escrever a lingua portuguesa é uma das não menores vergonhas da nossa terra.

Eu estou manietado nesta conjunctura porque o Anthero me dedicou parte das suas *Odes Modernas;* senão, apparecia entre os ultimos discipulos de Castilho protestando contra estes ostrogôdos das regiões da nebrina que nos querem matar o resto do bom-senso.

Coimbra está sendo um ninho de aguias. Alli fazem-se religiões novas, os apostolos recebem o espirito santo no *O* da ponte, fallam de tudo e em todos os idiomas sem elles mesmos saberem como infusamente lhes cahiu a sciencia por elles dentro.

Frequentei, algum tempo, ha vinte annos, aquellas escolas. No meu tempo, tocava-se galhardamente a banza, e moiam-se os lombos dos futricas. Hoje aquillo é um benzer-se a gente! Cada rapaz que leu o Vico bem ou mal percebido, atira um pontapé ao globo, e diz: «faça-se luz nova!» Alguns no pontapé quebram a ferradura, e os cravos saltam á cara dos cidadãos pacificos que vão á sua vida. Deus perdoe ao Michelet que estonteou aquellas cabeças; e já agora contra o Michelet que remedio conhece V. Ex.ª a não ser os capacetes de neve?! Declaro a V. Ex.ª que dou louvores ao Senhor por que nasci em 1826. Se eu tivesse nascido quinze annos depois, naturalmente seria mais sybillino, mais orientalista do que elles. Deus nos defenda da peste eminente do *idial* e nos deixe morrer na fé litteraria de Luiz de Souza, e doutras cabeças espalmadas que aprenderam a escrever com os anjos.

Desculpe a estupada e creia-me

De V. Ex.ª
am.º obrg.mº e creado

Camillo Castello Branco.

A carta de Castilho ao editor Pereira tinha a data de 27 de Setembro. Era uma longa crítica literária em termos que levantariam fatalmente celeuma e tanto assim o pensava o autor que lhe fez êste *Post-scriptum:*

Queira V. Ex.ª dizer de ante-mão aos que discordarem das minhas opiniões e o houverem de dizer pela imprensa,

que o Virgilio me não dá licença para lhes responder. O que pensava e sentia, espendi-o, lá brigar não brigo que tenho mais que fazer.

Mas tratou de pôr em briga um verdadeiro exército. O primeiro cuidado foi dar execução a um alvitre de Bulhão Pato. Êsse alvitre vem explicado em uma carta de Castilho a António Augusto Teixeira de Vasconcelos:

> Saberás que se projecta compôr um livro gordo mas não de letras gordas, um livro de sustancia e amenidade em que se tratem a valer as questões litterarias e poeticas em que actualmente mais convem estabelecer-se as boas e sans doutrinas. Para este livro, especie de imitação do livro dos *Cent et un* devem ser convidados como collaboradores todos os mais competentes e respeitados juizes do officio. Alguns delles rogo-os eu para se reunirem n'esta tua casa no serão de sabbado d'esta semana. Se elles concordarem, que não podem deixar de concordar, em que a obra é util, discutir-se-ha o modo de a effectuar e cada um escolherá para si o assumpto que mais lhe approuver.

Não insistia com o director da *Gazeta de Portugal* a que perdesse tempo no serão, mas pedia-lhe ao menos um prato da sua cosinha, e rematava com graça:

> Quem arranjou um de arroz doce tão delicioso para todos os paladares não póde escusar-se de vir mostrar novamente as suas habilidades n'um *pic-nic* de amigos.

No mesmo dia, 6 de Dezembro, Castilho detalhava ainda mais o alvitre, em carta a Pinheiro Chagas:

> A ideia é que eleja cada um o assumpto que mais afine com a sua indole, com a tendencia nativa do seu espirito, com os seus especiaes e mais predilectos estudos; tratal-o com plenissima liberdade, e do ajuntamento d'esses escriptos: dissertações analogas e criticas, exposições filo-

soficas, facécias, etc., compaginar-se um volume forte de 400 paginas ou dois volumes ou os que forem, imprimir-se, vender-se barato e promover-se a sua vulgarisação com o auxilio do jornalismo que não deve deixar de associar-se em tão louvavel empenho.

E convidava-o também para o serão, como Príncipe da crítica. A outros escritores, no mesmo dia, escrevia outras cartas de convite, e a alguns lembrava que se fizessem acompanhar doutros amigos.

Contava o prefaciador do *Poema da Mocidade,* com a colaboração de Pato, Tomás Ribeiro, Eduardo Vidal, Latino Coelho, Zacarias de Aça, Osório de Vasconcelos, Mendes Leal, Júlio César Machado, Silva Túlio e muitos outros, para *opôr*, como êle escrevia ao último dêstes, *uma barreira á enchurrada lamacenta do norte.* O serão creio que se realisou no tal sábado 6, assistindo alguns dos convidados. Osório de Vasconcelos desculpou-se por doença e anunciou a sua visita para três dias depois a receber as ordens do mestre para o Pôrto, para onde seguia na primeira quinta-feira, mas a idea de Bulhão Pato foi posta de parte, como o anunciou Castilho na sua carta de 10 do mesmo mês, a Silva Túlio, pormenorizando detalhes do exército literário com que contava:

Amigo Tullio.

Concordou-se em se não fazer o livro para se não dar a patetas doidos mais consideração do que elles merecem; mas concordou-se tambem em que em vez do livro lhes fizessemos todos, e de todos os cantos uma guerra incessante ora com balla, ora com escomilha, ora com tiros de sal, ora com vaias e surriadas.

Pois seja assim, e vamos a isso.

Os dois mafomas Coimbrões (coimbrões, não; ilheus) arrotam do fundo do seu papo que em Lisboa, e em geral

cá para o sul é tudo ignorante; que o Herculano tem mais fama que talento porque os não comprehende; que o Mendes Leal, é um arrumador de palavras, o Chagas um tolo (sic); o Tullio um retrogrado etc. etc. etc. *tuto il mondo ecomunicato, meno la gente di Lavradio.*

Vamo-nos a elles, porque ainda que a bebedeira lhes ha-de passar com os annos, emquanto dura pode fazer muito mal.

Materiaes de guerra não nos faltam. Temos do Theofilo, todas as prozas e quazi todos os versos; do Quental todos os versos e quazi todas as prozas; temos os escriptos dos seus leigos; e temos agora um periodico archipetisco intitulado — *Revista de Coimbra.* Ha materia para uma risota de vinte annos, e quando Deus dá as coisas é para se aproveitarem.

Escreva o que quizer, e do modo que mais conveniente lhe parecer. Diligenceie que o nosso Thomaz com *z* ou sem *z* tome tambem voz pelo senso commum; elle pode-o fazer excellentemente assim a preguiça lhe tire as mãos debaixo dos braços. O Julio Caldas fez aqui ha dois dias um exame critico dos mais judiciosos e engraçados ao *Fiat lux*, e prometteu redigil-o para a imprensa. Que se não descuide. O Camillo Castello Branco annuncia-me um folheto contra os vandalos. O Chagas está sabido que os não larga mais. O Rebello da Silva já começou a atiçar-lhes numa carta que vai sahir com um opusculo do Matheus de Magalhães. O Latino Coelho prometeu sair tambem á rua. Antonio Augusto idem; Eduardo Vidal já começou; o Zacharias Aça está-lhes mettendo o pente fino na carapinha fylosofica. O Souza Lobo com boa vontade de lhes provar a grande razão com que Camillo disse no romance *O esqueleto* — «certos individuos quando cuidam que o ideal os eleva, burrificam-se». O Ozorio de Vasconcellos, disse-me que tambem havia de acudir. O Pato, que foi o auctor da ideia do livro, não pode ficar inerte; o Roussado como lhe refilaram, que era o que elle estava esperando vai continuar com os seus debiques, e o Pedro Diniz começar com os seus. Do meu Julio é escusado fallar!

Que de gente e optima gente para frigir e tosquinhar os dois bacoros que chafurdam por Coimbra.

Viva S. Martinho, e viva o magusto litterario.

E o nosso Mendes Leal! só esse se se dignar de descer ao *quintal* para a brincadeira que é ao mesmo tempo muito seria, peza por cincoenta. A sua auctoridade é immensa como prozador, como poeta, e como homem util e de juizo, como os poetas não são nunca, e os prosadores raras vezes. Este, sem offensa de nimguem, é hoje o primeiro vulto da nossa litteratura; honra-se a gente em o reconhecer.

Tenho palrado demais; pois não é por me faltar que fazer; é porque em conversando com V. Ex.ª esqueço-me de tudo o mais. Abraços a todas essas senhoras, e eu sou

De V. Ex.ª
confrade, e amigo velho
e obrigadissimo

Lisboa, 10 de 10.bro de 1865.

A. F. de Castilho

A actividade de Castilho desdobrava-se incansável nesse momento. Também a 10 de Dezembro se dirigia ao seu velho amigo Filipe do Quental, queixando-se da atitude do sobrinho, nesta carta que é um documento importante para a célebre questão do *Bom senso e Bom gosto.*

Meu bom e querido compadre.

Valha-nos Deus com os rapazes deste tempo! Esta exclamação hoje em dia é bem justificada. Nós tambem fomos crianças, mas contentavamo-nos com isso, e já não era pouco. Hoje, os que hontem mamavam, proclamam com o maior desafogo que sabem tudo; que só elles pensam; que são creadores; regeneradores; prophetas; que todos se devem prostrar diante delles em adoração; que toda a mão

que se lhes estender, amiga ou caridosa, para os pôr no caminho, deve ser cortada, queimada, e as cinzas lançadas aos quatro ventos.

É isto o que se está vendo na nossa pobre Coimbra com muita magoa minha que tanto bem quero áquella terra que devia conservar-se para sempre, como sempre fôra, juvenil e innocente.

Mas não é só pela paz e bom nome de Coimbra que me isto doe; é por ver cabeça de motim naquella anarchia insensata, e consociado com um doido furioso e de má entranha como é Theophilo Braga, moço aliaz de talento, um neto de André da Ponte, o filho de um homem tão de bem como é teu irmão, o sobrinho de um dos meus melhores amigos como tu és, e dos meus mais zelosos collaboradores como tu foste.

Dou-te os sentimentos desta desgraça; ou antes, reparto contigo dos meus sentimentos proprios.

Li, e já o sabia antes que m'o dissessem que tu reprovavas a inesperada e inaudita provocação que teu sobrinho me dirigira, e a qual pela materia e pela forma escandalisou a toda a gente. Devia-te por isso agradecimentos e aqui t'os dou.

Provocação, repito, porque eis aqui a historia se porventura a não sabes, e é provavel que não porque tens coisas muito mais serias de que tractar.

Escrevi sobre o poema do Chagas uma carta que se imprimiu, na qual ventilava por alto, e sem a minima sombra de personalidade, algumas questões litterarias e dava conselhos que me pareciam uteis, e que hoje vejo serem alem de uteis, indispensaveis.

Nessa carta mencionava eu o Anthero e o Theophilo como talentos, mas talvez excessivos nos arrojos e me permitia fazer-lhes elogios que muita gente havia de taxar e taxou de demasiados; não lhes dirigi injuria; não lhes feri imputações nos males da nossa litteratura actual, e podia tel-o feito; em summa, tributei-lhes uma tão alta consideração que muita gente m'a estranhou. Peço-te que releias com attenção essa parte do meu escripto.

Agora noto que este meu procedimento era tanto mais generoso para com os dois rapazes travessos, quanto eu

sabia muito ao certo as más ausencias que um e outro desmerecida e até ingratamente me faziam. Mais alguma coisa: havia muito que o Anthero me tinha descortezmente maltratado num prologo singularmente insensato que fez a um volumito de poesias que ahi appareceu d'um tal Portella; coisa a que eu fechei os olhos e deixei-o passar como uma tonteria de rapaz presumpçoso.

Mas meu caro Filippe, imagina tu, pois me conheces o genio, e viste o *Ou eu ou elles* o que eu não haveria dito› conhecendo como conhecia o seu *Fiat Lux;* esse delirio incrivel que elle veio mostrar ao Herculano e sobre que o Herculano lhe disse que «tratasse d'outra vida; que Deus o não tinha feito para poeta».

Fui ou não fui generoso? Decide-o tu. E como é que elle pagou esta enorme generosidade? como tu viste e deploraste na carta que elle me dirigiu pela imprensa; carta em que não refutou nem tentou refutar uma só das minhas asserções litterarias, mas se limitou em me vociferar brutalidades, segundo me afirmam todos, porque eu por mim logo que soube a indole de tão incrivel papel, não consenti em que m'o lessem.

Meu filho Julio é que lhe respondeu; e de modo, ainda assim, que não falta por ahi quem o increpe por se ter limitado em rebater a aggressão, quando podia tão facilmente subir a uma posição offensiva grandemente vantajosa Quiz ser generoso e eu aprovo-lh'o.

Aqui está o desabafo que eu ha muitos dias necessitava ter comtigo.

Esta carta, claro está que é só para ti. Por caso nenhum faz uso do seu contheudo no intuito de converter o rapaz; nada conseguirias, e se lhe prégasses razão arriscavas-te a elle insultar na tua pessoa a auctoridade dos annos, do parentesco, da sciencia, da experiencia, e da probidade.

Já que se lhes não pode ter mão, deixal-os correr para onde o seu destino os leva; ainda que é triste coisa ver moços que Deus havia talhado para muito, levados do diabo por despinhadeiros abaixo em quanto elles fantaziam que estam subindo ao septimo ceu; é triste, é, mas que lhe havemos nós de fazer? dar muitissimas graças ao altissimo, por nos ter concedido nascermos em tempo em que os fe-

delhos não traziam ainda da barriga das mães a sciencia infuza, a lingua espevitada, e o punhal á cinta.

Accredita nas veras com que sou

Teu
compadre amicissimo e obrigadissimo

Lisboa, 10 de Dezembro de 1865.

A. F. de Castilho.

Não se encontra entre os papeis de Castilho resposta alguma de Filipe do Quental a esta carta que lhe não devia ter sido muito agradável. Nela se tratava com bastante desprêzo Antero de Quental, como êste na sua carta de 1865 tratara Castilho. Felizmente nenhuma das diatribes com que êles se degladiaram, e com êles, tantos outros escritores seus adeptos, ofuscaram o brilho projectado até então e mais tarde na literatura pátria pela obra dos dois grandes poetas, o do *Amor e Melancolia* e o das *Odes*.

*

A pág. 31, Castilho conversando com Camilo a respeito da impressão produzida pelo seu livro de versos, diz:

O nosso Thomaz Ribeiro tem toda a rasão na sua carta.

E transcreve a seguir:

Celeste dom da poesia
Joia sem preço calcada
etc., etc.

A carta em que o autor do *D. Jaime* tinha razão, no

dizer de Castilho, era a que êle escrevera para a terceira edição de *Um livro?* de Camilo; e os versos transcritos são do próprio livro.

NOTA 4

(De pág. 37 a pág. 58)

Posta de parte no sarau de Tibur a idea, alvitre de Bulhão Pato, para a publicação do *livro colecção*, tratou logo Castilho de mobilizar o grosso do exército para a folhetearia. O alistamento foi concorrido, a pesar de faltarem muitos dos primeiros e dos mais entusiastas a manifestar-se, e que por preguiça se deixaram ficar no esquecimento. Em compensação outros com que se não contava, apareceram na arena, e tão bons jogadores e tão imparciais que desagradam a gregos e a troianos. De entre os melhores, deve citar-se Ramalho Ortigão, com o seu opúsculo que, na aluvião de tantos escritos, póde dizer-se ter ficado logo a demarcar o alto lugar que, mais tarde, havia de ocupar na crítica literária do seu país. Castilho mostra-se pouco contente com essa intervenção, e não o encobre na correspondência para Camilo; hesita na apreciação do trabalho sôbre o qual, na mesma semana, tem umas poucas de opiniões, antes mesmo de o conhecer e mesmo depois da oferta do exemplar que Ramalho lhe enviara e cuja dedicatória amável só lhe lembra versos do quadrilheiro de *Vaudeville*, citado a pág. 49, talvez só para deixar mais uma amostra valiosa da graça com que êle punha em bom verso português, Moliere e os Vaudevilistas. Do outro lado, Antero declarava-se *touché* pelo ines-

perado esgrimista e vai ao Pôrto, propositadamente, para se bater com êle em duelo. Muito se havia de rir com os seus botões o futuro crítico das *Farpas*, em face do efeito produzido nos dois campos adversos, nas duas escolas rivais, a de Coimbra e a de Lisboa, se quiserem manter-lhes a taboleta-reclame á polémica, que no dizer de Inocêncio da Silva, deixou *a perder de vista* as questões suscitadas anos antes pelo método de Verney, pela gramática dos padres do oratório, e pelo *Eu e o Clero* de Herculano, não só pela multiplicidade dos contendores como ainda pelo azedume dos argumentos.

Em dado momento, a aluvião de folhetos era enorme e prometia eternizar-se, mas como tudo neste mundo cansa, a verdade é que os últimos a chegarem ao campo eram tidos já como importunos e maçadores. Os próprios interessados não podiam ocultar ìntimamente um certo enfado.

Quando Pinheiro Chagas no folhetim do *Jornal do Comércio* de 22 de Novembro de 1865, levantou a luva arremessada pelo Quental, o caso produziu certa sensação aumentada pelo humorismo de Manuel Roussado e pela grave resposta, serena e nobre de Júlio de Castilho, o filho querido do poeta visado. Esse folheto revela especialmente da parte do seu autor, traços de irrepreensível correcção que foi sempre o timbre da sua vida. Camilo mandou-lhe então êste belo cartão de felicitações:

Illmo e Exmo Snr. Julio de Castilho.

Um sincero e amicissimo aperto de mão e de braços pelo seu magnifico escripto. Se fossemos irmãos, o prazer da leitura não me seria maior. V. Ex.ª já não pode esperar que outrem entre nesta questão (*questão!* Sancto Deus!)

de modo que os tolos se doam. Não obstante, logo que Deus me dê alguns dias de paz e lucidez, o meu folhetinho irá dar testemunho de estar para aqui sequestrado um discipulo do nosso querido Mestre, um dos que mais lhe devem, e que, se muito fosse, teria orgulho em confessar que infeitára a crusinha do seu ermo com as flores que Antonio Feliciano de Castilho derrama ás abadas sobre quantos lh'as pedem. Creia-me, senhor Julio de Castilho, que eu tive vergonha de ser portuguez quando li, pouco ha, uma coisa d'um Elmano.

V. Ex.ª ajustou contas com os apocalypticos. Eu, querendo Deus, hei-de tirar-lhes a prova real.

De V. Ex.ª
amigo, collega, e attento criado

Porto, 7 de Dezembro de 1865.

Camillo Castello Branco.

Ao filho do Mestre, seguiram-se os outros discípulos do pai, os que o eram e os que pretendiam sel-o, rapaziada nova, endiabrada, sacudida pelo estro poético ou pelas ideas filosóficas do tempo, ávida de evidenciar-se, de entrar na brecha, de se misturar com uma geração literária por excelência que se fizera *à mocada*, e que tinha em tão pequena conta o *elogio mútuo* que até nas cartas particulares desancava adversários e às vezes amigos.

Só no *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio, se registam 44 folhetos, muitos de autoria duvidosa, a princípio, mas que mais tarde o paciente bibliófilo conseguiu apurar. Na contenda ficaram figurando além dos já citados, o Dr. Teófilo Braga, com as suas *Teocracias literárias*, Elmano da Cunha, Ruy Portocarrero, A. Ferreira de Freitas, Cunha Belem, José Feliciano

de Castilho, Urbano Loureiro, Augusto Malheiro Dias, Freitas Oliveira, Brito Aranha, Carlos Borges, E. A. Salgado, Costa Godolfim, Ricardo Guimarães, Guimarães Fonseca e outros do Brasil, e ainda alguns escondidos dentro de pseudónimos impenetráveis.

De entre tôda essa folhetearia, cuja reedição em globo seria interessante como produto da época em que surgiu, dois trabalhos resistiram verdadeiramente ao tempo, *A literatura de hoje* de Ramalho Ortigão, em que Castilho tão pouco confiava a princípio, e os *Guelfos e Gibelinos,* de Eduardo Vidal.

O primeiro rompia com os largos ombros de atleta aceiado e um alto espírito crítico, ao serviço de paradoxos originais e divertidos, o caminho que uns meses depois o havia de trazer até à capital para ser consagrado nas barulhentas páginas das *Farpas.* Lisboa começou a vê-lo e a lê-lo e acabou por estimá-lo, à fôrça de se embasbacar diante da originalidade da sua prosa e dos seus casacos. O opúsculo dêste contendor é dos mais elegantes, literàriamente, e dos mais sensatos sob o ponto de vista crítico, seja qual fôr o julgamento dos criticados que são sempre suspeitos.

O trabalho de Eduardo Vidal, interessa ainda na leitura, o que não sucede aos da maioria dos companheiros, e com alegria, lhe notamos essa superioridade. É que êste escritor, à fôrça de modestamente se conservar na sombra da arcaria aduaneira, não se impoz como poderia tê-lo feito, porque tinha talento, ilustração e graça para vencer. Castilho adivinhou-o talvez, mas parte dos contemporâneos, ignorantes por certo dos produtos que profusamente deixava espalhados pelas montras das livrarias e pelas colunas dos jornais do tempo, entendia que mais fácil seria embrenhar pela

troça ao cantor da primavera, cujo lirismo nascia perfumado pelas oláias dos jardins do Mestre — se por acaso o ilustre publicista, o snr. José Caldas, não persistir em negar a existência dessa flôr aí para as bandas do Rato — e vinha sempre alegre, acompanhando o cantarolar dos rouxinóes, estatelar o humorismo dos folhetins no roda-pé dos periódicos políticos e a graça dos versos nas colunas do semanário *O Pimpão*, ao lado de Alfredo Ribeiro e de Tomás Bastos. A estrada percorrida pelo poeta foi das mais variadas, a-pesar-de ser curta a distância entre a rua dos Douradores, onde êle morava, até à Alfândega, na Ribeira Velha, onde êle se empregava. ¡Lendo-o, quem poderia prever que o espirituoso folhetinista que, com tanta graça defendia o *homem magro* das arremetidas do gordo Manuel Roussado, e com tão graciosa música poética, cantava o Céu e as Andorinhas, a Natureza e a Mulher, passou os seus dias a estudar a pauta aduaneira e os por cento *ad valorem*, e a dar a opinião de perito nos artefactos apresentados à Mesa da Estiva!

NOTA 5

(Pág. 59)

Mais duma vez falharam as tentativas de alguns amigos íntimos de Camilo, para lhe arranjarem um emprêgo público. Em princípios de 1866 deu-se um episódio interessante. Na sessão parlamentar de 29 de Janeiro, discutiu-se um parecer de comissão sôbre a proposta do Par do Reino Marquês de Niza, suprimindo a biblioteca das Côrtes. Castilho que lera

o resumo da sessão, apesar das conclusões da comissão pensou logo no grande romancista para o lugar de bibliotecário, e perguntou-lhe no mesmo dia 30 de Janeiro se lhe conviria. A 31, sem dar tempo ainda à resposta, mandou-lhe nova carta, dizendo que Teixeira de Vasconcelos publicára na *Gazeta de Portugal* um artigo fazendo-lhe justiça.

Não é bem um artigo: são uns períodos elogiosos a Camilo, a propósito da aparição da *Luta de Gigantes*. Vêm na terceira página da Gazeta sob o título *Mais Um livro*, e terminam assim:

> Vae o insigne romancista adiantando-se em anos, mas já são mais numerosos os volumes e a cada um que se publica de novo, cresce a geral vergonha de que não haja no serviço publico onde se aproveite o talento do snr. Camilo Castelo Branco e ao mesmo tempo se lhe segure a paz da velhice, que o paiz deve a quem lhe creou novo genero de escriptura e tanto lhe acrescentou a gloria literaria.
>
> Muitas vezes temos lamentado, ao ver elevados a importantes logares do Estado as mais rasas mediocridades e os mais rudes entendimentos, que Portugal não aceite neste ponto o exemplo de outros paises e oponha resistencia pertinaz ao adiantamento dos que mais o merecem e que maiores serviços poderiam prestar-lhe.
>
> E não só nós mas a imprensa inteira na capital e nas provincias tem tomado a peito este empenho, solicitando para ele a atenção de muitos governos.
>
> Tem sido trabalho baldado.
>
> E venham dizer-nos que a imprensa é instituição e quinto poder do Estado!
>
> Digam antes que o talento e o amôr do trabalho são as cousas mais inuteis que ha neste abençoado paiz.

A 2 de Fevereiro o romancista agradece a Castilho a sua lembrança, e a Teixeira de Vasconcelos o seu artigo e pede-lhes para não pensarem nele senão como

amigo e nunca como pretendente. Dessa carta dá-se conhecimento ao Director da *Gazeta de Portugal* que, a 6 dirige ainda sob o assunto esta interessante carta a Castilho, declarando que mais duma vez êle e Vieira de Castro têm pensado em um lugar bom para Camilo.

Meu caro Castilho.

Li com prazer, e devolvo, segundo é teu desejo, a carta do nosso grande escriptor Camillo Castello Branco. Cada vez admiro mais os seus dotes litterarios e a energia e independencia que se revela nos escriptos d'elle. Tens razão. Não ha, entre nós, escriptor mais inventivo, audaz e vernaculo.

Elle diz na carta que me devo lembrar d'elle como amigo e não como pretendente, mas o pretendente n'este caso, não é elle, sou eu e somos nós todos que lhe desejamos assegurar o pão da velhice. Tenho andado de accordo com o Vieira de Castro a procurar-lhe emprego digno d'elle e do paiz, mas como para cada osso ha sete cães, tenho por conveniente ir assentando o principio de que são excepcionaes os direitos do Camillo «como é excepcional o seu talento e os serviços delle ás letras portuguesas». O Camillo não me pediu nada. Eu é que sempre tive maior cuidado acerca do futuro alheio do que zelo em assegurar o meu. Cuido que é vergonha nacional a situação desfavorecida dos homens de letras, e por isso insto para que os aproveitem.

Julgo que é honra nossa ter tantos obreiros da civilização e por isso faço alarde dos seus nomes em Portugal e fóra d'elle. E com esta minha affeição patriotica fez-me Deus tal, e muito lh'o agradeço, que se me abre o coração quando posso louvar e as injurias, embora me penalisem, não me deixam rancor.

Dize pois ao Camillo quando lhe escreveres, que eu não lhe dei posição de pretendente, nem arroguei para mim a de Messenas e que em tudo unicamente desejo obsequial-o e dar-lhe provas de amisade. Todas as pessoas d'esta casa agradecem muito os teus attenciosos cumprimentos e terão

sempre por grande satisfação ver-te aqui. O mesmo acontece ao

Teu amigo
aff.do e obr.º

Rua Formosa, 99, 6 de Fevereiro 1866.

A. A. Teix.ª de Vasconcellos.

Nestas rápidas impressões trocadas entre o autor da *Luta de Gigantes* e os seus dois amigos, há uma alusão a Inocêncio da Silva que muito honra Camilo. Julgando saber que o autor do *Dicionário Bibliográfico* era pretendente ao lugar, escreveu que *muito vil seria quem lho disputasse.*

Não se sabe se Inocêncio quis ou não ser bibliotecário das Côrtes, mas o que se sabe é que aprovado pela Câmara o parecer a que nos referimos já, da comissão, o lugar não poude ser provido.

E Camilo morreu virgem da burocracia. Se fôsse hoje, sêria difícil escapar á vacina.

NOTA 6

(Pág. 93)

Não se enganára Castilho atribuindo na sua carta de 2 de Abril a paternidade do poemeto *A Imprensa na Gaiola* a Pedro Diniz, e duas semanas depois agradecia-lhe já, certo de que se não enganava, a intervenção espontânea na contenda, com esta carta:

Bom e Ex.mo amigo.

Verdade é que V. Ex.ª não responde ás minhas cartas, e que ninguem se deleita a fallar só, a não ser nos melo-

dramas e tragedias; entretanto sempre vou teimando, porque V. Ex.ª ao menos se me não responde epistolarmente, faz coisa que o vale, ou vale ainda mais. Faz-me lembrar o que diz a Penelope de Ovidio, a seu Ulisses: *não me respondas, mas vem.*

V. Ex.ª veio com effeito, e veio com aquella bizarria com que sempre costuma apparecer.

O seu folheto *A imprensa na gaiola* vingou-me, e ter-me-hia satisfeito todas as ambições se eu ainda as tivesse; que em verdade já não tenho.

Quiz-lh'o agradecer logo, mas reflecti em que era melhor deter-me um pouco mais á escuta do que se diria ao publico ácerca d'este opusculo tão notavel pela invenção, como pela delicadeza curiosissima do lavor, afim de poder relatar-lhe a impressão que elle produzia nos animos, coisa que para um autor nunca é indifferente.

Saiba pois antes de tudo, que estas poucas paginas da *imprensa na gaiola,* ainda não receberam, que me conste, outra arguição, senão a de serem poucas. Está tudo ancioso pela continuação, e eu sou dos primeiros em tal impaciencia.

Diziam-me que V. Ex.ª abusando do seu privilegio de doente imaginario, vivia hermeticamente entre quatro paredes na sua rua da Gloria, sem que o nome d'ella que lhe alvejava da esquina, e que tanto lhe devia negaciar, o despertasse para continuar a grangeal-a, como tão bem havia começado. Vejo porem que o seu espirito se conserva com todo o fogo e brilho, que sempre teve, e que a sua inacção, posto que excessivamente prolongada, significava tão pouco a respeito de forças e animo, como a de Achilles entre as lonas da barraca.

O autor das *Folhas cahidas apanhadas a dente,* reaparece com o mesmo vigor e graça, com a mesma destreza e elegancia, neste novo torneio litterario.

Esta é a opinião de todos, e esta é a minha tambem.

Eu a ninguem tenho comunicado o segredo que V. Ex.ª por via de meu filho Julio me transmitio. Quando se pergunta quem é o autor da *Imprensa na gaiola,* faço coro com os curiosos, e nem por descuido caio, em deixar suspeitar que o conheço; não obstante, todos põem logo a

boca em V. Ex.ª: não só conjecturam a verdade, affirmam-n'a, como se a tivessem colhido no seu trabalho. Não é d'elles a culpa, nem tambem vejo muito porque se gabem de bons forões. Entre nós, não ha dois poetas que podessem escrever aquillo. O chiste d'aquelle poema, é todo exclusivamente seu. Quando se quizer encubrir de autorias, só tem um meio para o conseguir: é não escrever de todo em todo, coisa de que Deus nos livre, por honra das nossas lettras, e por credito de V. Ex.ª mesmo.

Continue pois a regalar-n'os nas suas horas vagas. Em fazer versos assim, emprega-os muito melhor, do que a jogar o dominó com estafermos no botequim do Suisso, onde o Julio Caldas me affirmou que V. Ex.ª costuma agora seroar.

Faça-o embora se carece de se espairecer: os botequins são o allivio de tristes do nosso tempo; e um genio observador como o de V. Ex.ª, e tão capaz de fazer a boa satyra, não perde por certo os momentos em que honra com a sua presença, a essas espirituosas academias dos *singulares*.

Receba um bom abraço do seu muito em verdade admirador e amigo velho.

Lisboa, 16 de Abril de 1866.

A. F. C.

Pedro Diniz pertenceu ao escasso grupo de escriptores do século XIX, que se aprazia em seguir do fundo sombrio dos seus gabinetes de trabalho, todo o movimento literário, sem darem que falar de si. Conheciam tudo o que se passava cá fóra, conheciam tôdas as figuras que se agitavam no tablado, e de quando em quando sentindo cócegas de se meterem na contenda, atiravam para o mercado com um pseudónimo que só depois de muito intrigar era desvendado. *A Imprensa na Gaiola* foi escrita em qualquer tarde de estio, quando o es-

criptor descançava do seu *Florilegio alemão*, e aguardava as provas de algum dos seus interessantes volumes sôbre as ordens religiosas de Portugal.

NOTA 7

(Pág. 95 e 96)

A promessa antiga de Castilho duma visita à casa de S. Miguel de Seide, descrita pelo Camilo, teve realização na primeira quinzena dêsse movimentado ano de 1866, em que os dois trabalharam muito e bem, um traduzindo Virgílio e Ovídio e o outro enriquecendo profusamente os jornaes da época e os editores de Lisboa e Pôrto com os produtos do seu génio inventivo e da sua prosa inegualável.

Em fins de Junho a viagem estava decidida. Os *ermitões* de S. Miguel preparavam a casa, faziam razia nas capoeiras, e pediam ao sol que viesse iluminar, em honra do velho poeta cego, com os seus raios mais quentes as pitorescas paìsagens do Minho. Em Lisboa, os viajantes assentavam a partida e o encontro no caminho, porque Tomás Ribeiro que acompanhou Castilho, estava em Parada de Gonta e deveria ir ao encontro do Mestre a Coimbra, mas nos primeiros dias de Julho, o plano sofre ligeira modificação. O poeta do D. Jaime telegrafa para Lisboa no dia 3 dizendo:

> Sabbado, domingo e segunda espero no Porto, depois Famalicão. Não falte, meu irmão prega lá no domingo.

E a 5 do mesmo mês manda-lhe esta carta:

Mestre e amigo.

Meu irmão vae no domingo pregar ao Porto e obriga-me a acompanhal-o. Não tive tempo de o avisar com antecipação. Desculpe mas não me deixe lá só.

Pensar muito é asneira. Faça uma pequena mala e marche sem demora. Deve ter recebido o meu telegramma Lá o espero sem falta.

Não sei para que hotel vou; é o mesmo, lá nos encontraremos.

Adeus e á ventura e saudades a todos os seus.

De V. Ex.ª
am.º sempre am.º
cr.º discipulo obrg.mo

Tondela, 5 de Julho de 66.

Thomaz Ribeiro.

Não vale a pena investigar onde se encontraram êsse verão, no Pôrto, os viajantes de Lisboa e os de Tondela, basta que se registe terem chegado a Seide, três dêles, António Feliciano de Castilho, seu filho Eugénio e Tomás Ribeiro. A 14 de Julho estavam todos reunidos em casa de Camilo, que no dia seguinte fazia inaugurar em frente da entrada uma lápide comemorativa da visita. Como viram na inscrição, está o nome de Vieira de Castro, que chegado mais tarde mostrára desejos de figurar na lápide.

O que foi em Seide essa pequena reunião de amigos e de escritores, di-lo em uma só frase Tomás Ribeiro

na carta que de Tondela enviou ao Mestre dias depois:

Meu querido Mestre.

Eu ando meio tonto de saudades. Aquelle Camillo foi o diabo que nos appareceu. Marca uma risonha epocha na minha vida aquella visita a S. Miguel de Seide.

Abraça-o e ao nosso companheiro (1), S. J.e e ao Julio.

As Snr.as saúdo respeitosamente, meu pae envia muitos respeitos e agradecimentos a V. Ex.a.

Eu, sempre o mesmo.

De V. Ex.a
am.o e discipulo obrg.o

s/d.

Thomaz Ribeiro.

A recepção fôra afectuosíssima e brilhante, digna em tudo dos grandes fidalgos das letras pátrias, mas não tivera éco na imprensa que ou a ignorava ou fingia ignorá-la, por não a terem convidado. O caso é que Castilho insurgiu-se contra o silêncio e a 21 de Julho queixa-se dêle a Tomás Ribeiro, pedindo-lhe para o romper com a descrição da lápide inaugurada.

São dessa carta que tem a data de 21 de Julho os seguintes trechos:

Meu caro Thomazinho.

(Esta moda minhota de tractar não é nada tola). Poucas coisas me admiram já neste mundo; mas confesso que me admirou agora o silencio da imprensa acerca do que passámos em S. Miguel de Seide. Já se vê que a burra de Balaão não transmittiu aos seus descendentes o dom da falla. Fez-me isto raiva porque a hospedagem que nos fez o nosso Camillo merecia honrosissima menção.

(1) Tratamento íntimo dado a Eugénio de Castilho, parece que durante a viagem a Seide.

Eu estive para escrever uma carta ahi para qualquer redacção a noticiar-lhe aquellas coisas que elles naturalmente sabiam mas calavam, porém não atinei modo decente de o fazer. Afinal de contas haviam de dizer que não era senão a fatuidade quem me inspirava.

Para o seu caso militam pouco mais ou menos as mesmas dificuldades e para o nosso Camillo m.to maiores ainda.

Parece-me que de todo o rancho só V. Ex.a é que está no caso de poder tapar aquella lacuna. Peça pois á Delfina meia hora de licença, e escreva alguma coisa para os periodicos.

Sobretudo não omitta na noticia a transcripção dos seus lindos versos. São outro monumento, e de mais duração que as pedras.

Se se resolver a despachar o meu requerimento, acho que a *Gazeta de Portugal* para esta publicação se deve preferir ao *Viriato* que poucos leitores terá e que pouco aparece transcripto nos outros periodicos; e á *Gazeta de Portuga,* acho ainda preferivel o *Diario de Noticias* do Anão litterario*l* que tem infinitos leitores pela razão que o Espirito Sancto já deu ha muitos annos, e que ficou proverbial.

Como está toda a sua Ex.ma Familia e especialissimamente o nosso Abbade, o delicioso poeta de Santa Izabel? Então os festeiros converteram-lhe com effeito as rozas da eloquencia em boas moedas de oiro? Esse é que seria milagre muito para festejar.

A viagem do Pôrto até Famalicão fez-se em deligência, passando aqui os forasteiros para um caleche que os esperava e os conduziu a S. Miguel, vindo-lhes ao encontro Camilo, a cavalo.

Júlio de Castilho refere-se minuciosamente a esta jornada no terceiro volume das *Memórias* de seu pai, que não chegou a reunir em livro, mas cujas páginas se encontram dispersas no *Instituto* de Coimbra, vol. 59, pág. 292 a 297, podendo ler-se também a pág. 298 os versos alusivos ao monumento, e que Tomás Ribeiro fez expressamente para serem recitados pelo filho de Camilo.

NOTA 8

(Pág. 61)

Tanto Castilho, na sua fina previdência crítica pensava no valor epistolar de Camilo que, várias vezes, lhe dava alvitres para reünir a sua correspondência. A 31 de Janeiro de 1866 lembrava-lhe o uso do copiador adoptado pelo comércio. Se Camilo houvesse seguido o conselho, os seus herdeiros teriam ficado com um manancial abundante de volumes. O que estes valeriam hoje percebe-se fàcilmente pelo êxito, por vezes um tanto estrambótico, de tôda a carta de Camilo em resposta às que todo o bicho careta da época lhe dirigia.

O romancista não adoptou o copiador, mas o conselheiro parece ter, pouco depois, posto em prática o alvitre para uso próprio.

De 1867, no arquivo do velho Castilho não aparece um só rascunho das cartas que êle escrevia e das quais cuidadosamente fazia até ali guardar pelos secretários as respectivas minutas. Não sendo crível um extravio de tão grande número de documentos dessa época em diante, tudo leva a crer que êle houvesse feito reünir, a partir de então, tôda a sua obra epistolar em simples copiadores comerciais. Um só livro dêsses ficou com cartas datadas de 1868, e de que seu filho Júlio deixou cópias de seu próprio punho. Dessa época em diante nota-se a mesma lacuna de rascunhos e que se faz sentir nos últimos capítulos dêste livro.

NOTA 9

(Pág. 72 e 81)

A história do *Olho de vidro* vem referida, pelo autor do *Dicionário Bibliográfico*, a págs. 395 do primeiro volume. Escreve Inocêncio:

Para rectificar e addicionar o pouco que Barbosa nos deixou acerca d'estes escriptos, registarei aqui o resultado obtido das investigações obsequiosamente emprehendidas, ainda ha poucos mezes, por alguns cavalheiros da cidade d'Aveiro e suas visinhanças, mediante as regras de um meu respeitavel amigo, com o fim de apurar o possivel, quanto á pessoa e feitos d'aquelle distincto medico portuguez. Resultado, cuja maior parte se funda em documentos que ainda existem, sendo o resto havido em tradições conservadas nos proprios lugares, e parece portanto dever merecer toda a confiança.

D'essas tradições consta que Braz Luiz de Abreu fôra exposto em Coimbra, e não nascido em Ourem, como diz Barbosa, no tomo I, assignando-lhe por paes Francisco Rodrigues de Oliveira, e dizendo mais que elle nascera a 3 de fevereiro de 1692. Alguem lhe forneceu os meios para cursar em idade propria o curso de medicina da Universidade, na qual chegou a formar-se, e não ha duvida em que exercera depois a clinica na cidade do Porto, pois que elle mesmo se intitula medico *portuense* no frontespicio do seu *Portugal medico* de que logo fallaremos. Diz-se que na primeira edade, em um brinco de rapazes, perdera um olho, o qual substituiu depois por outro de vidro, feito com muita arte, provindo-lhe d'ahi a alcunha de *olho de vidro* por que era conhecido em vida, e que ainda se conservou muitos annos depois da sua morte. Casou por 1718 com D. Josepha Maria de Sá, natural de Vizeu, e filha do Doutor Antonio de Sá Mourão, e della houve cinco filhas e tres filhos. Aquellas chamaram-se Anna Maria, Maria

da Natividade, Theresa de Jesus, Antonia Maria e Sebastiana Ignacia. Dos filhos não resta memoria dos nomes que tiveram.

Passados quatorze annos depois que viviam juntos, o marido e a mulher, por motivos que totalmente se ignoram, convieram em separar-se. Ella entrou no dia 25 de Março de 1732, no antigo conservatorio de S. Bernardino da cidade d'Aveiro, especie de recolhimento de mulheres, cuja fundação datava de 2 de Abril de 1680, segundo os documentos que ainda existem, posto que modernamente alguem se persuadisse de que o fundador fôra o proprio Braz Luiz de Abreu, o qual na epocha de que vamos tractando, se achava já estabelecido em Aveiro exercendo a sua profissão desde alguns annos, e fôra nomeado Familiar do Sancto Officio, como o eram por aquelles tempos a maior parte dos medicos em Portugal.

D. Josepha que tinha então 37 annos, levou comsigo para o claustro as suas cinco filhas das quaes a mais velha contava 15 annos não completos. O marido ficou com os filhos de cujo destino apenas consta que um morrera ainda moço, outro tomára depois o habito de S. Domingos, e o terceiro fôra jesuita.

Braz Luiz ao separar-se de sua mulher e filhas, vestira-se com o habito da Ordem terceira de S. Francisco em que era professo, e deixando-as no noviciado partiu para Lisboa com o proposito de ordenar-se clerigo, e de promover, como fez, a fundação de um convento para substituir o pequeno recolhimento para cujo auxilio conseguiu de El-Rei a concessão do real de agua. Obtidas em menos de seis mezes as ordens clericaes, e um breve que lhe facultava a continuação do exercicio da arte de curar, voltou para Aveiro e começou a tractar das obras do novo convento, do qual foi nomeado syndico e medico effectivo. Note-se porem que em todo o tempo que se seguiu a separação conjugal, nunca mais tornou a ver o rosto de sua mulher, posto que com ella fallasse quasi diariamente, porque D. Josepha, (como dizem as memorias) tomava sempre a precaução de cobril-o com um véo.

Chegára emfim o dia 24 de Dezembro de 1734 determinado para a profissão solemne da mulher e das filhas de

Braz Luiz, cantou este nesse mesmo dia missa nova, e serviu de orador, prègando com grande applauso e louvor do povo de Aveiro o sermão, proprio da festividade.

Mais vinte e dous annos viveu ainda, tractando da administração do convento e da cura dos seus doentes, até que em 10 de Agosto de 1756, quando estava nos seus 65 annos (se é certa a data do nascimento referida por Barbosa) uma apoplexia fulminante o assaltou, a tempo que estava sentado sobre uma cadeira, e sem haver lugar para receber os Sacramentos ou fazer quaesquer outras disposições, partiu deste mundo, sendo o seu cadaver sepultado no dia seguinte, no proprio convento de S. Bernardino.

Se algum dos nossos romancistas actuaes se resolvesse a tractar o assumpto, afigura-se-me que a vida deste nosso medico com os curiosissimos incidentes que ficam apontados; lhe dariam sobeja materia para a fabrica de uma composição onde, mediante a lição dos escriptos que restam de Braz Luiz, poderiam fundir-se habilmente especies mui interessantes, para d'ahi resultar obra de cunho verdadeiramente nacional.

Camilo traçou o romance para chegar mais logicamente ao fim tragico da separação conjugal de Braz Luís de Abreu, agarrando-se ao tradicional pormenor de que êste tinha sido exposto em Coimbra e não nascera como se dizia em Ourem. Não procurou, o que lhe teria sido fácil, o processo de habilitação para Familiar do Santo Ofício do autor do *Portugal médico*. Se o tivesse feito e folheado os depoimentos das testemunhas e o traslado das certidões de baptismo e casamento de Braz Luís, mulher, pais, sogros e avós dos dois, certeficar-se-ia logo de que o entrecho escolhido para o romance partia de uma base falsa. Camilo fez entregar a Francisco Luís Abreu uma creança pelo pai António de Sá Mourão, o qual perseguido, por ser judeu, abalára para a Holanda com a mãe da creança. E não contente de apresentar António de Sá como hebreu faz

exilar pelo mesmo motivo o condiscípulo dele Francisco Abreu.

Pelo processo, existente no Arquivo da Tôrre do Tombo — *1723, maço 3 (Braz), diligencia n.º 45* — tanto o marido como a mulher e as respectivas ascendências são apresentados como limpos de sangue. Portanto mesmo que Braz não fôsse filho de Francisco Luís e de Francisca Rodrigues como consta da certidão de baptismo, o que êste não era, era judeu. O mesmo reparo se deve fazer ao licenceado António de Sá, por isso que o inquérito do Santo Ofício, para a habilitação de Braz, versou também sôbre a família da mulher.

Pequenas diferenças existem entre as datas apontadas por Inocêncio e as acusadas nos documentos do processo. Dêste salienta-se, no entanto, um facto que dá talvez que pensar aos que aceitam fàcilmente a lenda da entrega do filho de António de Sá ao condiscípulo e amigo de Coimbra, e vem a ser o ter êste casado em 1666 e o filho Braz ser baptisado em 1689 isto é 22 anos depois. Não é impossível tão largo espaço entre o casamento e o nascimento dum filho, mas é raro. Que a data de certidão de baptismo de Braz deve estar exacta, não resta dúvida por isso que o inquérito dos inquisidores é do ano 1723 e nos documentos se atribui a idade de 35 anos ao inquirido, Braz Luís.

NOTA 10

(Págs. 89 e 111)

Não se esqueceu Castilho dos avisos insistentemente feitos a Camilo anotando nos seus exemplares do *Di-*

cionário Morais os novos vocábulos que, no seu dizer enriqueciam a língua. Calculara mesmo que depois da sua morte êsses exemplares dariam *alguns vintens* (pág. 55). No leilão da livraria do Visconde Júlio, realisado em 1920, venderam-se tanto a 4.ª edição como a 6.ª edição por 16$50 cada uma. No catálogo dizia-se:

> Estes dois exemplares dignos de registo, são realmente das obras de maior apreço da livraria do V. de Castilho. Companheiros de muitos anos de Antonio Feliciano de Castilho, e conservados religiosamente por seu filho, são, verdadeiros escrinios de preciosos additamentos, observações e emendas de A. F. de Castilho, e J. de Castilho; inumeras referencias a Camillo e á sua obra, Bernardes, Sá de Miranda e a outros muitos classicos como que a autenticar e valorisar este bello trabalho.

O comprador da 6.ª edição foi o sr. Delfim Guimarães, proprietário e director do *Arquivo Literário*, em cujas páginas tem vindo transcrevendo alguns dos novos vocábulos. Lá figura no tomo IV o *Burrificar*, termo de Camilo que tanto dera no agrado de Castilho, como êste o diz a pág. 27. O termo é do romance *O esqueleto*, fl. 204 *(certos sujeitos quando cuidam que o ideal os eleva, burrificam-se)*.

NOTA 11

(De págs. 110 a 112)

O poema *Os Lusos*, do bracarense citado por Castilho, fez efectivamente sensação, quando foi conhecido não só no Brasil como em Portugal. O caso não era para menos, e o *reclame* que o seu autor, de nome António

Joaquim Álvares, lhe fazia em cartas insertas em alguns jornais do Rio, explicando a razão e os intentos do livro, fàcilmente aumentavam essa celebridade.

Como amostra do poema, transcrevemos estas oitavas em que são contadas a um tempo as delicias do lar do autor, e os méritos dêle, da mulher e dos meninos:

Ha tres lustros e mais trez annos
Habitar ouso a côrte imperial,
Tempo em que deixei os lusitanos,
E admirar vim novo mundo divinal;
Vinte e seis janeiros frescos, lhanos,
Por mim então passavam afinal;
E agora reunidos, e todos juntos
Me fazem bater ás portas dos defuntos.

Essa nobre Braga, terra augusta,
O ser me deu de christão e portuguez;
Fez girar nas minhas veias (cousa justa)
Nobre sangue de puro e leal braguez,
Que ante o inimigo não se assusta;
D'elle me honro, como o cartaginez;
E sempre bem direi a minha terra,
Que preclaros varões lá encerra.

Nesta era, hoje desde Jesus Christo,
Dezoito seculos já são passados,
Com sessenta e um annos, está visto,
Que juntar se foram aos antepassados;
Com esta menção, duvidas evito,
Aos vindouros, que entrelaçados
Com mui numerosas biographias
Farão gemer as typographias.

Nesta epocha minha alma inspirou
Meu estro na lyra a trovar canções;
Mimo da mente, que o berço me doou,
Sem mestres ter., academias, nem lições:

Scentelha de luz divina me inflammou,
A dar á Patria estas ovações,
Feitas (lembrança á sua memoria!)
No pittoresco outeiro da Gloria.

Morando neste romantico logar,
Que sacra capella tem de adoração,
Bella e tão alva como o luar,
Dedicada á Virgem d'Assumpção:
Aqui é, ha annos, meu domestico lar,
Onde á esposa e filhos dou o coração;
Cheio de amor e puro reconhecimento
Ao esmero havido em meu tratamento.

Dous lustros já lá vão n'este Outeiro,
Passados em intimas recordações;
Entregando leal e mui prasenteiro
Á Portugal, minhas inspirações;
Filhas de amor fiel e verdadeiro
De dois bem unidos corações!...
Meu, e da lusa Dona, Maria Rosa,
Dilecta esposa minha, mui formosa.

Consorte querida e idolatrada,
Que a minha ventura completou!
Ha quatro lustros mui dedicada,
Ao santo hymeneu se consagrou.
Deixando a sua Braga adorada,
De desoito annos a mim se entregou;
Modelo é de regimen, no casal,
E como boa mãe, util a Portugal!

Na Sacra Capella de San Mathias,
Proxima d'Evora, antiquaria,
Em Fevereiro, aos desoito dias,
Foi a benção nupcial, primaria,
Do nosso consorcio. O prior Elias
Depois confirmou com a secundaria
Na era dezoito seculos soberanos
Com demais quarenta e um annos.

Primogenita filha de viva fé,
A nosso casal, o bom Deus doou;
Seu saliente nome de Maria Jozé,
Lá na pia baptismal bem me soou:
De esposos santissimos symbolo é,
E á sua protecção ella se entregou,
Agora que conta desasete annos,
Tambem empregados, e tão lhanos.

Segunda vergontea do bom casal,
Bella, discreta e muito fina,
Como que de anjo algum ideal
É nossa filha Maria Joaquina;
Na testa saliente e bom sinal,
Tem como de estrella, uma quina;
E quinze annos ora contando,
Gosos juvenis vae desfructando.

Ainda este verso em memoria
De meus restantes filhos queridos;
Constantino, que para minha historia,
É unico no sexo, do casal havidos;
Fez doze annos, e com Maria da Gloria,
Obedientes filhos, com amor são tidos;
Esta conta dous lustros; irmãzinha
De Antonia, que meses só tem coitadinha.

São cinco em numero, que vivos tenho,
Filhos amados, nativos brasileiros;
Deles em verso este vivo desenho
Deixar quiz entre povos hospitaleiros;
E do que na rude lyra cantar venho,
Puros affectos são, nunca lisongeiros;
Porque a patria de meus filhos amei,
E provas de amor por vezes eu lhe dei.

Aqui fica descrita a família a que Camilo, a pág. 112, chama *uma cocheira*. Inocêncio da Silva, no seu *Dicionário* transcreve a dedicatória do exemplar que o

autor lhe mandou, pedindo sôbre tão *rude* poema, o seu juízo crítico e se o julgava apropriado a servir como compêndio da história pátria nas escolas primárias de Portugal.

Em *Os excentricos do meu tempo*, dedica o fino humorista Luís Augusto Palmeirim, um dos seus mais interessantes capítulos, a *O épico*, nome pelo qual ficou conhecido o cantor das glórias portuguesas no século XIX. E por fim o grave José Feliciano de Castilho, em uma carta que o autor faz preceder o seu poema, e à qual êle próprio chamou *análise conspicua* depois de o considerar um monumento *sui generis* e de transcrever a dedicatória a El-Rei D. Luís, acrescenta-lhe com infinita seriedade:

> Não direi que o genero seja completamente novo, mas ouso affirmar que nunca n'elle houve filho de Apollo que deitasse a barra adiante de V. Ex.ª.

Êste filho de Apolo, no dizer de José Feliciano, deixou também um *Indicador dos objectos mais curiosos e de alguns monumentos históricos do reino de Portugal* (1856); uma comédia em 3 actos *O joven emigrado portuense* (1861) e *Horas vagas contendo coincidências históricas, artigos sôbre moral e colonização, felicitações, discursos, poesia sacra, descritiva e pessoal* (1861) e por fim um mapa à pena, com as *Coincidências históricas de El-Rei de Portugal o Sr. D. Pedro V*, quadro que figurou na exposicão do Pôrto de 1861.

Neste ano tinhá o épico 43 anos.

NOTA 12

(Pág. 107)

O tomo da Luiza Sigêa que Castilho procurara para Camilo, sem o encontrar, deve ter sido o de M. P. Allut que se publicara em 1862, em Lyon, acêrca do pleito levantado sôbre uma obra licenciosa que se pretendeu atribuir malèvolamente à ilustre preceptora da Infanta D. Maria, filha de El-Rei D. Manuel I. Foi sôbre o livro de Allut que mais tarde baseou o nosso erudito José Silvestre Ribeiro o seu livro sôbre a mesma senhora, que foi uma das figuras mais interessantes do século XVI, em Portugal para onde viera aos 12 anos.

O folheto de Allut foi de pequena tiragem e por isso não admira que já em 1866 fôsse raro. Na Biblioteca Nacional de Lisboa existe um exemplar. Luíza Sigêa tinha rara erudição; nascera em Toledo filha de pai francês e de mãe espanhola.

Escreveu *Syntra,* poemeto em latim descritivo das belezas da vila. E em cinco línguas, a latina, a grega, a hebraica, a siríaca e a arábica, deixou a célebre carta ao papa, Paulo III, que se mostrou maravilhado.

Depois da morte da Infanta D. Maria, a fundadora do mosteiro da Luz, onde está hoje o Colégio Militar, retirou para Burgos, onde veiu a morrer em 1560. André de Rezende dedicou-lhe então *Las dovira Sigees Tumulus.*

NOTA 13

(De págs. 113 a 121)

O Barão das festas em Vila Nova de Famalicão, era o Barão da Trovisqueira, José Francisco da Cruz Tro-

visqueira, fidalgo cavaleiro da casa Real e comendador de Cristo. Usava no apelido o nome da povoação onde residia, na freguesia de S. Tiago de Gavião, concelho de Vila Nova de Famalicão, do distrito de Braga. Êsse nome deu-lhe ainda o título, concedido a 11 de Janeiro de 1861. Foi duas vezes deputado, na legislatura de 1868 e 1869, e na de 1869 a 1870.

Foi sempre muito amigo de Camilo.

NOTA 14

(Pág. 173)

O Palácio que tanto encantou Castilho foi mandado construir (em 1860) pelo principe Jerónimo Napoleão, na Avenida Montaigne, para sua residência, segundo o plano e sob a direcção do arquitecto Alfredo Normand. Em 1866 já o principe o tinha vendido e o seu sucessor tinha-o em exposição ao público, mediante um bilhete de entrada. Por muito tempo os guias de Paris reproduziam a fachada, como uma das maravilhas da cidade, mas nos últimos anos, talvez porque passasse de dono ou passasse simplesmente para uso particular de alguem, o facto é que, ninguem já fala dele.

Júlio de Castilho nos capítulos das *Memórias*, que não chegaram a ser publicados senão nas páginas do *Instituto*, de Coimbra, referindo-se a essa habitação grega ou romana e ao esmero artístico do seu arquitecto acrescenta:

> N'aquele ninho de principe figuram aqui, ali, bustos da familia imperial cujas fisionomias correctas e nobres, dignas

de patricios da Roma Antiga, afinam, ás mil maravilhas, com o grandioso scenário do atrio, do triclinio, da estufa, e do jardim. Esta resurreição de um mundo, esta maravilha sonhada em marmore pelo genio, encantaram Antonio Feleciano de Castilho, a quem mil vezes escutei a inexgotavel admiração.

Que poder de invocação artística tinha êsse cego, para assim reter coisas que êle não via, mas que lhe ficavam gravadas no cérebro pelo que lhe liam e lhe contavam!

NOTA 15

(Pág. 184)

A carta em que o poeta de *Las Doloras* agradecia a Castilho a sua nomeação para sócio cerrespondente da Academia das Sciências, é a seguinte, segundo o original existente no arquivo do poeta:

Sr. D.or Antonio del Castillo

Mi querido compañero.

Ayer regrese a Madrid y tuve el gusto de recebir su afectuosissima carta del 12.

Obligado por circunstancias especiales que V. no ignora talvez, a ausentarme como otros muchos Diputados de las Cortes, he podido contestar a V. ni comunicar a nuestro amigo. Trueba su nombramiento para esa Academia Real. Hoy le escribo participandole tan buena noticia.

Los que vivimos para la literatura no aspiramos á otra gloria que lo que por ella alcancemos. No necesito pues, decirle cuanto agradesco el honor que esa Academia me ha dispensado aprobando la propuesta hecha por V; propuesta y aprobacion que me han satisfecho completamente.

No deje V. de mandarme sus obras cuando lleguen de

Paris, pues tengo verdaderos deseos de lerlas de admirar, como siempre, se profundo talento.

Le recuerda con cariño su apasiondo amigo y compañero.

Febrero 5, 1867 — Madrid.

Ramon de Campoamor.

Campoamor acusa tambem uma carta para o seu colega Trueba, com o qual Castilho se correspondia sempre por intermédio daquele, a julgar pelas referências em outras cartas.

Campoamor tinha, ao tempo da nomeação para a Academia do Duque de Lafões, uns 49 anos. La Trueba era um pouco mais novo. Devia ter 45.

NOTA 16

(De págs. 186 a 195)

Não chegou Camilo a escrever a história do *Pulpito portuguez*, mas nas suas cartas de 1867 deixou interessantes pormenores sôbre o plano que projectava traçar. Castilho deve ter-lhe dado alguns elementos, mas os rascunhos não se encontram no arquivo.

Os Sermões a que se refere Camilo a pág. 190 são os do irmão do poeta, Augusto Frederico de Castilho, bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra e que foi cónego da Sé de Lisboa, onde nasceu em 1802 morrendo na Ilha da Madeira em 1840. Foi um prègador distinto sendo célebre o elogio de D. Pedro IV, pronunciado em 1834, na igreja da Lapa do Pôrto.

NOTA 17

(Págs. 185 e 191)

Fernão Rodrigues Lobo Soropita ou *Surropita* foi um insigne jurisconsulto que nasceu e viveu em Lisboa em fins do século XVI e princípios do XVII. O trabalho de coligir, anotar e prefaciar a obra que êle deixou, foi um dos grandes serviços prestados à literatura pátria pelo ilustre escriptor Camilo Castelo Branco. Fôra Soropita quem preparara e dirigira a 1.ª edição dos *Rythmas* de Luís de Camões, em 1595 e é dêle o prólogo que o padre Tomás de Aquino transcreveu no tomo II das suas edições das obras do autor dos *Luzíadas*, feitas em 1779 e 1780.

Quando saiu a lume o trabalho de Camilo, Inocêncio da Silva dedicou-lhe estas linhas interessantes no seu *Dicionário Bibliográfico*:

> As letras portuguesas devem actualmente ao Sr. Camilo Castelo Branco sobre taes e tão distinctos serviços como os que ficam notados no artigo competente, o de esclarecer um ponto interessante para a historia do paiz com a publicação anotada dos escriptos de que muitos fallavam e que poucos tinham visto. Servio para essa publicação um códice manuscripto cuja posse o Fernão Rodrigues Lobo *Soropita*, como diz Barbosa ou *Surrupita*, como outros o apellidam, jurisconsulto e insigne advogado em Lisboa, de onde parece ter sido natural; floreceu em fins do seculo XVI e principios do seguinte.
>
> 167) Informação de direito offerecida por parte de Francisco Corrêa, no feito que traz com D. Manuel d'Athayde sobre a successão da Villa de Bellas — Lisboa, por Manoel de Lyra, 1597, 4.º — ainda não vi d'ella algum exemplar.

Foi o licenciado Surrupita que preparou, e dirigiu, a 1.ª edição que se fez dos *Rythmas* de Luis de Camões em 1595 e é seu o prologo ou advertencia preleminar que o mesmo Sr. adquiriu com o de outros com titulo de compra em 1866, os quaes haviam pertencido em tempo ao extincto mosteiro dos benedictinos em Tibães. Saiu á luz o inedito a expensas do Sr. José de Mendonça, se devemos interpretar nesse sentido o que se lê na respectiva dedicatoria collocada á frente do livro. Seu titulo é:

2130) Poesias e prosas ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita com uma prefacção, e notas de Camillo Castello Branco — Typ. Lusitana 1868, 8.º de XXXVIII — *185 pag.*

Por indicações colhidas nas proprias obras do poeta, combinadas com outros escriptos, collige o Sr. C. que Soropita fôra nascido em Leiria, e talvez parente proximo de Francisco Rodrigues Lobo. Que fôra em Coimbra, no seu curso de estudante não só *faceto* mas um dos mais notaveis travessos dequelle tempo. Que graduado em leis passára a exercer em Lisboa a advocacia, ainda em vida de Camões, e presume-se que nas alterações que vieram por obito do Cardeal-Rei, propendeu para o partido do Prior do Crato, e não considerava como consumado e legalisado o facto da usurpação de Filippe II.

Vê-se que em 1589 estava em Lisboa de onde sahira ao avisinhar-se a esquadra inglesa que vinha a favor de D. Antonio, onde encontrou sua mãe em Palmela e passando com ella a Setubal. Mais parece colligir-se em Setembro que era vivo em 1601 quando Rodrigues Lobo publicava a sua *Primavera;* e com probabilidade, que ainda o seria em 1606. De que por esse tempo voltando sobre si dos desvarios da vida mundana, desbaratada em prodigalidade e vicios, se convertera a Deus, dá claro testemunho a elegia que vem no livro a pag. 147. Conjectura-se até que no seu confessado arrependimento se resolvesse a fazer penitencia no deserto da Serra d'Arrabida, imitando o exemplo de Fr. Agostinho da Cruz, e tem por si o illustre editor que talvez o *Laurino* da ecloga deste ultimo, intitulada *Do tempo que trouxe um á religião*, seja o proprio Soropita que deveria

contar, ao que pode presumir-se, menos vinte annos que fr. Agostinho.

Deve notar-se ainda que Camilo no seu prefácio, coloca o Soropita como poeta a par de Caminha, Bernardes e Camões, e como prosador não sabe a quem compará-lo.

O entusiasmo de Camilo é um pouco arrefecido por certa restricção de Castilho, como se viu.

NOTA 18

(Pág. 194 e 201)

A biblioteca de Sousa Teles era a *Enciclopédia popular: leituras apropriadas a tôdas as idades, sexos, estados, profissões e inteligências.* Saía em fascículos mensais de 64 páginas. Publicou-se o primeiro em Janeiro ou Fevereiro de 1867, e o último em Junho ou Julho de 1868. Colaboraram nêles entre outros, Castilho, Mendes Leal, Gomes Amorim, Pinheiro Chagas, D. António da Costa, José Silvestre Ribeiro, Camilo e D. Amélia Jenny.

A publicação a pesar da escolha dos colaboradores, e do cuidadoso trabalho do seu proprietário não logrou ter mais de ano e meio de existência, e êsse mesmo entrecortado de dificuldades, como se prova pelos dizeres da carta de Camilo, de 10 de Maio de 1867. O grande escritor tinha alma grande e cedeu a sua colaboração gratuitamente.

João José de Sousa Teles foi um professor muito conhecido e estimado em Lisboa que veio a falecer,

chefe duma repartição da Câmara Municipal, quando a cargo desta estava a instrução primária.

NOTA 19

(Pág. 197)

A alusão irreverente de Camilo a João de Deus não é para estranhar, conhecida a ligeireza crítica com que o notável prosador apreciava de quando em quando as obras e os homens. Nessa crítica havia, não raramente, influência dos nervos aguçados por males morais e físicos.

De resto, como já temos acentuado, à memória literária dos escritores e dos poetas que nem sempre caíam nas boas graças de Castilho e Camilo não faziam mal essas críticas que os dois sofreram também absurda e injustamente.

A carta de João de Deus, que lhe fez merecer de Camilo tão feios qualificativos, tinha a data: Loulé, 15 de Março de 1867 e veio publicada na *Revolução de Setembro* de 22 do mesmo mês. Começava assim:

> Na carta de António Feliciano de Castilho ao editor do *Poema da Mocidade* encontro o seguinte a meu respeito:
> «Todavia, apesar de já tão claramente exposto na *Conversação Preambulur* ao livro de Thomaz Ribeiro, e quando parecia que esse proprio livro haveria perimido e enterrado a questão para todo sempre, achou ella ainda, segundo cá me soou, lettrado officioso e caritativo, não me lembra quem, para a advogar. Como a alusão era velha, não faltaram sectarios que lhe repetissem, e estejam ainda agora repetindo, o arrazoado.

Não tinha razão o reparo de João de Deus porque

como o declarou Castilho na sua resposta, incerta na *Revolução* de 23, êle não pretendera visá-lo.

Assim caem pela base as acrimónias da carta de João de Deus e a crítica de Camilo.

NOTA 20

(Pág. 198)

Mal diria Camilo ao escrever que Vieira de Castro andava viajando com a mulher e duzentos contos, que três anos depois se haveria de desenrolar a horrível tragédia, que levou essa senhora à morte e o marido, então em plena aurora de mocidade e glória, ao degrêdo! Vieira de Castro, nesse ano de 1867, tinha ido ao Brasil. No Rio de Janeiro ennamorou-se da senhora com quem casou, filha dum português rico. Casado, viajou, e veio estabelecer residência em Lisboa.

Em Maio de 1870, descobriu uma carta de sua espôsa para um terceiro. Vinte e quatro horas depois, na madrugada de 9 de Maio de 1870, quando ela dormia asfixiou-a com clorofórmio, indo depois entregar-se à prisão.

A notícia do acontecido, as declarações do preso, a reconstituïção da tragédia, os artigos dos jornais, e depois as cartas trocadas entre o preso e Camilo, e por fim o epílogo do julgamento, durante o qual o advogado, representante da acusação particular fez as mais violentas objurgatórias contra Vieira de Castro, que foi defendido pelo grande orador Jaime Moniz, prenderam durante longos meses as atenções gerais em Portugal e no Brazil.

Existe um folheto descriptivo das audiências.

NOTA 21

(Pág. 198)

No carácter de Camilo irrequieto e impulsivo, havia um fundo de gratidão e de justiça para todos os que alguma vez lhe haviam prestado serviços ou se lhe impunham pelo trabalho e pelo valor. Vimos como êle se referia a Inocêncio da Silva quando lhe constou que o autor do *Dicionário Bibliográfico* pretendia o lugar de bibliotecário das Côrtes; vemos agora como êle se refere afectuosamente à memória de José Júlio porque lhe mandára uma portaria concedendo-lhe homenagem na cidade do Pôrto quando êle esteve preso.

José Júlio de Oliveira Pinto era oficial maior do Ministério da Justiça e deputado, homem brioso, primando pela independência da crítica. Foi essa independência, levada ao excesso, que provocou o duelo em que tràgicamente foi encontrar a morte na madrugada de 30 de Março de 1867.

Nesse mesmo dia, a *Revolução de Setembro* narrava os precedentes do encontro, com estes pormenores:

> Hoje, ás cinco horas da manhã, no sitio de Palma de Cima verificou-se um duello entre os Srs. José Julio d'Oliveira Pinto, deputado da nação portuguesa e Miguel de Sá Nogueira, official ao serviço do reino de Italia. A origem do duello foi a seguinte: Na sessão da camara dos deputados de 21 de março, referiu-se o Sr. Oliveira Pinto na discussão da lei dos impostos indirectos ao Sr. Antonio Cabral de Sá Nogueira, repellindo a censura feita por este deputado á maioria, quando affirmou que *a camara estava reduzida ao papel de votar só o que os menistros queriam.* Nas palavras

pronunciadas pelo Sr. Oliveira Pinto e que se leem no *Diario* de 23 de março nada se encontrava que offendesse a pessoa do Sr. Nogueira.

Na sessão de 22 de março este ultimo deputado respondendo ao primeiro fez algumas allusões menos convenientes, taes como: que o Sr. Oliveira Pinto não devia só aos seus talentos e á sua habilidade o lugar que occupava; que havia muita gente que se rojava aos pés dos ministros, e ás vezes depois de servidos seguiam outro caminho; que não bastava o nascimento, era preciso mais alguma coisa, a educação, o bom comportamento, a lealdade e a probidade; para um homem ser cavalheiro não bastava o ter algum talento ou chegar a algum logar elevado. O Sr. Oliveira Pinto redarguindo ainda na mesma sessão ao Sr. Sá Nogueira disse, que no estado de decripitude a que tinha chegado aquelle deputado, estado que elle respeitava, profundamente; sua Ex.cia estava habilitado para dizer ainda muito mais do que tinha dito, sem responsabilidade alguma nem naquella casa, nem fóra della, e sem que elle orador tivesse obrigação de lhe responder nos mesmos termos. Offendido por estas expressões mandou o Sr. Sá Nogueira pedir uma satisfação ao Sr. Oliveira Pinto, que se recusou a dal-a sob o mesmo fundamento do estado de decrepitude de S. Ex.ª. O Sr. Miguel de Sá Nogueira, sobrinho do Sr. deputado Antonio Bernardo de Sá Nogueira, tomando então o logar do tio exigiu ao Sr. Oliveira Pinto uma reparação que este senhor se negou a dar.

No dia seguinte encontrando-se no largo das duas Egrejas o Sr. Miguel de Sá Nogueira e o Sr. Oliveira Pinto, dirigiu-se o primeiro a este e depois de lhe dizer algumas expressões injuriosas, terminou por fazer menção de lhe cuspir na cara. O Sr. Jose Julio arrebatado queria alli mesmo tentar um desforço pessoal, se não fosse o Sr. Bento de Freitas Soares que o acompanhava o ter impedido. No dia seguinte narravam os jornaes da opposição este facto, commentando-o e dirigindo o epitheto de *cobarde* ao Sr. José Julio. Este cavalheiro, que entendia as questões de honra como as entendem as pessoas sensatas, resolveu instigado por aquellas pessoas tomar uma satisfação, aceitando o duello proposto pelo Sr. Miguel de Sá Nogueira. Nomeados

os padrinhos, que foram por parte do Sr. Oliveira Pinto os Srs. José Paulino de Sá Carneiro, coronel do 7 de infantaria e Antonio Camillo d'Almeida Carrilho, ambos deputados; e por parte do Sr. Sá Nogueira os Srs. D. Rodrigo d'Almeida, tenente de cavallaria, e Eduardo Barreiros, filho do fallecido general visconde da Luz, tratou-se de combinar o local e hora a que se devia effectuar o duello.

E no dia seguinte às 4 horas da tarde ficava sepultado no cemitério dos Prazeres, o cadáver do ilustre político. Só anos depois teve epílogo esta tragédia no julgamento duma das testemunhas, que era então Par do Reino, o Conselheiro Eduardo Barreiros a quem algumas vezes ouvimos palavras tristes sôbre o fúnebre acontecimento a que o acaso ligára o seu nome.

NOTA 22

(De pág. 183 a 205)

O livro que Garcia de Mendoza ofereceu à Academia das Sciências intitula-se:

> *A Agua* — Compilação dos principaes elementos de Geologia para o descobrimento dos mananciaes aquaticos por D. Santiago Garcia de Mendoza — Porto — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira — Rua da Cancella Velha 62, 1866.

Havia já mais de trinta anos que o novo académico estava no nosso país, para onde emigrara. Não era uma figura banal. Camilo a êle se refere com minúcia na sua *Maria da Fonte*, em que a fls. 228 e seguintes o retrata e à senhora com quem veio a casar:

> Era um rapaz galante este hespanhol. Inculcava homem de Côrte, feito nas sallas, sem os excessos mezureiros dos

adventicios que estudaram a urbanidade em compendios escholares. Possuia o francez com perfeição. Conhecia o latim; e, de fundamento, a litteratura do seu paiz. Fallava a nossa lingua com a nitidez possivel a um hespanhol; e, poucos annos depois, escreveu limpamente um livro em portuguez, que poderia ser classico para bastantes litteratos indigenas. Mas a sua invejavel superioridade era em uma cadeira defronte de um sophá, onde se recostasse uma senhora, quer velha digna de respeito, quer nova benemerita de lyrismo. Fazia-se estimar na selecção das coisas serias com que entretinha a educadora de filhos, e nas frivolidades amaviosas com que chegava ao coração das solteiras pelo encanto dos ouvidos.

Nutrido em excesso, herculeo nas espaduas, pulsos pennugentos, pescoço taurino, proeminencia abdominal, isto não implicava á flexuosidade gracil dos meneios cortezanescos. De casaca azul, gravata e luva branca, chapeu de pasta com os cabellos frizados e as guias do espesso bigode negro cofiadas, tinha, encostado aos pianos, umas attitudes estatuarias que para não serem irrisorias careciam da sua grande e genial naturalidade.

Ao retirar de Braga, hospedara-se em Guimaraens, na casa do visconde de Azenha.

D. Emilia Correia, irman do visconde e da condessa de Basto, era uma dama primorosa, na florecencia das graças, deslumbrante de garbo e elegancia que dispensava os realces da formosura. Passava dos trinta annos; mas não seria o seu condão magnetico mais penetrante aos desoito. Contava-se que esta fidalga tinha injectado hypodermicamente no peito do snr. D. Miguel 1.º, quando elle em 1832 veio ao norte visitar e galvanisar o seu exercito alquebrado, uma paixão em que entrava muito de alma immaterial e bastante da *outra*, a outra do conde Xavier de Maistre — bem sabem, a *bêsta*. Segundo os habitos naturalistas d'aquelle infante, é de presumir que o musculo de aço da sua compleição de toureiro prevalecesse ás transcendencias ethéreas.

D. Santhiago Garcia y Mendoza amou esta dominadora mulher, e foi amado com a violencia arbitraria, decisiva de um caracter forte, emancipado de preconceitos nobiliarchicos. E elle, á maneira dos fidalgos primaciaes das Hes-

panhas, não se considerou desairado matrimoniando-se com a amante de um rei. As Amasias dos Sanchos e Affonsos, as Paes Ribeiros e Fornellos, todas haviam casado com ricos-homens de pendão e caldeira».

Camilo conta depois a parte que êste espanhol tomou nas lutas políticas de 1848, a sua prisão, a fuga do Castelo da Foz, e a dedicada companhia que D. Emilia Correia lhe fizera. Restabelecida a paz, serenados os ânimos, esquecidos os agravos, D. Santiago conseguiu em 1873 o consulado de Portugal em Marselha, sendo promovido a cônsul geral em 1884, quando ali grassava a epidemia do cólera, vindo a falecer um mês depois, isto é em Setembro, duma hepatite crónica. A situação da cidade francesa era desoladora, porque dela haviam fugido as pessoas que a epidemia poupara e as raras que ficaram, amarradas ao dever e às obrigações dos cargos, não resistiam sendo depois roubadas, como aconteceu a D. Santiago. Êle, de resto o previra, porque já viúvo, vivendo só, escrevera a 16 de Agôsto ao seu administrador em Ponte de Lima, dizendo ter feito testamento porque tinha *a certeza de que se fôsse atacado seria roubado como muitas casas o têm sido particularmente dos que fugiram.*

Assim veio a acabar os seus dias, o académico da *Água* para o qual Camilo e Castilho, de braço dado, haviam conseguido a imortalidade. A êsse tempo, segundo parece, ainda Camilo não conhecia tanto a vida do espanhol, porque não há a êle referência na sua correspondência com Castilho, e de resto, viria a propósito da nomeação para a Academia. Nos papéis de António Feliciano, o que encontrámos a respeito dum espanhol, e não é o D. Santiago, foi uma espécie

de memorial em meia fôlha de papel com êstes dizeres:

Uma filha do snr. D. Miguel que foi entregue a um hespanhol chamado D. Manoel Tello de Mendado e casada pelo dito snr. em Hespanha, reclama, obedecendo ao esposo que lhe deram, o reconhecimento de seu pae, simplesmente o reconhecimento.

Como se vê os espanhoes tinham-se encarregado da família do Infante. Um desposou-lhe a amasía de Guimarães, o outro a filha natural. ¿ Mas qual seria o nome desta e quem seria a mãe? Lá só pelo nome do marido, parece-nos que o reconhecimento era um pouco difícil.

NOTA 23

(Págs. 206 e 207)

Pela leitura das duas cartas de Camilo, de Setembro de 1867, vê-se que a ida a Coimbra a acompanhar o filho de D. Ana Plácido ao Seminário só veio a realizar-se a 28 e não a 13 como primeiro tencionara. A explicação da demora está talvez em ambos terem adoecido, como o conta D. Ana a Castilho nesta sua carta de 13 de Setembro, que reproduzimos na íntegra por ser deveras interessante, no que respeita ao retrato moral de Camilo, perseguido por tantos males físicos. Ei la:

Illmo e Exmo Snr.

A carta com qua V. Ex.^cia^ se dignou honrar-me, e os delicadissimos affectos com que tanto me favorece, e que, senão immerecidos pelo muito que do coração o preso e respeito,

vão muito alem do que eu podia esperar, torna maior a minha obrigação.

Como poderia eu esquecer aquelles formosos dias que tão rapidos me correram?! Ficou-me d'elles uma saudade tão grata, que o meu espirito procura a cada passo reminiscencias e verdores novos.

Ora as suas obras que não me canso de relêr; a tigella que V. Ex.cia sustinha sobre os joelhos com os papellinhos migados pelas suas mãos, e que guardo como uma reliquia para os meus filhos; aquella simples pedra que o nome de V. Ex.cia tornou n'um monumento de gloria e d'amor; todos estes estimulos são mais que sufficientes para me não adormecer a memoria agradecida. E ainda assim, que pobresa! A alma de V. Ex.cia é tão rica, que chega a fazer dos pobres opulentos! Como eu me senti vaidosa, quando hontem ouvi ao Camillo a preciosa offerta que V. Ex.cia me promette! Pena é que V. Ex.cia não possa annotar essa ma gnifica obra.

Que boas horas perdem os seus amigos, e que sublime e util licção V. Ex.cia daria aos Tartufos da nossa terra!..

Tenho muitos desejos de ir viver para ahi, e como a vontade me leva para o mais perto que for possivel de V. Ex.cia, farei por procurar caza no mesmo bairro. Tanto está, que o Camillo se resolva a deixar isto.

Quer V. Ex.cia saber em que disposiçoens de espirito elle anda? Conhece que lhe não convem este viver, passa longas horas, e dias e mezes de tedio a ponto de se adoentar, mas quando um amigo o aconselha a não sahir d'aqui, aprova a idea e perde o gosto de ir para Lisboa depois de ter pensado seriamente na mudança. Esta incerteza incommoda-me, mais por elle que por mim. Visse-o eu contente e com saude, que de bom grado acceitava esta solidão; mas, crer na necessidade que aquelle espirito tem de mundo em que viva; sentir constantemente o resultado e pezo de seus desalentos, é o que me parece durissimo. Depois attacam-no doenças imaginarias que lhe roubam a appetencia de comer e do trabalho dois alimentos que lhe são muito precisos para o bem do corpo e da alma. A estes accrescem ainda os incommodos verdadeiros. Agora anda elle soffrendo bastante d'uma Angina que lhe appareceu no

dia immediato aquelle em que recebi a carta de V. Ex.cia, e logo no outro cahiu o meu filho Jorge doente com o mesmo mal, o que deu causa a eu não responder mais cedo. O pequenito está melhor, o Camillo é que ainda me dá cuidado. Diz elle, que é tão infeliz, que á falta d'outras até o visitam as doenças das creanças.

Já vê V. Ex cia que quem assim é enfermeira e mãe, não lhe sobra tempo para coisa alguma. Alem d'isso, que poderia eu fazer? Em tão bom dia crear o gosto de estudar o que é bom, e recrear-me com as paginas de V. Ex.cia.

Esteja V. Ex.cia na certeza de que vive sempre aqui entre nós, e que tem em mim uma sincera admiradora e amiga muito reconhecida.

De V. Ex.cia
serva m.to respeitadora

Seide, 13 de 7.bro de 67.

Anna Augusta Placido.

NOTA 24

(Pag. 213)

Há na carta de 6 de Dezembro de 1867 um período de Camilo a respeito do *Tartufo* que pode desorientar o leitor sôbre a época em que pela primeira vez se representou em Lisboa aquela deliciosa comédia de Molière.

Escreve Camilo:

> Com effeito, temos o *Tartufo* castigado no patibulo do palco? Não era decerto assim que V. Ex.a e Molière o queriam verberado. Afinal cahiu em terra onde ha-de dar ao diabo a cardada. Morre em boa hora que lá vai com a immortalidade portugueza que V. Ex.a lhe deu. Vestiu de oiro e brilhantes a victima para a hecatombe. Deixar cahir o que menos importa para a gloria de V. Ex.a. Fica o livro

que é tudo. Ficam as perolas que as plateas não podem afocinhar.

À primeira vista pode parecer que o *Tartufo* tinha sido representado e pateado. Não aconteceu assim. A primeira representação dessa peça só veio a realizar-se cinco anos depois, a 19 de Janeiro de 1873, no então teatro de D. Maria II, em benefício de José Carlos dos Santos, que desempenhou o protogonista. As referências que Camilo fez na carta e que acima ficam, podem traduzir talvez o corolário de qualquer queixa de Castilho sôbre o insucesso da leitura das primeiras scenas, porque foi precisamente em 1867 que o ilustre poeta começou a versão do *Tartufo.*

Não é para admirar tão largo prazo de ensaios, sabido o cuidado com que o actor Santos punha em scena uma peça da responsabilidade dessa. Só uns dias antes da primeira representação e quando a peça sofria já, havia muito o estudo dos artistas, é que Castilho, a convite de Santos, assiste pela primeira vez a um ensaio, a 12 de Janeiro.

As *Sabichonas* não andaram mais depressa que o *Tartufo*. Começaram a ser traduzidas ao mesmo tempo (porque das duas comédias dá a *Gazeta Literária* do Pôrto nos primeiros números, vários trechos); foram lidos na tradução diante de vários escritores em casa de Latino Coelho, na travessa do Pombal, a 29 de Março de 1868; publicaram-se em livro em 1872 e só se representaram a 14 de Novembro de 1874, no teatro Nacional em benefício da actriz Carolina Falco.

Nem o meticuloso rigor de crítica de Castilho permitiria pressas. O que êle queria era tudo bem feito como prova a interessantíssima carta que em 13 de

Março de 1868 êle próprio dirigia ao actor Santos, depois dum ensaio de leitura das partes do *Tartufo* e que reproduzimos na íntegra:

Ill.^me Snr.

A leitura das partes do *Tartufo*, a que hontem assisti no seu theatro, fez-me conceber esperanças de bom êxito, não contribuindo pouco para ellas a grande fé, que tenho no zêlo e pericia do Director da casa, já provado mais que notavel actor, pae de actores felicissimo.

Posto haja uma especie de temeridade em prognosticar os futuros de uma peça theatral, por mais auspiciosas que as mostras sejam, espero já que o meu bom Molière, n'esta, a melhor de todas as suas comedias, vai ser dignamente laureado por V. S.

Não obstante, porém, bom é que, para se poder ainda mais seguramente (1) com esse resultado, nenhumas diligencias (nem as mínimas) se desprézem, em quanto estamos a tempo de poderem aproveitar. Não bastam armas e valentia para se vencer uma batalha; é preciso ter minuciosamente previsto e acautelado tudo. Permitta-me pois V. S. submetter desde já á sua consideração um leve rêparo, que, depois d'aquella leitura de hontem me ficou lavrando no espirito.

Os meus alexandrinos, tinha eu meus receios de os ouvir recitados aos actores e actrizes, que nunca declamaram senão em prosa; esses receios quasi que se dissiparam de todo. Vi que (em geral) a Companhia os tratava, recitando-os, como eu mesmo os havia tratado, compondo; isto é: com amor e verdade; sem exageração de naturalidade, que mata a harmonia, e sem exageração egualmente de modulação, que é ainda peor defeito. Sentia-se o verso e a rima, mas suavemente, sem se incutirem. N'essa parte descancei.

Resta porém ainda (e aqui vai o meu semi-reparo) resta clarificar perfeitamente a pronunciação de cada palavra de per si, e especialmente a das syllabas finaes dos versos graves, que algumas vezes me pareceu não ser tão distinta

(1) Deve faltar aqui a palavra: *contar*.

e perceptivel como o podia, e como é necessario que seja, para atingirmos o possivel gráu de perfeição.

O emmudecer em demasia a despedida da phrase, e a desinencia dos vocábulos graves, é um vicio communissimo, não só nos nossas actores, mas até nos nossos oradores parlamentares e forenses mais distintos, e mesmo no commum dos nossos poetas, lendo ou recitando.

Não ha pois por que se envergonhe um ou outro dos intérpretes da nossa comedia, de não ter evitado sempre um lapso tão geral e corrente, na nossa terra, que nem já quasi se adverte n'elle; se bem que os extrangeiros o percebem á légua, e nol-o exprobram, como concorrendo para difficultar a intelligencia d'esta lingua, aliás tão sonora, e uma das mais sonoras Linguas. Não ha por que se envergonhem, repito; mas não falta de certo rasão para se precaverem contra elle, depois de advertidos.

Ora, o advertil-os, admoestal-os, e convencel-os a não ensurdecerem os finaes das palavras, e a não deixarem descahir e morrer a desinencia dos versos, que é muitas vezes a depositária do termo mais expressivo, e da rima chistosa ou enérgica, é o que me parece que V. S. pode; e como o pode até com o proprio exemplo, que é sempre o modo mais efficaz de ensinar, por isso lhe peço que, no correr dos ulteriores ensaios, se haja n'esta parte com extrema vigilancia e inexoravel severidade, certo de que o resultado compensará largamente os seus exfórços.

O ser ouvido, e completamente percebido, não depende tanto do alto e sonoro da voz, como da perfeita e escrupulosa articulação de todas as syllabas. Não só se dá com isso um novo praser ao ouvido, se não que se serve ao pensamento, facilitando sem custo a intelligencia das phrases todas.

Até na prosa fôra para desejar esta (por que assim o digâmos) probidade no falar; ¡quanto mais no verso, onde tudo tem, e deve ter, um valor mais alto.

Uma das maiores vantagens do meu Methodo de leitura é, como a experiencia o prova, e o pregôa o grande mestre de Declamação, Duarte de Sá, o habituar com cedo a pronunciar tudo com esmero.

A clareza, que o rei dos preceptores romanos chamava *a*

primeira virtude, se depende muito e muitissimo do escritor, não depende menos do leitor ou recitador.

Já se vê que não peço uma exageração ridicula; esse outro extrema seria não menos deploravel. Só recommendo que, tratando-se as primeiras syllabas de uma phrase como filhas, as últimas se não tratem como enteadas, e muito menos como enjeitadas.

V. S. tem-me comprehendido de certo, pois foi originariamente dotado com tudo de que se compõe o artista scenico de merito relevante.

Quanto ás inflexões naturaes e verdadeiras das falas, pode ser que alguns conselhos uteis eu possa tambem suggerir; mas isso só poderá ser com ensaios mais adiantados. Aquillo foi uma simples leitura; comtudo, bom será que não comecem a declamar sem eu estar presente, pois é mais facil edificar bem da primeira vez, do que reformar e que já está edificado.

Desculpe-me V. S. estas liberdades, lembrando-se de que no carro de triumpho em que fôr Molière, vai tambem V. S., de quem tenho o maior gôsto em me assignar.

Admirador e servo
muito affectuoso

Castilho

NOTA 25

(Pag. 235)

Logo que Castilho teve notícia de que ia ser feito visconde o seu primeiro cuidado foi escrever a Camilo, como que a dar-lhe explicação das razões que o levariam a aceitar a mercê.

A 19 de Maio de 1870 dera-se a Saldanhada e o Marechal, que se mostrara sempre afeiçoado ao poeta, lembrou-se de o honorificar com um título em duas vidas.

Castilho mostrava-se desvanecido pelos termos do

decreto, que êle de resto ainda não conhecia. Nêle se fazia referência, dizia, aos serviços que prestara à instrução e tanto bastava para exaltar a obra a que êle dedicara uma boa parte da sua vida.

Nas duas cartas de 1 e 6 de Junho de 1870 transparecem claramente dois sentimentos, o contentamento pela mercê e o receio de qualquer reparo crítico do seu sarcástico correspondente. Não sabemos se Camilo fez êsse reparo porque não encontrámos a resposta a essas cartas, mas na segunda há uma alusão que faz descansar sôbre êsse ponto e à qual até se pode atribuir o desejo manifestado anos depois pelo romancista a entrar também para a confraria dos viscondes. O decreto que Saldanha assinou seis dias depois de chegar ao poder só foi publicado no *Diario do Governo* n.º 175 de 8 de Agôsto de 1870; e é do teor seguinte:

> Querendo dar a Antonio Feleciano de Castilho, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e antigo vogal do Conselho Geral da Instrucção Publica, um solemne testemunho do subido apreço em que tenho a sua consumada litteratura e os eminentes serviços por elle prestados á instrucção primaria a ás letras patrias, Hei por bem fazer-lhe merçê do titulo de Visconde de Castilho, em duas vidas. O Duque de Saldanha, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario d'Estado interino dos Negocios do Reino, assim o tenha entendido e faça executar. —Paço da Ajuda em 25 de Maio de 1870.— *Rei — Duque de Saldanha.*

Quem se mostrou abespinhado com a mercê foi António Ribeiro Saraiva que de Londres lhe enviou esta curiosa carta:

Meu Antonio.

> Senhor *Conde* Castilho, estou ás suas!
> Um amigo meu recebeu aqui, só hontem á noute, man-

dados de Lisboa, o *Jornal do Commercio* de 26 de Maio, e o *Diario Popular* da mesma data; e com pesar seu, em ambos os papeis me apontou os annuncios que n'elles veem a teu respeito. Um d'elles faz-te *Conde*, o outro *Visconde*. Zangou-me deveras a noticia; porque me aborrece, a ser verdade, qualquer das alcunhas que te estraguem um nome honroso, compõe-lhe um vago ridiculo. Antonio Feleciano de Castilho era alguma cousa; *Conde*, ou *Visconde*, ou *Marquez*, ou *Duque* de Castilho, é menos que nada, na minha estimação e na da gente de gosto.

Perdoava-se a farofia ao Visconde Garrett, que não satisfeito do grande talento com que a Providencia o dotara, parece teve sempre inclinação a figurar por penduricalhos, como se lembravam os que o vissem nos seus dous primeiros annos de Coimbra, com aquelle enorme habito de Christo que sobre a negra batina se podia ver a meia legua de distancia. Tu, infelizmente não o pudeste ver mas ainda ha-de haver mais alguem que d'isso possa dar testemunho, alem de mim; e tambem de como, não sei porque motivo, o tal habito-mãe desapareceu do peito do *Cavalleiro* depois das ferias do 2.º anno juridico, meu e d'elle, meu condiscipulo. Não quero dizer mais nada, porque estou de mau humor pela desfeita que te fizeram e com os meus affectuosos e respeitosos recados á tua Ex.ma Senhora e a teus filhos, fico sendo sempre

Teu fiel amigo
e sincero admirador

Londres, 8 de Junho 1870.

A. R. Saraiva.

Castilho responde-lhe cinco dias depois tentando aplacar-lhe a fúria com a oferta das suas traduções de Vergílio e Molière. Ribeiro Saraiva era íntimo do novo Visconde e não fazia com êle a menor cerimónia. De resto partidário de D. Miguel, e exilado por causa das suas ideas políticas, o seu carácter ou pelo menos a sua crítica azedara-se-lhe, e em matéria de condecorações mostrava-se sempre tão avesso, que em uma auto-

biografia dizia não possuir condecoração alguma portuguesa e só ter aceite uma estrangeira por cortezia, mas que nunca usara.

Meu caro Ribeiro Saraiva.

Hoje, dia do nosso Santo Antonio 9 1/2 da manhã, recebo a tua sensatissima carta datada de Londres aos 8 do corrente, e na qual pelo dizer de passagem me não dizes se recebeste ou não com a minha resposta á tua ultima, uns extractos da comedia *As sabichonas, Les femmes savantes* de Molière que eu te remeti por mão de um hespanhol que d'aqui se partiu para essa cidade. Do teu silencio a tal respeito infiro que te não chegou ás mãos o que se assim foi, não deixa de me fazer sua zanguinha; pois naquella versalhada ia uma grande surra litteraria nesta sucia que hoje por aqui escreve e critíca. Com aviso teu irá outra copia atendendo a que a impressão da comedia deve tardar ainda alguns mezes.

Mas, vindo á tua carta d'hoje, sou enteiramente do teu parecer e sentir ácerca da alcunha que *invito domino* me puzeram.

O decreto sim, que é honrosissimo; pois tras como fundamentos da suposta mercê, a minha litteratura de que faz grandes encarecimentos, e os meus serviços (esses incontestaveis) á escola primaria de Portugal. O que porém é incomprehensivel, é que, para me remunerarem, se lembrassem de me pôr uma contribuição de mais de conto e 500 que em tanto emportam os direitos da intrudatica mercê.

Coisa era esta em verdade para uma instantania e formalissima recusação; mas (vê-me agora a fatalidade): O Marechal, de quem eu sou ha muitos annos amigo e a quem tenho devido mil finezas, fez este despacho sem me consultar e tão empenhado em me dar um testemunho publico de consideração, que foi este o seu primeiro e quasi unico acto nos poucos dias que esteve no ministerio do reino. O sobrinho d'elle, D. Antonio da Costa, hoje seu collega no governo, homem que é dos meus intimos e ha muitos annos, andou tambem com o tio neste conluio, segundo posso crer; pelo que, a minha recusação, que ainda assim estive para

fazer, seria uma bofetada na cara de ambos, em correspondencia a uma fineza. A não ser isso o Viscondado teria sido sacudido de mim como já o fôra a comenda de S. Thiago, vulgo do lagarto, no ministerio do Braamcamp.

Resignei-me pois concorrendo talvez para isso o lembrar-me de que o meu filho Julio, bom moço e bom poeta, e filho bonissimo, ficaria pela minha recusa defraudado d'um titulo que lá para adiante lhe poderia facilitar qualquer pretensão que elle tivesse.

Pelo que me pertence a mim pessoalmente, a isto, só, se reduz o Viscondado: que me escangalha o nome que eu tinha andado a arranjar á formiga por espaço de meio seculo. E que estou arrietado na recua dos titularinhos de que vivemos inçados.

A consequencia de tudo isto é que se retirado vivia aqui no meu desambicioso e horaciano Tibursinho das sete arvores, d'aqui avante, ainda que tivesse sapatos e jaqueta para d'elle sahir, faltar-me-ia o animo de aparecer no mundo onde até os gaiatos da rua me poderiam chamar Sr. Visconde!!!

Com isto deixo respondida e até louvadissima a tua carta

Dize-me se tens a minha traducção da *Georgica de Virgilio*, a do *Anacreonte*, o meu *Medico á força* e o meu *Tartufo;* indicando-me ao mesmo tempo a via mais segura e comoda por onde te poderei remetter, ou todos estes quatro volumes, ou aquelles que te faltarem.

Estava com um terror, não sei se supersticioso, de que depois de Viscondisado, não podesse nunca mais atinar com a medição dos versos nem com prosa que se lê-se. Prouve porém á divina Providencia que inda não desaprendi a nossa lingua e o versejar. Retomei e continuo a nacionalização do Molière; estou já no 4.º acto da 4.ª comedia que é o *Avarento.*

Faço versos! Sou a vergonha e o escandalo dos titulares!

Responde-me meu velho e crê no que aliás muito bem sabes, que sou o teu mais velho e mais sincero amigo.

Lisboa, 13 de Junho de 1870.

A. F. C.

Felizmente nem todos os outros seus amigos mostraram a mesma indignação de Saraiva. Abundam mesmo as cartas dando-lhe felicitações pela justa mercê e entre essas cartas figura uma muito espirituosa de Pinheiro Chagas, que lhe pedia desculpa na demora em lhe escrever, porque o seu primeiro cuidado, logo que tivera notícia do título fôra felicitar todos os Viscondes que encontrara na rua.

NOTA 26

(Pág. 240)

Fecha o livro com uma pequena carta de Camilo, sem data, como sucedia a miúdo. Esta porém não foi possível identificá-la e teria ficado a fazer companhia a outras, se não fôsse curioso deixar aqui patente o cuidado com que Camilo recorria ao velho poeta seu amigo, para lhe rever os versos.

¿Mas que versos foram êsses? ¿Os de *Um livro?* A êste não se encontra referência, quando êle foi publicado. ¿Serão outros versos? Nenhuma das hipóteses nos indica a pista para a data. Seja como fôr, o que fica provado é que Camilo submeteu prèviamente à aprovação de Castilho versos seus, no que não fazia senão corresponder à confiança literária de Castilho que lhe pedia para rever e emendar a tradução das *Georgicas.*

Entre as outras cartas, sem data, existem duas tratando de alguns detalhes para uma selecta que Camilo tencionava coligir, tendo chegado a respigar o que lhe pareceu melhor em alguns dos bons autores. Castilho

parece tê-lo animado no propósito, mas ao mesmo tempo indicado as dificuldades que a princípio haveria para tirar o lugar aos compêndios do Figueiredo e do Padre Cardoso. O que é facto é que a selecta se não fez.

João Costa.

ERRATA

Pág.	Linha	Onde se lê	Leia-se
1	9	*condições*	*considerações*
91	28	*utupia*	*utopia*
147	9	*engraçado humorista*	*escritor humorista*
152	3	*Que feito será do Anthero?*	*Que será feito do Anthero?*
160	22	*fica respondido*	*fica respondida*
209	6	*Quem é Pedro Denis*	*Quem é Julio Denis*
218	Nota	*Camilo completou 42 anos, visto ter nascido no ano de 1826*	*Camilo completou 42 anos, visto estar na persuasão de ter nascido no ano de 1825*

ÍNDICE

III — Episódios da Polémica literária

IV — Um emprêgo público para Camilo

V — Da visita a S. Miguel de Seide

VI — Viagem a Paris

VII — Um mês depois

VIII — História do púlpito em Portugal

IX — As traduções de Molière

ÍNDICE DAS ESTAMPAS


00029031208
UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL